

A stylized, light gray map of South America is overlaid on a dark, textured background. The map shows the outlines of the continent, including Brazil, Peru, and Chile. The title text is superimposed on the map.

# ATÉ ONDE O CAOS SE ESPALHA

BRENDA SANTOLI





# **Até onde o caos se espalha**

Brenda Santoli

**Copyright** © Brenda Santoli **2018**

**Diagramação e Capa:** Brenda Santoli

**Icon:** Georgiana Ionescu (thenounproject)

**1ª Edição Digital 2018**

**Nº de registro:** 312234548

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica – sem a autorização prévia e escrita do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

## **Agredecimentos**

Para Lauren, por me poupar de escolher nomes, inclusive o do próprio livro, e principalmente por ter me acompanhado e apoiado até aqui. E aos meus pais, sem eles eu não conseguiria.

## **NOTA DA AUTORA**

Esse livro contém um glossário em suas últimas páginas.

A cada ano cerca de 14 milhões de pessoas no mundo são diagnosticadas com câncer, e 8,8 milhões morrem vítimas da doença. E saber que você está na primeira estatística, e que pode chegar na segunda, não é nada acolhedor. Agora imagine ter um filho nessa posição, ou um irmão. Saber que ao longo

do tempo, você terá que assisti-lo morrer sem poder impedir aquilo. Então vamos tentar decidir o que é pior: Ver alguém que você ama morrer, ou morrer antes disso. Uma grande parte das pessoas prefere morrer ao ver seus entes queridos partirem. Na verdade, todas elas escolheriam uma possível terceira opção: Salvar aqueles que estão próximos da morte, os mantendo ao seu lado.

### **Agosto de 2015 – 10h25min**

Mesmo estando em lugares diferentes, Andrew e Natan respiraram profundamente tentando afastar a angústia que inundava os dois cada vez mais. Havia apenas uma diferença: Andrew se sentia nervoso pelo o que poderia acontecer, e Natan pelo o que não devia acontecer. Talvez Andrew estivesse experimentando a mesma sensação de quando havia descoberto a doença, e Natan quando viu o seu irmão ser preso. Mas porque eles se sentiam assim? Depois daquilo as coisas poderiam finalmente seguir na direção certa. Mas parecia que aquela era a única chance que eles podiam usar. Nataniel sabia bem disso, e assistia atentamente ao que acontecia no monitor do notebook em seu colo. Faltava tão pouco. Tão pouco para tudo aquilo acabar. Se bem que ele sabia que não acabaria definitivamente. Quando seu irmão descesse daquele carro, eles iriam ter que lutar pela própria sobrevivência.

Seu olhar se ergueu do monitor e ele observou a rua estreita além do carro no qual ele ocupava, podendo ver a sua companhia do lado de fora como se fosse perder o controle a qualquer segundo.

A garota ergueu os braços em direção a ele como se perguntasse quanto tempo mais aquilo iria demorar, e ele apenas lhe negou rapidamente sem paciência, voltando o seu olhar para o notebook, assim como Andrew. Seus lábios estavam secos novamente e ele não sabia identificar se era nervoso ou efeito do tratamento.

Só mais alguns minutos. Seu olhar desviou do notebook em seu colo, quando ele viu a porta do quarto do hospital se abrir. Juliet o observou sem entender o que ele fazia, mas mesmo assim fechou a porta e se aproximou de sua cama o fazendo desejar que ela não olhasse para o que acontecia na tela.

—Jonah, você me disse que tinha parado.

O garoto engoliu em seco e respirou fundo tentando achar forças para lhe explicar. Mas como ele contaria aquilo para ela? E o pior é que ele devia. Não tinha o direito de esconder aquilo. Dela não.

—Eu pa-rei.

Julliet o observou por alguns segundos querendo acreditar naquilo. Ele estava pálido, totalmente careca, e fraco como nunca. O que ele ainda estava tentando fazer?

—Então porque trouxe o computador pro hospital? Já chega, Jonah.

—Jo-lie. Você con-fia em mim?

A garota segurou a sua mão entrelaçando seus dedos nos dedos frios de Andrew tentando não chorar.

—Completamente.

—E-u preciso te con-tar o que eu fiz. O que eu fiz o Timothe fazer.

—Do que tá falando? Se isso é sobre o Nataniel...

—Jolie... —Sua mão segurou ainda mais firme a de Julliet a fazendo olhar em seus olhos. —Eu preciso que você confie em mim.

### **Março de 2015 – 15h36min**

A única coisa que quebrava o silêncio do quarto era o computador que estava em cima de um dos travesseiros da cama. Julliet ergueu seu olhar para observar Andrew. Eles estavam deitados em sua cama de casal, assistindo aquele filme pela milésima vez. Mas seu namorado parecia não se importar, e nem Frida, sua gata pequena e meio redonda que dormia enrolada recostada nas costelas de Andrew. Seus lábios bem desenhados estavam entreabertos, e seus olhos castanho mel, atrás das lentes de seus óculos meio quadrados, vidrados no que acontecia na tela próximo a eles. A garota deixou um sorriso escapar e ergueu seus dedos apertando rapidamente o nariz meio redondo de



Andrew o pegando de surpresa.

—O que es-tá fazendo?

Perguntou sem olhar para ela.

—Acordando você.

—Mas essa é a melhor parte.

—Ah não!

—*Why so...*

—Jonah!

Jonah. Ela sempre o chamou assim, parecia não se importar com o fato de um primeiro nome existir. Andrew Jonah. Ele nunca havia gostado muito de seu segundo nome, mas aquilo não parecia importar muito quando se tratava de Julliet.

A garota se sentou na cama, mas as mãos dele não saíram de sua cintura. Andrew tinha um sorriso lindo em seu rosto enquanto a observava. Seus poucos fios castanhos escuros que restavam em sua cabeça, e que ele se recusava a tirar, estava mais vazio que na semana passada, mas ela sabia que aquilo era temporário. E era o que ele vivia lhe dizendo, ou talvez apenas dizia a si mesmo para se lembrar de que seu cabelo iria voltar.

Julliet olhou rapidamente para o travesseiro podendo ver alguns fios castanhos soltos pelo tecido, mas resolveu ignorar. Não queria acabar com o bom humor que ele havia mantido o dia todo.

—O que f-oi?

Sua mão se ergueu em direção aos inúmeros cachos de Julliet que pareciam não querer lhe obedecer.

Um miado fraco ecoou no local, e Frida pareceu se opor a todos aqueles movimentos no colchão, se desenrolando de seu canto aquecido e descendo

em direção a sua pequena cama ao lado do armário.

—Ei! Não precisa ser tão rancorosa tatu-bola. E-la me o-deia.

—Você sabe que não. Ela estava assistindo a esse filme, mais uma vez, com você.

Mesmo com pouca luz, Andrew podia ver olhos verdes intensos que não o deixavam. Seu rosto se aproximou do dela, e seus lábios tocaram os de Juliet por um longo período, que foi interrompido por ela. Testas se apoiaram uma na outra e um sorriso se formou no rosto de ambos. Dedos subiram pela nuca do garoto caminhando até o seu cabelo, e Juliet pode sentir a pele acima da nuca de Andrew meio ressecada, mesmo ela tendo passado quase meia hora, como ele havia reclamado e contra a vontade dele, massageando o local com um hidratante. Daquela forma ele podia ver perfeitamente o rosto dela. O nariz de Juliet tocava o seu, e seus olhos grandes não deixavam os lábios dele. Talvez como um pedido, ou um consentimento, para que ele pudesse beijá-la novamente.

—Sabia que apenas 3% da população mundial possuem olhos verdes?  
—Juliet sorriu ajeitando rapidamente seu cabelo cacheado. —Você não é especial apenas por na-morar comigo.

—Seu convencido.

—Tenho os olhos mais raros e lindos só pra mim. —E com um sorriso ela recebeu mais uma sequência de beijos calmos, e desnorteantes. —Nasci há 23 anos.

A voz rouca de Andrew ecoou novamente pelo quarto e o sorriso de sua namorada se desmanchou ao notar o olhar dele com um ar sério, voltando a comprimir seus lábios deixando sua boca menor ainda.

—Sim.

Dedos desceram gentilmente pela bochecha dele lhe fazendo carinho. Ela não queria ter chegado naquele assunto.

—E tenho 3 anos agora. Provavelmente.

Aquilo foi dito com uma risada fraca, como se fosse uma piada ruim. E eles haviam voltado para aquele assunto. Ela realmente havia pensado que ao menos hoje ele poderia deixar aquilo de lado.

—Jonah, esquece isso.

—Não, Jolie! Você sabe que é verdade.

—Jonah!

—Acha mesmo que eu vou...

—Vai. —O interrompeu. —Para de ser tão pessimista. Você sabe o esforço que a sua família faz por você, e isso não é em vão.

—E-u não sei. Às vezes tudo o que eu queria era arrancar a minha cabeça e deixar vocês viverem em paz.

A garota sacudiu de leve a sua cabeça desejando não ter escutado aquilo, e segurou ainda mais forte o rosto dele o mantendo perto dela.

—Não fala isso, por favor, nunca mais. —Andrew suspirou segurando forte as mãos de sua namorada. Aquilo era uma das coisas que mais o preocupava. Além de não gostar de vê-la daquela forma. Ele queria que ela tivesse algo que durasse. Alguém que realmente pudesse ficar e cuidar dela. Mas não conseguia sequer se afastar. —Vai dar tudo certo. Ainda temos tempo.

—Des-cul-pa. É só que...

—Não fala mais nada sobre isso, por favor. —Se aproximou novamente dele o abraçando forte e recebeu um beijo afetuoso em sua testa. —Se eu soubesse, deixaria você fazer sua voz estranha.

—Ainda dá tempo.

—Não. Eu só acho que deveríamos ir para algum lugar diferente. Fazer

algo que não fazemos em um dia comum.

—Mas hoje é u-m dia comum, Jolie.

—Não é!

Julliet se virou para o notebook o fechando fazendo Andrew choramingar.

—Então n-ão gosta de fi-car aqui? Comigo, apenas vendo filmes e comendo besteiras?

—Não é isso o que quero dizer, eu gosto do seu programa de nerd. — Completou o fazendo rir. —Só estou dizendo que devíamos fazer algo diferente.

—Ah e-u entendi. Estou morrendo, preciso fazer co-isas diferentes.

—Não é isso. —Julliet entrelaçou seus dedos nos de Andrew rindo. — Mas isso vai funcionar?

—Depen-de do seu objetivo.

O garoto mordeu os lábios rapidamente com um sorriso maldoso, fazendo Julliet rir por se dar conta do que ele queria dizer.

—Jonah!

—Ok! En-tão, eu posso faltar ao hos-pital amanhã!

—Nem sonhando.

Seus olhos se fecharam e ele deixou que seu corpo escorregasse pela cabeceira da cama o deitando.

—Não tomar o anticon-vulssivo?

—Eu disse algo diferente, não suicida.

—Não vou morrer se não tomar os re-médios.

Se defendeu entre o riso. Havia aprendido aquilo na prática.

—Mas não vai querer arriscar as três vidas que lhe restam, não é?

—E-u já en-tendi, você ganhou Juliet Meiners.

Os dedos leves de sua namorada passearam por sua testa enquanto ela o observava com um sorriso em seu rosto.

—Que bom.

Seu rosto se aproximou do de Andrew, e ele permitiu que sua mão segurasse sua cintura firmemente. Assim que os lábios de Juliet recostaram nos dele, ela pode sentir mãos adentrarem em sua blusa tocando sua pele. A cada beijo ele tinha certeza que nunca se cansaria de fazer aquilo. De poder tê-la perto dele, de poder sentir a forma como seus lábios se encaixavam perfeitamente, e do quanto ela o fazia esquecer de qualquer coisa quando o beijava daquela forma. Em segundos ele tinha o corpo de sua namorada por cima do dele, o fazendo se sentir mais inebriado ainda. Sua mão desceu por seu corpo a puxando para ainda mais perto. Juliet encerrou o beijo, e afastou seu rosto do de Andrew, tirando os óculos do garoto o pegando de surpresa.

—Como eu v-ou enxergar agora?

—Se vira.

Respondeu o fazendo rir. Juliet se apoiou em seus joelhos, ao sentir as mãos dele descenderem por suas coxas, e as suas também haviam encontrado um destino. Dedos finos subiam por dentro da camisa preta que Andrew vestia, o fazendo estremecer involuntariamente. As mãos de Juliet passeavam de um jeito calmo, porém intenso pelo peitoral do garoto o deixando ainda mais agitado. Sua mão se ergueu em direção a ela, com a intenção de segurar sua nuca, mas o que ele sentiu foi o ombro de Juliet o fazendo rir entre o beijo. Aquilo parecia se repetir sempre. Talvez há um tempo atrás ele os pararia no mesmo instante por aquele, segundo ele, defeito. Mas não agora.

—Jolie.

Sua mão segurou ainda mais forte o ombro da garota ao sentir o seu celular vibrar próximo a sua perna. Os olhos de Juliet se desviaram até o aparelho próximo ao computador e o pegou podendo ver do que se tratava. Era Helena. Talvez já estivesse na hora de ir.

—Oi, Lena. —Falou logo após atender. Andrew recostou a cabeça na cabeceira da cama observando Juliet puxar o tecido de sua camisa branca. — Estamos na minha casa. —Ele podia ouvir a voz de sua mãe do outro lado da linha, mas não entendia o que ela falava. Sua mão tocou o chão meio frio enquanto ele chamava Frida que se espreguiçava em sua cama. A gata foi em sua direção se esfregando em sua mão em busca de carinho. —É claro. Eu já havia notado que tinha esquecido. —Quatro patas subiram na cama, e em seu peito o pegando de surpresa, mas antes mesmo que ele pudesse dar atenção a gata, seu olhar foi a Juliet meio chateado. Se fosse sobre o que estava passando em sua cabeça, com toda certeza ele iria se opor. —Tudo bem então. Vamos buscar agora mesmo. —Andrew sentiu o focinho de Frida empurrar o seu queixo o obrigando a lhe dar carinho em suas costas. —Até mais. —Juliet desligou a ligação e olhou para o garoto que já lhe parecia chateado enquanto mordida os próprios lábios segurando fortemente o celular em suas mãos. —Jonah...

—Eu posso pedir pro Timo trazer, ele não vai se importar.

—Seu irmão não está em casa.

—Dine?

—Acha mesmo que ela vai vir até aqui?

—Não.

—Então, precisamos ir.

As mãos de Juliet seguraram Frida gentilmente, mas ainda assim ela recebeu um miado de protesto.

—Sin-to muito, tatu-bola, hoje não é o seu dia.

—Ainda acha que ela te odeia?

Derrotado, Andrew se levantou da cama junto a Juliet, pondo os óculos em seu rosto e puxando seu gorro preto vestindo o mesmo logo depois, e a viu parar em frente ao seu armário tirando de uma de suas gavetas uma calça jeans, já que ela apenas vestia um short curto de moletom, junto a sua blusa branca de mangas compridas. O garoto ergueu sua mão em direção a ela, pousando a mesma, acima de sua cintura, contra a sua vontade, e aproximou seu corpo do dela, podendo sussurrar em seu ouvido:

—Quan-do voltarmos, pode-mos continuar de onde a mamãe nos parou.

Um sorriso bobo se formou no rosto de Juliet, e ela o empurrou gentilmente com o cotovelo, antes que Andrew a fizesse desistir de sair de casa. Ela sabia que aquilo não iria acontecer, mas ele não precisava ter conhecimento daquilo.

—Jonah!

—Vamos.

Sua mão se afastou de Juliet e ele foi em direção a porta, podendo observar o quarto por completo, com mais fotos do que na primeira vez que ele entrou ali. Assim que Juliet terminou de se vestir eles desceram as escadas estreitas encontrando Zac que assistia TV na sala. Quando ouviu os passos, seu corpo se virou em direção a escada vendo sua filha descer junto ao seu namorado de mãos dadas, como ela sempre fazia. Talvez Juliet tivesse medo que ele caísse ou algo do gênero.

—Vão sair?

A voz grave de Zac ecoou junto ao som da TV, fazendo Andrew ajeitar os óculos desajeitadamente podendo ver o homem alto sentado ao sofá que os observava.

—Sim. —Juliet respondeu indo em direção ao pai, e abaixando

rapidamente para lhe dar um beijo em sua testa. —Esquecemos os remédios do Jonah, e não quero que ele não os tome amanhã.

—Certo.

—Qualquer coisa é só me ligar.

—Até mais, senhor Meiners.

Andrew se despediu rapidamente antes de saírem.

Dois anos naquela cidade e ele ainda sentia falta de casa. As ruas dali eram bem mais agitadas. Não que isso fosse uma coisa ruim. Seu olhar achou uma senhora que caminhava acompanhada de um garoto. Ela sorria deixando suas rugas mais visíveis. Andrew suspirou seguindo seu caminho, e deixou que seus dedos se entrelçassem aos de Juliet que caminhava ao seu lado. Era meio perturbador ver pessoas mais velhas, sabendo que havia uma grande possibilidade de ele não chegar nem perto daquela fase.

Sua mão ajeitou rapidamente o gorro em sua cabeça que cobria os poucos fios de cabelo que lhe restavam, e que ele não iria tirá-los dali. Depois de levar sua casa, amigos, e tentar tirar a sua vida o mínimo que essa maldita doença podia fazer era o deixar continuar com seu cabelo, nem que fosse a metade dele.

A porta de sua casa foi aberta e ele acabou sendo surpreendido por aqueles que estavam ali.

Seu olhar se direcionou a Juliet e ela lhe lançou um sorriso meio culpado, enquanto se juntava aos seus pais e irmãos que estavam na sala, cantando um “parabéns pra você” meio dessincronizado. Como pode cair na desculpa de Juliet de que os remédios haviam acabado? Ela mantinha uma pequena bolsa em seu armário junto a algumas peças de roupa dele com os seus remédios. Ele devia saber. Andrew sorriu fechando a porta novamente. Um sorriso se formou em seu rosto observando todos ali. Por ele. Helena sorriu junto com o filho, feliz por sua reação. Afinal, se fosse há dois anos Andrew obviamente sairia dali no mesmo segundo. Depois do que descobriu não gostava de comemorar o seu aniversário, pois para ele era quase como



uma contagem regressiva para a sua morte.

—Feliz aniversário, filho!

Alan se aproximou de Andrew o abraçando, e logo depois Helena. Mãos o puxaram pelo pulso, o fazendo caminhar, e lutar para não tropeçar em seus próprios pés, pelo corredor estreito até a porta de seu quarto.

—Feliz aniversário, Andrew!

Aldine que havia o levado até ali abriu a porta do quarto dos garotos. Andrew sorriu ao ver o seu presente entre as duas camas onde ficava uma escrivaninha. Na verdade, eram três camas. Aldine, Timo e Andrew dormiam no mesmo quarto. Os garotos tinham um beliche e Aldine sua própria cama a esquerda.

—Não precisava.

Apesar de ele se sentir feliz e aliviado ao ver aquilo.

—É claro que precisava. Acha que eu não vou ter a minha parte nisso?

Comentou fazendo o irmão rir.

—Sua inte-res-seira.

—Também te amo, Cassius.

Andrew foi puxado novamente para a sala. Deixando seu novo notebook no quarto.

—Você gostou? —Juliet se aproximou dele segurando suas mãos. — Helena deu a ideia, Timo escolheu, e Aldine acabou de tirar a minha chance de te mostrar.

Disse sorrindo o fazendo sorrir também. Ela era um dos motivos que o fez querer viver. Andrew a amava. Cada mínimo detalhe dela lhe dava forças. Da sua pele a seu abraço. De seus olhos verdes, a cada palavra que ela o falava.

—É perfeito.

Ele se aproximou ainda mais dela segurando seu rosto gentilmente e lhe dando um beijo calmo. Helena pigarreou os lembrando de que ainda estavam ali, deixando Juliet meio sem-graça, apesar de já ser quase um membro da família.

—Agora você pode finalizar o seu projeto, e não precisa mais fazer a Juliet dividir o computador com você pra poder estudar.

Seus lábios foram mordidos ao escutar aquelas palavras da mãe.

—Droga. Qual a desculpa que eu vou ter que arranjar pra ir pra sua casa agora?

Perguntou fazendo Juliet rir e o abraçar ainda mais forte. Helena tinha razão. Agora ele podia terminar o seu projeto e finalmente poderia conseguir o dinheiro que precisava para a cirurgia.

Mas não era apenas aquilo.

Andrew respirou fundo lembrando do que aquilo realmente significava. Para os seus pais ter um computador novo era um modo mais confortável que ele tinha de continuar os seus estudos, sem precisar revezar com Juliet, já que ela também estudava em casa. Mas para ele não. Um novo computador significava novos riscos, e talvez ele tivesse que passar horas tentando impedir Nataniel de conseguir o que ele tanto queria.

### **Junho de 2013 - 10h39min**

Andrew deixou a coordenação para trás junto a Timo se sentindo estranho. Não apenas pelo fato de agora precisar, segundo a sua mãe, estar sempre acompanhado, mas pelo o que ele estava sendo forçado a fazer.

—Andrew! —Uma voz reconhecível o fez parar no mesmo instante. O corredor largo e repleto de portas o fez se sentir ainda pior. O que ele iria dizer dessa vez? Andrew viu seu irmão se virar e engoliu em seco ao perceber que ele deveria ser o próximo. —Timothe!

—Timo.

Resmungou cruzando os braços ao notar o sorriso divertido no rosto do amigo do seu irmão. Os olhos castanhos de Mateus se desviaram para Andrew o deixando sem saída.

—Então está realmente se transferindo. Achei que era uma brincadeira do Ian.

—Não.

—E sua. Vai mesmo se mudar?

Seus olhos se desviaram ao seu irmão mais novo como uma súplica para que ele ficasse quieto.

—A bolsa que e-les me ofereceram é melhor, e o papai e a mamãe já arranjaram um em-prego.

—Mas não vai simplesmente sumir, não é?

—Não. —Ele não tinha certeza daquilo, já que não queria que eles vissem o que estava acontecendo. Timo escutava a conversa do irmão calado. Sabia que Andrew estava mentindo, mas contar ou não o que estava acontecendo era uma decisão dele. —Você viu a Lea?

Mateus apenas negou passando a mão por seu cabelo escuro rapidamente.

—Samuel vai dar uma festa no 33 amanhã. Podemos fazer uma despedida.

—Odeio despedidas.

—Então podemos fazer ao menos uma última comemoração juntos.

Falou a primeira coisa que veio a sua cabeça, mesmo sabendo como Andrew cultivava um tipo de aversão com aquelas coisas, ele tinha que tentar.

—Tal-vez eu apareça. Te ligo depois.

Ele não iria.

—Até logo, Mateus! —Timo recebeu um aceno positivo como resposta, e eles se afastaram deixando o prédio para trás. —Mentiu pra ele.

—Eu sei, Timothe.

—Acha que vai conseguir continuar com isso?

—Vamos embora daqui mesmo.

—Sua namorada sabe, Andrew!

—E e-la não vai contar pra ninguém.

Andrew desceu as escadas com o auxílio de seu irmão após passar pela grande porta de vidro e as catracas que limitavam o acesso para alunos, podendo finalmente deixar aquilo tudo para trás. Mas algo ainda estava ali com ele. Suas mãos apertaram as alças de sua mochila em suas costas ao ouvir a voz do irmão novamente.

—Você devia contar para eles, ao menos ao Mateus, é o seu amigo desde a escola.

Talvez. Mas ele não queria, na verdade não conseguia.

—Di-zer que eu v-ou morrer de câncer? Que diferença vai fazer? Ele não vai po-der fazer nada!

—Andrew, eu sei que é...

—L-ea não olha pra mim des-de o dia em que deixamos ela em casa chorando. —Disparou ou tentou, parando de repente, pegando Timo de surpresa. Por quanto tempo ele veria aquele olhar? Era uma mistura de raiva, com desespero talvez. Andrew passou a agir de uma forma totalmente diferente. Ele sempre havia sido meio discreto quando se tratava dele, e agora parecia que estava prestes a explodir o tempo todo. —Eles têm uma vi-da,

ou-tras coisas pra fazer a-lém de sentir pena de mim. Eu não quero atrapalhar a vida d-e ninguém.

—Quem te disse que, acha mesmo que é o que vai acontecer?

Quando ele havia chegado naquela conclusão e porquê? Talvez fosse por causa da mudança. Timo imaginou que passar por aquilo não seria fácil para Andrew, e ter que se afastar de tudo o que conhecia só iria piorar aquilo.

—Vamos pra casa.

Tentou finalizar aquilo, atravessando a rua em direção ao ponto de ônibus. Em pensar que a carteira de motorista que havia conseguido tirar agora não valia de nada. Ele estava proibido de dirigir. Depois que o médico citou algo sobre convulsões, Helena entrou em pânico, e mesmo Andrew alegando que nunca havia acontecido, tudo só piorou quando ela ouviu que o filho poderia ter tido várias e nem ao menos percebido. Algo como crise de ausência, foi o que ele disse. A partir daquilo o garoto não pode mais argumentar. Timo havia aprendido a dirigir recentemente e ele podia apostar que mesmo assim ela acharia mais seguro deixar que o mais novo dirigisse por quase uma hora até a faculdade na cidade vizinha. Mas não aconteceu. Se Andrew estivesse de bom humor, diria que seu irmão poderia matar ele mais rápido do que o câncer.

—Precisa parar com isso.

Reclamou assim que eles pararam ao chegar no ponto de ônibus.

—O que?

—Começar a falar e nunca terminar. Isso é muito chato.

Seus pais estavam ocupados revezando entre o trabalho, resolver tudo acerca da mudança, e visitar o hospital que Andrew faria o tratamento. Aldine estava na faculdade, Timo deveria estar lá também, mas ele estava ali. Com ele, e ele não precisava fazer aquilo.

Seu olhar voltou ao seu irmão, o fazendo se sentir culpado. Ele tinha o

mesmo olhar sereno do pai, mas ao mesmo tempo os de sua mãe. Seus dreads pareciam crescer mais do que o normal nos últimos meses, já que os dois decidiram deixar o cabelo crescer para o desespero de Helena. Aquilo provavelmente estava deixando Timothe feliz, já que ele queria esconder a falha na sobrancelha esquerda que ele não gostava. Andrew deixou um rápido suspiro escapar quando se lembrou de que os dois haviam chegado a conclusão que era uma decisão idiota deixar o cabelo crescer juntos. Mas eles eram irmãos. Já haviam feito várias coisas idiotas juntos.

—M-e desculpe.

Os olhos escuros de seu irmão mais novo foram até ele rapidamente em confusão.

—Por?

Andrew olhou ao redor podendo ver o campus movimentado. Ainda se sentia sufocado de uma forma esmagadora, e inexplicável.

—Eu só, não acredito que isso está acontecendo. Acho que eu sempre fui um câncer de qualquer forma.

—Do que tá falando?

—E-u devia ter morrido quando ganhei a cicatriz.

—Jonah!

—Agora eu estou dando todo esse trabalho pra vocês, por minha causa a mamãe está daquela forma. Ela não devia, não devia ter me tirado daquele lugar e ter que suportar tudo isso agora...

—Jonah! —Timo o interrompeu antes mesmo que ele continuasse falando todos aqueles absurdos. —Sabe que isso é mentira, você é a nossa família, e nada nunca vai mudar isso. Você é o meu irmão, e o meu melhor amigo, e tudo o que estamos fazendo é porque nós amamos você. O que a mamãe sempre te disse?

—Que eu não preciso me preocupar com isso, que eu, que uma família é

feita de amor, e não de fatores biológicos.

—Então não esqueça isso. Nunca.

—Me desculpe.

Pedi novamente.

—Pelo o que?

—Ser um idiota.

—Você não é...

Timo foi interrompido pelo braço de seu irmão que se ergueu fazendo sinal para o ônibus que se aproximava. Era o deles. Mas ele sabia que aquilo havia sido perfeito para Andrew interromper aquele assunto.

Em menos de um mês talvez, eles estariam se mudando, para o alívio de Helena, e incerteza de Andrew. Ele sentia que aquela mudança brusca não seria boa para ninguém. Apesar de Aldine sempre deixar claro que não gostava de viver naquela cidade “pequena e atrasada” como ela dizia. Mas ali era onde estavam todas as pessoas e lugares que eles conheciam.

Andrew não conteve a surpresa ao enxergar uma garota ruiva sentada no segundo degrau da varanda de sua casa.

Finalmente. Mas ela não havia o ligado ou mandado mensagem alguma. Timo suspirou e continuou caminhando pela calçada, deixando o irmão sem tempo de perguntar ou protestar sobre o que ele estava fazendo.

Quando estavam a sós, Andrew se aproximou de Lea que se levantou no mesmo segundo ao notar os passos desajeitados do garoto em sua direção.

—Eu estava na faculdade.

Falou tropeçando em seus próprios pés.

—Eu não sabia.

Seus olhos castanhos o observaram por alguns instantes. Lea o olhava meio apreensiva, o fazendo se sentir ainda mais estranho. O que ela estava pensando? Ela não havia lhe dito nada depois daquilo tudo.

—É me-lhor entrarmos.

Andrew a conduziu pelas escadas até a terceira porta do lado esquerdo no corredor, e acabou tropeçando duas vezes no percurso. Aquilo era permanente? Seus pés pareciam não saber a direção certa a seguir. Lea o observava a cada tropeço o fazendo pensar se ela não queria mais vê-lo por saber da doença. Mas ela não era daquela forma. Era?

—Quando vai se mudar?

—Eu não sei exatamente.

Respondeu se sentando na cama. Lea fez o mesmo e entrelaçou os dedos nos de Andrew o fazendo se sentir mais aliviado sobre o que realmente estava acontecendo.

Seu cabelo estava maior do que nunca. Chegava a passar de seu maxilar. Ela se lembrava muito bem quando ele lhe dava a desculpa de que não tinha tempo de cortar o cabelo só para deixá-lo crescer. Ao menos agora ele havia o prendido com um elástico que ela mesmo havia lhe dado, mas da forma desganhada que ele sempre fazia. Um sorriso rápido se formou no rosto da garota e ela desviou o olhar dele. Andrew provavelmente perderia aquilo também.

—Porque vai se mudar mesmo?

—O hospital que a mamãe trabalha não tem o suporte adequado para o meu tratamento. E é o maior da cidade. —Sorriu meio amargo. —Eles não querem arriscar.

—Achei que ia fazer quimioterapia.

—Radio-terapia. —Seus olhos se fecharam ao sentir os dedos de Lea subirem gentilmente por sua nuca. —E-le disse, que eu tenho uma taxa de



sobrevida. —Sua testa se recostou na dela, e ele abriu os olhos novamente podendo vê-la ainda mais de perto. Os lábios finos de Lea estavam comprimidos como se ela tentasse segurar as próximas palavras. —A maioria da-s pessoas da minha idade sobrevivem, mas são cer-ca de 5 anos.

Ela não pareceu mais suportar ao ouvir aquilo, as lágrimas desceram por seu rosto, e Andrew a trouxe para ainda mais perto enquanto tentava não chorar junto a ela.

—Porque?

—O médico disse, q-ue é um grau II. Não cresce tão rápido quanto um grau III, mas nem tão devagar quanto um grau I.

—Pode acelerar?

—Eu não sei, Lea.

A ponta de seu nariz meio redondo encontrou o nariz fino de Lea enquanto seus rostos se aproximavam cada vez mais. Quando finalmente seus lábios se encontraram Andrew, sentiu as primeiras lágrimas desceram por seus olhos. Seu coração doía como nunca. Quando ele se deixou levar? Quando ele se fechou tanto a ponto de não admitir para si mesmo que precisava daquilo? Que precisava de alguém, que seria melhor ter alguém ao seu lado do que suportar aquilo sozinho?

—Andrew, eu sinto muito. —Falou entre os soluços. Lea mal sabia como continuar. —Mas eu não, eu não sei se eu consigo.

Suas mãos desceram pelas costas do garoto enquanto ela o sentia se afastar.

—O que quer di-zer com isso?

—Eu não quero, eu sinto muito. Eu não consigo, é demais para mim.

A cada palavra que escutava ele desmoronava cada vez mais. Ele havia entendido mal. Ainda não conseguia acreditar no que ela havia dito.

—Demais pra você.

—Me desculpe, eu só, eu não consigo olhar para você sem...

—Sentir pena? Me ver morrendo?

—Andrew. Não é isso, eu sinto...

—Pa-re de, de dizer isso! —Praticamente gritou se afastando ainda mais dela. —Todos sentem muito! To-do mundo olha pra mim como você está olhando agora. Mamãe me trata co-mo se eu fosse morrer a qualquer segundo, papai não pode ficar perto de mim sem me encarar por horas como se eu estivesse lon-ge.

—Eles só estão com medo.

—Eu não me importo! —Lea o viu se apoiar no colchão enquanto levantava, e mesmo assim ele o fez como se estivesse em cima de uma corda bamba. —Você quer terminar? Ótimo. Só me esqueça, faça o que quiser, eu vou morrer de qualquer forma.

—Andrew...

—Não conte pra eles. Pra ninguém.

—Porque?

—É só analisar o que acabou de fazer.

O olhar de Lea se desviou do dele enquanto ela chorava ainda mais. Sabia que aquilo não seria fácil, mas havia sido pior do que imaginava.

—Me desculpe.

Respirou fundo se levantando da cama. Andrew evitou olhar para ela, até mesmo quando Lea o olhou por alguns segundos antes de sair pela porta. Ele se sentia cada vez pior. Porque deixou se enganar ao achar que ela ficaria com ele depois de ter sumido daquela forma? Nunca mais iria confiar em ninguém e deixar que aquilo acontecesse. Não queria que aquela dor se

repetisse. Aquela sensação sufocante em seu peito era horrível. Até onde aquela doença iria atingi-lo?

Seu olhar correu todo o quarto até achar um globo de neve ao lado do notebook. Em passos largos ele se dirigiu até a mesma agarrando o objeto repleto de raiva. New York, estava entalhado em sua base de madeira, que mantinha o globo de vidro exibindo as pequenas miniaturas de alguns arranha-céus da cidade, que agora estavam perdidos entre os pequenos flocos artificiais de neve que voavam ao seu redor.

“Eu me lembrei de você quando o vi.”

Foi o que Lea disse quando o deu. Aquilo devia ser sobre a vontade que Andrew tinha de ir até aquela cidade só para poder parar todos os telões da Times Square. O que era uma loucura para ela, e impossível.

Andrew deixou a raiva falar mais alto e arremessou o globo desajeitadamente contra a parede o fazendo se quebrar em pedaços. Seus olhos se fecharam e um grito escapou de sua garganta ao sentir algo rasgar a sua pele rapidamente. Sua mão foi a seu braço e só naquele segundo ele notou que o mesmo sangrava próximo ao seu cotovelo. Seus joelhos se dobraram e ele deixou seu corpo despencar no chão, enquanto as lágrimas desciam descontroladamente por seu rosto.

Tudo havia sido como aquele globo de neve. Sempre o pareceu tão forte, e seguro, quase impossível de se quebrar. Mas bastaram apenas alguns segundos para terminar totalmente despedaçado e impossível de ser concertado. Exatamente como o globo de neve.

**Outubro de 2013 – 09h45min**

“Jonah!”

*Os gritos de sua mãe ecoavam em sua cabeça enquanto ele corria pelo corredor largo em direção a grande porta de saída.*

*Se sentia tonto. Sufocado. Desesperado. Talvez a beira de um colapso, ou talvez ele já estivesse em um.*

*Como podia ser possível?*

*Sua mão o deu apoio na parede fria ao seu lado o fazendo continuar a correr. Quando aquilo havia acontecido?*

—Jonah?

A voz de Helena ecoou mais uma vez ainda mais alto em sua cabeça. Seu olhar se desviou da janela não muito longe dele, e ele se lembrou onde realmente estava. No ônibus, com a sua mãe. Como havia sido feito nos últimos meses.

Porque ele tinha que ficar lembrando daquele maldito dia? Seus olhos castanhos se desviaram para Helena a sua direita enquanto ela o observava como se estivesse à espera de uma resposta. Andrew ergueu sua mão em direção a seus óculos o ajustando em seu rosto. Porém, em vez de tocar a armação entre as lentes, seu indicador foi parar na lente esquerda o fazendo arfar em reprovação ao poder enxergar a marca de sua digital a centímetros de seu olho.

—O que foi?

—Ainda vai ter aula hoje?

—Po-quê?

—Porque preciso saber se temos que ir pra lá ou não.

O garoto olhou ao redor, podendo ver onde estavam. O semáforo acima deles indicava a cor vermelha, e ele pode entender o motivo do ônibus estar parado.

—Não.

O que lhe dava um tempo livre. Talvez ele finalmente pudesse ir checar o que aquele *carder* queria.

—Certo. Vou te deixar em casa, e volto para o trabalho.

—Não, mãe, não precisa.

—É claro que precisa.

—Não. Eu vou... —Sua mão pousou no apoio da cadeira a sua frente ao notar que eles haviam parado próximo a calçada. —Em um lugar.

—Onde?

—Não é muito longe, posso ir ca-minhando.

—Eu te levo.

—N-ão precisa.

—É claro que precisa, você pode... —Sua voz foi contida por alguns instantes enquanto ela tentava procurar as palavras certas para não o chatear. Andrew não havia reagido bem com tudo aquilo, e Helena não queria piorar as coisas. —Precisar de ajuda.

Continuou assim que o ônibus andou novamente quando o sinal ficou verde, e Andrew suspirou ao notar que havia perdido a chance de sair dali.

—Aju-da? Por que precisaria de ajuda, mãe?

—Jonah...

—Eu to-mei a drog-a do remédio, tá legal? Já não basta t-er me tirado da minha casa, ainda vai ter que ficar no meu pé 24 horas?

—Você sabe que não, não é culpa minha.

Por mais que tivesse consciência de que era complicado sequer aceitar o que ele estava passando, ainda era difícil para ela o ver agindo daquela forma, e era impossível não ficar desapontada.

—Claro que não! É culp-a dessa maldi-ta mer-da que tá na minha cabeça. Mas eu não preciso de um guarda costas atrás de mim! Eu vou morrer mãe, s-e for hoje ou amanhã não vai fazer diferença.

Helena olhou para o filho ao seu lado sem acreditar naquelas palavras. Porque ele estava fazendo aquilo? Porque estava a tratando daquela forma como se estivesse a castigando pelo o que ele estava passando?

—Jonah...—Ao ouvir sua voz novamente o garoto se levantou bruscamente de seu banco e desceu do ônibus assim que o motorista parou o mesmo para uma senhora descer. —Jonah!

Um grito saiu de sua garganta e ela não sabia dizer se sentia raiva ou agonia por vê-lo caminhar cambaleando na calçada como se ela não estivesse ali.

Ela realmente precisava o seguir como se ele fosse uma pessoa totalmente dependente, ou como se fosse cair a qualquer instante e apenas conseguir se levantar com a ajuda dela?

Seu olhar percorreu a rua meio agitada ao seu redor, e ele entrou na primeira loja que viu. Assim que a porta de vidro se fechou em suas costas, ele olhou ao redor reconhecendo o local. Uma loja de roupas femininas. Sorte a sua a loja ser pequena e todas as funcionárias estarem ocupadas. O garoto adentrou entre as diversas roupas penduradas no local e olhou em direção a vitrine, podendo ver a rua do lado de fora. Não demorou muito até que sua mãe passasse meio apressada a sua procura. Andrew respirou fundo e pegou o celular do bolso de sua calça jeans o segurando firmemente na altura de seu peito. Seu polegar desbloqueou o aparelho o permitindo ir até o seu bloco de anotações. O endereço que havia conseguido estava ali. E ele estava errado quando disse a sua mãe que era perto. Mas aquilo havia sido apenas uma desculpa para se livrar dela.

Ela devia estar devastada agora. Provavelmente preocupada com ele, e sentindo raiva ao mesmo tempo. O próprio Andrew não gostava de agir daquela forma com a sua mãe, mas ele não podia controlar.

Uma das funcionárias finalmente pareceu notar o garoto, então antes mesmo que ela se aproximasse, Andrew deixou a loja olhando a rua a sua frente. Nem sinal de Helena. Ótimo. Ele poderia continuar a sua caminhada, apesar daquilo ser irritante. Seus pés pareciam não pertencer a ele. O tempo todo acabava desviando do caminho como se caminhasse em uma linha torta

e ela era o único caminho que ele conseguia fazer. Levou meia hora caminhando, talvez, e por alguns instantes se arrependeu de não ter aceitado a oferta da mãe e seguido de ônibus, mas ela não podia ver o lugar que ele estava indo.

Seus pés finalmente pararam ao perceber que ele havia chegado em seu destino. Apesar de parecer que não havia ninguém naquele lugar, Andrew já podia imaginar o que já havia sido feito ali dentro. Seu olhar examinou o local por alguns instantes. Abandonado, em uma rua que parecia ter sido esquecida pelo resto da cidade, onde um rio poluído fazia margem a sua direita. Ninguém poderia imaginar o que ele fazia ali dentro, ou o encontrar. Exceto Andrew. A porta da frente onde antigamente deveria ser a entrada principal, estava totalmente coberta com tiras de madeira. Havia um portão de ferro entreaberto a esquerda com algumas plantas altas, que poderiam fazer qualquer um desistir de entrar ali. Provavelmente o local foi abandonado após o rio ser condenado. Andrew seguiu em frente, puxando o portão enferrujado abrindo uma fresta para que ele pudesse entrar pelo mesmo. Sua mão se ergueu em direção as plantas as afastando dele, algumas se bateram contra o seu rosto, mas ele apenas continuou. Assim que conseguiu enxergar o caminho, pode ver uma porta no final do corredor estreito. O chão estava imundo, mas mesmo assim ele seguiu em frente. Quando parou em frente a porta, ele abriu a mesma fazendo seu rangido ecoar mais alto do que ele esperava. Seja lá quem estivesse ali, havia o descoberto.

Estava meio escuro, mas ele pode perceber que o local se tratava de um antigo restaurante. Havia algumas mesas que ainda estavam inteiras, e outras sem algumas pernas as deixando caídas no chão. O balcão onde deveria ser a recepção, tinham algumas prateleiras caídas na parede. Mas agora ele estava muito mais interessado em algo totalmente diferente de tudo o que estava ali. Havia dois monitores atrás do balcão que atraíram o garoto até eles. Assim que os alcançou ele pode ver mais um notebook pousado sobre a mesa junto aos outros computadores.

Ele havia o achado. Suas mãos se ergueram em direção ao primeiro monitor, mas um ruído o interrompeu o fazendo olhar ao redor. E ele estava ali. Parado a alguns metros de Andrew enquanto segurava firmemente uma

perna de uma das mesas, pronto para atacá-lo.

—Quem inferno é você?

Bradou ao perceber que o invasor não falaria nada.

—Nata-niel Adler DiLorenzo.

Uma careta se formou no rosto do garoto alto e ele segurou ainda mais firme a perna em sua mão.

—Não. Eu sou Natan, quero saber quem é você e como achou esse lugar.

Seu cabelo preto estava totalmente desgrenhado como se ele tivesse acabado de acordar. Ele morava ali?

—Você disse que queria encontrar a liberdade, mas como quer fazer isso?

Seus olhos se arregalaram ao ouvir aquilo, enquanto ele se lembrava de quando ele mesmo havia digitado aquelas palavras.

—Não.

Andrew apoiou o corpo no balcão atrás dele, fazendo o garoto desviar o olhar para aquele mesmo local. Talvez com medo do que o outro pudesse fazer.

—O que vo-cê quer?

Natan engoliu em seco, tentando achar as próximas palavras. Passou os últimos meses o procurando desesperadamente e agora que ele estava ali, mal sabia como iria começar.

—Como me encontrou?

—A cha-ve que eu te passei pa-ra a *darknet*.

Ele se lembrava muito bem, mas o que aquilo tinha em relação com a sua



localização?

—Você disse que tinha o maldito *exploit* que usou para hackear a Bills.

—Era um transmissor de IP. Devia ter mais cuida-do com o que usa.

Natan o encarou perplexo não querendo acreditar naquilo. Por isso ele achou os vídeos e documentos que já haviam sido vazados. Ele pensou que estava criptografado ou algo do tipo, mas pelo visto o objetivo era que ele usasse a maldita chave. Porque ele havia sido tão burro em confiar nele?

—Você mora aqui?

—Isso importa?

—Não é bem assim, eu... —Sua mão apertou ainda mais forte a perna da mesa e só naquele momento ele percebeu que ainda estava em posição de ataque. Ele não precisava fazer aquilo, se bem que dependendo da resposta que ele receberia talvez não seria uma má ideia. Logo após perceber o quanto aquilo poderia tornar a sua proposta mais agressiva, Natan abaixou sua arma a pousando sobre uma das poucas mesas intactas do local. —Preciso da sua ajuda.

Falou logo após tomar coragem.

—Pra que?

—Desde quando mora aqui?

—Isso vai realmen-te fazer alguma diferença?

—Quer dizer que sempre estive aqui? Esse tempo todo eu fiquei me escondendo de alguém que estava do meu lado. —Comentou como se aquilo fosse uma grande descoberta. —Sempre soube que eu estava aqui!

—Tal-vez. Me diz o que vo-cê quer.

Ele não tinha saída.

—Quero, libertar o meu irmão.

Disparou antes mesmo que pudesse pensar em desistir. Os olhos castanhos claros do outro a sua frente se desviaram dele para um dos desktops no balcão o deixando ainda mais tenso. O que ele estava pensando?

—O-nde ele está?

—Na cadeia.

—O que ele fez?

—Um assalto que deu errado.

Respondeu meio desconfiado. Se perguntava se ele já sabia e apenas estava perguntando para testá-lo.

—Você estava lá?

—Não, mais ou menos.

Deu um passo à frente assim que viu a atenção do invasor voltar para ele. Às vezes Natan não conseguia entender o que ele defendia. De que lado estava, e aquilo só piorava a sua situação.

—Você ajudou ele. —Aquilo não era uma pergunta, ele sabia. —Foi sua cul-pa ter dado errado?

—Talvez.

—O que quer que eu faça?

Uma pergunta meio redundante, e que dessa vez ele não sabia como responder.

—Como assim?

—Então você não tem u-m plano? —Natan cruzou os braços se sentindo sem rumo. Ele havia feito a pergunta como se aquilo fosse uma coisa tão

óbvia. —Ótimo, eu vou ter q-ue resolver tudo?

Aquela era uma pergunta nova. E o fez sentir um pouco de esperança.

—Então vai me ajudar?

—Não te-nho muito o que fazer ultimamente.

Ele só podia estar brincando.

—Fala sério.

—Por onde quer começar?

—Eu preciso da sua ajuda pra isso.

—Pre-ciso que me mos-tre onde ele es-tá preso, ou não vamos sair do lugar.

Mas já? Assim sem mais nem menos? Natan deixou um sorriso escapar ao notar o quão estúpidos os seus pensamentos lhe pareciam. Ele estava ali e disposto a ajudá-lo, a última coisa que ele devia fazer era perguntas idiotas que o fizessem perder tempo.

—Ok. Ok. Certo. —Seu olhar foi rapidamente para trás. Tentando achar algo ou alguém na escuridão na qual ele havia saído, mas Andrew não deu muita atenção aquilo. Ele devia estar sozinho. —É uma prisão estadual, mas é na cidade.

—Prova-velmente eles usam um sistema de controle industrial.

—Acha que consegue?

—E-u, vou precisar de tempo. —Natan queria perguntar exatamente quanto, mas seria demais. —Eu preciso estudar. Analisar as opções. Eu preciso do endereço, talvez eu possa examinar o local, de fora. —Andrew o viu pegar o celular no balcão no mesmo instante. —Não. Ano-te. Não me envie nada.

Certo. Ele não queria nada que pudesse ser salvo. Pelo visto aquilo seria mais difícil do que ele pensava.

—Não me disse o seu nome, e nem porque resolveu aparecer pra mim. Mal me conhece, não faz muito o seu estilo se expor. —Ele sabia que uma hora ou outra aquela pergunta iria surgir. —Só se você não for quem diz ser.

—M-eu nome é Andrew. É só o que pre-cisa saber.

—Então como eu posso confiar em você? Você me achou aqui.

—Pre-cisa da minha ajuda, não é? —Sim, precisava. E teria que arriscar. —Como aconteceu? O assalto.

—Hackeei as câmeras de vídeo, e usei cartões pra simular as contas.

Confessou. Ele não tinha mais nada a perder.

—*Jackpotting*. Ou quase. Co-mo no vídeo que vo-cê espalhou na internet como o AJoker. —Natan engoliu em seco esperando que ele não houvesse realmente desaprovado aquilo. —Meio amador.

—Amador? Sabe quanto tempo eu levei pra conseguir isso?

Perguntou indignado.

—O que você fez com a-s câmeras?

—Desliguei.

—Co-mo eu disse, amador. —Natan revirou os olhos e voltou a atenção para o celular em suas mãos. —Foi o seu erro, com certeza e-les, no-taram algo estranho e resolveram verificar mais rápido do que o normal.

—E o que eu tinha que fazer?

—Criar u-m loop, mudar a posição.

Respondeu como se fosse óbvio. E droga, era óbvio.

—Porque faz isso? Porque entregou aqueles caras se no final do dia, quem eles querem que se entregue é você?

—Porque eles pre-cisam de ajuda.

—De um hacker?

—Existe burocracia e gente corrupta. Eu podia fazer algo, e fiz.

—Mesmo assim estão te caçando, e sabe porquê. Assim como você estava ajudando poderia se voltar contra eles, se tinha como invadi-los e deixar provas sobre crimes, sabe lá o que mais podia fazer.

—Na-da além disso.

—Poderia fazer tanta coisa.

—E eu fiz. Você também pode fazer muita coisa com o que fez com os caixas. E fez? —Não. Não havia. Mas o que ele queria dizer com aquilo? Talvez ele estivesse chateado por ele ter apenas usado o nome do AJoker pra chamar atenção do original, quando ele podia simplesmente deixar um grande prejuízo naqueles malditos bancos. —O que tem em mente pro seu irmão?

—Eu não sei, abrir portões?

—E libertar o presídio inteiro? Nem pensar. Sem falar que pode ser um grande risco, eles podem matar oficiais lá dentro. Es-tão em número maior.

—Então, como?

—E-u preciso pensar. —Confessou bagunçando o próprio cabelo, ou o que havia restado dele. —Mas precisa ser apenas ele.

—Isso é possível? —Natan apertou fortemente o aparelho em sua mão. Ele não fazia a mínima ideia de como podia fazer aquilo sem deixar rastros. —Então quer dizer que vamos precisar de alguém do lado de dentro?

—Provavelmente.

Respondeu olhando ao redor.

—Se só o meu irmão sair, ele vai ser obviamente o único alvo, se deixarmos mais gente sair podemos despistar...

—O seu irmão vai ser a única pessoa que vai sair daquele lugar, ou eu mesmo acabo com tudo isso, en-tendeu?

O mais novo engoliu em seco novamente ao ouvir aquilo. Sabia do que o seu novo amigo era capaz de fazer e que deveria levar aquela ameaça a sério.

—Relaxa, Andrew. Pode confiar em mim também.

Comentou o olhando atentamente. Andrew parecia analisar tudo ao redor, porém ele pareceu achar algo interessante atrás do balcão além de todos os computadores.

—Não acredito.

—Que?

Natan se virou imediatamente podendo ver a impressora na mesa recostada da parede meio suja.

*Droga.*

—I-ssó é uma impressora de cartão.

—Eu não... —O que ele falaria? Não existia desculpa para aquilo, e além do mais Andrew sabia muito bem o que ele fazia. —Eu sei o que pensa de mim. Que eu sou um ladrãozinho que finge ser qualificado, e que se acha superior a mim. Mas você não sabe de nada. Eu faço isso porque eu preciso...

—E-u não me im-porto. Se eu a-cho vocês tão sujos quanto aque-les que se acham no controle? Sim. E é por isso que você vai se livrar disso.

—Qual é cara, eu tive que...

—Eu não m-e importo, se quer minha ajuda vai ter que se livrar disso.

Que merda! Natan encarou por alguns segundos a máquina ao lado de Andrew. O que ele faria agora? Ele estava sozinho.

—Eu preciso disso. O meu pai está internado em uma clínica psiquiátrica, a minha mãe não aceita isso, e não quer pagar as contas e eu preciso fazer isso, ou ele vai sair e ele não pode, ele está doente. Eu preciso disso.

—Você pode jogá-la no rio que tem aqui na frente.

Natan suspirou não acreditando naquela resposta. Então agora ele teria que escolher entre o seu irmão e o seu pai? Uma súbita raiva tomou conta dele. Porque ele estava fazendo aquilo?

—Quem você acha que é?

—Você não precisa roubar as pessoas erradas pra isso. Eu posso te ensinar uma outra forma. —Uma outra forma? Pessoas erradas. O que ele sempre falava? Contra quem o *AJoker* sempre se posicionava? Pessoas que se achavam no comando. Natan deixou um sorriso escapar e se recostou no balcão ao perceber o que aconteceria ali. —Mas pra isso... —A voz meio lenta de Andrew ecoou novamente. —Você precisa jogar a impressora fora.

Nataniel se levantou e foi em direção a máquina a erguendo do que deveria ser o balcão de bebidas.

—Eu poderia vender.

—E eu poderia te entregar pra polícia.

Um suspiro escapou de seus lábios enquanto ele dava as costas para o outro percebendo que nada daquilo seria fácil.

Talvez Andrew estivesse fazendo tudo errado, e indo contra tudo o que já havia feito. Do que serviu dar de bandeja provas sobre crimes cibernéticos, e estar na lista de procurados se ele estava perto de morrer agora? Se mesmo depois de ter feito isso tudo, aquilo estava acontecendo com ele, nada iria mudar.

**Julho de 2013 – 08h27min**

Porque eles escolhiam aquela cor? Andrew sabia que aquela pergunta era idiota, mas precisava saber. A cada passo que dava por aquele corredor largo, se sentia ainda pior ao lembrar que suas visitas naquele lugar iriam se tornar a sua rotina. Talvez o branco das paredes seria para tentar manter as pessoas calmas, ou só para mostrar o quanto o lugar estava limpo, mas aquilo só estava o deixando ainda mais angustiado.

Tudo já estava planejado. Ele começaria o tratamento naquela semana, e já havia começado a tomar o anticonvulsivo. Helena estava mais calma, apesar de ainda chorar todas as vezes que contava a alguém da família o que o seu filho tinha. Mas uma hora ou outra ela iria se conformar.

Sua mão se ergueu em direção a maçaneta da porta, e assim que abriu a mesma, ele pode ver a sua irmã fora da cama, porém sentada em uma poltrona ao lado da mesma. Um sorriso se formou ao ver o irmão, e ela segurou a muleta ainda mais forte em suas mãos. Andrew notou que ela já vestia suas próprias roupas: Uma blusa de azul, e o short jeans curto, com o gesso adicional em sua perna esquerda, e seu cabelo tinha seis tranças longas embutidas que ela mesmo devia ter feito para passar o tempo. Com certeza Aldine já havia se arrumado assim que acordou.

—Nem preciso per-guntar se já está pronta pa-ra ir pra casa.

Andrew fechou a porta e afundou suas mãos nos bolsos de seus jeans. Era impossível não ficar indiferente aquilo. Sua voz. Nem sobre aquilo ele tinha controle agora. Era como se ele a perdesse constantemente.

—Desde que acordei. Odeio ficar nesse lugar. Eles não tem nem TV fechada. —Um sorriso meio angustiado surgiu no rosto do garoto, e fez Aldine perceber a besteira que havia falado. Andrew provavelmente iria passar várias horas ali. —Então, você está bem?

Seu olhar se voltou para sua irmã mais nova, e ele pode notar o arranhão em sua bochecha. Ela mal parecia sentir aquilo.

—Sim.



—Quando vai começar? O tratamento?

—Essa semana, mas eu vou na faculdade hoje.

—Tem certeza que você não vai ter problemas?

Um suspiro saiu dos lábios dele enquanto seu corpo se recostava na porta já fechada. Problemas. Que tipo de problemas ele teria? Passar mal no meio de aula? Vomitar em alguém?

—Eu não sei, Aldine.

—Cadê o Timo?

—Faculdade.

—Eu também vou ter que passar por esse nível, não vou?

—Prova-velmente. Pe-lo menos vocês conseguiram se transferir também.

—Mamãe está aí?

—Veio te buscar, me levar pra aula, feito uma criança, e depois v-ai voltar para trabalhar.

—Sabe que ela sempre foi protetora. —Andrew assentiu tentando se afastar da porta apenas com um único movimento de seu corpo, mas ele pareceu pesar ainda mais. Sua mão o apoiou na porta o auxiliando a se afastar, e Aldine se recostou na poltrona ao notar aquilo. Ela podia se lembrar de quando Alan havia explicado para ela e Timothe o que o tumor causava. Helena ainda fez questão de ressaltar que quedas involuntárias poderiam ser frequentes, então tudo o que eles deviam fazer era tentar manter o seu irmão calmo, e eles também. —Mamãe e papai deveriam estar guardando dinheiro pra pagar o teu tratamento, mas eu...

—Dine, por favor...

Duas batidas o interromperam e Andrew abriu a porta, vendo sua mãe entrar no quarto os observando meio desconfiada.

—Já podemos ir, meninos.

—Já era hora.

Resmungou enquanto se levantava da poltrona, com a ajuda das muletas. Um sorriso surgiu em seu rosto ao notar que a sua mãe segurava a porta para que ela passasse. Talvez aquilo tudo não havia sido tão ruim assim.

Andrew estava feliz por Aldine ter saído do hospital e nada realmente grave ter acontecido com ela após o acidente, mas o dia já não havia começado de uma forma muito agradável, e pelo visto tudo só pioraria.

Seus olhos castanhos correram pelo local. O prédio era maior e mais antigo do que o da sua antiga faculdade, e talvez ela seria até melhor. Mas aquilo significava mais alunos, mais pessoas. Como ele suportaria aquilo? Ter que começar tudo de novo seria um inferno.

—Qual é a necessidade disso?

O garoto quase rosnou ao lado da sua mãe.

—Você ainda precisa estudar.

*Certo. Então qual é a necessidade de você estar aqui?*

—Se a se-nho-ra não percebeu, mãe, eu te-nho câncer.

—Agora você tem câncer? Pra dar uma de Jonah nervoso comigo você estava muito saudável. Agora pare de reclamar e entre.

Contra a sua vontade, Andrew entrou na sala cuja a porta tinha uma placa que dizia claramente "Coordenação".

—Bom dia.

Helena sorriu simpática para o homem que lhe parecia ser mais velho do que ela.

—Bom dia, Helena, certo? —Andrew sentou-se na cadeira em frente da

mesa e jogou a mochila no chão. —Sou Tomas, o coordenador de Engenharia da computação. —Falou em direção a Andrew com um simpático sorriso em seu rosto, mas ele ainda assim se mantinha sério. —E você é o Andrew?

*Não me diga.* O garoto ergueu rapidamente as sobrancelhas querendo lhe dar a resposta adequada. Mas Helena com toda certeza o reprenderia.

—Andrew não tem nenhum amigo aqui, então...

—Mãe.

Ele a interrompeu antes que sua mãe pedisse algo como monitoria ou algo que envolvesse ficar muito tempo andando por aí com alguém. Quando ela iria perceber que ele não estava mais na escola?

—Ganhou uma bolsa por mérito, e como pude ver tem ótimas notas, e dois estágios no currículo. Andrew, será ótimo ter você em uma de nossas salas de aula.

—Se vocês tiverem uma para deficientes.

Respondeu seco.

—Jonah!

E como ele esperava sua mãe o advertiu.

—Deficientes?

O homem a sua frente perguntou meio intrigado. Andrew não lhe parecia possuir nenhum tipo de deficiência.

—Ótimo. Não contou a ele.

—Jonah tem um tipo de tumor cerebral. —Helena resolveu ignorar o comentário do filho e explicou calmamente. O sorriso simpático sumiu no mesmo instante enquanto o coordenador encarava o garoto a sua frente. Tudo o que ele mais precisava. Olhar de pena. Sua mãe se ajeitou na cadeira meio incerta. —Não é maligno. É um câncer de grau II, não é tão agressivo e o

tratamento o ajuda. Eu quero que ele continue a ter uma vida normal.

Vida normal? Ele estava com câncer como poderia ter uma vida normal? E ela havia esquecido de mencionar o fato de que aquilo poderia deixar de ser "não agressivo" a qualquer momento.

—Entendo perfeitamente. Você só vai precisar me passar alguns tipos de recomendações, e você já pode ir para a sala, Andrew. Tem a sua grade não é?

—Sim. —Praticamente sussurrou recebendo o olhar de sua mãe. —Te vejo mais tarde, mãe.

—Me liga quando for para casa.

Andrew levantou da cadeira segurando sua mochila com força. Agora ela o levaria e buscaria todos os dias? O que estava pensando? Ele seria tratado como um inválido pelo literal resto de sua vida? A porta se fechou atrás dele, e ele pode ouvir no mesmo instante todos os ruídos vindos do corredor largo. Várias pessoas caminhavam, enquanto conversavam, riam e estudavam normalmente. Como se o que eles iriam fazer no futuro fosse o seu único problema. Como um dia ele fez, e como ele não conseguiria mais fazer. Seus pés caminharam em direção ao mural a alguns metros dele, enquanto o garoto tentava afastar aqueles pensamentos da cabeça. Seu dedo deslizou pelo papel grudado na placa de madeira a procura da sua próxima aula, orando para que não houvesse nenhuma. Mas ela estava lá. Daqui a dois minutos. Notou logo após de checar em seu celular. Ele não poderia fugir de qualquer forma.

Seu olhar voltou ao corredor, mas antes que iniciasse a sua caminhada em direção a sua sala, ele a viu. Seus cachos estavam presos dessa vez, e mesmo de longe ela lhe parecia tão abatida como naquele dia. A mesma garota que havia levado Aldine ao hospital, acabara de sair de uma das salas do lado esquerdo do corredor. Seus braços se cruzaram contra seu peito e ela fechou a porta suspirando. O que ela estava fazendo ali? Andrew implorou internamente para que ela não estudasse ali também. Quando seus olhos verdes o encontraram ele abriu a boca meio surpreso, como se tivesse sido pego no flagra. Ela estava meio atordoada naquele dia talvez não o reconhecesse. Mas quando ela começou a caminhar em sua direção ele notou

o quão errado ele estava. Andrew lhe deu as costas no mesmo segundo pronto para se livrar dela, e continuar anônimo naquele lugar. Até mesmo a dúvida que ele havia tido sobre como o acidente aconteceu havia acabado de sumir naquele segundo, ele só queria se livrar dela.

Julliet segurou forte a porta da sala se segurando para não xingar ali mesmo. Mas ela devia saber que faltar tanto lhe traria consequências. A única coisa que teria que fazer agora, era estudar e recuperar o tempo perdido. Era o que faria. Estudaria a noite, e nos intervalos do trabalho. Ela queria recuperar o seu pai, e para isso teria que recuperar a si mesma também.

Sua cabeça se ergueu e ela respirou fundo se sentindo um pouco mais encorajada, mas aquilo desapareceu em uma fração de segundo. Olhos surpresos a observavam não muito longe. Aquele olhar a fez lembrar de tudo novamente. Isaac se divertindo ao atropelar aquela garota, e o modo como ele a abandonou. Ela precisava saber o que havia acontecido.

Seus pés começaram a caminhar na direção do garoto, que estranhamente lhe deu as costas caminhando às pressas como se fugisse dela. Mas porque ele fugiria? Se havia sido ele que a recepcionou de uma forma totalmente rude, ao contrário de seu pai. Um grupo de cinco garotas, talvez, passou a sua frente à fazendo perdê-lo de vista por alguns segundos. Assim que conseguiu se desviar, Julliet o viu subir as escadas em direção ao segundo nível do prédio. Ela pode ver quando ele quase caiu em um dos degraus, a fazendo ganhar mais tempo. *Que tipo de idiota você é?* Perguntou a si mesma assim que conseguiu chegar as escadas. Julliet acelerou ainda mais o passo ao notar que ele havia diminuído. Talvez tivesse achado que ela havia desistido.

—Ei! —Gritou assim que o viu tentar abrir a porta de uma das salas. Seu olhar se ergueu na direção dela, e um sorriso se formou no rosto de Julliet. Ele não podia mais fugir. —Você é o irmão daquela garota. —Afirmou assim que parou a sua frente. Ele lhe parecia nervoso. Não. Aquele seu olhar ameaçador por trás dos óculos ainda estava ali, como no hospital. —Ela está bem? Por favor eu...

—De-via perguntar pra ela.

Sua voz rouca a interrompeu de uma forma grosseira, e ele abriu a porta

entrando na sala a deixando sem reação. Juliet leu a placa acima da porta que dizia claramente em letras brancas “Laboratório de informática” e olhou a sala rapidamente, repleta de computadores. O professor já estava ali, ela não podia simplesmente invadir.

—Idiota.

Resmungou contrariada se afastando da porta e se recostando na parede. Talvez, ela fosse a única idiota ali. Ele deveria estar pensando que a própria Juliet havia atropelado a irmã dele. Com certeza ele não a receberia bem se estivesse pensando naquilo, mas ela tinha que se explicar, mesmo que aquilo piorasse as coisas. Ao menos ele iria ter a verdade.

### **Agosto de 2013 – 13h27min**

Aqueles dias eram um tormento. A mistura caótica de sentimentos o deixava atordoado, assim como a constante falta deles. Era como viver em uma montanha russa, onde você esperava tortuosos momentos para chegar ao topo, e quando finalmente o alcançava, em segundos ele era levado ao mais fundo abismo no qual ele poderia imaginar. Como era árdua a tarefa de se manter estável. O pessimismo havia se tornado o seu melhor amigo. A dúvida, a ditadora de seus pensamentos. O desespero o seu animal de estimação. Por hora todos o gritavam ao mesmo tempo por atenção, em outras, eles resolviam o deixar em silêncio, fazendo a solidão achar a sua morada junto a ele. Nunca sabia distinguir quais eram os piores momentos dos dias. Se era quando ele apenas sentia dor, ou se quando ele não sentia nada. Mas, e aqueles momentos em que coisas boas surgiam? Eles poderiam existir? Ele podia afirmar que sim, porém eram momentâneos. Não importava o quão bom poderia ser. Um elogio, um sorriso de um estranho, um abraço de uma pessoa amada. Tudo era passageiro. Se sentia ingrato por aquilo acontecer. Infeliz por não conseguir segurar aqueles sentimentos positivos. Muitas vezes invejava quem conseguia estar bem, quem conseguia dizer o que sentia, ou até quem tinha alguém.

Todos os dias se perguntava o que havia feito de errado, e era tão inconstante, e incontrolável que a angústia sempre o atacava novamente. E o seu melhor amigo lhe jorrava uma cachoeira de hipóteses negativas: “não é o suficiente, todos desistirão de você, não está certo, não existe uma maneira

melhor, não há tempo”. O seu animal de estimação o alimentava, e a sua ditadora lhe torturava para que ele não fosse capaz de formular uma resposta.

Os seus três companheiros nunca batiam na porta antes de entrar, ou nunca deixavam recado antes de sair. Mas quando eles iam, ele se sentia um pouco mais forte, apesar da solidão se sentar ao seu lado. Sempre deixavam tudo uma bagunça, e no meio daquilo ele percebia que, podia arrumar tudo, e que a partir disso, finalmente as coisas poderiam ser organizadas da forma que ele precisava. Por alguns instantes, a solidão o segurava, o mantendo sentado, quieto, pensando no enorme vazio que ele possuía, mesmo tendo toda aquela bagunça aos seus pés. Mas então ele se lembrava dela, e de que ninguém além dele poderia arrumar tudo aquilo. E ele até tentava, conseguia arrumar uma grande parte, mas inconstantes como seus amigos eram, eles voltavam a lhe visitar, fazendo a solidão ir embora, e o deixar no meio da bagunça novamente.

Como agora.

*Inútil.*

Aquela palavra ecoava o tempo todo em sua cabeça.

*Fraco.*

Ele não podia fazer nada contra aquilo. As malditas lágrimas desceram incontrolavelmente de seus olhos. Andrew bateu forte contra a parede evitando olhar para o espelho mais uma vez. Seus lábios foram mordidos fortemente o fazendo reclamar internamente pela dor. Mas aquilo não era o pior dos seus problemas agora. Sua mão enxugou as lágrimas que desciam sem sua permissão. E agora ele podia enxergar perfeitamente. O pequeno frasco de seu remédio estava na beira da pia. Ele se lembrava bem das palavras do médico: *“Você vai precisar tomar o anticonvulsivo diariamente, caso contrário as consequências podem ser irreversíveis.”*

Irreversíveis.

Sem pensar duas vezes o frasco foi aberto com força por Andrew, e ele despejou todos os comprimidos que tinham ralo abaixo. A torneira foi aberta

e ele assistiu os pequenos pontos brancos descenderam junto a água. Seu olhar se voltou para a pia o permitindo ver fios de cabelo emaranhados próximo a sua mão. O seu cabelo.

Seu coração parecia querer explodir em seu peito. Aquilo era ódio? Ele nunca havia se sentido daquela forma. Sua mão recolheu os fios de uma forma agressiva o jogando no lixo ao lado da pia, e ele deixou o banheiro pra trás caminhando rapidamente pelo local, sem prestar atenção em nada ao seu redor.

Sua mão empurrou a porta pesada a sua frente e ele parou olhando em volta.

Finalmente. Talvez o silêncio da biblioteca o ajudaria. Suas coisas foram postas em uma das mesas de estudo e ele se sentou na mesma fechando os olhos por alguns segundos. Precisava se acalmar. Urgentemente.

Respirando fundo o garoto abriu a própria mochila tirando de lá seu notebook o ligando logo em seguida.

Haviam três garotas sentadas na mesa a sua esquerda, um garoto sentado na mesa a sua frente, todos concentrados em seus livros. Andrew podia sentir seus lábios totalmente secos novamente. Seus dedos se moveram pelo teclado do seu notebook sobre a mesa a sua frente, enquanto ele respirava fundo e tentava voltar não apenas fisicamente, porém mentalmente para o que ele estava fazendo. Agora ele mal sabia dizer se todo aquele silencio piorava ou o ajudava.

Como eles conseguiam não pensar em outras coisas além das pequenas letras impressas nas inúmeras páginas do objeto que seguravam? Porque aquela maldita biblioteca lhe parecia tão aterrorizante agora? Seus olhos castanhos voltaram a tela de seu computador que solicitava sua senha para iniciar.

Se mudar definitivamente era uma droga. Talvez se estivesse em casa, ele não iria precisar usar aquela maldita internet e nem precisaria estar ali. Seu dedo indicador foi em direção a uma das teclas numéricas pronto para digitar sua senha, mas seu dedo pareceu se perder apertando duas teclas ao mesmo



tempo.

*O que você está fazendo?* Perguntou a si mesmo tentando manter a calma. A segunda tentativa não foi nada bem-sucedida. Sua mão puxou a mochila ao seu lado mais uma vez tirando de lá desajeitadamente uma caneta do bolso menor. A última vez em que ele havia segurado uma daquelas, ele descobriu que tinha câncer.

—Vamos lá. —Sussurrou aproximando a caneta do teclado, finalmente conseguindo a tecla que ele queria. Um sorriso de canto surgiu em seu rosto e ele continuou lentamente, até sua mão simplesmente escorregar entre as teclas apertando diversas letras aleatórias. Uma raiva incontrolável tomou conta dele e um grito saiu de sua garganta chamando a atenção de todos que estavam ali. Vários olhares assustados se voltaram para ele, inclusive o da bibliotecária que se mantinha atrás do balcão.

O que ele tinha feito? Andrew fechou o notebook com força, puxando ele, e sua mochila da mesa de uma forma meio atrapalhada, se sentindo ainda pior. O que ele tinha feito? A caneta rolou pela mesa atingindo o chão, mas ele não iria se atrever a se abaixar e pegá-la. Talvez ele acabasse caindo se fizesse aquilo. Em passos largos, ele deixou a biblioteca para trás sendo assistido por todos que estavam ali.

Porque ele fez aquilo? Como havia perdido o controle de tudo tão fácil? Eles deviam estar o achando um louco agora. Sabia que aquilo não seria uma boa ideia. O que estava pensando? O que sua mãe estava pensando quando achou que ele poderia ter como ela havia dito, “uma vida normal”? Ele nunca teria aquilo.

Sua mão empurrou desajeitadamente a porta de uma das salas do corredor ao notar que estava vazia. Ele ainda teria acesso a internet do campus ali. Suas coisas foram postas na mesa espaçosa em frente as diversas cadeiras que formavam um círculo ao redor da sala. A última aula deveria ter sido um debate ou algo do tipo, mas ele não estava muito interessado naquilo. Assim que se sentou na cadeira ele abriu novamente o seu computador digitando a sua longa senha cuidadosamente com o indicador não querendo errar nenhum caractere. Porque ele conseguia agora?

Seu olhar se ergueu em direção a porta da sala fechada se certificando de que não havia ninguém por ali.

Em menos de segundos ele estava encarando a tela do seu computador novamente. Aquilo não poderia continuar daquela forma. Ele havia passado meses o ignorando, mas ele não podia deixar aquilo passar despercebido.

“Já estava na hora.”

“Achei que ele tivesse desistido.”

“Desistido? A Bills foi apenas o início.”

Andrew lia todos aqueles comentários se sentindo ainda mais encurralado. Até que viu novamente a foto entre o fundo preto da página. Um pedaço de papel com um x meio rabiscado colado na tela de um dos caixas eletrônicos.

*Quem é você?*

Seu dedo se moveu pelo touchpad e ele olhou mais uma vez ao redor se certificando de que ninguém estava ali. Talvez estivesse ficando paranoico.

**ajoker** porque você fez isso?

Digitou calmamente esperando que sua resposta aparecesse.

No mesmo segundo Nataniel viu as pequenas letras cinzas e amarelas surgirem na pequena janela preta aberta em seu monitor. *De novo não.* Resmungou internamente, mesmo sabendo que estava sozinho ali. Mas o que estava escrito o chamou atenção. Ajoker. Ele havia conseguido? Ou aquela rara aparição era apenas para te dar um aviso como da última vez? Ele ainda se lembrava daquele maldito x em sua tela.

**ajoker** porque você fez isso?

Então ele sabia.

Seus dedos se moveram rapidamente digitando sua resposta.

**silv3erfox** continuei o seu trabalho.

Natan enviou a mensagem se sentindo meio eufórico, mas ao mesmo tempo amedrontado. E se não fosse ele? E se estivesse caindo em uma armadilha? Não demorou muito para a sua resposta surgir.

**ajoker** a maioria dos idiotas costumam se denominar jokers. você não, porque?

—Quem você acha que é?

Gritou para o computador como se o próprio AJoker estivesse ali. Que idiota. Mas ele precisava se acalmar. Precisava da ajuda dele e não de todos os cartões de crédito que o próprio Natan havia roubado na porta da polícia.

**silv3erfox** precisava chamar a sua atenção

Ele parecia desesperado demais? Mas ele estava. Só precisava acreditar na ideia que o seu desespero iria convencer seja lá quem fosse aquela pessoa a lhe ajudar.

**ajoker** me diga porque eu deveria te dar atenção?

*Para tirar o meu irmão da cadeia.* Ele nunca poderia falar aquilo daquela forma.

**silv3erfox** eu preciso da sua ajuda

**ajoker** para?

Natan engoliu em seco tentando se acalmar. O que ele faria? O entregaria como ele fez com vários outros hackers?

Traidor. Ele não sabia de nada. Achava que era o dono da razão com aquelas ideias comunistas ridículas, quando na verdade ele não fazia ideia do que havia lá fora.

Era literalmente tudo ou nada. Se conseguisse a ajuda dele, Chris estaria fora da prisão. Do contrário, ele iria fazer companhia ao seu irmão. Mas o

que ele estava fazendo? Pedindo ajuda para um maldito *black hat* que deveria ser um idiota privilegiado se achando no direito de “usar a sua voz”. Mas era a sua única chance.

**silv3erfox** encontrar a liberdade

Chamada de voz - Mãe

Andrew respirou fundo e olhou mais uma vez ao redor após ler a identificação de chamada no celular. O que ela queria?

—Oi.

“Estou aqui há mais de 10 minutos te esperando.”

—Me espe-rando? Onde?

“Em frente a faculdade, Jonah. Esqueceu de mim?”

Sim. Ele tinha.

—Eu já tô indo.

Desligou a ligação rapidamente e o computador logo depois.

“Encontrar a liberdade.” O que aquilo queria dizer? Ele queria roubar um cartão de crédito de algum bilionário e dar uma de Robin Hood?

Andrew suspirou encarando a calçada a alguns metros dele. Havia o que lhe parecia ser um pequeno restaurante do outro lado. O toldo vermelho e branco estava abaixo do letreiro que devia brilhar em neon a noite.

"Bennyour". Talvez eles tenham internet. Sua mão segurou ainda mais forte a mochila, pensando se aquilo seria uma boa ideia ou não. Quando estava prestes a pegar o seu celular e checar o que ele queria uma mulher baixinha parou a sua frente.

—Vamos.

*De onde a senhora surgiu?*

—Pra onde?

—Hospital. Esqueceu?

Hospital. Ele tinha razão sobre aquele lugar ser futuramente parte de sua rotina. E pelo visto aquilo estava começando. Aquela havia sido a terceira vez que ele estava ali naquela semana, talvez. Não queria numerar, e precisar lembrar mais ainda o quanto aquilo seria frequente. Pelo lado bom, Helena havia conseguido trabalho ali mesmo como enfermeira, e não precisava ficar faltando ao trabalho por horas só para acompanhá-lo durante o tratamento. Apesar de sua mãe sempre querer ficar com ele em casa após acabar, mesmo ele insistindo que não havia sentido nada demais. Aquilo só o fazia se sentir ainda pior. Talvez a radioterapia não o afetasse tanto quanto ele achou que faria. Ou ao menos ele achou que não.

**Junho de 2015 – 17h30min**

—O que acha que está fazendo?

A voz da sua irmã ecoou novamente no quarto o fazendo revirar os olhos de raiva. Timo já estava cansado de ouvir aquela pergunta. Seus braços se cruzaram contra o peito e ele se recostou na parede encarando a irmã a sua frente. Aldine o encarava sem descanso como se realmente esperasse por uma resposta dele.

—O que é certo.

Quem ele acha que é? A garota já estava perdendo a paciência com tudo aquilo.

—Certo? Acha mesmo que ficar parado vai ajudar em alguma coisa?

—Não quero trazer mais problemas pra ninguém.

—Mas é o que vai trazer. Você é muito burro.

—Estou sendo burro porque escolhi ir por um caminho diferente?

—Maldita hora em que você se meteu nisso.

—Então porque você mesma não faz?

—Sabe porquê.

Timo observou sua irmã por alguns instantes, tentando entender tudo aquilo, tentando entendê-la.

—Porque fez isso? Porque...

—Isso não vem ao caso agora.

—Eu só não consigo engolir isso.

—Engolir o que? Você precisa crescer.

Timothe deixou uma risada incrédula sair de seus lábios ao ouvir aquilo. Sua irmã poderia ser terrivelmente irritante quando queria.

—Então eu preciso crescer? Você devia parar com isso!

—Cala a boca. Você não sabe de nada!

Seus braços se descruzaram e ele se afastou da parede ao ouvir sua irmã praticamente gritar a sua frente.

—Eu só estou tentando te...

—Proteger? —Ele podia notar a raiva em seu olhar, e se perguntava se aquele modo de defesa era realmente necessário. —Acha mesmo que eu preciso da sua proteção?

—Ei... —Uma terceira voz ecoou no quarto e Aldine se desarmou no mesmo instante. Andrew apareceu no corredor e sua mão o apoiou na parede o auxiliando a continuar. —O que es-tá acontecendo?

O olhar de Timo foi até a sua irmã, e ela entendeu no mesmo instante o que ele queria dizer. Aquilo a fez se sentir mal por alguns segundos.

—Andrew, deveria estar sentado.

—Eu posso andar. —Resmungou desviando o olhar para a irmã, que engoliu em seco ao encará-lo novamente. Ele estava diferente. O cabelo havia caído completamente, até em sua sobrancelha faltavam vários fios o deixando com a aparência ainda mais abatida. Ele vestia um gorro, mas ainda assim sentia um aperto no peito ao vê-lo daquela forma. Ainda mais depois daquilo. Seus olhos castanhos se desviaram dele, e encararam o chão ao lembrar que ele odiava aquele tipo de olhar. —Estão bri-gando de novo?

—Não foi nada. —Aldine respondeu puxando sua mochila da cama. — Eu vou saindo.

Antes mesmo que Andrew conseguisse extrair algum som de sua garganta, Aldine saiu do quarto os deixando sozinhos. O que havia acontecido? Ela estava daquela forma por causa dele, ou pela briga com Timothe? Andrew sabia como eles costumavam brigar rotineiramente.

—Andrew? —A voz de seu pai ecoou o chamando atenção. Alan saia de seu quarto e foi em sua direção meio aflito. —Tudo bem?

—Es-tou, pai.

—É melhor ir pra cama.

Timo sugeriu o fazendo arfar. Não era como se ele fosse se desmanchar por ficar em pé. Sua língua umedeceu, ou tentou umedecer seus lábios, mas foi em vão, sua boca estava completamente seca. Um sorriso meio amargo se formou em seu rosto. E em pensar que ele achou que as coisas poderiam melhorar. A mão de Timothe segurou a sua firmemente o guiando até a cama. Andrew queria rejeitar aquilo, mas a fraqueza lhe atingia ao ponto de não deixá-lo reclamar.

—Eu es-tava, vendo TV, o filme esta-va no final.

Falou pausadamente fazendo o irmão mais novo rir, junto ao pai.

—Pode ver no computador.

—Certo. —Se sentou na cama tentando segurar o que sentia. Não podia chorar por algo assim. Deveria ter previsto que fazer radio e quimioterapia ao mesmo tempo iria o atingir ainda mais. —Eu es-tou bem.

—Quer água? —Andrew negou se arrastando em sua cama, até poder recostar na parede. Alan suspirou sabendo que aquilo era mentira. Podia ver o quão seco estavam seus lábios, e ele com toda certeza havia negado por achar que estava atrapalhando, como sempre. —Estou aqui pra te ajudar, sabe disso não é?

Os olhos castanhos claros de seu filho mais velho se ergueram em sua direção por cima de seus óculos, meio úmidos pelas lágrimas que começavam a querer cair de seus olhos, mas ele parecia tentar impedir aquilo. Seu pai estava certo. E ele havia pedido demissão do trabalho para estar ali com ele.

—Sei. —Respondeu respirando fundo engolindo as próprias lágrimas. —Timo e Aldine es-tavam bri-gando.

—Brigando?

—Não foi uma briga pai, não dá ouvidos a ele.

Andrew deixou um riso rápido escapar, fazendo seu irmão sorrir ao vê-lo daquela forma.

—Eu espero que não.

—É melhor descansar. Vai para o hospital amanhã também?

—Não, Timothe. Foi a última da semana.

—Que bom, você pode dormir mais.

—Tal-vez. —Respondeu sorrindo. —Eu com-prei um jogo semana passada sabia? Pra vo-cê é claro, eu não posso con-trolar os meus dedos.

Finalizou rindo e Timo se sentou ao seu lado sorrindo rapidamente, logo após o seu pai deixar o quarto.



—Obrigado. Assim é melhor, odeio quando você ganha de mim.

—Acontecia sempre.

—Sabe que eu sempre deixei isso acontecer, não é? —Andrew lhe lançou uma careta de desaprovação. —E isso ainda vai acontecer várias vezes.

—Vo-cê acha?

—É claro. Tenho certeza. Essa coisa na sua cabeça vai sumir, e você vai ficar bom logo.

—Não te-nho tan-ta certeza disso. Você pode, por favor, pegar o notebook pra mim?

—Eu tenho. —Se virou em direção a escrivaninha pegando de lá o que o irmão havia lhe pedido o entregando logo depois. —Ainda trabalhando no projeto?

—Eu não posso parar. Não agora.

—Ainda falta muito?

—Não.

Sua mão se ergueu em direção a seu rosto e seus dedos fechados se arrastaram por sua bochecha até achar a armação de seus óculos a ajeitando corretamente em seu rosto. Aquele havia sido o jeito que ele encontrou de fazer aquilo, sem manchar as lentes com suas digitais como ele tanto odiava. Dizia que não queria ver mais coisas que não deveriam existir na sua frente. O mundo já estava cheio delas.

Duas batidas abafadas seguida pelo chamado de seu pai fizeram Timo se levantar da cama e deixar o quarto para trás. Em passos largos ele se dirigiu até a porta abrindo a mesma, podendo ver Juliet a sua frente. Usava vestido hoje, que mais lhe parecia uma camisa masculina nela. Seus cachos estavam soltos e ela segurava uma mochila na frente do corpo com um sorriso acanhado em seu rosto.

—Ei! —Julliet lhe deu um rápido abraço assim que entrou em casa. — Tudo bem?

—Bem, eu acho.

—Alan.

Falou acenando assim que o viu na cozinha.

—Julliet! Como está o trabalho?

—Ótimo, na verdade, obrigada. Ele já chegou?

—Está no quarto.

Timo respondeu fechando a porta logo depois. Julliet sumiu pelo corredor, e ele foi em direção ao sofá recolhendo o controle que estava no mesmo, e desligando a TV logo depois. O filme que Andrew estava assistindo já estava nos créditos finais. As inúmeras letras subiam na tela sem parar e o fizeram deixar um sorriso escapar. Se o seu irmão aparecesse ali agora certamente estaria reclamando por ter perdido o resto do filme. A televisão foi desligada e ele foi em direção ao corredor pronto para pegar o seu celular no quarto.

“Seus lábios estão secos.”

A voz de Julliet ecoou do quarto o fazendo parar.

“Mas tenho certeza que nem isso torna o meu beijo ruim.”

O riso de ambos foi escutado por Timo que seguiu em frente entrando no quarto. O olhar de Julliet e de seu irmão que estavam sentados na cama, foram em direção ao mais novo, e ele foi até o beliche puxando o celular que estava na cama de cima.

—Eu vou deixar vocês sozinhos, tenho certeza que é isso o que vocês querem.

—Quem te disse isso?

Julliet perguntou assim que o mais novo parou a frente deles.

—E-u disse.

Andrew recostou a cabeça no ombro de sua namorada, a fazendo rir.

—Não escuta ele.

—Eu sabia. Aproveita que a Julliet tá aqui, e pede pra ela procurar o filme que você tava vendo.

—Es-tava no final. Ele e a Di-ne não me dei-xaram ver o resto.

Reclamou fazendo o irmão notar as pausas excessivas que Andrew fazia para poder continuar falando, e quando conseguia, perdia tempo preso em alguma letra. Estava piorando, mas ele não iria comentar nada sobre aquilo, não queria fazê-lo se sentir pior.

—Não me culpe, ela é insuportável.

—Sei. So-me daqui.

—Sei que quer se livrar de mim. Cuida bem dele, Julliet.

—Vou cuidar.

Timothe saiu do quarto indo até a sala se jogando no sofá, pensando no que iria fazer. E tinha certeza que aquela era a decisão certa. Seu olhar foi rapidamente ao seu pai que parecia ocupado na cozinha. Sua mão ergueu o seu celular na altura de seu rosto o possibilitando de digitar uma mensagem:

“O que eu preciso fazer?”

### **Outubro de 2013 – 10h46min**

Sua mão empurrou a porta com dificuldade o permitindo entrar no local. Ainda estava exatamente como antes, e agora ele se perguntava como Natan conseguia ficar no meio de toda aquela poeira.

—Tem, que come-çar a trancar as portas.

Andrew caminhou em direção a Natan e se apoiou no balcão notando a surpresa do outro que estava sentado em uma cadeira confortável em frente aos computadores.

—Você é único que sabe que eu estou aqui.

—Ainda assim.

Ele estava ali. De novo. Por mais que ainda fosse estranho para Natan, sabia que ele não estava mentindo. Andrew havia o achado, e agora estava disposto a ajudá-lo. Mas a que preço?

—Achei que tinha desistido.

—Por-que desistiria?

—Eu não sei, isso não é muito você. Não é o estilo do AJoker original ao menos.

Ele tinha razão. Mas aquela era uma situação diferente. Andrew só não sabia o quanto ele iria contar.

—Opiniões podem mudar.

—Isso não é só uma opinião e você sabe disso. Você não dava atenção pra ninguém, e agora revela sua identidade pra mim.

O que elealaria? Sabia que aquela dúvida iria surgir, afinal ele nunca havia sido o tipo de hacker que dedicava horas em trocas de mensagens com outros hackers, ou o que se dedicava a competições de quem consegue invadir os sistemas mais seguros que existem. Era daquela forma que eles o conheciam. Quando Natan, usando o *nickname* de silv3rfox tentou vender mercadoria roubada ele o impediu, e o garoto recebeu nada mais do que um símbolo pixelizado de um coringa. E ele achou que aquela besteira não chamaria atenção de ninguém. Quando o grupo de hackers que se intitulavam Jokers invadiram o servidor de uma empresa de cosméticos que continuava a fazer testes em animais, eles simplesmente receberam o x como resposta.

Aquilo queria dizer “muito bom, continuem”. Como alguns hackers que realizavam ataques e deixavam a marca que o AJoker usava na invasão. Mas era somente aquilo. Nada mais. AJoker havia surgido do nada, e continuava surgindo do nada a cada ataque. Ele era um mistério até para os próprios hackers que o seguiam, e que o odiavam.

—Eu tenho uma ideia. —Finalmente falou ganhando ainda mais a atenção do outro. —Eu te ajudo, e você não pergunta.

—Ótimo. —Resmungou olhando a tela de seu computador rapidamente. Natan já havia tentando procurar algo sobre Andrew na internet. Havia achado um perfil do Facebook que ele não usava a mais de um ano, e com menos de 100 amigos. Ele provavelmente apenas tinha criado o perfil para dizer que o tinha. Para não ser um completo fantasma. —Você pensou em algo?

—Precisamos entrar de alguma forma.

—*Phishing*. Você tem *malwares* escritos, eu sei. E ótimos. Conseguiu invadir a tal Bills com isso. Porque não podemos usá-los?

—Precisamos analisar as opções.

—Então o que?

—E-u não posso ir até lá, você vai ter que ir e analisar o protocolo da rede.

Ir até lá? Natan se lembrava muito bem do aviso de Chris. “Fique longe, ou eles podem suspeitar de algo.”

—O meu irmão não me quer lá.

—Se quiser liber-tar ele, pre-cisa fazer isso.

—Deveríamos tentar *phishing*.

Porque ele queria evitar tanto ir até lá? Andrew o observou por alguns segundos tentando entende-lo. Ele estava naquele restaurante velho em uma

rua deserta na qual ninguém deveria lembrar que existia. Escondido.

Natan estava se escondendo. Provavelmente estava na hora que a polícia chegou e fugiu. Seu irmão devia se recusar a entregar quem estava com ele durante o assalto e o obrigou a se esconder. Talvez ele nem saiba onde. Talvez ele esteja foragido.

—Po-demos tentar con-seguir as informações, de... —Quem seria mais viável? —Eu não sei, quem tra-balhe diretamente para o diretor do presídio. Hackeamos o e-mail, analisamos alguns padrões e enviamos o *exploit*.

—Pode ter alguma coisa no e-mail.

—E-u duvido. E precisamos de acesso ao servidor do presídio.

—Tudo bem. Está certo. Então vamos supor que invasão seja pela rede.

—Eles com certeza tem uma WPA2.

—É quase impossível de hackear.

—Na-da é impossível de hackear, só é complicado.

E quanto tempo custaria aquele complicado? Ele iria fazer daquilo um desafio e ver até onde ele podia chegar? E se fosse só aquilo para ele? Na visita anterior, Andrew havia dito que não tinha muito o que fazer. No início, Natan achou que era apenas por desdém, mas agora ele tinha suas dúvidas.

Esqueça. Ele precisava de ajuda.

—Então quer entrar pelo Wi-Fi.

—Se não conseguirmos invadir, poderíamos usar uma caixa. Você teria que fazer uma.

—Hardware não é a minha.

—Vai pre-cisar aprender, eu não posso.

Ele já estava ficando de saco cheio daquilo.

—Porque não?

—Simples-mente não posso.

Natan respirou fundo tentando se acalmar.

—Como vou confiar em você se não confia em mim?

—Não é isso.

—Então o que?

—Eu tenho um pro-ble-ma, nas mãos. Quer dizer, afeta minha coordenação. Não posso.

Parecia improvável. Mas qual seria a outra razão de ele não querer fazer? Impressões digitais?

—Temos a caixa. Como vamos entrar com ela?

—Esse é o problema. Se você for visitar ele, vão te revistar.

—Como eu disse, *pishing*.

Eles não tinham outra escolha, tinham?

—Vamos pensar em como usar a caixa.

Natan arfou se recostando em sua cadeira ao ouvir aquilo. Será que ele não enxergava o quanto aquela ideia era estúpida?

—Merda.

—Te disse que precisaríamos de alguém do la-do de dentro.

—Eu não conheço ninguém.

—Mas va-mos conhecer. Todo mundo tem segredos, eles acham que estão se-guros mas não estão. Não existe se-gurança. Vo-cê vai fazer o que sabe fazer. Precisa identificar um policial. Siga ele, descubra onde ele vai nas horas vagas, use uma rede de wi-fi idêntica a que ele tiver usando e sequestre o celular dele.

—*Evil Twin*. Ainda preciso da caixa pra isso.

—Eu te ensino, não é um pro-blema. Você vai ter acesso ao celular, com tudo. Ache o que for necessário, descubra tudo sobre a vida dele, e ve-ja o que ele tem. Vamos escolher entre suborno e chantagem.

—Suborno?

—Nós vamos ter algo por ele agora, e contra ele futuramente.

Um sorriso se formou no rosto de Natan ao entender o que ele tinha em mente.

—Qualquer coisa que precisarmos ele vai ter que fazer.

—Exato.

—Certo.

—Seja cuidadoso. Sabe criar uma rede gêmea, não sabe?

—Não totalmente.

Andrew arfou tentando não acreditar naquilo. O que ele estava fazendo ali?

—Mas que merda, você é um *script kiddie* ou algo parecido?

—Eu não... Eu só preciso de ajuda.

—Ok. Eu posso fazer isso. Nada pode dar errado.

—Eu sei. Acredite.



—Eu falo com você. Vou pensar no resto.

Obrigado. Era aquilo que ele queria dizer. Mas era cedo demais para aquilo. Natan observou Andrew sair do restaurante o deixando sozinho. Estava perto. Tão perto. Ele finalmente iria conseguir libertar o irmão.

### **Fevereiro de 2010 – 11h23min**

Ele ainda se lembrava de quando tudo era mais fácil. Quando ele não precisava suportar tudo aquilo. Se arrependia por não ter juntado as suas coisas e ido com o seu irmão naquele dia. E não havia sido por falta de aviso, ou porque ele o deixou. Chris pareceu não se abalar quando Ana o gritou para que ele saísse de sua casa, afirmando que não iria abrigar uma pessoa que era capaz de trair o próprio pai. Ele ainda se perguntava o porquê de Chris ter sido o único expulso de casa, se afinal ele havia ajudado o irmão a internar o pai. O que ela pensou? “Ele é muito novo para ser expulso?” ou “Ele provavelmente agiu por influência do mais velho!”. Ou talvez ela realmente nunca havia gostado de seu meio irmão e apenas achou uma desculpa plausível para se livrar dele. Seja lá o que fosse, ele se lamentava por ter passado pela cabeça de sua mãe, e por achar que ela não deveria ficar sozinha.

“Eu não quero saber de nada disso!” A voz alterada da sua mãe ecoou mais uma vez o fazendo suspirar. “Eu só...” Ela devia saber que aquilo não adiantava. “Não me interessa!”

—Mas que droga.

O garoto resmungou pousando as mãos no teclado de seu notebook e olhando o corredor que terminava na cozinha a sua frente.

O som do telefone sendo fortemente desligado foi escutado por ele seguido de passos largos e apressados. A imagem de sua mãe surgiu no corredor enquanto ela se aproximava o encarando com raiva. Para a sua surpresa, uma mão pesada empurrou a tela de seu notebook o fechando violentamente. Por sorte ele havia conseguido afastar seus dedos a tempo.

—O que está fazendo?

Perguntou assustado.

—O que você fez? —Devolveu a pergunta com raiva. Iria começar, tudo de novo. Talvez aquele havia sido o motivo de ela não ter lhe expulsado. Ela precisava de alguém para descarregar toda a sua raiva e frustração durante o dia. —Faça alguma coisa. —Apontou o computador fechado sobre a mesa. —Faça alguma coisa e tire o seu pai daquele lugar!

Natan se recostou na cadeira quase não acreditando naquelas palavras e a forma como ela as cuspiu sem nenhuma restrição. Daquele lugar. Talvez ela estivesse louca também. Ainda se lembrava de todos as alucinações que o pai tinha por aquela casa. Ele nunca mais havia sido o mesmo depois que o restaurante fechou e a família faliu. Eles não aguentavam mais. Chris, o seu irmão mais velho teve a ideia de interná-lo, mas a sua mãe não aceitou, é claro. Mesmo quando o seu próprio marido aceitou a internação. Ela ainda culpava o filho e o enteado por aquilo, e havia expulsado Chris de casa por trair a sua família e tratar o seu pai como um saco de lixo, como ela havia dito. Ela também já não estava muito bem desde que o restaurante havia fechado, afinal era uma herança da família, e tudo aquilo só piorou.

—Ele está lá porque precisa...

—Estar em um manicômio?

Disparou antes mesmo que ele pudesse continuar.

—É uma clínica, droga! E ele está lá porque não está bem.

—Você...—Gritou apontando seu dedo indicador que tremia em direção ao filho. —E o ingrato do seu irmão acham isso. Vocês! Ele está bem!

—Não está, mãe! Pare de delirar e aceite isso!

—Delirar? — A mão dela foi em direção ao garoto lhe dando um forte tapa em sua cabeça o deixando perplexo. —Você interna o seu pai e ainda fica o dia todo feito um inútil, nesse maldito computador, então levante e vá trabalhar!

—Eu estava trabalhando! —Dessa vez ele gritou batendo suas mãos contra a mesa, levantando podendo olhá-la nos olhos. Ele não podia mais suportar aquilo. Será que ela era cega? Louca? Ou só estava ignorando o que estava acontecendo? —Quem você acha que está pagando aquela maldita clínica?

—Aposto que não é você!

—E nem você! Devia ir trabalhar em vez de ficar zanzando pela casa feito uma louca!

*Louca?* Ana balançou a cabeça rapidamente tentando tirar aquela palavra de sua cabeça. O que ele estava pensando? Seus olhos castanhos encararam o garoto a sua frente com ainda mais raiva.

—O que acha que eu vou fazer naquele maldito restaurante? E com todas essas malditas roupas que chegam aqui em casa, e com toda a comida que eu faço pra essa gente!

Natan arregalou os olhos e apertou os punhos tentando manter a calma, mas era difícil.

—A porra do restaurante fechou, mãe! Há anos! Pare de ir naquele lugar, as pessoas nem lembram que aquilo existe!

—Não é do Giorginni que estou falando, mas o seu pai, se lembra!

—Pelo amor de Deus! Pare com isso! Ele quis ir pra lá!

—Você e o Christopher convenceram ele a ir, colocaram essa maldita ideia na cabeça dele.

—É mentira, ele sabia que não estava bem, você é a única pessoa que não aceita isso!

—Vocês são dois ingratos, e você é um inútil!

—Então porque não me expulsa também como fez com o Chris, sua louca? —Foi rápido. Em segundos Natan viu seu notebook ser arremessado em direção a cozinha o fazendo congelar. Havia aberto pelo impacto, e ele

pode ver a tela totalmente estilhaçada. *O que você fez?* Era com aquilo que ele estava conseguindo manter o seu pai, ajudar o Chris, e até a própria Ana. *O que você fez?* Seu olhar foi a sua mãe que o olhava com tanta raiva que ele sabia o que viria depois. Mas mesmo assim ele não se conteve. —Viu? Eu estou certo, você é uma louca! Você que devia estar em um manicômio...

Ele não conseguiu terminar. A força de duas mãos o empurrou pelo peito fazendo o garoto cair de costas no chão. Suas costas, cotovelos e cabeça doíam o deixando tonto.

—Louca? —Gritou o olhando de cima. —Eu sou louca? Eles tiraram tudo de mim! Vocês tiraram tudo de mim!

—Você foi a única que fez isso! —O garoto tentou se erguer, mas um forte tapa em sua testa o fez cair novamente. —Você é uma maluca, e ingrata!

—Ingrata?

Perguntou indignada observando seu filho conseguir se erguer. Quando o garoto estava de costas sua mão se esticou desesperadamente em direção a sua camisa vermelha o puxando pelo tecido tentando fazê-lo ficar.

—Me deixa em paz!

—Volte aqui, e me escute!

—Eu não vou escutar os seus malditos delírios! Eu vou embora. —Virou-se conseguido se soltar para o seu desespero imediato. —Eu vou embora, e você nunca mais vai me ver, vai ficar aqui sozinha como você merece!

—Nataniel!

Ignorando o seu olhar aflito ele correu em direção ao seu quarto fechando a mesma com uma força enorme. Nem as batidas da sua mãe o impediu. Natan juntou algumas roupas em sua mochila, puxou o seu celular do armário ao lado de sua cama, e abriu a última gaveta com uma pequena chave em seu bolso. Sua mão agarrou inúmeras mídias de cds, pen drives e dois hds

externos junto a alguns cabos que estavam ali, os jogando no chão. Sua mãe o chamou mais uma vez, e ele puxou uma sacola de baixo da cama tentando ignorar os seus gritos. Ela não iria desistir? Em segundos, Natan colocou suas coisas na sacola e puxou a mochila do chão indo em direção a janela. Assim que abriu a mesma, o garoto jogou o que carregava para fora podendo ver um homem que passava pela calçada e o olhou como se ele fosse louco. Se ele saísse dali, seria bem mais fácil evitá-la, mas ele ainda precisava do maldito computador. Praticamente correndo em direção a porta, ele abriu a mesma podendo ver sua mãe com os olhos arregalados como se esperasse que ele falasse algo. *É sua culpa.*

—Nataniel, você não pode ir.

Sem se importar com as suas palavras ele se desviou dela, indo em direção a cozinha. Suas mãos se abaixaram em direção ao computador e ele o recolheu sem tentar identificar os danos. Ele não queria sentir ainda mais raiva. Em passos rápidos ele foi até a sala, se desviando e ignorando sua mãe chamá-lo. Não iria mais suportar aquilo. Ele não precisava. Iria achar outro lugar e continuar a fazer o que precisava ser feito.

—Natan! —A porta da frente foi aberta e ele saiu indo em direção a janela de seu quarto. A sacola e sua mochila estavam jogadas no chão. — Você não vai fazer isso!

—Você se importa? —Perguntou recolhendo o celular do bolso e discando rapidamente uma sequência de números. Ele não viu quando, mas Ana se aproximou dele o puxando pelo braço para que ele voltasse. —Me deixa em paz!

“Natan?”

A voz de seu irmão ecoou no outro lado da linha o fazendo se sentir aliviado.

—Nataniel!

—Me deixa, mãe!

“Natan, o que está acontecendo?”

—Onde você está?

Perguntou puxando o braço de sua mãe a deixando confusa.

—Você, seu ingrato, inútil e manipulador!

—Inútil? Andei ajudando você com essa maldita casa todo esse tempo!

“Nataniel?”

Chris o chamou mais uma vez, e o garoto fechou os olhos puxando a sacola e a mochila deixando sua mãe para trás.

—Ela é uma ingrata, não eu.

“Brigaram de novo?”

De novo.

Natan respirou fundo caminhando apressadamente pela calçada evitando olhar para trás.

—Eu posso ficar com você?

“Está saindo de casa?”

—Estou.

“Vai pra quadra, eu vou te buscar.”

A quadra era um grande campo público de futebol de concreto mal pintado de azul e branco. Eles iam ali sempre para jogar alguma coisa quando Chris aparecia na saída da escola de Natan. Eles continuaram a jogar depois que ele acabou a escola, mesmo depois que vários amigos deles foram embora, ou simplesmente pararam de frequentar a quadra. Natan se sentou na arquibancada e olhou alguns garotos jogando futebol aos gritos. Sentia falta daquilo. Quando ele apenas se importava com fazer mais pontos do que Chris

para tirar o maldito sorriso de seu rosto.

—Eu te disse. Devia vir comigo desde o dia em que ela me colocou pra fora.

A voz de seu irmão ecoou atrás dele junto ao som de um grito de um dos garotos da quadra a sua frente. Natan suspirou e se recostou no degrau gelado em suas costas.

—Ia ser pior.

—Pior? —Seu olhar se desviou para o irmão mais velho que acabara de se sentar ao seu lado. Chris o olhava com uma careta sem acreditar naquele comentário. Seu cabelo preto estava menor. Mas ele ainda se parecia com Natan. O mesmo maxilar largo que pertencia ao seu pai, e os olhos apertados que lhe davam a impressão de que eles sempre estavam com sono.—Pior do que ser o saco de pancada dela?

—Eu não sei, Chris, achei que ela podia mudar de ideia. Eu só, eu me arrisco todos os dias pra conseguir pagar a clínica do papai e é isso o que ela faz?

Perguntou apertando o computador quebrado em sua mão. E só naquele momento Chris notou o estado daquilo. Que merda ela tinha feito?

—Foi ela?

Apontou o computador fazendo Natan encarar a quadra a sua frente.

—Sim.

—Você pode ficar comigo no meu apartamento. Só vai ter que dormir na sala.

—Eu não me importo.

—Se tivesse vindo comigo eu alugaria um de dois quartos.

—Não enche, Christopher. —Ele devia estar realmente chateado. Natan

achava mesmo que Ana se convenceria?—Porque ela fez isso?

Sua voz saiu mais falha do que ele imaginou. Sua garganta parecia estar se fechando cada vez mais.

—Você precisa saber de uma coisa, Natan. As pessoas vão te ferrar, é a única certeza que temos nessa vida, além da morte. —Começou finalmente tendo a atenção do irmão mais novo novamente. —Porque é isso o que elas fazem, ferra você e depois saem andando como se nada tivesse acontecido, como você não importasse. Como se a sua vida não fosse nada. Como se você não sentisse nada. —Natan assistiu seu irmão encarar a quadra a sua frente como se estivesse longe. O que ele estava dizendo? —Porque não é nada. Não importa pra eles, quem sentiu a dor foi você, não eles.

Aquela era uma maneira tão negativa de encarar as coisas.

—Como eu vivo com isso?

Chris se levantou puxando a mochila de Natan do chão pronto para ir embora dali.

—Não seja como eles.

### **Setembro de 2013 – 13h45min**

Era normal não saber exatamente como se sentir? Quer dizer, quando você mal tem tempo para pensar acaba sendo trabalhoso até tentar definir entre estar bem ou não. Mas aquilo tinha um lado bom, ela sabia. Apesar de se sentir cansada, ela não carregava mais a sensação de estar perdendo tempo como sempre sentia. Zac parecia estar tentando se esforçar. É claro que ainda não havia parado de beber completamente, mas ao menos estava conseguindo manter o emprego. Ou talvez ela estivesse muito ocupada para perceber o pior.

Juliet retirou o copo descartável da máquina de café e assim que o mesmo já estava cheio com o líquido escuro, o recolheu logo depois de colocar uma tampinha de plástico no mesmo, e respirou fundo tentando afastar aqueles pensamentos. Ela se virou em direção ao garoto alto, que lhe



parecia ser mais velho do que ela, o entregando o seu pedido.

—Obrigado.

Agradeceu com um sorriso em seus lábios finos.

—Por nada.

—X-burguer, e laranja!

Uma voz grave ecoou no local fazendo a garota dar as costas ao balcão. Fernanda, uma das cozinheiras do pequeno restaurante, havia acabado de deslizar um prato com um grande hambúrguer e um copo com suco de laranja pela pequena abertura da divisória da recepção e da cozinha.

—Obrigada, Fe! —Com um suspiro ela recolheu, o que havia sido lhe passado, e foi em direção a terceira mesa na janela de vidro onde uma garota parecia não fazer nada além de escrever em um caderno, o que lia em três livros abertos ao seu redor. Sem tempo para pensar. —Aqui está.

Um aceno rápido veio da garota fazendo Juliet suspirar mais uma vez. Ela definitivamente sentia falta do trabalho na biblioteca. Era monótono, mas era justamente daquela calma que ela sentia falta. O som dos sinos da porta ecoou no local e seu olhar automaticamente se desviou para a mesma. Jonah. Era ele. E entrou de um modo meio brusco, como sempre. Segurava desajeitadamente uma mochila e um caderno em suas mãos. Sem nem ao menos olhar ao redor, ele se dirigiu a mesa no canto, praticamente atrás do balcão onde quase ninguém o veria. Juliet apertou o bloco de anotações em sua mão. Ela não o via desde aquele dia em que o levou para o hospital. Queria perguntar se ele estava bem, e o que havia acontecido, mas do jeito que aquele garoto era tudo o que ela iria receber eram apenas respostas rudes. Mas ela não tinha escolha, estava trabalhando tinha que falar com ele de qualquer forma.

O sino da porta ecoou mais uma vez a fazendo parar no mesmo lugar em que estava ao ver quem era.

—Juliet! —Uma garota loira praticamente se jogou no balcão chamando

a atenção de Andrew. —Devia voltar pra biblioteca.

—Sabe porque não me querem mais lá.

Lhe respondeu indo para trás do balcão recolhendo um copo de café já cheio que estava próximo a máquina e o micro-ondas.

—Por causa do idiota do Isaac! —Phoebe praticamente jogou sua bolsa no balcão fazendo Julliet deixar um sorriso escapar. —Eu só saio por alguns dias...

—Alguns dias e uma semana.

A corrigiu, fazendo a amiga revirar os olhos.

—Ok. Uma semana e alguns dias, e você é demitida. Aquele imbecil! Sempre soube que ele não era boa coisa.

—Phoebs...

—Estou quase agradecendo por ele ter atropelado aquela garota e você ter terminado com ele.

Julliet arregalou os olhos ao ouvir aquilo, e olhou Jonah rapidamente que desviou o olhar delas assim que Julliet o olhou. Mas é claro que ele estava ouvindo. Além de Phoebe falar alto como se estivesse entre uma multidão, elas estavam perto o suficiente para que ele escutasse.

—Phoebe! —Julliet segurou o pulso da amiga gentilmente a parando, e se aproximando ainda mais dela. —O irmão dela está aqui.

Julliet sussurrou para Phoebe, e apontou o garoto sutilmente na mesa do canto.

—Aquele cara é o irmão dela? —Perguntou sussurrando assim como Julliet.—É melhor ter cuidado, ele não é normal. Porque ele está aqui?

—Como assim não é normal?

—Do tipo de cara que grita em uma biblioteca, e ele estava sozinho. Além do mais, você já o viu conversar com alguém na faculdade?

—Ele provavelmente viu algo que não gostou.

—Por favor, Julliet, você é melhor do que isso.

—Que?

Perguntou rindo sem acreditar no comentário dela.

—Onde está o meu café? Preciso voltar para o meu trabalho.

—Aqui, sua viciada.

Julliet a entregou o copo e Phoebe o pegou com um sorriso em seu rosto sentindo o material aquecido em suas mãos, apenas confirmando o que Julliet acabara de afirmar.

—Obrigada. Volto pra te ver mais tarde, e pra pegar mais café. E cuidado!

Praticamente gritou deixando o local, enquanto Julliet ria a observando atravessar a rua. Seu olhar automaticamente foi a Jonah que parecia não conseguir parar de olhar para ela. Talvez indignado pelo o que havia escutado. Seus lábios se afastaram quando ele notou que ela também o olhava, mas ele apenas não conseguia desviar o olhar. Tudo bem, ela tinha que fazer aquilo, uma hora ou outra. Assim que passou pela pequena porta, Jonah desviou o olhar tentando ignorá-la de todas as formas possíveis. Mas aquilo não iria acontecer. Não dessa vez. Julliet já estava cansada de nunca conseguir falar para ele o que queria.

Assim que se aproximou pode ver sua típica expressão de raiva, só que dessa vez encarava o próprio computador na mesa. A mochila estava no chão junto ao caderno. Talvez ele estivesse estudando, e não quisesse ser incomodado. Porque ela estava criando tantas hipóteses?

—Boa tarde. —Falou assim que parou a sua frente. Andrew ergueu o olhar por cima de seus óculos para a garota que havia acabado de se

aproximar. E o que ela estava fazendo ali? O cabelo estava preso em coque que lhe parecia apertado o suficiente para que nenhum fio de cabelo se soltasse, vestia uma calça jeans escura, e uma blusa larga amarela, por baixo de um avental vermelho, onde "Bennyour" havia sido bordado com linha branca, de uma forma exagerada. —Já sabe o que vai querer?

Os olhos verdes de Juliet foram rapidamente ao computador na mesa, enquanto ela apontava o bloco de notas com a ponta de sua caneta, pronta para anotar seja lá o que fosse.

Ela podia escrever. E Andrew havia esquecido como era conseguir fazer aquilo.

—Ah, ótimo! Vo-cê está aqui também!

Juliet deixou um riso rápido escapar e baixou o pequeno caderno ao se lembrar de seus pensamentos anteriores.

—Eu estou trabalhando. —O garoto desviou seu olhar ao computador tentando evitá-la. —Então, o que você vai querer, Jonah?

—Andrew.

Sussurrou sem olhá-la.

—O que?

—Meu nome é An-drew.

—Seu pai te chamou de Jonah.

—É. O me-u pai.

Um sorriso ainda maior se formou no rosto da garota e ela puxou uma cadeira a mesa se sentando logo depois.

—Eu sou Juliet.

—Não me inte-ressa.

A garota arregalou os olhos surpresa em meio a um riso rápido.

—Ok. Já que está aqui, poderia me explicar o que aconteceu naquele dia.

—Achei que es-tava trabalhando.

—E estou. Você acabou de entrar e ainda estou esperando saber o que quer. —Julliet viu o garoto suspirar enquanto teclava algo em seu computador, provavelmente se lamentando internamente por ter ido ali. —E além do mais você precisa consumir algo se quiser a senha da internet. —Andrew ergueu seu olhar no mesmo instante para ela a fazendo se recostar na cadeira quando notou que havia ganhado sua atenção. *Finalmente*. —Regras da casa.

—Eu não preciso.

—O que?

—N-ão preciso d-e senha.

*Droga. Você tem uma resposta pra tudo?*

—Tudo bem. Então o que aconteceu?

—E-u cai, você viu.

Respondeu assim que se deu conta de que ela não o deixaria em paz.

—Aquilo não foi uma simples queda. Você estava tremendo e...

—Con-vulsão. —Disparou, ou ao mesmo tentou disparar a olhando novamente. —Foi o que eu tive, satis-feita agora?

—Convulsão? Porque?

—Qualquer um pode ter uma convulsão, inclu-sive você.

—Não, e...

—Mais nada. Foi o que aconteceu.

Vencida, Juliet arfou e pousou o bloco de anotações na mesa e olhou a janela de vidro ao seu lado. A rua estava movimentada como sempre.

—Sua mãe é legal, apesar de conhecê-la naquelas circunstâncias. Ela fez de tudo pra você ficar bem.

Aquelas palavras o tocaram mais do que devia. Ela havia feito de tudo para ele ficar bem. E está fazendo. E mesmo assim, ele agia daquela forma.

—Você de-via es-tar trabalhando.

Falou mudando de assunto repentinamente. Juliet riu e recolheu o pequeno caderno da mesa.

—Porque é assim?

—Como?

Andrew suspirou e ergueu os dedos a seu rosto, tirando seus óculos. Ele esperava de verdade que aquela pergunta não fosse sobre como o modo que ele falava era estranho. Juliet notou a forma como ele fez aquilo, mesmo sendo tão rápido. Seus dedos desceram por sua sobrancelha até achar os óculos, e ao afastar o mesmo de seu rosto, uma perna quase batia em seu olho, por ele não o afastá-lo o suficiente. Sua mão desceu em direção ao computador, e ela pode notar que os óculos haviam sido depositados por cima do teclado. Como se ele tivesse desistido de fazer seja lá o que fosse, ao perceber que ela não o deixaria tão cedo. Sua mão esquerda apoiou o seu rosto enquanto ele a observava meio incomodado, talvez.

—Já tem, não sei, dois meses na faculdade e não tem nenhum amigo. Sei que deve ser ruim se mudar, mas acho que se isolar só vai piorar isso.

—Eu prefiro assim. Vou embora daqui também.

—Ah. Então não é a primeira vez que se muda?

Negou rapidamente.

—Não daqui, da faculdade, quando esse semestre acabar eu vou sair daqui.

—Queria te perguntar porque, mas sei que não vai responder.

—Que bom que sabe disso.

Ele tinha cortado o cabelo, a maior parte ao menos. Ainda possuía algumas mechas que batiam em sua bochecha na parte da cima. Agora sem o gorro ela podia ver.

Andrew pareceu resolver voltar ao que fazia. Seu olhar voltou ao computador novamente enquanto ele recolocava os óculos em seu rosto. Ele até parecia ser uma pessoa legal os usando.

—O que você faz?

—Engenharia da computação.

—O que você vai querer? —Perguntou o fazendo suspirar novamente. Juliet acabou rindo e se levantou da cadeira. —Não se preocupe, pode ficar aqui, eu não vou contar para o meu chefe. E só pra você saber, eu não atropeliei a sua irmã. Foi o meu, ex-namorado, e sim eu estava com ele, e não pude impedir. Então me desculpe, por qualquer coisa que ele tenha causado a ela.

E mais uma vez Andrew não conseguia parar de olhá-la. Juliet observava suas próprias mãos como se não tivesse coragem de encará-lo. Mas porquê?

—Se não foi sua culpa, não precisa se desculpar.

—Mas...

—Não estava dirigindo o carro, estava?

A garota negou ligeiramente com um aceno quando finalmente conseguiu o encarar. Ela não estava dirigindo o carro, mas se não fosse por ela, Isaac não teria feito aquilo. Um suspiro saiu de seus lábios e antes mesmo que ele pudesse falar algo, Juliet o deixou para trás. Talvez ele nem falasse nada,

para o seu alívio. Mas ela não queria ficar ali para verificar.

### **Agosto de 2014 – 15h59min**

Era impossível voltar ali sem se emocionar naquele dia, ainda mais por estar acontecendo daquela forma novamente. Seu pai deveria estar ali com ela também. Andrew a observava angustiado e foi ao seu lado se sentindo na obrigação de parar aquilo. O aniversário de morte de alguém não lhe parecia ser um dia muito agradável, de uma mãe deveria ser pior ainda. E ficar preocupada sobre como Zac poderia estar, e onde, só deviam piorar as coisas. Depois de tudo o que ela havia feito, depois de tudo o que ele havia escutado dos próprios pais, ele ainda era capaz de se deixar cair novamente? Seu olhar seguiu o gramado verde até a lápide em pé na frente deles.

Verônica Sullivan Abels Meiners. 1965 – 2012

—Senhora Meiners... —O garoto começou tendo a atenção de sua namorada. —Hoje fa-zem 2 anos que a senhora se foi, e mesmo não tendo te conhe-cido eu te respeito muito, e te agradeço todos os dias por ter colocado a minha Jolie no mundo.

Ela o olhou já com um sorriso radiante em seus lábios ao ouvir suas palavras. O levá-lo havia sido definitivamente uma boa ideia. Flores foram postas ao lado da lápide e Andrew se sentou desajeitadamente na grama. Juliet o surpreendeu se sentando em seu colo e o abraçando fortemente.

—Obrigada por vir comigo.

—Obriga-do por me cha-mar. —Alguns cachos de seu cabelo castanho foram ajeitados por ele. —Acha que ela ia gos-tar de mim?

—Tenho certeza. Primeiro ela iria te fazer uma série de perguntas, e iria dedicar um jantar para isso. —Comentou o fazendo rir. —E depois, ela não iria te deixar ir embora.

—I-sso seria ótimo. —Sorriu encostando sua testa na dela. Os olhos a sua frente agora brilhavam, não pelas lágrimas. Os lábios de ambos se encontraram em um beijo doce e calmo, enquanto seus dedos se entrelaçavam



um no outro. Suas testas se recostaram assim que o beijo foi encerrado e Andrew deixou um sorriso escapar ao ver aqueles olhos verdes de perto mais uma vez. No fundo ele sabia o quão preocupada ela estava, e com razão. Mas não queria deixar que aquilo permanecesse.

Ele nunca havia se arrependido de nada do que havia feito. Talvez se não tivesse se envolvido naquilo tudo, Natan teria conseguido o que queria e Julliet poderia estar desolada agora. Ou se ele continuasse, ela estaria daquela forma por sua culpa.

—O que acha de irmos pra sua casa ho-je?

—Precisa falar com os seus pais.

—Eu li-go pra eles, eles vão enten-der. Não quero te deixar so-zinha.

A ponta de seu nariz meio redondo tocou o de Julliet a fazendo sorrir, subindo seus dedos pela nuca de Andrew.

—E nem eu quero ficar. —Seu dedo indicador se enrolou em uma mecha de seu cabelo a fazendo sorrir ao perceber o quão distraído ele parecia. Julliet permitiu que seus dedos se erguessem em direção ao rosto do garoto fazendo carinho em sua bochecha. Era meio confuso para ela, a forma como ele a fazia se perder rapidamente, esquecendo tudo o que havia além deles, quando ela não deveria esquecer. Era do seu pai que estava falando, mas ao mesmo tempo ela queria desesperadamente conseguir se distrair sem se sentir culpada. Um suspiro saiu de seus lábios enquanto os seus olhos acharam o de Andrew novamente. E em pensar que ela achou que finalmente as coisas iriam melhorar. Sua testa se recostou na dele novamente, e ela pode sentir lábios tocarem os seus suavemente. Talvez seria uma boa ideia deixar todo o resto por ao menos alguns minutos. —É melhor irmos.

—A-gora? —Perguntou ajeitando desajeitadamente o boné preto em sua cabeça. —Eu não sei se eu con-sigo.

—Porque?

Perguntou já preocupada.

—É como se eu, es-tivesse em pé por horas.

—Está sentindo dor?

—Não exa-tamente. —Julliet saiu de seu colo no mesmo instante o fazendo lamentar. —Vai passar, não s-e preo-cupe.

—Isso significa alguma coisa?

—Fra-queza e do-res musculares estão den-tro da bolsa de câncer.

—Já aconteceu?

—Algumas vezes. M-as esses dias tem, acontecido com mais frequência.

—Apenas nas pernas?

—Não. M-as não se preo-cupe, podemos tirar uma vantagem disso.

E aquele sorriso malicioso estava de volta em seus lábios rosados. Julliet não conseguiu pará-lo e dessa vez ela deu início ao beijo.

—Quantas vezes vou ter que dizer pra vocês, que aqui não é lugar pra isso.

Uma terceira voz reconhecível ecoou a frente de ambos. Andrew riu entre o beijo e o interrompeu vendo um homem aparentemente idoso, mas talvez com mais energia do que os dois mais novos que estavam ali. Hoje, suas calças jeans não estavam tão sujas de terra.

—Ninguém mo-rreu ho-je senhor Strauss?

Perguntou fazendo Julliet rir ao seu lado.

—Não te interessa, já estou cansado de vocês dois virem aqui.

O garoto tinha certeza que boa parte da energia daquele homem ia para seu mal humor.

—Mas viemos visitar a m-ãe da Jolie.

—Eu não me importo, é melhor irem logo.

—Agora e-u não posso.

Andrew o olhou assim que o senhor se aproximou, cerrando os olhos pelo sol que fazia.

—E porque não?

—Não po-ssó mexer minhas pern-as, não do jeito normal, ao menos.

—E como chegou aqui?

O homem se aproximou e chutou de leve a perna do garoto o fazendo rir.

—E-u sinto dor, senhor Strauss, e-las só não me obedecem.

Andrew mordeu os lábios e sentiu o peso de Juliet em seu ombro, ele podia ouvir sua risada contida.

—Porque isso, garoto?

—Pro-blema de fábrica.

—Já estamos indo. —Juliet se levantou limpando o vestido e sorriu observando o garoto ainda sentado. —Es-tá melhor? —Andrew assentiu e levantou-se com o apoio da lápide de Verônica ao seu lado. Suas pernas ainda não o obedeciam totalmente, e ele ainda as sentia pesadas como nunca. Juliet percebeu e o ajudou a caminhar.

—Até mais Sr. Strauss!

Andrew se despediu fazendo o velho resmungar.

—Porque ele não se aposenta?

—Não sei. —Respondeu rindo. —Es-tou bem, Jolie, po-de me soltar. —

Incerta, a garota deixou que ele tirasse o braço de seu ombro e soltou suas costas. Era quase como ajudar uma criança a andar pela primeira vez. Andrew caminhava ao seu lado meio descoordenado, mas conseguia se manter em pé. Juliet se aproximou dele e deixou que seus dedos se entrelçassem assim que o cemitério foi deixado para trás. —Eu te-nho uma teoria.

—Qual?

Juliet o olhou ao seu lado com um sorriso divertido em seus lábios.

—Ele não tem mais ninguém da fa-mília.

—Senhor Strauss?

O garoto assentiu positivamente como resposta e umedeceu os lábios secos rapidamente.

—E-les estão enterra-dos nesse cemitério, e p-or isso ele ainda trabalha aqui.

—Mórbido.

Comentou o fazendo rir.

—E não se apo-senta porquê de-ve achar cha-to ficar sem nos expul-sar algum dia.

—Eu espero que não seja por isso. O que a Lena disse dessa vez?

Perguntou mudando de assunto.

—Acompanhe a Juliet e saiam de-pois, você precisa ver mais o sol meu bebê, não vai te fazer bem ficar o dia todo sentado nessa cadeira, ou no sofá.

A imitou afinando a própria voz. Juliet deixou um riso escapar e olhou a calçada a sua frente, o ponto de ônibus já estava perto.

—Ela fala isso para o seu bem, meu bebê. Sobre o que aconteceu agora,

está frequente?

Continuou sem se importar com a careta que havia se formado no rosto do garoto ao ouvir ela chamá-lo daquela forma.

—Mais ou me-nos. Q-uer dizer, está, faz pa-rte da coordenação defeituosa.

—Falou isso ao doutor Albers?

—Ai-nda não.

—Precisa falar, Jonah.

—Eu sei. A-cho que vou amanhã, mas não quero deixar a mamãe preocupada.

—Ela vai ficar se você não...

—É o nosso.

Andrew a interrompeu apontando o ônibus que passava não muito rápido por eles. Juliet suspirou e segurou a sua mão firmemente os fazendo caminhar às pressas. Não queria correr, por mais que precisasse. Se ele caísse podia imaginar a sua reação negativa. Uma senhora entrou no ônibus e eles conseguiram fazer o mesmo logo depois.

Juliet abriu a porta de seu quarto e observou Andrew ir em direção a sua cama se sentando na mesma. Ela parecia perdida. E ele sabia muito bem porquê.

—Já tentou ligar pra ele?

A voz rouca de Andrew a despertou, e um sorriso de canto se formou em seu rosto. Era inevitável. Seus avôs haviam ligado para ela mais cedo, a avisando que Zac já tinha saído de lá e que não deveria demorar para chegar em casa. Mas ele não havia chegado.

—Já. Ele provavelmente recusou as ligações.

—En-tão ele está bem, tal-vez só queira ficar sozinho.

Julliet suspirou e foi em direção a Andrew se sentando ao seu lado recostada na parede. A garota se permitiu recostar a cabeça no peito de seu namorado recebendo um abraço firme.

—Eu espero que sim. E as suas pernas?

—Estão bem, n-ão se preocupe.

—Precisa ligar pra Helena.

Julliet se ergueu o permitindo puxar o celular de seu bolso. Seu dedo indicador escorregou pela tela desbloqueando o aparelho logo depois. Ele havia se livrado de senhas, ou de qualquer coisa que o fizesse ter vontade de jogar o celular no chão. Apesar de ainda continuar mandando mensagens, por odiar falar ao telefone. Como agora. Julliet o viu abrir as inúmeras mensagens que havia na conversa com Helena, e ela se deitou novamente em seu peito o assistindo digitar meio atrapalhado um “Mae estou na ccasa da Joliew. Talvex fique por aquilo. Qualquer coisa te asviso”

—Joliew. Eu gosto desse novo nome.

Andrew deixou um rápido riso sair de seus lábios e enviou a mensagem sem se importar em corrigi-la. Sua mãe entenderia. Assim que voltou as outras mensagens ele as observou rapidamente. Havia outras conversas com Timo, Julliet, Alan, Aldine, Mateus e Samuel. Ele não havia respondido aos dois últimos. Andrew foi até as mensagens de Mateus e a leu rapidamente: “Achei que tinha dito que não iria sumir.”

E ele não queria continuar fazendo aquilo.

—Porque não os responde?

A voz de Julliet o fez sair de seus pensamentos.

—Estão sempre me cha-mando pra sair. Eu não, eles não sabem.

Não sabem? Julliet se ergueu podendo olhar em seus olhos.

—Não contou aos seus amigos?

—Não.

—Porque?

—Achei que, eles iriam me esquecer de qualquer forma.

—Pelo visto eles não esqueceram. Então pra eles você apenas se mudou?

—É. Depois da Lea, eu a-chei que eles podiam, fazer o mesmo. Eu não queria que me vissem morrendo. Mateus é o meu amigo, desde que éramos moleques.

—Jonah. —Os dedos finos de Juliet acariciaram o seu rosto rapidamente. —São os seus amigos e as pessoas são diferentes, só porque alguém se afastou de você pela doença não significa que todos vão.

*Como você fez.* Um sorriso se formou no rosto do garoto, e ele se aproximou de Juliet lhe dando um beijo no canto de seus lábios. Como ela havia ficado. Ele não queria mentir mais. Andrew voltou a atenção ao seu celular e enviou uma mensagem para o amigo.

“Mne desculpe. Opreciso te contar uma coisa.”

—Você está certa.

Juliet deixou um sorriso escapar e se levantou indo em direção ao seu armário.

—O que acha de vermos algum filme? —Perguntou recolhendo o notebook de uma de suas gavetas. —Ou mais um... —Sua voz se dissipou ao ver Andrew novamente. O celular havia caído de suas mãos, mas era como se ele ainda estivesse lá. Seus olhos estavam vidrados no nada, e ele completamente parado. —Jonah? —O chamou se aproximando do garoto. —Jonah? —Sentou-se na cama ainda mais próxima dele. Estava acontecendo de novo? Como naquele dia no cemitério. O que ela poderia fazer? —Jonah? —Sua mão se ergueu em direção a ele, recolhendo o celular de seu colo. *Por favor, acorde.* Helena. Seu olhar se desviou para o celular enquanto ela

tentava manter a calma.

—E eu acho que e-u pre-ciso fazer o mesmo com vo-cê. —A voz do garoto ecoou novamente a assustando e ela o olhou no mesmo segundo. Suas sobrancelhas estavam unidas e ele a observava confuso. —Quando pegou meu ce-lular?

—Você não viu?

—Vi o que?

—Você estava parado, de novo.

De novo. Ele se lembrava de quando havia escutado que algumas vezes ele nem perceberia quando acontecesse.

—E-u desliguei. Crise de ausência.

Seu olhar se desviou do de Juliet enquanto ele tentava se lembrar. Mas não havia nada.

—Nunca se lembra?

—Não.

—O que acha que acontece?

Sua mão pousou gentilmente sobre a dele, recebendo sua atenção.

—Não sei. Tal-vez eu vá pro limbo.

Finalizou rindo, fazendo a garota lhe mostrar uma expressão meio emburrada.

—Sabe que eu nunca vi esse filme.

—Pode-mos ver hoje. —Apontou o notebook que estava no colo da garota, que aliás não estava ali antes. Talvez ela houvesse pegado enquanto ele estava desligado. Mas aquilo o fez lembrar onde ele havia parado. Seu



sorriso foi sumindo aos poucos e ele respirou fundo a observando abrir o notebook e ligá-lo logo depois. —Jolie.

—Oi.

—Não quero mais mentir pra você.

Olhos verdes o encararam meio surpresa.

—E você fez isso?

—Sobre Isaac. Sobre o motivo de Natan ter me batido, e sobre o que eu fiz.

Julliet engoliu em seco e encolheu os dedos sobre o teclado ao escutar todos aqueles nomes em apenas uma frase.

—Como assim?

—Eu nunca olhei nada na internet. Naquele dia você me perguntou o que eu era. E você estava certa.

Era normal ele se sentir estranho? Apesar de fazer aquilo há tanto tempo, ele mal falava aquilo em voz alta. E ali estava ela novamente, o fazendo falar algo pela primeira vez.

“Então você é um tipo de hacker?”

Foi o que ela havia lhe perguntado naquele dia. E ele negou imediatamente, como se aquilo fosse impossível.

Um hacker. Julliet o encarou por alguns segundos tentando absorver e entender aquilo. O que hackers fazem? Ele fazia também? O silêncio que se instalou entre eles, foi torturante para Andrew. Ela não saiu correndo quando o contou sobre a doença. Ela iria fazer isso agora?

—O que você faz?

O garoto respirou fundo ao ouvir aquela pergunta. Ela provavelmente

tinha a mesma dúvida que Timothe.

—Fa-zia.

—Então você parou? —Assentiu positivamente a encarando. *Por favor, não vá embora.* —O que você fazia?

—O que acha que era?

—Não quero acreditar que era algo errado.

—Ma-is ou menos.

—Como assim?

—Varria a deep web. Ou tentava. Quebrei sis-temas de segurança. Entreguei alguns crimes cibernéticos para a polícia. Outros não. Eu era, sou, um tipo de *black hat*, pra eles, como chamamos. O tipo de hacker que comete crimes cibernéticos. —Julliet o observava sem reação. Parecia tentar absorver tudo aquilo. —Mas só são considerados crimes porque atingiu o que mais doía neles. Eu não me vejo nesse rótulo.

—Isso é perigoso?

—Sim.

Respondeu com um sorriso de canto em seu rosto. Ela estava preocupada?

—Eles podem, não sei, te achar?

Andrew sorriu ainda mais a deixando perplexa. O que ele estava pensando?

—Não. Nem a po-lícia pode.

—A polícia?

Perguntou ainda mais espantada.

—Não é na-da demais.

—Eles estão procurando você?

—Mas não sabem nada sobre mim além do que eu faço. Ninguém sabe.

—E se descobrirem?

—Não vão. —Andrew se permitiu pegar o notebook no colo de Juliet e a garota o viu abrir uma pequena janela preta com alguns caracteres escritos. —Sem-pre fui invisível, Jolie.

—Onde aprendeu isso?

—Na própria internet.

—Isso é possível?

—É claro. Vo-cê precisa ir além das pesquisas superficiais que existem, e estudar. Muito.

—E onde o Nataniel entra nisso?

Natan. Droga. Aquela era a parte difícil. Juliet viu uma janela do navegador se abrir com o resultado de uma pesquisa. Uma outra janela se abriu e ela pode ver um site carregar.

—Natan sabe de tudo.

—De tudo? Do que você fazia?

Andrew assentiu calmamente, se preparando para repetir tudo de novo.

—E-le me procurou, an-tes, e eu con-segui acha-lo. Jo-lie, eu ensi-nei algumas coisas a ele, e ele que-ria a mi-nha ajuda. —Seu olhar achou o da garota e ele mordeu os próprios lábios juntando forças para continuar. —A minha aju-da pra ti-rar o irmão da cadeia. —Juliet estremeceu ao ouvir aquilo. Não queria nem imaginar aquilo acontecendo, não depois de tudo que ela e seu pai haviam passado por causa daquele assassino. —E-u não sabia o

que ele tinha feito. —Continuou antes mesmo que ela falasse algo. —Eu desco-bri depois de um tempo, e quebrei tudo o que ele ti-nha, me li-vrei de tudo o que ha-víamos feito. Eu não queria que aquilo acontecesse, eu sinto muito, Jolie.

Julliet encarou o seu notebook no colo de Andrew enquanto suas palavras ecoavam em sua cabeça.

Um celular vibrou ao seu lado a assustando, e ela pode ver o nome no identificador de chamada.

Mateus.

Andrew a olhou como se pedisse permissão para atender.

—É melhor falar com ele.

Ele queria. Mas tinha que ser agora? O que ela estava pensando? O garoto ergueu sua mão em direção ao celular atendendo o mesmo, podendo ouvir a voz de seu amigo ecoar do outro lado da linha.

“Você está bem?”

Um sorriso rápido se formou em seu rosto e ele deixou que seus dedos escorregassem em direção aos de Julliet.

—Na verd-ade não. Preciso conversar com você, mas não que-ro fazer isso por tele-fone.

“Eu posso ir na sua casa, sem problema, aqui tá um saco.”

—Duas ho-ras de via-gem. Pode mesmo?

“Tá livre no final de semana?”

—É, tô.

“Vou precisar que me encontre em algum lugar.”

—Sem pro-blema.

“Finalmente. Depois de um ano?”

—Não en-che.

“Vai me explicar porque virou ga-gago?”

—Não enche. —Repetiu rindo, mas aquilo logo foi embora ao notar o olhar perdido de Juliet. —Preci-so ir agora, a gente se fa-la.

“Não ignora mais as minhas mensagens ou eu vou fazer algo bem ruim.”

—Eu acredi-to em você. A gen-te se fala.

“Tá legal.”

Andrew desligou a ligação se sentindo ainda mais nervoso.

—Jolie...

—O quão perto vocês chegaram?

*Droga...*

—Vo-cê realmente quer saber?

—Porque você fez isso?

*Mil vezes droga.*

—Eu, e-u não sabia que...

—Não, Jonah! Se alguém está lá é porque fez algo ruim.

—Eu sei, e-u sei que fui egoí-sta, e impru-dente, eu es-tava com rai-va por es-tar doente, mesmo depois de tudo.

—De tudo o que?

—De tudo o que eu... —Arfou sem querer continuar. Aquilo tudo lhe parecia ridículo agora. —Na mi-nha ca-beça, se eu fi-zesse aquilo eu iria provar pra eles que eles não possuem o controle de nada, nem do próprio lugar que jul-gam ser o mais seguro para con-ter os vírus que e-xistem entre nós. Eu que-ria mostrar para as pessoas o siste-ma frágil que elas convivem, e que elas precisam se voltar con-tra isso. Achei que, eu devia fazer isso antes de morrer. Eu parei porque percebi o que es-tava fa-zendo, de que eu podia machucar alguém se deixasse alguém como ele sair da ca-deia. Mas eu não sabia o que ele havia feito até então, e nem quem ele era. Quando eu descobri o que ele fez, eu fui em-bora, quebrei tudo o que o Natan tinha e por isso ele fez aquilo comi-go. E agora ele está tentando achar tudo o que fizemos.

—Ele pode?

—Não. Não po-de. Es-tá tudo arqui-vado off-line e cripto-grafado em fotos.

Julliet respirou fundo o observando. Aquilo ainda lhe parecia improvável.

—O que você fez com o Isaac, já havia feito alguma vez?

—Não exata-mente.

—Como assim?

—Não com pessoas.

Andrew voltou a sua atenção ao computador e subiu a barra de rolagem até achar o vídeo. Um rápido click com o touch pad o fez iniciar. Julliet viu uma sequência de imagens aleatórias de diversas pessoas, em diversas situações. Imagens da própria internet. Cada uma delas lhe deixava uma palavra ou uma frase a fazendo ouvir a narrativa coletiva.

“Seres humanos são reduzidos a consumidores. Clientes, comprando em busca da realização de seus desejos, correndo contra o vazio. Patético. Isso é o que vocês estão comprando.”

A garota engoliu em seco ao ver imagens de pessoas trabalhando em condições decadentes, uma delas chorava. A outra era uma criança. Várias outras.

“Comprando e fornecendo os seus dados para qualquer estúpido que tiver um computador e tempo. Uma falha de segurança que pode ser facilmente quebrada, dando acesso a informações dos clientes da Bills foi totalmente ignorado por eles todos esses anos. Vários clientes já tiveram seus dados vazados, e eles mal sabem como isso aconteceu. Além disso, sua mão de obra é escrava. É isso o que vocês estão comprando. Parabéns.”

—Você fez isso?

Julliet se virou para seu namorado meio assustada, o fazendo suspirar profundamente.

—Não adiantou muita coisa, eles mudaram de nome. Eu não qu-eria mentir mais pra você.

—Jonah, isso é sério, muito sério.

—A-cha que eu não sei? Tra-balho escravo, des-cuido com informações, pessoas estavam sen-do usa-das an-tes, du-rante e depois dos serviços que eles for-neciam. Eu podia fazer algu-ma coisa, e eu fiz. Como eu fiz várias ve-zes.

—Várias vezes? —Ela não devia estar surpresa. No fundo só estava pela forma como aquilo havia sido explicado, e como ele havia feito. “Estamos sendo controlados o tempo todo.” Foi o que ele disse uma vez, talvez aquela fosse a forma que ele havia achado de tentar retomar o controle. Julliet observou o vídeo finalizado na tela de seu computador e olhou Jonah que a observava apreensivo. —Porque faz os vídeos assim?

*O que?*

Andrew a encarou meio surpreso com aquela pergunta. *Julliet...* Ele queria falar, mas as palavras apenas não saiam de sua garganta. Julliet definitivamente não era normal. Não em um sentido ruim. Mas ela não era

normal. E aquilo era uma das coisas que o fazia ter vontade súbita de beijá-la.

—E-u, bem, a mídia nos mostra como seres som-brios que proliferam o mal, filmes, sé-ries, e o próprio *anonymous* tra-zem vídeos com uma pessoa vestida co-mo se estivesse indo para uma festa do dia das bruxas, dando mais pi-lha pa-ra os este-reótipos que exis-tem sobre a cultu-ra hacker. Fazendo os ví-deos assim eu quis pas-sar que quem esti-vesse por trás de tudo isso pudesse ser alguém que está do seu la-do, e também de que e-sses proble-mas são de todos nós, e ca-da um devia fazer a sua parte pra que isso acabasse, queria lembrar as pessoas que somos bilhões, e os que se di-zem no controle são um número muito menor do que isso. Se todos nos jun-tássemos poderíamos realizar algo significativo.

Como o círculo.

Juliet arfou e ergueu sua mão em direção ao rosto de Andrew o acariciando gentilmente o fazendo sorrir. Aquilo era bem a cara dele, aquele modo de pensar, mas ainda assim...

—Me desculpe. Isso tudo ainda é meio, chocante pra mim. —Confessou o fazendo rir rapidamente. —Mais alguém sabe?

Negou relaxando os ombros se sentindo aliviado mesmo sabendo que ela poderia demorar um tempo para se acostumar com aquilo.

—Agora só você, e o Natan. Timo também, na ver-dade. Ele foi o primeiro a saber e me aju-dou a pe-gar as coisas do Natan.

—Não acha perigoso envolver o seu irmão nisso?

—Acho, mas, eu pre-cisava de ajuda. Ele foi a única pessoa que eu poderia confiar.

—Acho que o Nataniel ainda vai me perseguir por um tempo.

—A nós dois.

—Como assim?



—Ele ainda tenta recuperar o que perdeu.

—Quer dizer que ele ainda está tentando tirar o irmão da cadeia?

—Sim. Mas não se preocupe ele nunca vai conseguir. Eu não vou deixar, nem que eu esteja em estado terminal.

—Para de falar besteira.

Julliet segurou sua mão fortemente totalmente séria ao contrário de Andrew, que tinha um leve sorriso em seu rosto. Ela tinha medo que aquilo acontecesse, mesmo sendo tão óbvio. Ele odiava vê-la daquela forma, ainda mais apenas pela possibilidade de que o pior pudesse acontecer. Normalmente, o instinto faz alguém querer viver. Mas no caso de Andrew, Julliet estava fazendo aquele papel.

Seu braço se ergueu em direção a garota a puxando para mais perto dele em um abraço.

—Tudo bem. Estou aqui. —Ela tinha medo de que aquilo não durasse muito. E se Zac não melhorasse também? E se ela perdesse os dois? Seus braços a apertaram ainda mais contra Andrew ao deixar aquela sensação sufocante tomar conta dela. —Jolie? Você está bem?

—Eu não sei.

Sussurrou ainda agarrada a Andrew como se ele fosse fugir a qualquer momento.

—É o seu pai?

—Eu não quero ficar sozinha. —Desabou se erguendo o permitindo ver as lágrimas que desciam de seu rosto. —Eu não quero perder mais ninguém, Jonah. Quando a mamãe morreu e o papai começou a se afundar cada vez mais, eu me senti tão inútil e fraca.

—Julliet, nunca se permita pensar dessa forma. Nunca parou pra pensar no que fez? No que faz? Mesmo sofrendo por perder a sua mãe, você conseguiu e consegue se manter firme tentando salvar o seu pai, e ainda

se vi-ra sozinha de uma forma que eu sinceramente não sei se conseguiria. Você é a pessoa mais forte que eu conheci. Você deveria ver o que eu vejo, o seu pai de-veria ver o que eu vejo. —Julliet recostou sua testa na de Andrew chorando ainda mais. —Eu te amo, muito.

Julliet deixou um sorriso escapar em meio as lágrimas.

—Eu também te amo. —Ele pensou que ela o beijaria, mas para sua decepção ela se afastou dele se levantando da cama o fazendo se sentir vazio. O que ele havia feito de errado? Talvez contar aquilo agora não havia sido uma boa opção. —Mas, porque, como o Natan te achou?

—Eu achei ele.

—Porque?

—Jo-lie, não acho uma boa ideia.

—Eu acho.

—Por favor. Se você souber, pode ser como uma cúmplice ou algo do tipo.

—Eu sei quem é você, eu já sou a sua cúmplice.

Apontou o notebook que ainda mantinha a miniatura do vídeo pausado. Ela tinha razão. Julliet cruzou os braços se recostando no armário, enquanto o via ajeitar os óculos, mas seu dedo indicador desfilou por uma das lentes o fazendo bufar.

—Pode limpar pra mim?

Pediu os retirando de seu rosto. Talvez ela poderia deixar aquilo para depois. Ele sabia que ela não faria aquilo, mas não custava nada tentar.

—Porque eu deveria fazer o que você quer agora?

—Ao menos não falou em terminar comigo.

—É porque sem mim você se mataria.

—Li-teralmente.

Julliet arfou ao notar que aquelas palavras não haviam sido uma boa escolha.

—Você não está morrendo.

—Bem, estatisticamente...

—Deixa de ser idiota!

—E-le hackeou cai-xas eletrônicos, não exatamente, mas ele conseguiu enganar o sis-tema deles, e usou o meu, o símbolo que eu usava.

Disparou a fazendo unir as sobrancelhas como se parasse para pensar. Um miado ecoou no quarto e ela pode ver Frida adentrar no cômodo indo direto para a cama se permitindo subir no colo de Andrew.

—Eu acho que vi algo assim.

—Isso! —Exclamou sentindo o focinho úmido da gata em sua mão. —Ele divulgou, e usou redes sociais pra isso.

—E daí?

—Ele u-sou a internet que qual-quer um tem acesso, Jolie. Não a deep web, as pessoas vi-ram o que ele fez, e tentaram esconder de todas as formas. O assalto... —Ele não podia falar daquilo. Por mais que quisesse, mencionar aquela noite definitivamente não era uma escolha positiva agora. —Eles queriam esconder que um hacker havia simplesmente brincado com o dinheiro deles.

—E você foi atrás dele por isso? As pessoas pegaram o dinheiro, estavam tecnicamente roubando.

—E-u achei que ele es-tava no caminho certo, só precisava melhorar os métodos. E de que ele tinha entendido o que eu que-ria passar.

—De que podia ser qualquer um.

—E, e-le estava usan-do a máscara de Guy Fawkes.

—Ah, cale a boca.

—Ok. —Mordeu os lábios evitando rir. Aquilo com certeza só pioraria a sua situação. —Eu que-ria antes de morrer, de alguma forma fa-zer com o que o AJoker não morresse também.

—Você esperava que ele fosse como você.

—Não como eu.

—E ele foi como você?

Ele podia sentir a raiva naquela pergunta.

—Não, Jo-lie. Eu não ima-ginava que ele faria o que fez, que ele só queria ter a minha atenção pra tirar o irmão da cadeia.

—Mas você continuou a ajudá-lo mesmo assim.

—Porque eu achei que havia encontrado o que eu queria, não da forma que eu imaginava mas o que eu queria. Eu fui egoísta, e me arrepen-do disso. Perdão. —O garoto a viu se aproximar dele, e lá estavam aqueles dedos macios em seu rosto novamente, o fazendo agradecer por aquilo repetidas vezes. —Por favor, me diga que vai me beijar.

—Eu poderia.

—Frida, é melhor sair daqui.

Olhou rapidamente a gata aninhada em seu colo, e Juliet deixou um riso escapar recostado sua testa na dele.

—Isso tudo ainda é muito.

—Ruim?

—Não, o pior é que não, eu acho, incrível. —Incrível. Ele não esperava por aquela definição. —Por você estar tentando fazer, quer dizer, por fazer alguma coisa, mas tudo isso. Me promete que vai ser cuidadoso.

Ela ainda devia estar no “medo de perder mais ninguém”. Agora ele se sentia mal por ter contado. Era só mais uma coisa para ela carregar.

—Eu sempre fui, Jolie. Confie em mim.

—Eu confio.

Afirmou o dando um selinho longo e intenso logo depois. Era loucura dela? Mal sabia dizer exatamente como se sentir sobre tudo aquilo. Juliet se sentou ao lado de Andrew e observou Frida dormir em seu colo, ela parecia tão confortável.

—O seu no-me agora é Frida Meiners Cassius.

Juliet riu mais uma vez e recostou a cabeça no ombro de seu namorado observando sua gata.

—É um bom nome.

—É ótimo.

—Você parou, certo?

—Sim. A única coisa que eu faço em relação ao AJoker agora, é parar o Natan quando ele tenta me hackear. E eu estou trabalhando em um projeto. —Juliet ergueu a cabeça o encarando ainda mais séria. —Eu não vou hackear ninguém.

—Ótimo.

—Eu parei. Eu te juro.

—Eu acredito em você.

—Não se preocupe, depois que do que o Natan fez existem vários

AJokers por aí. Ao menos eu consegui passar uma mensagem. E que me ajuda, quanto mais hackers usarem esse nome, mais difícil vai ser pra eles de identificar de onde vem o ataque.

—Eu realmente vou demorar a me acostumar com isso.

Andrew deixou um sorriso escapar e fechou o navegador do notebook que havia perdido o seu colo para Frida e se virou para Juliet novamente.

—Agora vamos conhecer o limbo.

### **Outubro de 2013 – 14h23min**

—Andrew, Jonah. Tumor ce-rebral. Não é maligno. Ele altera a coordenação e pode dificultar a minha f-ala.

Ridículo e inadmissível o fato de sua mãe ter escutado uma outra enfermeira e não ao próprio filho. O que tem demais tentar dormir para sempre? Ela devia ter agradecido se acontecesse. Não precisaria o socorrer no hospital toda vez que ele caísse.

As suas próprias palavras de alguns minutos atrás não deixavam sua cabeça.

Tumor cerebral.

Não é maligno.

Mas não era como se ele estivesse menos doente por causa disso.

—Andrew? —Uma voz fina o despertou e ele olhou a mulher sentada em uma cadeira azul ao seu lado. Seu cabelo curto meio grisalho estava mais desganhado do que quando o garoto havia sido recepcionado. Uma rápida olhada ao redor o fez lembrar onde estava. Uma roda de pessoas de várias idades agora o encarava. Menos um garoto que vestia jeans. Ele era cego. — Tem algo para nos contar?

—Hmhm, e-u preciso ir ao banheiro.

Uma risada baixa ecoou no local e Andrew não quis saber de onde veio.

—Fica no final do corredor a esquerda.

A mulher o respondeu agora séria.

*Grupos de apoio.* Levantou e foi em direção a porta a abrindo. *Quem precisa disso?* A porta fechou em suas costas e ele se dirigiu a saída. Um colégio. Que pelo visto era usado aos finais de semana para reuniões voltadas a pessoas danificadas. Ele havia feito terapia há alguns anos atrás, mas aquilo já era demais.

Depois de pegar um ônibus e caminhar por alguns minutos ele chegou ao velho restaurante. Onde ele já devia estar a horas, e não perdendo tempo naquele ritual.

Natan observava Andrew sentado em frente aos desktops podendo ver o reflexo do monitor em seus óculos. Porque ele estava tão nervoso? Ele sabia que havia dado certo. Havia passado a última semana atrás do policial, e apesar de ter se arriscado por ter criado uma rede paralela da própria casa do oficial, ele havia conseguido fazer tudo certo.

O olhar de Andrew se ergueu em direção a Natan e ele se apoiou no balcão esperando por uma resposta.

—Para-béns. —Um sorriso se formou no rosto do garoto, fazendo Andrew perceber o quanto ele estava nervoso. —Eu tenho uma ideia me-lhor.

E aquilo fez o sorriso do outro desaparecer em segundos.

—O que? Como assim?

—Vamos fa-zer u-ma transferência.

Transferência? Aquilo era possível? Lhe parecia muito mais trabalhoso do que abrir os portões.

—Quer dizer, transferir o meu irmão de cadeia?

—É, teori-camente. Va-mos sequestrar a conta desse cara. Depois disso, vamos fa-zer com que e-le instale o malware. Mas ele não v-ai po-der saber o que instalou. Po-demos começar a juntar o dinheiro, e é aí que eu te ensino a fazer isso do jeito certo. Estudamos o que precisa ser feito pra conseguir a transferência, assi-natura de secretários, toda essa burocracia. Escolhemos o dia, e rastreamos os carros.

Ele falava como se fosse fácil.

—Mas vamos precisar de pessoas, quer dizer, as que estiverem transportando ele não vão simplesmente entrega-lo pra nós.

—É aí que o di-nheiro entra.

—E se eles não aceitarem?

Andrew sabia que aquela possibilidade existia, e que mesmo sendo quase impossível, ele sempre preferia ter uma solução prévia para qualquer situação.

—Como eu disse com o po-licial, suborno ou ameaça.

—Então vamos precisar ter controle até de quem vai estar no carro.

—Sim. —Andrew olhou rapidamente o monitor a sua frente. —On-de está o celular que comprou? O criptografado.

—Aqui.

Natan tirou o celular do bolso e o apontou na direção do outro.

—O nosso policial é inteligente, e-le não armazena se-nhas com ele. Liga pro banco dele.

—Porque eu?

—Porque eu s-ou quase gago. —Natan deixou um riso escapar, mas aquilo sumiu no mesmo segundo ao perceber que Andrew parecia pensar em algo. —Eu sou gago.



Concluiu puxando o aparelho de suas mãos. Natan o viu entrar em um serviço de streaming e abrir um filme qualquer o deixando não muito alto.

—Que merda? —Alguns números foram discados e ele parecia estar na espera. —O que acha que vai fazer?

A mão do garoto se ergueu em sua direção enquanto ele discava mais alguns números. E ele ficou naquilo por alguns minutos, até que finalmente foi atendido.

—O-oi, Dean Willians Jo-Johnson Junior. —Natan o observou estranhando aquilo tudo. Aquele era o nome do filho do policial. —Troca de se-senha, me descul-pe, e-eu devo ter escolhido a-a opção errada. —Andrew parecia ler algo no monitor. —Da conta. —Natan deixou um riso rápido e silencioso escapar apenas o assistindo. Ele realmente iria conseguir fazer aquilo? —Bem, não so-sou eu, na-na verda-dade. O meu pai, Dean Ne-Nevin Jo-Johson me-me-me pediu pa-ra fa-fazer pra ele. —Pessoas. Esse definitivamente era o sistema mais vulnerável existente. —E-ele é um po-policial, e-e está em um daqueles retiros, em que e-eles não po-podem entrar em con-ta-tato com ninguém, mas me pe-pediu pra fazer isso an-tes de sair. E-ele perdeu a se-senha e a mi-minha mãe pre-precisa de-dela. —Andrew revirou os olhos fazendo Natan rir novamente. —Cla-claro. 00475684599. Co-como eu disse, De-Dean Nevin Johson. —Pela primeira vez desde que Andrew havia entrado no restaurante Natan o viu sorrir. Ele parecia se divertir fazendo aquilo. Mais uma sequência de números foi ditada por Andrew. — Tu-tudo b-bem.

—Você é um monstro.

Sussurrou em meio a um riso. Andrew apenas fez sinal para que ele continuasse em silêncio.

—O-obrigado. E-ele anotou. É, 345279. —Andrew assentiu freneticamente com um sorriso no rosto. —O-Obrigado. 24 ho-horas? Tu-tu-tudo bem. Te-tenha uma bo-bo-boia ta-tarde. —Dizendo isso ele desligou o telefone e puxou a mochila do chão ao seu lado, tirando de lá um caderno e uma caneta passando pra Natan. —A-nota isso: 345279. E a conta dele, vamos precisar disso de agora em diante.

—O que vai fazer agora?

—Esperamos as 24 horas, e antes mes-mo que ele note entramos em contato com ele. Depois de acessarmos a conta, e eu ainda pre-ciso ver isso tudo.

Apontou o monitor provavelmente se referindo a tudo que Natan havia conseguido do smarthphone.

—Você já tem o exploit?

—É cla-ro. O próximo passo, é a conta da Lebron.

—Você está de brincadeira? Porque precisamos roubar uma empreiteira pra libertar o meu irmão?

—Essa f-oi a em-presa responsável pela construção de uma pon-te que ligava o estado a uma ilha. A ponte que caiu, e que ma-tou não só no acidente, mas durante a construção. Eles não pagaram indenização a ninguém, e ainda trabalharam na reconstrução da ponte, e re-ceberam por isso.

—E você quer lembrar isso a eles. Roubar as pessoas certas.

—Pode-mos usar com o que precisarmos.

—E como vamos fazer isso?

—Precisamos do malware no banco. —Natan ergueu as mãos como se sua pergunta estivesse no ar. —Você vai fazer isso.

—Como?

Andrew olhou a hora no canto do monitor rapidamente pensando.

—Po-de ir lá hoje? Observar quem tra-balha, quantos seguranças.

—Tá legal.

Respondeu com um suspiro. Ele não queria fazer aquilo, mas precisava.

—E-u não posso, ainda tenho que ver tudo o que o policial tem e o que podemos usar.

—Já entendi. Vai voltar amanhã? Por causa dele.

—É.

—Eu vou comprar uma moto. —Resmungou se afastando do balcão. Talvez quando eles conseguissem o dinheiro ele realmente fizesse aquilo. Dinheiro roubado. Natan parou antes mesmo de chegar a porta e se virou a Andrew novamente. —Isso não é apenas sobre soltar o meu irmão, é? Está tirando dinheiro de corporações, mas está dando a pessoas corruptas. —Andrew desviou sua atenção do computador a Natan que ainda se mantinha em pé próximo à saída. Onde ele queria chegar com aquilo? —Você vai fazer disso outro ataque do AJoker.

—E se for?

—E se culparem o meu irmão por tudo isso? E se forem atrás dele pra chegar em você?

—Ele vai se tor-nar um fora-gido quando sair de qualquer forma.

—O que faz tudo isso piorar a situação.

—O que quer que eu faça?

—Você é igual a eles. É tudo sobre você, não é? É por isso que você parava todo mundo. Hackers, corporações, sem filtros. Você quer ser como um herói.

—Você está erra-do. E-u não quero nada disso. Como eu te disse, eu podia fazer algo e fiz.

—“É por isso que ele se chama AJoker”. —Andrew deixou um suspiro escapar e recostou na cadeira se preparando para o que estava por vir. —Anarquia, ou algo parecido.

—Você já aca-bou ou quer que eu vá em-bora e não volte nunca mais?

—Eu não quero brigar com você, só estou tentando te entender.

—Não tente. Se concentre no seu irmão.

—Ao menos vai esperar um tempo depois que ele fugir pra entregar todos eles?

—Não se preocupe. Eu tam-bém vou precisar de um tempo.

Natan o observou por alguns instantes antes de sair, suplicando internamente que ele cumprisse com a sua palavra.

### **Julho de 2013 - 16h19min**

Suas mãos ainda tremiam. O corredor do hospital estava praticamente vazio, e mesmo tendo sido aconselhada a esperar na recepção Juliet não conseguia se mover. E se ela morresse? Mal conhecia aquela garota, mas se sentia culpada pelo o que Isaac havia feito. E se ela não tivesse nada a ver com Nataniel? Se ela fosse mais inocente ainda? O que Isaac estava pensando? Juliet ergueu suas mãos em direção ao seu rosto, tentando conter as lágrimas, mas era impossível. Não conseguia parar de imaginar que o pior poderia acontecer. Suas pernas estremeceram e ela acabou cedendo ao cansaço se sentando recostada a parede. As coisas poderiam piorar? Será que nunca nada iria ficar bem? Seu rosto se recolheu entre seus joelhos, e ela soluçou entre as lágrimas, se sentindo horrível por ter deixado Isaac ter feito aquilo, por ter deixado o seu pai se perder daquela forma, e por ter perdido a si mesma. Seu rosto parecia latejar, mas as lágrimas continuaram caindo. O que ela poderia fazer? Havia um jeito de concertar aquilo?

Alan pousou a mão no ombro entre os longos cachos da garota, encolhida na parede do corredor. Juliet abriu seus olhos dando de cara com a escuridão de suas roupas, e só naquele momento percebeu que ainda estava no mesmo lugar, na mesma posição, e de que havia dormido ali. Sua cabeça se ergueu lentamente e ela levou a mão aos olhos se sentindo incomodada com a claridade. Sua coluna estava dolorida. Que horas eram? Ela devia ir para casa. Ou não.

A garota!

Suas mãos a apoiaram no chão frio fazendo ela se levantar de um modo brusco, pegando o homem a sua frente de surpresa. Seus olhos castanhos a observavam meio aflito.

—Está tudo bem? —Perguntou ao notar seus olhos meio inchados. Juliet assentiu positivamente, sem ter certeza se aquilo era verdade, e recostou sua cabeça na parede tentando se acalmar. —Sou Alan, pai da Aldine.

—Aldine?

—A garota que você trouxe pra cá.

Os olhos de Juliet se arregalaram no mesmo instante. O que havia acontecido com ela?

—Ela está bem?

—Sim. Obrigado.

Seus lábios se afastaram pronta para dizer algo, mas, ela não conseguiu nada. Aquilo foi como uma pancada ainda maior. Juliet tinha certeza de que se ele soubesse o que realmente aconteceu, não estaria a agradecendo.

—Por-que está agradecendo? —Uma terceira voz ecoou a sua esquerda a pegando de surpresa, como se fosse um eco de seus próprios pensamentos. Um garoto que Juliet não havia notado ainda estava recostado na parede a encarando de uma forma nada confortante através da armação preta de seus óculos. —Mal sa-be o que aconteceu.

Juliet pode ver o homem ao seu lado suspirar como se estivesse se esforçando para manter a sua paciência intacta, mas ainda assim ele se virou para o garoto o repreendendo.

—Jonah, agora não. —Jonah, como ele havia chamado apenas desviou o olhar parecendo sentir mais raiva ainda. —Como é o seu nome?

Alan perguntou para a garota que parecia confusa.

—Juliet.

—Me disseram que você chamou a ambulância.

—Sim, senhor.

—Obrigado novamente. Está aqui desde que ela chegou? —Assentiu positivamente olhando rapidamente para, Jonah, que agora encarava o nada através de seus óculos. —Seus pais podem estar preocupados. —Seus pais. Um sorriso meio amargo surgiu em seu rosto e ela se desencostou da parede. —Ela está bem, amanhã mesmo vai voltar pra casa. Não se preocupe, é melhor você ir para a sua.

—Obrigada. Me desculpe.

Sussurrou desviando de Alan antes mesmo que as lágrimas caíssem por seu rosto novamente.

—Espere!

Juliet apenas continuou caminhando em direção a saída. Não sabia se sentia melhor por ela estar bem, ou pior por ter sido tratada daquela forma. Onde Isaac estaria agora? Na verdade, ela não se importava. Tudo o que ela mais queria era nunca mais vê-lo novamente.

Como ela pode deixar que as coisas acontecessem daquela forma? Como ela pode ter sido tão fraca ao ponto de ter esquecido a única coisa que realmente importava? Por mais que estivessem brigados, Zac era o seu pai, e precisava de ajuda. Verônica não estava mais com eles, mas isso não deveria ser motivo para ela deixar que sua família terminasse daquela forma. E a única coisa que poderia acalmá-la agora era aquele lugar.

Suas mãos se afundaram em seus bolsos e ela encarou a lápide a sua frente, onde o nome de sua mãe estava cruelmente esculpido. Sua garganta parecia queimar. Porque ainda sentia aquilo todas as vezes que a via ali?

—Oi mãe. —As palavras pareciam farpas atravessando dolorosamente a sua garganta. Mas talvez aquilo passa-se. —As coisas estão, uma grande

merda sem você. O papai parece que esqueceu como viver, e eu não sei como mudar isso. Ele está bebendo de novo, e eu acho que a culpa é minha. —Seus joelhos tremeram e ela pareceu não suportar mais aquilo. Juliet se sentou no chão chorando ainda mais. —Me desculpe. Ele me disse que, todas as vezes que olha pra mim, se lembra de você. Talvez se eu, se eu for embora as coisas mudem, talvez ele pare de beber, ou talvez ele termine de se matar. Eu não sei o que fazer. —Seus olhos foram fortemente fechados enquanto ela tentava continuar. Parecia uma loucura, mas aquilo era a única forma que ela tinha de se sentir melhor. Falar com uma lápide. —Eu sinto a sua falta. Cada segundo do dia eu sinto a sua falta. E me desculpa. Eu não consigo lidar com isso tudo sozinha. Acho que não sou tão forte quanto você era. —Ela estava tentando, muito, mas não conseguia segurar as lágrimas. Não conseguia disfarçar a dor que sentia. Mesmo depois de saber e ver com os próprios olhos que aquele covarde estava pagando pelo o que fez. Nunca traria sua mãe de volta. —Se lembra do Isaac? Eu te falei sobre ele, alguns meses atrás. Ele atropelou uma garota. Ele provavelmente não era o que você imaginava, e nem eu. Mas eu acho que ele era a única pessoa que eu tinha. —E aquilo era o que mais doía. —Mas eu ainda tenho o papai, não né? Eu tenho que recuperar ele. Eu queria que você estivesse aqui. —Mas ela não estava. E a única coisa que ela tinha era aquela maldita pedra agora. Juliet enxugou as próprias lágrimas e se levantou respirando fundo, tentando se acalmar. Ela não poderia mais fazer aquilo. Não poderia deixar tudo aquilo a abalar daquela forma, pelo o seu pai. —Eu preciso ir. Eu te amo, só queria que soubesse.

### **Agosto de 2013 - 10h05min**

E lá estava ele novamente, se sentindo sufocado e sem saída, mesmo podendo ver o grande portão de entrada do campus próximo a calçada. Andrew parou no corredor e entrou pela porta do banheiro masculino se livrando de todo aquele ar sufocante. Helena achava mesmo que continuar indo a faculdade como se nada estivesse acontecendo iria melhorar algo para ele? Aquilo tudo apenas o deixava mais exausto.

A fileira de espelhos o refletia como se zombasse de sua aparência. O garoto se aproximou pondo a mochila na beirada da pia. Seus olhos encaravam seu reflexo com tanto ódio que ele poderia quebrar aquele maldito espelho a qualquer segundo. Por alguns instantes ele observou o gorro preto

que vestia e depois, como se tirasse algo que lhe causava dor, o gorro foi puxado de sua cabeça deixando seu cabelo diferente à mostra. Estava mais vazio. E ele finalmente havia o cortado. Não por opção. Seu olhar foi em direção ao gorro em suas mãos podendo ver os inúmeros fios de seu próprio cabelo no tecido escuro. O garoto respirou fundo e ele podia jurar que o ódio estava dificultando até a sua respiração. Porque aquilo tinha que acontecer com ele? Um ruído de passos o fez vestir o gorro novamente. Dois garotos entraram no banheiro e Andrew saiu no mesmo segundo. O corredor estava mais cheio do que antes. Mas ele apenas foi em direção a sua sala evitando olhar ao redor.

Seu olhar se ergueu em direção ao caminho a sua frente, e encontrou aqueles mesmos olhos verdes de sempre. E dessa vez ela demorou ainda mais o observando.

*O que é?* Esbravejou internamente, enquanto passava pela garota que estava recostada a parede junto a um grupo de alunos que pareciam discutir sobre algo que haviam visto no celular de um deles. Juliet queria saber o porquê dele ter sumido tantos dias e agora aparecer, dessa forma. Ele tinha o mesmo olhar de raiva de sempre. Seu olhar castanho mel se desviou dela e agora encarava a própria mão como se tivesse algo estranho ali. O livro que ele segurava caiu e por alguns segundos, ela viu terror em seu olhar. O que estava acontecendo? Ele não lhe parecia muito bem. E no meio de todas aquelas pessoas no corredor ela começou a andar na direção dele.

—Oi, Juliet!

Uma voz conhecida pairou a sua frente. A garota suspirou ao ver os olhos castanhos e meio agitados de Pheobe próxima a ela. Seus fios longos e loiros estavam presos de uma forma desajeitada, como se ela tivesse esquecido a forma certa de fazer aquilo. Sua amiga poderia ser mais inquieta do que uma bola de pingue-pongue quando queria resolver algo.

—Aconteceu alguma coisa?

Perguntou desviando o olhar rapidamente para o corredor, mas não teve tempo o suficiente para achar o garoto em meio aquilo tudo.



—Eu estava na biblioteca, e vim saber se alguma coisa aconteceu.

Julliet engoliu em seco e apertou a câmera entre seus dedos ao ouvir aquilo. Pheobe ainda não sabia sobre a sua demissão, e ela havia conseguido o emprego na biblioteca para Julliet. Ela sabia que aquele não era o motivo que a deixava mais irritada, e se ela estivesse certa em achar que a loira já houvesse descoberto a causa de Julliet ser demitida, ela iria escutar por muito tempo.

—Eu posso conversar com você depois?

Pheobe suspirou e segurou a bolsa marrom ainda mais forte em seu ombro. Após a morte de Verônica ela sabia como a vida da garota havia virado de cabeça para baixo, com o que acontecia com o pai e todo o resto. Ela só queria ter certeza de que Julliet não iria se deixar levar por tudo aquilo e tentar continuar a ter ao menos uma vida saudável.

—Julliet, por favor não me diga que foi culpa do Isaac!

—Eu não... Phoebs, não me faça te falar isso.

—Porque?

—Eu sinto muito.

Praticamente sussurrou querendo dar um fim naquilo.

—Eu também, Julliet

Seus olhos verdes se desviaram para seus pés, calçados por uma sapatilha azul, tentando evitar encarar o olhar de repreensão da mais velha.

—Mas eu estou trabalhando, na lanchonete aqui na frente. Ainda é perto da faculdade.

—Sorte a sua. Tente se lembrar de cuidar de você.

Dizendo isso a garota se afastou da outra a fazendo se sentir culpada. Sabia que aquilo viria mais cedo ou mais tarde, mas sempre se sentia mal

quando a decepçionava. Phoebe era a única pessoa que havia continuado a ser sua amiga naquele lugar. O que a fez lembrar dele. Ainda estava ali? Seu olhar percorreu o corredor meio cheio, sem sucesso. Jonah havia sumido novamente. Mas ela precisava falar com ele.

—Já volto.

Julliet falou rapidamente aos garotos da sua sala, que talvez nem a houvessem escutado. Em passos rápidos ela começou a caminhar na mesma direção em que o garoto caminhava a minutos atrás e revezando o olhar entre o caminho e sua mochila ela guardou sua câmera na mesma. Suas mãos puxaram a sua mochila ainda mais para suas costas assim que ela avistou as escadas. Ele devia ter ido até ali. Dessa vez ela não deixaria que ele a ignorasse como da última vez e iria esclarecer tudo. Contar o que realmente havia acontecido. Não queria ninguém pensando que ela havia atropelado uma pessoa por que quis ou algo do gênero. Seus pés pararam assim que ela terminou de subir as escadas. Mal podia acreditar ou entender o que acontecia. Jonah estava caído no chão há alguns metros dela. Julliet se aproximou quase correndo e pode vê-lo melhor, sentindo o desespero tomar conta de si. O garoto tremia compulsivamente no chão, com os braços junto ao corpo, seus olhos estavam abertos, mas ele não parecia poder ter o controle sobre o que estava acontecendo. Um grito saiu de sua garganta e ela se ajoelhou ao seu lado tentando segurá-lo firmemente. O que poderia fazer para que aquilo parasse? Passos ecoaram a sua frente, mas Julliet estava nervosa demais para olhar quem era.

Helena observava seu filho deitado na cama de Aldine. Ela não sabia se sentia tristeza ou raiva pelo o que ele havia feito. Ironicamente a mesma garota que havia ajudado a sua filha era a única mais próxima dele naquele lugar e o ajudou. As palavras do médico ainda não saíam de sua cabeça.

Os olhos de Andrew se abriram e ele encarou a sua mãe por alguns segundos. Ele não sabia dizer se queria ou não que ela soubesse o que ele havia tentado. E que merda, ele estava ali. Não devia estar. Sentou-se na cama se sentindo meio tonto e respirou fundo, tentando se preparar para o que estava por vir. Seu olhar foi em direção a janela o fazendo perceber que

já era noite.

—Quanto tempo?

—Quanto tem-po o que?

—Sabe muito bem do que estou falando.

A voz fina, porém rígida de Helena ecoou pelo quarto. Não adiantava, ela sabia.

—Não sei, uma semana. Foi de-pois da rad-ioterapia.

Ele podia ver a força que ela estava fazendo para que lágrimas não caíssem de seus olhos. Ele não queria continuar ali.

—O que estava tentando fazer, Jonah? Se matar?

Um sorriso amargo se formou em seu rosto.

—Algumas pessoas tentam se matar tomando vários remédios, eu só fiz o pro-cesso inverso.

Como ele conseguia sorrir com aquilo?

Raiva. Agora ela sabia o que sentia. Então ele realmente havia tentado, se matar. Helena se aproximou de seu filho o vendo lhe olhar meio surpreso.

—Acha que tudo o que está acontecendo não é suficiente? —Ele não sabia o que lhe responder. —Acha que... —Ela não parecia saber como continuar. *Seria melhor pra você, e pra todo mundo.* Era o que ele queria lhe dizer. Mas não conseguia. Seu olhar se desviou de sua mãe e ele apertou os próprios punhos tentando fazer com que sua voz funcionasse. —O que você estava pensando, Jonah?

—Você não, não sabe, o que é isso.

—O que eu não sei?

—Mãe...

—O que eu não sei, Jonah? —Praticamente gritou o assustando. —Que você pode morrer? Que o tumor pode crescer e tudo isso piorar?

O que ela estava dizendo? *Pare!* Ele queria gritar, mas não conseguia.

—Helena? —A voz grave de seu pai ecoou no quarto, e Jonah não conseguiu mais segurar as lágrimas. —O que você está fazendo?

—O Jonah! —Alan desviou o olhar para o seu filho podendo ver a cena que antes era rara. Andrew chorava recostado a cabeceira da cama recolhido na mesma, como se quisesse fugir de tudo aquilo. —Tentou se matar. —Se matar? Por isso ela estava daquela forma. Mas aquilo só pioraria as coisas. —Ele não...

—Helena! —A interrompeu antes que continuasse. Se Andrew havia feito aquilo algo grave além da doença havia o feito chegar naquele ponto. Ele podia entender o nervoso de sua mulher. Depois de tudo o que ela havia feito, e estava fazendo. —Você precisa se acalmar.

—Acalmar?

—Por favor. —Pedi gentilmente se aproximando dela para um abraço. Ela não rejeitou, apenas encolheu o seu rosto no ombro de Alan deixando que as primeiras lágrimas descessem por seu rosto. Quando ela havia perdido a noção de tudo daquela forma? Como foi capaz de deixar que isso acontecesse? Se sentia derrotada. —Beba um pouco de água, eu vou conversar com ele.

Alan a sentiu assentir em meio ao seu abraço, e logo depois Helena deixou o quarto os deixando a sós. Ele imaginava como ela se sentia. Saber que Andrew estava doente havia sido uma grande pancada. Mas aquilo era pior.

—Eu não quero con-versar.

A voz de Jonah o fez suspirar, e Alan se sentou ao seu lado observando o

filho mais velho encolhido na cama.

—Eu sei que não.

O garoto olhou para o seu pai rapidamente enquanto ele encarava o chão quase da mesma forma como ele olhava para o próprio Andrew as vezes. O que ele queria então? Ficar ali calado? Era bem a cara dele. Mas aquilo era mais que estranho. Talvez aquilo seria psicologia reversa.

Andrew suspirou desviando o olhar para o chão. Ele realmente achava que aquilo funcionaria? Agora ele se perguntava se seu pai não havia notado que ele já havia crescido e não cairia mais nesse truque. O silencio foi quebrado pelo suspiro pesado de seu pai, mas o que veio a seguir foi ainda pior. Andrew perdeu a conta de quanto tempo eles passaram ali, quietos. Ele, segurando o próprio choro, e Alan sentado ao seu lado pensativo. O garoto apertou as mãos contra a cabeça e olhou para o pai. Lhe parecia cansado.

—O que, está fa-zendo?

Ao ouvir aquela pergunta Alan finalmente despertou. Seu olhar se voltou a Andrew e ele franziu a testa demonstrando confusão.

—Eu estou com você, Andrew. —*O que?* O que ele queria dizer com isso? Que ele estava ali era óbvio. —Como a sua mãe está, como os seus irmãos estão. Estamos aqui com você. —A mão pesada de seu pai pousou em suas costas. —Você não está sozinho, e quando você se sentir sozinho, pode dividir isso com a gente. Ao menos com o Timothe. Vocês sempre foram tão unidos.

Andrew não conseguiu mais suportar. Seu olhar se desviou de seu pai e as lágrimas desceram por seu rosto descontroladamente. *Idiota.*

—Não con-te pra eles, o que eu fiz. Eu só não, quero mais isso, pai.

Desabafou, não conseguindo mais deter as lágrimas. E para seu alívio, Alan apenas o abraçou, deixando que todas as suas lagrimas caíssem, sem que ninguém o julgasse.

**Junho de 2013 – 22h19min**

A escuridão em meio as luzes causavam um contraste eletrizante no ambiente, o que só piorava a sua situação. Andrew respirou fundo tendo a sensação de que a música alta atravessava seus ouvidos fazendo aquela dor ficar ainda mais intensa. Como isso simplesmente resolveu surgir de uma hora para outra? Suas mãos apertaram os copos nas mesmas e ele olhou o bar a sua frente rapidamente. Havia várias pessoas ao seu redor, algumas delas esperavam por suas bebidas enquanto conversavam com alguém ao seu lado, um casal parecia ter perdido a noção de tudo a alguns metros dele enquanto se beijavam recostados ao balcão. Ninguém ali parecia notar o que acontecia. Ou estavam simplesmente ignorando? Ele realmente era o único a achar que aquela música estava alta demais? Ele poderia parar aquilo em alguns minutos, bastava um maldito notebook em suas mãos e a aquela música cessaria, então ele poderia continuar em paz ali. Mas a dor não iria embora, assim como nas outras vezes, assim como naquele dia em que ele estava em uma palestra e até a voz de Lea lhe parecia soar em alto-falantes junto ao do professor, ou quando ele simplesmente não suportou mais ficar do lado de fora da sua sala e precisar ouvir todas as vozes que vinham do corredor. Seu corpo se virou em direção a multidão, onde Lea devia estar junto aos seus amigos, mas aquele simples movimento o fez se arrepender completamente de ter sequer se movido. Os copos escorregaram de suas mãos e ele ergueu as mesmas em direção a sua própria cabeça a sentindo como se estivesse pesada demais para o seu corpo. Seus olhos se fecharam fortemente na tentativa de achar um isolamento de tudo aquilo. Agora as batidas da música pareciam vir de dentro dele. Martelando o seu crânio sem nenhum descanso. Os copos atingiram o chão derramando toda a bebida que haviam nelas. Andrew pode sentir os pingos gelados espirrarem contra seus jeans, mas a dor em sua cabeça não o deixava se concentrar em qualquer outra coisa.

Duas garotas que estavam recostadas no balcão o observaram meio surpresas. O garoto não parecia estar bem, talvez tivesse bebido demais.

—Ei! Você está bem?

A morena alta se aproximou dele meio aflita. Andrew finalmente abriu seus olhos achando uma garota desconhecida, mas ainda assim preocupada a sua frente. O que ela havia dito? O que ele ainda estava fazendo ali? Ele

podia procurar Lea e dizer que não estava se sentindo bem. Precisava ir embora.

Uma rápida olhada ao redor o fez se lembrar de que em poucos minutos atrás ele estava ali, no meio de todas aquelas pessoas, com a sua namorada, se divertindo e dançando depois dela tanto insistir que ele já havia estudado o suficiente para a sua prova de amanhã. E agora ele estava ali. Daquela forma. Seus pés finalmente se moveram e ele caminhou a procura de uma saída, ignorando completamente a garota a sua frente. Aquilo não era normal, não podia ser. O que estava acontecendo com ele? Suas mãos foram a seus ouvidos, tapando os mesmos, enquanto ele passava por algumas pessoas, que gritava além da música, ou dançavam sem se importar com ninguém ao redor. Ele não viu Lea, ou nem havia a procurado, não sabia dizer. O local era fechado e por estar cheio o deixava ainda mais impaciente. Tudo era iluminado por uma luz azul, outrora vermelha, e aquilo não lhe ajudava em nenhum aspecto. Seu olhar se ergueu acima das pessoas e ele pode ver um rapaz abrindo uma porta larga ao meio e sumindo logo depois.

Sua saída.

Seus passos ficaram ainda mais rápidos enquanto desviava de todos. Sua mão se ergueu em direção a porta, empurrando o lado direito da mesma com toda a sua força. O vento frio o envolveu no mesmo instante e a porta se bateu em suas costas o fazendo se encolher pelo susto. A música foi abafada no mesmo segundo, mas a dor ainda estava ali. O que ele faria agora? Ele poderia ir para sua casa, contar a sua mãe o que realmente estava acontecendo, que ele não estava bem. Mas ficava muito longe, e ele não iria conseguir dirigir daquela forma. E se a dor não passasse? Um casal passou por ele na calçada e ele notou a enorme fileira de carros estacionados no outro lado da rua. O carro do pai de Mateus estava a alguns metros dele, ele podia se lembrar. Samuel havia o feito estacionar perto do local onde estavam porque segundo ele, estaria cansado demais para poder andar mais do que dois metros quando eles voltassem. Andrew vasculhou o bolso de sua calça achando as chaves e parou em frente ao carro. Seu amigo havia conseguido pegar o carro emprestado com o pai naquela noite, mas ele ainda não havia tirado a carteira de motorista, então Andrew sempre acabava conduzindo por ele. Sua mão se ergueu em direção a porta, mas elas tremiam tanto que ele

mal conseguia encaixar os seus dedos no local certo. Mas ele não estava tremendo. Ela simplesmente não o obedecia.

O que estava acontecendo? Assim que abriu a porta seu corpo se jogou no banco e ele recostou sua cabeça no mesmo, rezando para que aquilo fosse embora, e que não voltasse. Afinal até quando aquilo continuaria? E se continuasse? E se não parasse e ele tivesse que viver com aquilo para o resto da vida? Mas o pior era o fato de ele não saber o porquê aquilo ter começado. As dores, os movimentos involuntários. E se não fosse apenas nervoso como ele sempre alegava a si mesmo? E se ele estivesse doente? Seus olhos se arregalaram ao pensar naquela possibilidade. Não era aquilo. Que tipo de doença o deixaria daquela forma?

Uma música conhecida por ele interrompeu seus pensamentos e só depois de alguns segundos ele percebeu vir do seu bolso. Logo após suas mãos chegarem ao mesmo, Andrew ergueu seu celular até a altura de seu rosto, podendo ver o nome na identificação de chamada além das lentes de seus óculos. Lea. Ele não queria atender. Mas ela poderia estar preocupada. Seu polegar se arrastou sobre a tela do celular desligando a ligação. E ele ligou para a única pessoa que ele deveria falar agora.

A cada chamada sua cabeça parecia martelar ainda mais. *Mas vai acabar.* Ele disse a si mesmo. *Ela vai atender e tudo vai ficar bem.*

“Andrew?” Uma voz diferente da que ele imaginava atendeu. “Você tá vindo? A mamãe tá dormindo, por isso atendi.”

—Timothe, —O que ele faria? —Timo, por favor chama a mamãe. — Andrew falou meio lentamente enquanto tentava segurar as lágrimas, mas era complicado. Não suportava mais aquilo. —Eu, pre-ciso falar com ela.

“Você tá chorando? Andrew, você tá bem?”

—Não, não. Minha cabeça dói, Timo, como nunca. E isso aconteceu várias vezes, eu não suporto mais isso.

“Eu, eu vou chamar a mamãe, ok? A quanto tempo isso tá acontecendo?”



Andrew pode ouvir seu irmão correr pela casa, e logo depois as batidas fortes, provavelmente na porta do quarto de sua mãe.

—Um mês, talvez.

“Um mês? Mãe!”

"O que você quer a uma hora dessas?"

A voz de sua mãe ecoou no telefone o fazendo suspirar.

“É o Andrew. Ele não tá bem.”

“Jonah?” No mesmo segundo ele pode ouvir aquela voz fina, agora visivelmente angustiada ecoar novamente, porém dessa vez mais alto no telefone. “Onde você está? O que está sentindo?”

—Dor, mãe. Mi-nha cabeça dói.

Sua voz saiu mais falha do que ele imaginou, talvez fosse as lágrimas.

“O que tem um mês? Jonah, não me diga que sente isso há um mês e não me falou nada.”

—Eu sinto muito, a-chei que era uma dor qual-quer e que passaria.

"O que está acontecendo?"

Dessa vez ele pode ouvir a voz de seu pai no fundo. Pelo visto Timo havia acordado a casa toda.

“Jonah, nós vamos te encontrar.” O olhar do garoto se desviou para o relógio do rádio, já passavam das 22 horas. “Vá para o hospital, peça ajuda a Lea.”

—Mãe...

“Por favor, Jonah.”

Ela não lhe deu tempo para negar, e desligou a ligação o deixando sozinho novamente. Peça ajuda a Lea, ela disse, e foi o que ela fez. Após três chamadas ela o atendeu.

“Drew?” Seus olhos se fecharam rapidamente ao ouvir o som vir do telefone. “Onde você está? Ainda estou esperando pelas bebidas.”

Falou em um tom de brincadeira.

—Lea, es-tou no carro.

“No carro? Você está bem?”

—Não. Pode v-ir aqui?

“Tá bem.”

Seus olhos se fecharam e ele desligou a ligação deixando o celular cair em seu colo. A dor ainda estava ali fazendo cada movimento seu ser uma tarefa árdua. Quando aquilo acabaria?

—Andrew? —A voz de Lea ecoou ao seu lado, e ele abriu os olhos vendo sua namorada do lado de fora ao seu lado meio angustiada. —O que tá sentindo?

—Minha cabeça, es-tá doendo. Você po-de, me levar para o hospital?

Perguntou sentindo uma mão fria em sua testa, e só depois de alguns segundos deduziu que ela podia estar tentando checar sua temperatura. A porta ao seu lado se abriu, e Andrew desceu do carro, lentamente, como se ele fizesse isso em sua velocidade normal pioraria sua situação. Seu corpo parecia pesado, mas mesmo assim ele recusou ajuda para caminhar. Lea abriu a porta do carona permitindo que o garoto se sentasse no banco. Quando a porta ao seu lado se fechou, seus olhos se fecharam fortemente. Era como se o mundo estivesse estremecendo. Ele tentou dormir no meio do caminho, mas nem aquilo ele conseguia fazer.

—Boa noite. —Lea praticamente se jogou contra o balcão da recepção segurando Andrew pelo braço. Um homem o observou rapidamente por cima

de seus óculos, voltando sua atenção ao computador a sua frente. —Meu namorado, está se sentindo mal.

—Preciso dos documentos dele.

—Andrew Jonah. —Carteira. O garoto pensou enquanto ouvia Lea ao seu lado. Se ele estivesse com sorte, ele não havia a deixado no carro. Sua mão passou pelo seu bolso a achando rapidamente, a entregando a Lea logo depois que passou sua identidade para o homem a sua frente. —Ele está com muita dor de cabeça.

—Você bebeu?

Andrew negou respirando fundo.

—Não a um m-ês atrás.

O olhar do recepcionista pairou sobre o garoto por alguns segundos.

—Está sentindo isso a um mês?

—Eu acho.

—Você pode esperar aqui.

Lea guiou Andrew até uma das cadeiras da recepção, implorando internamente para que aquilo não demorasse. O pior de tudo aquilo era não ter a mínima ideia do que ele sentia, e ainda por cima ter como opção única, esperar.

—Eu preciso ligar para os seus pais.

Lembrou se sentando ao lado do namorado. Helena sabia que eles iriam para uma festa, mas a forma como ela confiava em seu filho não a deixaria pensar na possibilidade de ele parar em um hospital por ter bebido demais. Não que Lea tivesse certeza que o que ele sentia havia sido causado por excesso de bebida, mas aquele era o motivo mais lógico no momento.

—E-les estão vindo. —A informou meio lento. Talvez ele não estivesse

conseguindo falar normalmente. —Liguei, pra ma-mãe.

—Certo. Não devem demorar.

—Me desculpe. Acho q-ue não era isso que tinha em mente quando disse que precisávamos de, u-m pouco de diversão.

—Não é sua culpa.

Seus dedos se entrelaçaram aos dele, tentando o manter calmo. Eles ficaram ali por 20 minutos, talvez. Lea não pode entrar, fazendo com que mais uma vez ela não tivesse nenhuma escolha além de esperar.

Timo empurrou a porta da emergência sendo seguido por sua família. Helena ainda se perguntava o motivo de toda aquela comitiva a perseguir. Sabia que eles deveriam estar preocupados com o irmão, mas aquilo talvez só o assustasse ainda mais. Uma garota ruiva estava sentada em uma das cadeiras da recepção e ela a reconheceu assim que a garota se levantou ao ouvi-los entrar.

—Ele já está lá dentro.

—Obrigada por trazê-lo. Timothe... —O chamou se virando para o garoto que a olhou meio surpreso —Fique aqui com a sua irmã.

—Vamos ver o Andrew.

Alan completou parando ao lado de seu filho.

—Porque o Timothe precisa ficar comigo? Temos a mesma idade!

Aldine protestou recebendo uma revirada rápida de olhos de sua mãe.

—Agora não!

Resmungou enquanto deixava a recepção sem nem ao menos perguntar a recepcionista onde Andrew estaria. Ela já conhecia aquele lugar completamente, já que trabalhava ali, como enfermeira. E justamente naquele dia ela não estava no turno da noite.

—Eu não acredito que ela disse isso.

Aldine se sentou resmungando e seu olhar foi a Timo por alguns segundos.

—Você pode lembrar de que o Andrew está lá, e não sabemos o que ele tem?

—Eu me lembro!

Lea os observava ainda em pé, enquanto tentava prender o cabelo com um elástico que havia achado em seu bolso. Timo e Aldine eram gêmeos, mas as semelhanças se limitavam na aparência. E diferente de Andrew, ambos pareciam com os seus pais fisicamente. A mesma pele escura, e o mesmo cor de cabelo, apesar de Aldine usar tranças, e Timothe os seus dreads. Ainda se lembrava do que Andrew havia lhe dito sobre o fato de ser adotado. Ele não se importava, dizia que toda vez que encontrava a sua mãe biológica, ele tinha mais certeza de que eles eram a sua verdadeira família.

—Ei! —Aldine a chamou a pegando de surpresa. —Há quanto tempo vocês estão aqui?

—Eu não sei. Meia hora.

Chutou se sentando ao lado de Aldine. Lea não parecia ser o tipo de garota que estaria com alguém como Andrew. Não que Aldine estivesse menosprezando o irmão, mas ele fazia engenharia da computação, e Lea algo com geografia. Qualquer coisa que envolvesse códigos e computadores deveria deixá-la com sono. Sem falar que ela era 3, ou 4 anos mais velha que o seu irmão.

—O que ele te disse?

Dessa vez a pergunta veio de Timothe.

—Que a cabeça dele estava doendo.

—Ele bebeu?

Aldine perguntou novamente saindo de seus pensamentos.

—Ele não me deixava nem bater na porta dele porque estava estudando para uma prova amanhã. E além do mais, ele me disse no telefone que sentia isso a um mês.

Timo respondeu antes mesmo que Lea se manifestasse. E pensando bem ele tinha razão, ela mesma havia feito um grande esforço para tirá-lo de casa.

—Um mês? —Lea repetiu surpresa pela novidade. —E ele não nos disse nada?

—É o Andrew.

Aldine se encolheu na cadeira meio irritada. Sabia o que o irmão mais velho deve ter pensado: que aquilo não era nada demais, e que iria passar, e ele não precisaria preocupar ninguém com aquilo. Mas agora, todos estavam ali por algo que escondeu, e que talvez não chegasse aquele ponto se ele simplesmente resolvesse abrir a boca.

A porta branca e larga se abriu a esquerda da recepção e Helena saiu de lá vindo em direção aos garotos em passos largos. Timo quase se levantou ao notar a expressão aflita da mãe.

—Lea, você pode ir pra casa se quiser. —Disparou assim que parou a frente deles. —Ele vai fazer alguns exames, e não sei o quanto pode demorar.

Seu olhar foi a seus filhos rapidamente, os fazendo perceber que havia mais do que aquilo.

—Não, tudo bem. Eu quero esperar. Mas já soube o que ele tem?

—Não exatamente. Eu preciso voltar, Alan está com ele, mas... —Sua voz se dissipou com um suspiro, como se procurasse pelas próximas palavras. —Eu aviso a vocês quando acabar.

Dizendo isso ela os deixou da mesma forma que chegou. Repentina e rapidamente.

Suas mãos empurraram a porta a fazendo entrar no corredor largo em que passava praticamente todo o dia. Suas mãos suavam. Estava nervosa pelo o que havia escutado e queria que aquilo não fosse real. Assim que entrou no quarto pode ver Andrew sentado na cama, ainda com a mesma expressão de resistência. Alan estava recostado a parede meio pensativo, talvez também estava tentando negar o que havia escutado.

—Falei com eles. —Helena quebrou o silêncio fazendo os dois pares de olhos castanhos irem em sua direção. —Lea vai esperar.

—Eu não sei porquê. —Andrew praticamente cuspiu aquelas palavras enquanto se ajeitava na cama. —Eu tenho um ca-roço na cabeça só porque não consegui desenhar uma mal-dita linha?

—Jonah! —Helena se aproximou dele tentando manter a calma. Ele podia se ouvir? —Eu sei que você pode estar assustado com a possibilidade de isso estar realmente acontecendo, assim como eu e o seu pai, mas você, essas dores não são normais, você não passou no exame neurológico...

—Você falou pra eles?

Alan a perguntou cruzando os braços.

—Não. Só disse que ele vai fazer alguns exames, Lea está aí, eu não sei se ele vai querer falar com ela, e se quiser não sou eu que devo falar isso.

—Então acha, que eu re-almente estou doente?

—Pare de falar com ela dessa forma. —Alan se aproximou do filho ao notar o quanto ele estava alterado. —Não é culpa de ninguém o que está acontecendo.

—Eu sei pai, eu só...

Ele não conseguiu completar, apenas olhou para sua mãe sem saber o que dizer. Sentia medo, talvez, de que seus pensamentos de minutos atrás estivessem certos.

A porta do quarto se abriu antes mesmo que Helena pudesse reagir a

angústia do filho. Um dos enfermeiros entrou os avisando que tudo já estava pronto para Andrew, o deixando ainda mais tenso.

Suas mãos o apoiaram no colchão macio e ele deixou seu corpo escorregar para fora do mesmo. Ao menos aquilo estava perto de acabar.

Andrew se sentou ao lado de sua mãe, logo após Alan lhe ceder o lugar. O médico os observava meio apreensivo como se esperasse o momento certo para começar. Mas Andrew tinha certeza que estava bem, e de que aquilo não era nada demais.

—Andrew Jonah, certo?

O garoto assentiu engolindo em seco, enquanto o médico revisava os seus exames. Helena e Alan se sentiam mais nervosos a cada segundo, não faziam ideia do que o filho tinha, e nem conseguiam parar de pensar no pior.

—O resultado?

Helena perguntou colocando a mão por cima da de Andrew involuntariamente. Ele pôde sentir seus dedos frios e o quanto ela se controlava para não deixar o nervosismo transparecer.

—Eu já tinha minhas suspeitas com o exame neurológico, a falta de coordenação, alteração no equilíbrio, e as dores de cabeça...

—Pode por favor, parar de en-rolar e dizer o que eu tenho.

O mais novo entre eles disparou nervosamente.

—O resultado da tomografia, mostrou um tumor que está se desenvolvendo em seu cérebro. —Tumor. Andrew sentiu seu corpo ficar ainda mais pesado, e não conseguiu mais se mover, ou sequer ter uma reação diante daquilo. —No seu cerebelo, especificamente, por isso está alterando sua coordenação, equilíbrio e a fala. Ele já está um pouco avançado, mas você precisa fazer mais alguns exames para ter mais detalhes.

—Avançado? Como assim avançado?



Alan perguntou em meio as primeiras lágrimas. Helena só conseguia manter o olhar no filho ao seu lado. Andrew parecia perdido, se mantinha parado com os olhos fixos no médico a sua frente, a deixando meio assustada. Aquilo estava mesmo acontecendo? Justo com ele? Depois de tudo o que aquele garoto havia passado... De repente Helena se viu há alguns anos atrás, quando o viu chegar meio tímido em sua casa, mas com o seu jeito contido ele nunca havia deixado de demonstrar o quão feliz estava por finalmente estar em casa.

—Pelo o que analisei...

Ele não conseguia ouvir mais nada.

Tumor.

Na sua cabeça.

Como aquilo havia acontecido?

—Eu, eu tenho câncer?

Finalmente sua voz foi escutada, fazendo Helena se virar para o filho novamente segurando ainda mais forte sua mão. Foi a única coisa que ele conseguiu falar. As malditas lágrimas desciam por seu rosto e seu coração parecia estar sendo esmagado contra o peito. Ainda mais agora, que sua mãe pareceu não suportar mais, e deixou que as lágrimas caíssem compulsivamente pelo seu rosto. A mão do garoto foi desajeitadamente a sua costela esquerda a pressionando contra seus dedos. Câncer. Talvez aquilo sempre tenha sido o seu destino.

—Você pode, deve começar o tratamento imediatamente. Quando fizer os exames vai poder saber que tipo...

Andrew se levantou repentinamente soltando a mão de sua mãe, e em segundos saiu da sala, sem deixar que o médico terminasse de falar.

—Jonah!

Os gritos de sua mãe ecoavam em sua cabeça enquanto ele corria pelo

corredor largo em direção a grande porta de saída. Se sentia tonto. Sufocado. Desesperado. Talvez a beira de um colapso, ou talvez ele já estivesse em um. Tumor. Como podia ser possível? Sua mão o deu apoio na parede fria ao seu lado o fazendo continuar a correr, já que seus pés pareciam querer todas as direções possíveis o deixando ainda mais desorientado. Quando aquilo havia acontecido? O que ele havia feito para merecer aquilo? Sua garganta parecia estar se fechando cada vez mais, como se a própria morte o enforcasse aos poucos, só para vê-lo sofrer em seus últimos segundos de vida.

—Jonah!

A voz de sua mãe ecoou mais uma vez atrás dele e ele finalmente alcançou a porta, empurrando a mesma chegando a recepção. Mas ele não conseguia mais correr. Ele devia correr. Talvez se conseguisse se afastar o suficiente daquele lugar, aquilo saísse da sua cabeça.

—Andrew! —Timothe se levantou da cadeira ao ver seu irmão cair assim que a porta foi aberta. Ele parecia atordoado. O que havia acontecido? — Andrew!

Andrew olhou ao redor vendo seus irmãos e Lea se abaixaram até ele.

—Jonah! Filho, por favor.

Helena se ajoelhou ao seu lado, aos prantos.

—Me diz, q-ue é mentira.

Mãos seguraram o seu rosto, e ele teve a sua resposta nas lágrimas de seus pais que pareciam nunca acabar.

Era verdade. Não um pesadelo. Câncer. Aquela palavra não saía de sua cabeça. O que ele faria agora? Só sentaria e tomaria remédios enquanto esperava pela morte?

—Jonah.

Impossível. As lágrimas desciam ainda mais de seus olhos, e Helena o puxou para um abraço forte. Ela mais do que ninguém queria que aquilo

fosse mentira. Nunca em sua vida havia pensado na possibilidade de ter que enterrar um filho. Não queria que aquilo fosse real, mas não podia pensar assim, ainda havia tempo. Andrew respirou fundo se agarrando ainda mais forte contra sua mãe, se lembrando de todas as vezes que se sentiu mal e dizia a si mesmo que não era nada demais. Nunca poderia imaginar que se transformaria naquilo.

Por mais que seja evitado pela maioria das pessoas, a única certeza existente desde o início da vida, é que um dia o seu fim irá chegar. Cada passo dado ao longo do dia é uma passagem sem volta para esse destino. E mesmo assim quando isso acontece, ou de alguma forma a morte se aproxima, nunca é fácil como poderia ser.

—Pai?

Se sentindo angustiada, Aldine se virou para o pai que também chorava, ela queria entender o motivo daquilo tudo. Timothe já estava chorando, mesmo sem saber o que realmente estava acontecendo, ver a sua família daquela forma era horrível.

—Helena, leve o Andrew pra dentro, eu vou conversar com os meninos.

Alan a pediu enxugando, ou ao menos tentando enxugar as lágrimas.

—Jonah... —Sua voz suave o fez erguer sua cabeça em sua direção. — Temos que voltar, ainda temos algumas coisas pra fazer, eu sei que é difícil... —Continuou o ajudando a se levantar. —Mas eu vou cuidar de você, nós vamos cuidar de você, e fazer de tudo pra que você fique bem. Tudo bem, meu amor?

Suas mãos leves passaram pelo rosto úmido do garoto o enxugando, quando eles já estavam de pé. Timothe os assistia se sentindo cada vez mais angustiado.

Ficar bem? O que ela queria dizer com aquilo? Sua mãe e seu irmão mais velho os deram as costas, passando pela grande porta branca novamente. Ele sentiu vontade de correr na direção deles quando os perdeu de vista, mas sabia que aquilo só deixaria Andrew ainda mais nervoso.

**Agosto de 2014 – 09h38min**

O segundo ônibus passou por Alan o fazendo arfar sem paciência. Tinha a sensação de que estava ali a mais de meia hora. Talvez houvesse chegado cedo demais. Ele não costumava ser impaciente, mas havia deixado um Andrew nervoso e ansioso em casa, e não queria que aquilo durasse por muito tempo. Se sentia aliviado, e feliz por estar fazendo aquilo, mesmo que houvesse sido ideia de Juliet como o seu filho lhe falou. Era um avanço. Ele estava deixando de se isolar por causa da doença. A própria Juliet já havia sido um avanço, mas Andrew ainda tinha muito o que progredir.

Mais um ônibus estacionou no setor de desembarque e Alan finalmente pode ver o amigo de seu filho. Mateus desceu do mesmo e foi em direção ao pai de Andrew o observando meio surpreso.

—Alan, nada contra, mas achei que o Andrew estaria aqui.

—Ele não pode vir, mas está em casa te esperando.

Respondeu em meio a um riso.

—Ele está bem?

—Está. —Quer dizer, não totalmente. —Ele só, é melhor conversarem em casa.

—Tudo bem. —Assentiu ainda estranhando tudo aquilo. —Como estão os garotos? Timo e Aldine?

—Bem, bem. Só brigando por tudo.

—Como sempre.

Ambos foram em direção a saída da rodoviária prontos para pegar o próximo ônibus. Mateus se sentia meio apreensivo, afinal não via motivos para o amigo fazer todo aquele mistério. Ele sempre havia sido reservado, mas agora ele não queria sair de casa? E porque Alan havia ido até ali?

Uma garota abriu a porta da casa. Ele não a conhecia, tinha certeza. Seus

cabelos cacheados estavam soltos e ela sorria para Alan como se o conhecesse a muito tempo.

—Obrigado, Juliet. —Agradeceu entrando na casa, dando espaço para que o garoto que o acompanhava o seguisse. —Esse é o Mateus, o amigo do Andrew.

—Eu sou a Juliet. —Se apresentou em meio a um suspiro. Ela parecia apreensiva. —O Jonah tá no quarto.

—Pode ir com ela, acho que ele está bem ansioso.

Alan murmurou indo em direção a cozinha, fazendo os dois rirem. Juliet caminhou em direção a um corredor estreito empurrando a segunda porta. Se sentia melhor por ter conseguido fazer com que aquele encontro acontecesse, por mais que soubesse que ele não seria muito positivo, para nenhum dos dois. Andrew não podia simplesmente se afastar de todos que conhecia daquela forma.

—Jonah?

Assim que ouviu a sua voz o garoto levantou da cama desajeitadamente os observando. Ele realmente estava ali. Era idiota se sentir nervoso?

—Ei. —Mateus se aproximou segurando fortemente a alça de sua mochila. Seu amigo estava diferente. Meio abatido, e mais magro. Vestia um gorro preto que não fazia parte de sua rotina. Estranho. Mas a sua aparência... O garoto engoliu em seco ao perceber a direção de seus pensamentos. —Você está doente?

Andrew suspirou se sentando na cama novamente, e olhou Juliet ainda na porta como se pedisse por ajuda. Ele havia chegado naquela conclusão rápido demais. Ele estava tão ruim assim?

—É melhor eu deixar vocês conversarem.

*Não!* Mas era tarde demais, ela já havia fechado a porta os deixando para trás.

—Andrew?

Mas Mateus ainda queria a sua resposta. Ele sabia que aquilo deveria acontecer. Andrew então, simplesmente puxou o gorro de sua cabeça, deixando que o seu amigo o visse. Quase careca. Aquilo o pegou de surpresa. O que aquilo significava?

—E-u, meio que es-tou c-om cân-cer.

Finalizou com um sorriso apático. O silêncio agora lhe parecia pesar duas toneladas. E lá estava aquele olhar novamente. Primeiro o terror, e depois, a tristeza. Ele não sabia dizer se era pena. Talvez. Quem não teria? Ninguém queria estar onde ele estava agora. Ninguém.

Andrew já podia imaginar o que se passava na cabeça de seu amigo. Primeiro ele se dava conta do quanto aquilo era grave, e depois de que ele estava mais perto da morte.

Morte. Isso não devia assustar tanto. Mas os assustava. E a ele também. Quantas vezes ele havia se pegado pensando em como seria deixar de existir?

Andrew viu seu amigo deixar a mochila no chão, e se sentar ao seu lado o observando.

—Porque não me contou?

—L-ea, me disse que e-ra dem-ais pra e-la, e ter-minou co-migo.

—Bem, eu não sou ela.

Aquela resposta o fez o olhar meio aliviado e surpreso. Juliet tinha razão. Como sempre. Ele era tão estúpido.

—Me desculpe, por esconder, eu só, não queria, achei que, achei melhor se não soubessem.

—Que tumor é esse?

—Ce-rebral. —O olhar de seu amigo se desviou dele no mesmo instante.

Como se o olhar fosse doloroso demais. —Não é ma-ligno. Fica no cerebelo. Por isso es-tou ga-go.

Brincou na esperança que Mateus risse. Mas aquilo não aconteceu.

—Devia ter me contado.

—Me desculpe.

—Se você morresse, eu iria receber uma ligação? Só isso? Não pensou no que... —Ele não conseguiu continuar. Mateus se levantou indo em direção a porta, mas em vez de sair, ele se recostou na parede encarando Andrew como se ele estivesse prestes a enforcá-lo. —Você vai morrer?

—Você vai morrer um dia também.

—Cala a boca, e me responda.

—É impossível fazer essas duas coisas ao mesmo tempo.

—Andrew!

Protestou o fazendo arfar.

—Provavelmente. —Suspirou tentando segurar o choro. —Ainda posso fazer uma cirurgia para retirar, mas não temos co-mo pa-gar isso. Ainda tem a casa, e o tratamento.

—Posso te ajudar. Nós podemos te ajudar.

—Como?

—Eu não sei, freelas, nós podemos começar a vender algo, fazer qualquer coisa e juntar dinheiro, Andrew, só, eu vou fazer isso. Eu vou pedir ajuda, eu só não...

—Mateus...

—Não! Porque não me contou? —Praticamente gritou deixando que as

lágrimas descessem por seu rosto. —Você é mais orgulhoso e egoísta do que eu pensei. Você é um idiota. —Andrew apenas assentiu sabendo que merecia aquilo. —A gente cresceu junto na droga daquela rua, desde que a Helena te levou pra casa, na merda daquela escola, e você não me contou.

—Me des-culpe!

Implorou segurando ainda mais forte o tecido em suas mãos. Mateus o encarou enxugando as próprias lágrimas.

—O que mais, além da fala? Movimentos?

Um aceno positivo foi lhe dado como resposta.

—Coordenação. Eu não es-tou fazendo quimioterapia, estou fazendo radioterapia, por isso ainda tenho cabelo.

—Sinto muito.

Deixou escapar após um instante tortuoso de silêncio.

—Tudo bem.

—Não está nada bem, Andrew e você sabe disso.

—Como estão as coisas?

—Normais. Ainda vamos a festas sem você, a diferença é que você não nos enrola mais.

Andrew deixou uma risada escapar e vestiu o gorro novamente de uma forma meio desengonçada.

—Pa-rece divertido.

—E aqui?

—Bem, eu passo a maior parte do tempo em casa agora.



—Agora? —Aquela pergunta o fez rir novamente. —Quem é a garota?

—Julliet. Estamos namorando.

—Como um mentiroso com câncer consegue uma garota como aquela?

—Eu não sei. —Deixou escapar em meio a um riso. —Ela é, incrível. Inclu-sive você está aqui por causa dela.

—Ótimo. Então só resolveu me contar a verdade porque ela te pediu?

—Mais ou menos.

—Você é o pior.

—Eu sei. Ainda fala com a Lea?

—Às vezes a gente se batia na faculdade. Mas se eu soubesse o que ela fez, eu não falaria.

Aquilo arrancou uma risada fraca de Andrew.

—Ela só fi-cou apavorada.

—É mas, é uma coisa horrível de se fazer.

—Eu não vou mais julgar ela. E-u per-cebi o quanto isso é pesado e ruim pra quem tá ao meu redor. An-tes eu não queria falar com vocês por, talvez medo, mas ago-ra, é por isso também. Eu vejo o quanto os meus pais precisam aguentar por minha causa, e eu n-ão posso fazer nada.

—Não por sua causa, e sim por você.

—Eles me falam isso o tempo todo também.

—Como é?

*Como é estar doente?* Ele não sabia se conseguia resumir aquilo.

—Me dei-xa fraco. Eu sinto dores no corpo, mi-nha boca fica seca o tempo todo, a minha garganta dói, estou com a-nemia, ganhei algumas cicatrizes cai-ndo, é bem difícil digitar algo, então é uma merda.

—Eu vou fazer alguma coisa, eu consegui um estágio...

—Não precisa. Esquece essa ideia.

—É claro que precisa, eu não vou deixar isso acontecer sem ao menos fazer algo.

Andrew não sabia o que dizer. Não esperava menos, mas, ainda assim. Não queria atrapalhar ninguém.

—Eu po-deria trabalhar, mas eu não consigo fazer na-da rápido. Eu estou com um projeto, não é nada demais, mas se eu terminar e vender posso conse-guir alguma coisa.

—Isso é bom.

—E-u não quero dar trabalho a você. Mamãe e papai tentam juntar dinheiro, mas e-les já tem que pagar pelo tratamento, remédios, a casa, e todo o resto.

—Não vai me dar trabalho, eu te prometo. Só por favor me deixe ajudar.

—Obrigado.

Andrew pareceu não suportar mais e deixou que seus olhos se enchessem de lágrimas.

—Tudo bem. —Ele não poderia imaginar como deveria ser horrível. Ter a sua vida virada de cabeça pra baixo daquela forma. Talvez houvesse exagerado ao sentir raiva do amigo por ele não ter contado, ele devia estar passando por tanta coisa. —Você pode ir ao cinema? Eu acho que se você não puder, se mataria.

Andrew deixou um riso escapar e levantou da cama, com o apoio do colchão.

—Eu posso. Não sozinho, eu não posso nem tomar banho sozinho.

—Sério?

—Ga-nhei essa cicatriz no queixo a última vez que fiz isso, e se eu não tiver uma cadeira a mamãe faz questão de me segurar.

—Você está tão ferrado.

—Esse pacote é uma grande merda.

—É. —Afirmou rindo. —Mas eu ainda não esqueci que foi embora sem falar nada. Não acredito que eu deixei você namorar a minha irmã no ensino médio.

—Cale a boca.

Resmungou indo em direção a porta do quarto. Ele precisava de água.

### **Dezembro de 2013 – 10hr38min**

Natan já havia perdido a conta de quantas vezes havia girado o celular em sua mão. Ou talvez ele nem havia contado. A rua estava agitada e as pessoas pareciam estar com pressa o suficiente para não o notar. Mal sabia a quanto tempo estava sentado no banco do ponto de ônibus próximo ao grande prédio do banco que Andrew havia planejado invadir. Se aquilo desse certo. Já passavam das dez horas e a recepcionista que ele havia marcado estava atrasada.

Seu olhar foi ao grupo de cinco crianças que vestiam a farda de um colégio do outro lado da rua e conversavam distraidamente. Talvez ele devesse ligar para Andrew e avisá-lo que havia dado errado. Assim que notou um dos garotos se afastar do grupo, Natan desviou o olhar para o outro lado, podendo ver o que ele tanto esperava.

A recepcionista se aproximava da entrada do banco com um envelope nas mãos e a sua bolsa preta. O garoto que antes fazia parte do grupo de estudantes, corria em sua direção e acabou se batendo na mulher derrubando a sua bolsa. Natan deixou o sorriso escapar ao vê-lo ajudá-la a recolher o que

havam deixado cair. Mas assim que ela pareceu agradecer ele se abaixou e agarrou algo do chão a entregando. Ela pareceu meio incerta, mas aceitou entrando no banco logo depois.

Ótimo.

Natan se levantou no mesmo instante e atravessou a rua olhando ao redor. Como ele havia confirmado antes, todos ali estavam preocupados com a própria vida para notar o que acontecia.

Sua mão foi ao bolso de sua calça rapidamente e ele pousou a mesma no ombro do garoto que o segurou assim que percebeu o que ele fazia. O mais novo apenas sorriu contando satisfeito o dinheiro que havia ganhado.

A porta de vidro foi empurrada o fazendo sentir o ar frio que circulava ali. Seu olhar foi em direção a câmera acima de sua cabeça rapidamente e ele ajustou os óculos escuros seguindo em frente. Havia algumas pessoas nos caixas eletrônicos, dois seguranças, e o espaço reservado e isolado pelas paredes de vidro para outros atendimentos. E ela estava ali. Parecia conversar com o homem ao seu lado, mas logo se sentou em seu lugar.

Dessa vez, a porta giratória foi empurrada por ele e Natan se sentou em uma das cadeiras em frente aos caixas de atendimento. A recepcionista parecia distraída, e depois de alguns minutos vasculhou a própria bolsa, mas voltou a sua atenção ao seu computador logo depois.

—Com licença... —Natan a chamou logo depois de parar a sua frente. Seu olhar se desviou ao computador e ele pode ver o pendrive vermelho plugado no gabinete. —Bom dia, meu cartão foi bloqueado, e eu preciso saber o porquê, e como eu resolvo isso, porque eu mal o usei no último mês.

—Você pegou uma senha, senhor?

—Uma senha? —Perguntou olhando ao redor fingindo estar confuso. —Eu não sabia que eu precisava de uma.

—Você precisa de uma para ser atendido. É logo ali no totem. —Apontou o mesmo do outro lado do banco. —É só escolher o tipo de atendimento que

você quer, voltar e esperar ser chamado.

—Eu vou precisar de algum documento pra fazer isso?

—Não para a retirada de senha, mas se quiser resolver algum problema do seu cartão eu vou precisar.

—Droga, eu esqueci em casa. Vocês funcionam o dia todo, certo? —A mulher assentiu rapidamente com um sorriso simpático em seu rosto. — Então acho que vou buscar a minha carteira. Obrigado.

Natan se afastou da recepcionista deixando o banco para trás. Ela havia usado o pendrive. Seu olhar percorreu a rua ao seu redor, e ele atravessou a mesma voltando ao ponto de ônibus. Ele não iria conseguir esperar. Mas deveria. Andrew havia deixado claro que ele não poderia ligar. “Apenas volte para o restaurante”. Ele ainda podia ouvir as suas palavras. Por sorte o ônibus que lhe servia não demorou a passar.

Natan empurrou mais forte do que devia a porta do restaurante fazendo um som agonizante ecoar.

—Conseguiu?

Perguntou eufórico para Andrew que ainda estava atrás do balcão em frente aos computadores. O garoto deixou um sorriso largo escapar dando atenção a Natan.

—Temos o di-nheiro.

—Isso!

—Quer dizer, Dean Willians tem o dinheiro.

—Depositou na conta dele?

—Uma par-te. E ele já tem tantas transferências irregulares, não vai fazer diferença. O resto eu escondi com criptomoedas.

—Então ele realmente é corrupto?

—Você teve sorte.

—Já falou com ele?

—Não. Deixei essa parte pra você.

Natan o viu se erguer da cadeira o entregando o mesmo celular que ele havia usado para fazer a ligação ao banco. Meio incerto o garoto pegou o celular de suas mãos.

—Pelo celular?

—Eu posso apagar as mensagens dele depois. E não é rastreável.

Eles ainda tinham acesso livre ao celular do policial. Andrew se apoiou no balcão pronto para ver o que Natan digitaria.

Ele não sabia dizer o que sentia. Tudo estava dando certo demais. Ele queria visitar o irmão e contar o que estava acontecendo. Que ele iria sair dali em breve, e eles iriam viver bem longe daquilo tudo.

“Olá, senhor policial. Se você ainda não notou estou com a sua conta do banco. Se quer ela de volta, preciso que faça algo por mim.”

—Diga a ele que se tentar fazer algo vamos vazar todas as conversas dele, mensagens, e-mails. Ele com certeza não quer isso. Prove a ele o que nós sabemos.

“Se tentar fazer alguma coisa vamos vazar todas as suas conversas. Todas. Incluindo os seus e-mails. E eu tenho certeza que não vai querer que as pessoas saibam que você faz hora extra como pombo correio de alguns prisioneiros.”

Não demorou muito até que eles obtivessem uma resposta.

“Que merda está dizendo?”

“Acho que me entendeu muito bem.”

“Eu sou um policial, vai se arrepender disso.”

“Eu acho que a única coisa que você faz é vestir um uniforme. Temos um acordo?”

“O que você quer? Dinheiro?”

“A sua tarefa é simples. Você vai encontrar um pendrive na caixa do correio do seu vizinho. Use-o no trabalho, quando estiver sozinho, e aproveite. Eu vou saber se não souber como se divertir. E precisa ser feito amanhã.”

—Quando isso acabar. Você precisar se livrar disso tudo.

Natan olhou Andrew que se sentava novamente em frente ao computador.

—Como assim?

—Os computadores, o celular. O restaurante.

—O restaurante?

—Devem ter inúmeras impressões digitais nossas aqui. Você precisa queimar esse lugar e tudo o que tiver nele. —Queimar. Seu olhar percorreu o restaurante velho e empoeirado. A herança de seu pai, e mesma coisa que havia o deixado louco. Talvez não fosse uma coisa tão ruim assim. —Tem que ser antes de o seu irmão sair. Porque depois disso, sabe que não podem ficar aqui.

—Sei. Só espero que a minha mãe não fique mais louca por isso.

—Como assim?

—Ela não se conforma com a ideia do papai estar doente, e acha que internamos ele a força.

—Por isso saiu de casa?

—Ela estava me deixando louco. Ela quebrou o meu último notebook.

Não sinto nem um pouco a falta dela.

Andrew poderia pensar que Natan era uma pessoa horrível por aquilo. Mas não. Ele conhecia aquela sensação, apesar de ser algo lamentável. Seu olhar se desviou para o monitor a sua frente para continuar de onde havia parado.

—Nisso eu concordo com você.

**Março de 2014 – 22h34min**

Zac limpou a garganta e olhou ao redor rapidamente. A rua estava quieta, como sempre. As luzes da maioria das casas estavam apagadas, ao contrário da sua. Juliet já estava em casa, obviamente. Já devia passar das 8 horas. E ele já podia imaginar o que elaalaria quando o visse. Sua mão se ergueu em direção a fechadura enquanto ele segurava firmemente suas chaves em sua mão. Ele esperava que Juliet estivesse dormindo. A porta foi aberta após uma pequena luta com a mesma e ele pode entrar em casa sentindo uma mistura de alívio com apreensão por estar ali. Talvez se não precisasse ter a discussão habitual com a sua única filha, ele poderia esticar as pernas em sua cama e finalmente descansar. Seu olhar percorreu a sala e ele arfou deixando a porta se fechar em suas costas. A luz da sala estava desligada, mas a da cozinha acesa. Juliet devia estar acordada, para a sua angústia. Ela com toda certeza iria perceber que ele havia bebido. De novo.

—Juliet? —A chamou quase em um sussurro indo em direção a cozinha, torcendo para que ela não estivesse ali. Sua mão se apoiou na parede entre os dois cômodos e ele parou ao vê-la. Sua mente trabalhava para poder entender o que aquilo significava. Sua filha estava sentada no chão, recostada ao armário da pia, dormindo. Seu cabelo estava solto e ela vestia uma calça jeans e uma blusa azul justa. Mas ela estava realmente dormindo? — Juliet? — A chamou novamente se aproximando em passos lentos. Sua mão o apoiou na pia e ele se sentou ao lado dela a observando meio apreensivo. Ela estava dormindo. Mas porque ali? Seria uma ideia ruim carregá-la até o seu quarto? As escadas lhe diziam que sim. Ele provavelmente iria cair com ela. Ainda se perguntava o porquê de ela estar ali daquela forma. Talvez fosse cansaço. Ela estava estudando e trabalhando, e quando estava em casa quase nunca tinha tempo para descansar devidamente. A culpa era dele? Ele estava



a deixando daquela forma? E pelo jeito só estava piorando as coisas. Seu castanho escuro observava a garota sentada desconfortavelmente cochilando no chão. Sua mão se ergueu em direção aos cachos que caíam pelo rosto da garota, afastando os mesmos lhe permitindo a ver melhor. — Juliet. Precisa acordar. — Seus dedos foram ao ombro da garota a sacudindo de leve, tentando não assustá-la. — Juliet.

Um som indecifrável saiu da garota o fazendo afastar sua mão dela. Talvez ele devesse se afastar por completo. Sabia o que viria depois de Juliet acordar. Os olhos verdes de sua filha se abriram se erguendo em sua direção o fazendo suspirar. Era impossível encarar aqueles olhos sem se lembrar de Verônica. Em um rápido movimento ele encarou o chão evitando olhá-la. Juliet esticou os braços e olhou ao redor meio confusa. Quando havia ido parar ali? Sua mão se ergueu na altura de seu rosto e ela observou o tecido que segurava entre seus dedos. É claro. Ela havia se sentado ali para guardar algumas painéis no armário, e pelo visto não conseguiu completar a sua tarefa. Seu olhar foi a Zac que encarava o chão meio perdido, e ela o analisou por alguns instantes. Estava com as mesmas roupas que havia saído pela manhã, só que parecia ainda mais abatido.

—Pai, que horas são?

—Eu não sei.

Praticamente sussurrou sem encará-la.

—Quando chegou?

—Agora.

Juliet suspirou recostando a cabeça no armário em suas costas.

*Por favor que não seja o que eu estou pensando.*

—Olha pra mim. — Pediu se inclinando em sua direção. Ela havia chegado mais tarde do trabalho, e se a sensação de que ela tinha dormido muito estava certa, já devia ser bem tarde. Zac respirou fundo e ergueu seu rosto em direção a sua filha deixando que ela o visse. —Onde estava?

—No... —Ele não conseguiu continuar, não podia mentir para ela. —Não estava no trabalho.

—Onde?

—Saí.

—Pai...

—Julliet, eu fui demitido.

Aquela palavra foi como um soco em seu estômago. Mais uma vez. Ele não poderia estar falando sério. Para o terror de Zac ela apenas continuou o encarando com sua expressão fechada. O que ela estava pensando? O que faria? Seus dentes morderam os próprios lábios, e Julliet levou as mãos à cabeça as passando por seu cabelo enquanto um grito meio abafado ecoava de sua garganta. Tudo parecia mais pesado agora. Logo agora. Não. Logo agora que ela achou que iria poder ao menos diminuir as horas em seu trabalho, depois da conversa com o dono do restaurante. Ele havia sido tão compreensivo. Mas ela não poderia mais fazer aquilo.

—Por favor, me diz que não é verdade.

—Eu, eu sinto muito.

Sua cabeça se recostou no armário mais uma vez e ela respirou fundo tentando não chorar, mas era impossível. O aperto no peito estava ali novamente. A deixando mais uma vez sufocada. Deixando todo o otimismo que ela tinha, escapar por entre seus dedos como água corrente.

—Porque, como conseguiu isso?

—Julliet...

—Sabe qual foi a última coisa que a Phoebe fez antes de ir pro intercâmbio, pai? —O perguntou quase gritando apoiando suas mãos no chão, como se ela fosse despencar a qualquer momento sem aquele apoio, mesmo estando sentada. Zac a acenou negativamente tentando não parar de olhá-la, queria ao menos conseguir fazer aquilo. —Ela arranhou esse emprego

pra você com o tio dela, porque sabia que precisávamos. Ela fez isso por você, e por mim. Porque ela se importa. E ela nem te conhece.

Como ela havia a ajudado a conseguir o emprego na biblioteca. O mesmo que ela havia perdido. E agora o seu pai estava fazendo exatamente a mesma coisa.

—Eu sinto muito.

—Pare de dizer isso. —Ao ver o quão decepcionada ela estava, ele não conseguiu mais. Seu olhar se desviou para o chão novamente. Vergonha. Era o que ele sentia. —Se você sentisse, estaria se esforçando de verdade.

—Eu estou, Juliet.

—Não, não está. —A garota se levantou do chão e não conseguiu mais segurar as lágrimas. Estava mesmo acontecendo? —Eu estou tentando te ajudar.

—Eu sei, Juliet...

—Eu estou cansada disso. Quando eu entrei na faculdade, você mesmo me disse que eu deveria me concentrar nos estudos.

—Lembro. —Arfou afastando suas costas do armário. —Eu só...

—Eu não estou reclamando porque eu estou trabalhando, sei que muitas pessoas queriam estar no meu lugar, mas acontece que estou fazendo tudo sozinha. Tudo, pai. —Zac ergueu rapidamente o olhar para sua filha recostada na parede que o encarava em meio as lágrimas. E como ele havia previsto ele não conseguiu encará-la por muito tempo. —Eu chego em casa, tenho que colocar tudo em ordem, você nunca faz nada, nunca. A não ser bagunçar o que eu fiz, e aí eu saio e vou estudar e trabalhar, e quando volto eu tenho que trabalhar de novo, porque você não faz nada, e ainda me faz ir atrás de você quando some!

—Eu vou procurar outro emprego.

—Se você parar de beber.

Cuspiu as palavras se afastando da parede lhe dando as costas. Juliet respirou fundo enquanto as lágrimas desciam por seu rosto incontrolavelmente. Ela se sentia exausta, mais ainda agora. Poderia estar sendo dura demais com ele.

—Eu...

*Posso tentar? Vou me esforçar?* Todas aquelas palavras já haviam saído de sua boca. E ele estava ali. Repetindo os mesmos erros.

—Eu sou a sua filha, e você é o meu pai. Não me faça agir como se fosse o contrário.

Zac fechou os olhos e se recostou no armário novamente escutando os passos de Juliet, e suas palavras ecoarem em sua mente. Pesando, como nunca. Muito pior do que todas as outras vezes que eles brigavam. Ele realmente estava fazendo aquilo. Era culpa dele ela estar daquela forma. E de mais ninguém.

### **Novembro de 2012 – 08h36min**

“O conhecido coração partido pode realmente causar dores físicas.”

Uma vez ela havia lido aquilo em um artigo interdisciplinar qualquer que havia achado na internet. Quando o leu, acabou parando por alguns instantes, tentando analisar as pessoas ao seu redor, e quantas delas já poderiam ter se sentido daquela forma, e talvez sido ignoradas. Quantas haviam superado? Todas, ela imaginava. É preciso cair em algum instante, para poder se erguer. Juliet só não queria ter tido uma queda tão dolorosa, a ponto de deixá-la sem forças para ir além de usar os seus joelhos.

Um suspiro saiu de seus lábios quebrando o silêncio mórbido que estava instalado no quarto. Seu olhar achou o seu pai deitado na cama de casal enquanto dormia profundamente. A garota deixou que seu corpo pesasse ainda mais na cadeira próxima a porta no qual estava sentada e olhou ao redor achando Frida, que dormia próxima a seus pés. Ela parecia tão tranquila enrolada em seus próprios pelos pretos, repletos de manchas brancas e

laranjas por seu corpo. O que ela não daria para dormir daquela forma?

A janela estava fechada deixando o quarto meio escuro. Só assim ele havia conseguido se acalmar. Mas, e ela? Mal sabia dizer o que sentia. Apenas queria ficar ali, não se levantar, e deixar que o tempo passasse.

Um som reconhecível a chamou atenção e ela desviou o olhar para a escrivaninha ao seu lado. Seu celular aceso indicava uma nova mensagem. *Phoebe*. Suspirou suavemente. Só podia ser ela. Julliet ergueu sua mão recolhendo o celular e pode confirmar a sua hipótese.

“Vai faltar hoje novamente?”

Nem um bom dia. “Ou como você está, Julliet?” Phoebe sabia que ela não queria mentir e dizer “estou bem” para ela além de todas as pessoas que a perguntavam.

“Eu não sei. Ainda estou tentando acordar.”

Julliet digitou e enviou rapidamente olhando para o seu pai que ainda dormia. A resposta veio rápido.

“Se conseguir, tem uma vaga na biblioteca. Sei que não é grande coisa, mas acho que já é uma ajuda. Falei sobre você para a minha supervisora. Mas precisa ser rápida.”

Julliet segurou forte o celular entre os seus dedos. Um emprego. Um possível emprego. Aquilo a fez levantar da cadeira.

Julliet praticamente correu em direção ao seu quarto, ouvindo o miado fraco de Frida, e pegou a primeira roupa que achou em suas gavetas: Uma calça jeans escura e uma blusa listrada de mangas longas. A garota pegou sua mochila e uma toalha e correu em direção ao banheiro, se despindo rapidamente. Um emprego poderia mudar as coisas. Sua mão abriu o chuveiro e ela prendeu seu cabelo longo em um coque entrando embaixo da água. Talvez animasse seu pai. Talvez ele visse alguma motivação e parasse de sair para beber. Talvez ele se desse conta de que ela estava fazendo aquilo por ele, e que eles ainda tinham um ao outro. Talvez... Julliet recolheu o

sabonete parando por alguns segundos. Talvez as coisas melhorassem. Um sorriso rápido se formou em seu rosto ao pensar naquela possibilidade e ela terminou o seu banho se vestindo logo depois. Sua mão puxou a bolsa do chão do banheiro, e ela voltou ao quarto de seus pais, dando uma rápida olhada em Zac que ainda dormia.

O miado de Frida ecoou novamente, e ela pode ver a sua pequena bola de pelos se esfregar em suas pernas, como sempre fazia quando queria carinho.

—Agora não, Frida.

Se abaixou rapidamente em direção a gata lhe dando um rápido carinho em sua cabeça como despedida. Juliet sabia que uma das coisas que sua gata mais odiava além de água, era ficar sozinha. Seu olhar foi rapidamente ao seu pai que ainda dormia. Bem, ela não ia ficar necessariamente sozinha.

A garota desceu as escadas correndo e puxou as chaves da mesa de centro saindo de casa. Pode sentir seu celular vibrar enquanto caminhava pela calçada, mas resolveu não ver o que era. Não queria que nada tirasse sua atenção de seu caminho.

Um emprego. Uma risada discreta saiu de sua garganta, e ela não pode acreditar no quão boba ela se sentia por aquilo. Seu pai iria ficar feliz.

Seus pés pararam ao notar que havia chegado ao ponto de ônibus. *Por favor, não demore.* Suplicou internamente segurando com uma força meio exagerada a alça de sua mochila pendurada em seu ombro esquerdo. Só naquele momento ela se lembrou de que não havia penteado o cabelo. *Droga.* Xingou internamente, olhando uma senhora sentada no banco próximo a ela. Que merda ela estava pensando? Iria mesmo conseguir uma vaga de emprego parecendo um espantalho que havia acabado de ser atacado por corvos? Talvez ela devesse voltar. Juliet deu um passo à frente, mas o ônibus que lhe servia apontou no fim da rua. Seu olhar se voltou ao seu caminho anterior. Tudo bem. Ela correria até o banheiro antes para checar o quão ruim estava. Sua mão se ergueu assim que o ônibus se aproximou e ela pode entrar no mesmo.

Rezava para que seu pai não acordasse e a procurasse pela casa. E se ele

ainda estivesse bêbado o suficiente para cair das escadas? Ou para chamar por sua mãe como se ela ainda estivesse ali? A garota se sentou no banco no fundo do ônibus e puxou a mochila procurando o seu celular na mesma. *Ele vai ficar bem.* Repetiu a si mesma. Talvez ela o convencesse a começar a fazer terapia, se sobrasse algum dinheiro. E se ele aceitasse. Seus lábios foram mordidos assim que ela pegou o celular. Mensagem de Isaac. Que ele havia lhe enviado ontem à noite. O que ele queria? Juliet não a leu, novamente, e foi as mensagens de Phoebe e avisou a amiga que já estava a caminho. E Isaac? Ele merecia uma resposta. Então voltou a sua mensagem e involuntariamente sorriu ao lê-la.

“Ei, Juliet.”

“Oi, Gatsby.”

Respondeu rapidamente. E apertou o celular em suas mãos. Idiota. Ela não devia se sentir daquela forma a respeito dele. Isaac não lhe parecia o tipo de pessoa que se apegava tão fácil quanto ela. Havia o conhecido em uma festa, na festa que ele havia feito em um pequeno apartamento de um amigo. Ela havia ido com uma garota de sua sala, contra a vontade de Phoebe, pois a amiga já conhecia o responsável pela festa, e segundo ela, não era uma boa coisa. Juliet passou a noite toda ouvindo falar do tal Isaac Wishal. Quando ela resolveu ir embora, ele resolveu aparecer.

Seus pés caminhavam em passos largos, indo em direção ao grande portão que dava passagem ao Campus. E estava repleto de alunos, indo e vindo, conversando, estudando, como ela deveria estar fazendo. Segundo o seu horário mental, ela deveria estar na aula de Metodologia. Assim que parou em frente ao prédio meio antigo, que se localizava entre os dois grandes prédios de aula, a garota empurrou a porta da mesma, podendo ver a enorme biblioteca de dois andares, e uma Phoebe meio impaciente recostada a escada há alguns metros de onde Juliet havia entrado.

—Me desculpe, vim o mais rápido que podia.

Sussurrou se aproximando da loira que caminhou em direção a recepção.

—Tudo bem, ela ainda está aqui.

Julliet observou Phoebe por alguns segundos. Sua bolsa azul estava em suas mãos, e ela tinha o cabelo solto hoje. Estava mais arrumada do que o habitual: Vestia um vestido preto, e sapatilhas de saltos que a deixava mais alta do que Julliet.

—Você não devia estar na aula?

—Olha no espelho garota, você também deveria estar.

Aquilo acabou arrancando uma risada dela.

—Só estou perguntando porque não quero te atrapalhar.

—Não se preocupa, tenho mostra de projeto hoje. Preciso apresentar o meu, daqui a 10 minutos. —Falou se apoiando na estrutura de madeira que as separavam da bibliotecária sentada em sua confortável cadeira em frente ao computador. —Caires. —Phoebe a chamou com um sorriso simpático em seu rosto. —Essa é a Julliet, a amiga que lhe falei.

Os olhos claros da mulher que não devia ser muito mais velha do que sua mãe era, a encarou com um rápido sorriso.

—Olá, Julliet.

A garota assentiu como resposta e se virou para Phoebe, que a olhou ajeitando rapidamente os fios loiros.

—É com você agora. Eu tenho que ir. Te mando uma mensagem mais tarde.

—Tudo bem. —Antes que ela pudesse se afastar, Julliet segurou a mão de sua amiga a fazendo parar. —Obrigada.

Um sorriso se formou no rosto da mais velha, e ela apertou gentilmente a mão da outra. Tinha noção de que conseguir aquilo poderia ser mais do que um emprego para Julliet, poderia ser uma forma de tentar contornar as coisas em casa, e para a própria Julliet. Só esperava que aquilo realmente acontecesse.



## Outubro de 2013 – 12h48min

Tudo ali parecia tão fácil. O som das risadas e das vozes ecoavam ao seu redor. Várias pessoas sentadas em bancos ou na grama assim como ele, enquanto comiam ou conversavam. Andrew se recostou na árvore atrás dele, enquanto observava todos ali. Pareciam tão distraídos em seu próprio mundo, que ele até sentiu saudades daquilo por alguns instantes.

O que ele estava fazendo? Seu olhar desceu a sua mochila na grama ao seu lado, e ele retirou de lá um pequeno pote que sua mãe havia deixado em sua mochila. Mal sabia o que havia ali dentro, mas seja lá o que fosse não sentia a mínima vontade comer. Ele nem deveria estar ali. Mas não queria ir para a biblioteca, e nem voltar para casa e ainda tinha duas aulas a tarde. Seus dedos puxaram a tampa vermelha da pequena vasilha o fazendo achar macarrão com um molho vermelho. Uma careta se formou em seu rosto, e ele usou sua única mão desocupada a procura dos talheres que estavam ali. Ele podia ir até aquele lugar que Juliet trabalhava, mas talvez não fosse uma boa ideia. Se bem que, ele já estava cansado de ficar sozinho.

—Oi. —Uma voz feminina, e talvez a única que ele conhecia ali, além da voz de uma das professoras o chamou à sua frente. Andrew a olhou rapidamente evitando demonstrar que havia gostado de ela estar ali. —Posso me sentar aqui? Mas é só porque a minha amiga não veio hoje, não quero ficar sozinha.

—Pelo, jeito eu não sou o único de po-ucos amigos.

—Não, você não tem amigos, é diferente. E estou começando a achar que não é opção sua.

—É cla-ro que é.

O garoto desviou o olhar dela ao finalmente achar seus talheres.

—Fiquei sabendo do seu, surto.

Juliet falou finalmente se sentou ao seu lado.

—O que di-sseram dessa vez? Bati na bibliotecária? Que-brei as mesas? Matei alguém?

Perguntou a observando. Juliet tinha um sorriso divertido, porém discreto em seus lábios. Hoje ela vestia um vestido que mais lhe parecia uma blusa enorme, e seu cabelo cacheado estava solto e menor. Não batiam mais em suas costas, e sim acima de seus ombros. Mas o que mais lhe intrigou foi o que estava em suas mãos. Uma câmera que lhe parecia meio antiga e pesada.

—Me disseram que você estava normal até gritar e depois sair como se nada tivesse acontecido.

—Eu dor-mi. É isso o que es-tudar me causa. A-cabei tendo um pesadelo, só isso.

Era uma história ridícula ele tinha que admitir.

—Sei.

É claro que ela não havia acreditado naquilo. Quem acreditaria? Ele precisava aprender a melhorar as suas desculpas.

—Não, m-e importa. —Olhou rapidamente ao redor. —Que horas são?

—Faltam 10 minutos para uma hora. —O respondeu logo depois de olhar o seu celular. *Que ótimo.* Bufou perdendo a fome instantaneamente. —Ainda tem aula?

—Felizmente.

Resmungou e foi pego de surpresa ao sentir algo vibrar próximo a seu pé. Juliet tirou as mãos da grama e pode ver o celular aceso que tocava próximo a eles. Andrew arfou e desligou a ligação no mesmo instante. Helena provavelmente queria saber se ele já havia tomado o maldito remédio. O celular foi praticamente arremessado para dentro da mochila, e ele pode notar o olhar da garota não desgrudar dele.

Porque ele estava sempre de mau humor? Hoje ele usava um boné preto

para trás. Porque ele sempre tinha algo que escondia o cabelo? E porque ela estava fazendo tantas perguntas? Ao menos ele não as ouvia.

—Você ficou melhor de cabelo curto.

Andrew lhe lançou um olhar de raiva, mas ela não se intimidou apesar de achar estranho. Já estava acostumada com aquilo.

—Se você diz. —Julliet deixou um sorriso rápido escapar. Ela queria muito perguntar o motivo de ele ter cortado já que aparentemente não gostava daquilo. Mas ele não responderia de qualquer forma. —E agora?

—O que?

O perguntou sem entender. Andrew parou a observando por alguns segundos. Julliet tinha olhos verdes radiantes.

—Horas.

Finalmente falou desviando o olhar dela imediatamente. O que ele estava fazendo?

—Acabou de olhar o seu celular, se quiser que eu saia é só pedir.

—Não, não quero, q-uer dizer... —Se corrigiu ao notar o que havia falado. —Eu, preciso.

—Não comeu nada.

—Não estou com fo-me.

Talvez o problema fosse ela, e não ele. Julliet olhou ao redor observando as pessoas dali. *Idiota*. Porque ela insistia? O que estava tentando fazer?

—Acho que vou embora.

Suas mãos a apoiaram no chão a ajudando a se levantar, a deixando pronta para caminhar, e deixá-lo sozinho como imaginava que ele queria. Mas para sua surpresa Andrew se levantou junto com ela. Suas mãos o

apoiaram na árvore rapidamente pelo modo brusco e afobado que ele se levantou.

—Não precisa. —Na verdade nem ele sabia o que estava fazendo, mas não queria ficar sozinho. E Juliet parecia ser a única pessoa que não o encarava de um jeito estranho ali. —Você, não quer ficar sozinha, lembra?

A garota sorriu se sentando novamente. Talvez o que ele realmente quis dizer foi “eu não quero ficar sozinho”.

—É claro.

—O que você faz?

Perguntou se sentando novamente ao seu lado. Andrew recolheu a tampa da vasilha e tampou a mesma chegando à conclusão que não conseguiria comer. Então agora ele queria conversar?

—Fotografia.

—Legal. —Sussurrou brincando com o garfo em suas mãos. Esse era o motivo de ela andar com aquela coisa enorme nas mãos por aí. Seu dedo indicador se ergueu em direção ao seu rosto, talvez para ajustar seus óculos, mas ele acabou deslizando a ponta do dedo pela lente o fazendo resmungar algo que ela não pôde ouvir.

Será que ele ficaria muito irritado se soubesse que ela havia tirado fotos dele? Talvez lhe parecesse algum tipo de perseguição, mas do jeito que ele era, provavelmente iria mandar ela se livrar daquilo. Mas ela queria ver o resultado, ela poderia se livrar depois. —Juliet.

Sua voz ecoou repentinamente e a garota assentiu tirando a mochila de suas costas e a pondo em seu colo junto a câmera. Um sorriso se formou em seus lábios quando ela o viu tirar os óculos de seu rosto e tentar limpar em sua blusa de um jeito meio desajeitado. Mas ele logo desistiu e o pôs por cima da mochila ao seu lado.

—Sim.

—Eu sei que eu não... —Andrew parou de falar ao ver a garota recolher os seus óculos e limpá-los em sua própria roupa. Um sorriso se formou em seu rosto, mas ele logo sumiu antes que ela pudesse vê-lo. Dedos finos pousaram seus óculos na mochila novamente e Juliet o olhou como se esperasse que ele continuasse a falar. O garoto engoliu em seco ao perceber que já deveria estar a encarando por tempo demais e desviou seu olhar observando a armação preta de seus óculos. —Obrigado.

—Por nada.

—Bem, eu... —Continuou ainda encarando os seus óculos. —Nunca te perguntei isso, mas, como aconteceu exatamente?

—O que?

—O acidente.

—Você quer dizer, quando o meu ex-namorado atropelou a sua irmã.

—É.

—Bem, eu, estava no carro com ele, e ele a confundiu com outra pessoa.

—E simplesmente jogou o carro nela?

Juliet suspirou e se recostou na árvore assim como ele antes.

—Isaac sempre foi...

—Inconsequente?

—Pode se dizer que essa é a palavra certa.

Andrew se recostou na árvore junto a ela pensando qual seria o real motivo de ele ter feito aquilo. Estava com raiva de seja lá quem fosse e pensou que sua irmã era essa pessoa?

—Onde ele está?

Porque ele queria saber?

—Eu não sei. Ele sumiu desde aquele dia.

—O-nde aconteceu?

Aquilo iria fazer diferença?

—Aqui. —Julliet apontou a rua a frente deles, e Andrew olhou no mesmo instante. —Nós estávamos estacionados em frente ao restaurante. Eu tinha acabado de fazer a entrevista de emprego, Isaac havia me trazido pra cá.

Andrew levantou no mesmo segundo, fazendo Julliet estranhar tudo aquilo. O que ele esperava ver ali? Seus olhos castanhos mel percorreram a rua cuidadosamente até parar em algo que o fez sorrir discretamente. Câmeras.

—O-bri-gado.

Suas sobrancelhas se arquearam meio surpresa com aquilo. Ele estava sendo gentil? De novo?

—Por nada.

—Eu vou que-rer, u-m café na próxima vez, por favor. —Um sorriso se formou no rosto da garota, e Andrew mordeu os próprios lábios tentando não reagir, enquanto ele recolhia desajeitadamente sua mochila e a comida no chão. —E-u tenho que ir agora. E por favor di-ga ao seu chefe, que a senha de vocês é muito fácil.

—Como você...—Julliet parou no mesmo instante ao se lembrar do que ele havia dito naquele dia. Engenharia da computação. Ele provavelmente havia conseguido acessar a internet por contra própria. Ela devia contar aquilo para alguém? —Ok. Não vou esquecer do seu café.

**Agosto de 2014 – 22h54min**

A única coisa que iluminava o quarto era a tela de um notebook que estava sobre a cama. Os olhos de Andrew não desviavam dela nem sequer um

segundo. Seu corpo não se movia também. Juliet estava deitada nele com a cabeça recolhida sobre seu ombro. Ela já estava quieta a muito tempo. Não sabia dizer se ela dormia ou se estava tão interessada no filme quanto ele.

—Jolie?

Sua voz rouca a chamou logo após o filme terminar. E só assim Andrew notou que ela dormia. Tentando não despertá-la, ele alcançou o notebook com os dedos e depois de várias tentativas o fechou fazendo o silêncio tomar conta do quarto. Juliet respirava calma em seu peito e acordá-la seria cruel demais. Àquela hora Helena já devia ter deduzido que ele iria dormir fora de casa, mas por via das dúvidas era melhor avisar. Andrew esticou a mão até o travesseiro ao seu lado alcançando o celular. Uma mensagem repleta de caracteres aleatórios, junto ao seu aviso, foi digitada a Timothe, e ele agora poderia dormir mais tranquilo. Assim que fechou os olhos ele pode ouvir passos pesados vindo de baixo e o som de algo cair no chão logo depois. Juliet se mexeu pronta para se levantar, mas foi abraçada ainda mais forte por seu namorado.

—Juliet? —Uma voz grave, porém embargada gritou. —Você me ligou.

—Eu não acredito nisso. —Sussurrou enquanto se desvencilhava dos braços de Andrew. —Eu sabia que ele iria fazer alguma besteira.

—Jo-lie.

Antes mesmo que ele pudesse continuar, Juliet deixou o quarto descendo as escadas correndo pelo o que ele pôde ouvir. Um suspiro saiu de seus lábios e ele se apoiou na cama se erguendo da mesma.

Andrew pôde sentir Frida se espreguiçar ao lado de seu pé na cama, e era quase surreal o fato dela não reclamar por ter sido acordada. Cambaleando Andrew, seguiu em direção ao corredor podendo ouvir a voz de Juliet vir do andar de baixo. Podia imaginar o quanto ela devia estar decepcionada. Por mais que tivesse passado o dia todo esperando por aquilo, ele sabia que ela ainda tinha esperanças. Sua mão segurou o mais forte que ele podia o corrimão da escada e ele respirou fundo observando os degraus a baixo. Havia caído uma vez dali, e depois disso, foi proibido de circular por

qualquer escada sozinho. Mas ele precisava ajudá-la.

Seus pés desceram o primeiro degrau, e ele se sentiu aliviado por não ter começado tão ruim como imaginou. Talvez se ele segurasse forte o suficiente ele poderia chegar até a sala tranquilamente.

Julliet podia sentir seus olhos arderem, enquanto tentava fazer com que seu pai fosse até as escadas. Havia se jogado no sofá e se recusava a se levantar. Porque ele havia feito aquilo de novo?

—Pai, por favor.

—Me deixa aqui.

Resmungou deixando que seu corpo despencasse no macio do sofá novamente, mas as mãos de sua filha o puxaram pelo braço o mantendo sentado.

—Não! Porque tá fazendo isso comigo de novo? Achei que tinha parado. —Desabafou deixando que as lágrimas caíssem de seus olhos. —Achei que estava falando a verdade quando disse que ia se esforçar.

—Julliet...

Sua voz foi interrompida por um ruído vindo das escadas. Julliet arregalou os olhos ao ver Andrew, descer ou tropeçar nos primeiros degraus da sala. O garoto segurou no corrimão o impedindo de cair a deixando aliviada. Assim que seus olhares se encontraram ele pode ver o que já previra. Ela estava chorando.

—Jonah, não precisava descer.

Bêbado de novo. Não costumava ser todos os dias, mas naquele em especial era pior. Odiava aquilo. Odiava vê-la sofrer daquela forma. Odiava mais ainda saber que aquele era um dos motivos pelo o qual ele não deveria estar com ela.

—Quer levá-lo pra ci-ma?



Perguntou antes que ela pudesse sequer se preocupar com ele.

—Eu não sei.

A mão trémula de Juliet passou por sua própria testa enquanto ela voltava ao seu pai que já estava deitado no sofá, e parecia dormir. Ela devia ter o procurado, deveria ter saído de casa e ido a todos os lugares possíveis nos quais ele poderia estar. Não ter confiado no fato de que ele ter ido para casa de seus avôs iria fazer ele melhorar de um dia para o outro. Se ela tivesse feito aquilo, ele não estaria naquele estado.

—É melhor deixá-lo dormir aqui. —Andrew se aproximou dela, abraçando por trás, tentando confortá-la. —Não vai conseguir carregá-lo até lá em cima, e eu queria mas, não posso te ajudar com isso. E-u sinto muito.

Falta de equilíbrio, unido a uma coordenação defeituosa, como ele sempre dizia, e a fraqueza muscular lhe deixavam inapto para muitas coisas. Mas o que mais fazia ele se sentir incapaz era não ter forças o suficiente para poder segurá-la, e afastá-la daquilo, ao menos por um momento.

—Tudo bem.

—Ele vai ficar bem, Jolie. E vo-cê também.

—Eu não sei. —Confessou se virando para Andrew, chorando ainda mais. —Ele não bebia há semanas, Jonah.

—Deve ter sido difícil, não se lembrar hoje, talvez ele só queria esquecer.

Juliet mordeu forte os próprios lábios ao ver finas lágrimas descerem pelo rosto de Andrew, enquanto ele enxugava desajeitadamente as suas. O que ela estava fazendo? Ele estava daquela forma por sua causa. E Andrew já tinha tantos problemas, ela não devia ser mais um deles. Seus braços o puxaram para um abraço forte e ela encolheu o rosto no pescoço de seu namorado, chorando ainda mais. O pior de tudo era que a única pessoa que ela tinha ao seu lado, era a mesma pessoa que ela estava fazendo sofrer.

—Me desculpa.

Andrew a abraçou ainda mais forte ao ouvir aquilo.

—Jolie. O que sem-pre me diz quando eu te pe-ço desculpas por algo que a doen-ça me obri-ga a fazer?

—Que não é sua culpa... —Sussurrou sem afastar dele, notando onde ele queria chegar. —Que não pode controlar isso.

—En-tão é a mi-nha vez de dizer que, não é a sua cul-pa, e de que vo-cê não po-de controlar isso. —Julliet se apertou ainda mais contra Andrew que ergueu sua mão a procura de algo que o apoiasse assim que seu corpo pareceu perder o próprio eixo, mas assim que percebeu o que ele fazia, Julliet o segurou firmemente o fazendo voltar a sua postura correta. Um sorriso surgiu no rosto de ambos o fazendo se sentir um pouco mais aliviado. —É melhor ir des-cansar. Amanhã vocês têm muito o que conversar.

Julliet assentiu e ambos voltaram ao quarto. Dessa vez Andrew teve a ajuda dela, e subiu os degraus a escutando lhe dizer que ele não deveria descer as escadas sozinho novamente, ou Helena provavelmente iria desistir de deixá-lo ficar em sua casa após a segunda queda.

Andrew deixou o celular cair na cama e levantou da mesma meio impaciente. Seu olhar foi a sua frente observando Julliet procurar algo incansavelmente em suas gavetas.

—Eles só abrem às oito.

—Eu sei, mas ainda preciso fazer alguma coisa pra você comer, e... —Se virou pra ele segurando algumas peças de roupa dela. —Quero conversar com o papai.

—Sei. E e-u te-nho radioterapia.

—Você vai ficar bem.

Falou se aproximando dele. As mãos de Julliet se ergueram em direção a Andrew, acariciando gentilmente os seus poucos fios castanhos o fazendo

sorrir. Era raro ele não usar algo que os cobrissem. Juliet pode ver diversos fios em suas mãos assim que se afastou. Era quase um milagre ele ainda tê-los.

—Você deveria cortar.

—E-u posso pe-gar alguma coisa na geladeira.

Comentou trocando instantaneamente de assunto. Ela odiava quando ele fazia aquilo. Mas uma briga não era o que eles precisavam agora.

—Jonah.

—Fru-ta?

—Não, Jonah.

—Tu-do bem. —Vencido ele se aproximou ainda mais lhe dando um selinho rápido em seus lábios. —Vou arrumar a cama pra você ao menos.

Juliet deixou um riso escapar e foi em direção a porta.

—Vou tomar um banho, e não desça as escadas.

—Eu posso descer sentado.

—Você é irritante.

Com um sorriso em seu rosto ela saiu do quarto o deixando sozinho novamente. Seu corpo se voltou a cama, e ele observou por alguns instantes os lençóis bagunçados na mesma. Não iria ficar como Juliet fazia, mas iria ser uma ajuda ao menos. Assim que terminou de dobrar os lençóis um sorriso saiu de seus lábios. Definitivamente aquilo não era uma cama arrumada. Mas era o melhor que ele podia fazer. O travesseiro e o cobertor estavam tortos, mas Juliet não iria se incomodar com aquilo.

Andrew desceu as escadas cuidadosamente conseguindo chegar a sala. A televisão já estava ligada, e só naquele instante ele se lembrou de que não estava sozinho. Zac estava na cozinha e ele se virou no mesmo instante ao

ouvir os passos ecoarem até a sala. Ele sabia que o namorado da sua filha estava em casa quando ele chegou, e agora ele devia estar olhando para sua cara inchada e pensando o quanto ele era fraco.

—Bom dia.

—Bom dia. —Respondeu meio surpreso. —Eu acho que te devo desculpa, pelo o que viu ontem.

O olhar de Zac pairou sobre o de Andrew e ele engoliu em seco procurando as palavras certas.

—Sin-to muito. Sei que o aniver-sário de morte de alguém deva ser algo difícil de suportar, mas senhor, eu, talvez não tenha o direi-to de me intrometer em sua vida, mas o que está fazendo, atinge a Juliette ainda mais. —Ele sabia. E já havia tido uma prova disso, e mesmo assim ainda estava ali. Seu olhar se desviou do garoto a sua frente se sentindo meio constrangido. —Tal-vez o senhor ache que eu seja muito novo e que não tenho ideia pelo o que está passando, e eu realmente não tenho. Eu tenho, eu estou doente, mas nunca perdi alguém que amo dessa forma. Na verdade, eu estou do outro lado da situação. Sei que não quer saber mas, eu já te-ntei me matar, duas vezes. —Andrew pode notar a surpresa quando o olhar de Zac o achou novamente. Aquela era a primeira vez que ele contava aquilo pra alguém. —E em todas as vezes que isso acontecia eu pu-de perceber o quanto aquilo afetou as pessoas que estão comigo. —Seu olhar se desviou do mais velho a sua frente enquanto ele se lembrava, do dia em que acordou, e que achou o olhar de Helena, e de quando ele se ergueu do chão e viu a forma como Timo o encarava. —Estamos aqui vivendo a nossa vida, mas ela não é apenas nossa. Ela pertence as pessoas que nos a-mam também. E todas as vezes que eu tentei me matar, eu perce-bi que acabei matando um pouco deles. E isso é como, o que eu tenho. Essa doença pode me deixar na cama por dias, me impedir de fazer coisas como andar e escre-ver corretamente, mas o pior de tudo é ela ter que me fazer ver a mi-nha família, e a Jolie sofrer por minha causa. Então por favor, se lembre da outra parte da sua vida e que ainda vale a pe-na lutar por ela.

Zac assentiu freneticamente tentando conter as lágrimas, mas era impossível. O que ele havia feito? O que estava fazendo?

—Com licença.

Sem esperar por alguma reação do garoto, ele saiu da cozinha seguindo até a sala, subindo as escadas rapidamente. Andrew suspirou implorando internamente para que não houvesse falado nada de errado, ou algo que só pudesse piorar toda aquela situação. A única coisa que ele queria era não precisar ter que ver Juliet sofrer mais.

### **Dezembro de 2013 – 12h58min**

Fraqueza, falta de controle sob o seu próprio corpo, a angústia de Helena, a tristeza de Alan, o tempo de Timothe, e vida da Aldine. Ele podia passar a manhã inteira numerando o que aquela maldita doença havia lhe trazido, e tirado. E agora, depois de conseguir passar por todo o processo de transferência, ele iria deixar a faculdade para estudar em casa por decisão de seu pai. Não que ele não quisesse, afinal desde o início havia reprovado a ideia de frequentar uma sala cheia de alunos e ter que agir normalmente como se ele pudesse fazer tudo o que sempre fez sem nenhuma dificuldade. Quando ouviu sua mãe dizer que ele iria estudar em outro lugar, Andrew já podia imaginar o quão ruim aquilo poderia ser. Como as pessoas iriam reagir diante dele? Preconceito? Pena? Qualquer uma das alternativas lhe parecia um pesadelo.

Seu olhar foi a seu irmão mais novo rapidamente ao seu lado. Timo parecia distraído o suficiente, trocando mensagens com alguém em seu celular para notar a angústia do irmão mais velho. Ambos estavam na maldita fila que não parecia nunca andar para chegar até o balcão de atendimento de alunos da faculdade. Andrew se perguntava o verdadeiro motivo de seu irmão estar ali. Helena, como sempre achando que ele precisava de um tipo de guarda-costas.

A garota a sua frente arrastou seu corpo para o lado permitindo Andrew ir até a mulher atrás do balcão.

—Bom dia.

Sorriu simpaticamente para o garoto enquanto entregava uma prancheta para a garota que havia acabado de se afastar.

Andrew afastou seus lábios pronto para falar, mas tudo o que conseguiu pronunciar foi um "bom" mais longo do que ele esperava. Suas mãos apertaram a alça de sua mochila em suas costas e ele respirou fundo tentando ignorar os olhares sobre ele.

—Bom, dia. E-eu... —Seus lábios foram mordidos fortemente e ele encarou a garota ao seu lado. Ela tinha um sorriso meio estranho em seu rosto. *Está rindo de mim?* Se ele pudesse falar normalmente, aquela seria as suas próximas palavras. Mas ele tinha algo mais importante a fazer. —E-u sou...

*Merda.* Aquilo iria mesmo continuar?

—Andrew. —A voz de Timothe o pegou de surpresa e seu olhar se desviou ao seu irmão que acabara de se recostar ao seu lado no balcão. —Andrew Jonah. Ele está com a garganta ruim. O Andrew faz engenharia da computação...

Seus olhos castanhos se mantiveram vidrados em seu irmão mais novo, enquanto ele disparava as palavras para a mulher à frente deles. Ele fazia tudo parecer ser tão fácil. Andrew havia esquecido como aquilo poderia ser. A mulher assentiu em resposta a Timo, e ela se afastou deles logo depois. Ele não fazia a mínima ideia do que tinha acontecido ali. Se sentia um inútil.

Seu irmão mais novo se virou para ele com um sorriso discreto em seu rosto. Como se dissesse "não se preocupe, eu cuido disso para você". Mas não era daquela forma que ele queria que as coisas acontecessem.

—Andrew! —Timo o chamou pela milésima vez enquanto caminhava em direção a saída do campus junto ao seu irmão. —Você entendeu?

—O-o que?

—Precisamos trazer esses documentos o quanto antes, e você já pode começar a estudar normalmente no semestre que vem.

—Tá!

—Você tá bem? Ficou calado desde quando, aquilo aconteceu.

—Co-mo você queria que eu fa-lasse algo? —Sua voz saiu mais áspera do que ele planejava. Andrew tentava caminhar o mais rápido possível, porém quanto mais acelerados seus passos ficavam, menos controle ele tinha sobre a direção que iria tomar. —Se, nem isso, eu posso fazer?

Como agora. Como as palavras pareciam lutar para sair de seus lábios.

—Andrew, eu sei que deve ser complicado...

—Complicado?

Seus últimos movimentos foram totalmente repentinos e imprevisíveis. Timothe ergueu sua mão em direção ao irmão, mas não houve tempo, o corpo de Andrew se inclinou tão rápido em direção ao chão que nem ele mesmo teve chance de entender como aconteceu. Quando se deu conta, seu rosto já estava no chão por ele não ter conseguido erguer suas mãos ou joelhos para apoiá-lo. Ao menos ele havia conseguido virá-lo, evitando cair literalmente de cara no chão. Seus óculos haviam saído de seu rosto o deixando sem ideia de onde eles poderiam estar agora. Sua bochecha ardia. Andrew apertou forte os olhos querendo se enterrar ali mesmo. Talvez ele houvesse tropeçado em seus pés.

—Andrew!

Timothe segurou o braço de seu irmão vestido por uma blusa preta de mangas longas tentando levantá-lo. Andrew estava imóvel. Será que tinha se machucado muito? O que ele faria? Ligaria para sua mãe ou para o hospital? Se bem que iria dar no mesmo de certa forma. Uma rápida olhada ao redor o fez perceber que algumas pessoas os observavam. Um garoto alto se aproximou de Timothe lhe oferecendo ajuda, e querendo saber se Andrew estava bem.

Ao ouvir aquilo, o garoto apoiou suas mãos no chão, e se levantou com a ajuda de seu irmão. Seu rosto parecia ter sido esfregado no asfalto quente.

—Esto-u, bem.

Falou tentando segurar o que sentia. Não sabia dizer se era raiva, desespero ou angústia. Timothe se abaixou apanhando os óculos de Andrew do chão. Seu olhar foi a seu irmão mais velho enquanto o garoto se afastava deles para o seu alívio. Se ter ajuda da família já deixava Andrew daquela forma, imagine de um desconhecido.

—Se machucou? Não quer ir pro hospital?

—Estou bem, Timothe.

Sua mão limpou o próprio rosto às pressas. Suas bochechas internas doíam e ele podia sentir o gosto de sangue em sua boca, tinha quase certeza que havia mordido sua própria carne. E aquilo se confirmou logo depois de sua língua passar pelo local. As marcas de seus dentes estavam ali, e o gosto de sangue permanecia.

Tremendo, Andrew continuou sua caminhada tentando evitar todas as pessoas que via ao seu redor. Seus olhos foram apertados fortemente quando ele sentiu um ardor nos mesmos. Mas dessa vez não era por estar sem os óculos. Mas ele não podia, não devia. Não ali, e naquele momento. Não podia chorar de maneira alguma.

—Andrew, tem certeza que está bem?

Timothe correu em direção ao seu irmão assim que atravessarem o grande portão.

—Es-tou.

Sussurrou em resposta. Ele só não sabia dizer se aquilo havia sido para Timo, ou para ele mesmo. Sua mão se ergueu em direção a sua boca, tocando a ponta de sua língua nas costas da mesma, podendo ver o que sentia. Sangue. Mas como havia dito, ele estava bem. Timothe lhe falou algo novamente, mas ele não conseguiu prestar atenção. Ele deveria estar em casa e não seguindo Andrew para todo lugar.



Até quando aquilo iria continuar? Até quando ele iria precisar atrapalhar tudo e todos com aquela dependência insuportável? Quantas vezes mais ele iria cair e se machucar ou não iria conseguir falar e precisar de outra pessoa, que diferente dele sabia falar como uma pessoa normal? Quantas vezes ele iria precisar ver todos sentirem pena dele? Quantas vezes ele morreria até que pudesse morrer de verdade?

Andrew respirou fundo tentando ignorar a voz do irmão e os seus pensamentos. Mas era impossível. Ele não aguentava mais. Aquilo não podia simplesmente acabar? Sumir? Ou acabar com ele de vez?

Seu olhar se ergueu em direção à rua a frente deles. Um carro se aproximava cada vez mais. E sem pensar, Andrew se virou em direção ao meio fio, descendo da calçada e caminhou meio desajeitado, como sempre, em direção ao meio da pista. Seu corpo se virou em direção ao carro enquanto ele ficava cada vez menos turvo a medida que se aproximava.

*Vamos lá. Acabe com isso. Acabe comigo.*

Ele não fechou os olhos.

Queria ver.

Queria sentir.

Mas o que veio em seguida foi totalmente diferente do que havia imaginado. Quando o carro estava a metros dele, uma mão o puxou pelo braço fazendo seu peso se direcionar para a calçada novamente. Andrew não conseguiu se manter em pé, quando viu diante de seus olhos o carro cinza passar por eles rapidamente enquanto buzina.

Passou rápido.

Como ele poderia ter ido rápido.

Seus pés tropeçaram um no outro e ele acabou caindo novamente. Suas costas bateram no chão, e dessa vez ele teve a mochila para amortecer a queda. Timo que não havia o soltado acabou caindo sentado junto ao irmão.

Mas o que ele havia visto tinha sido muito pior do que uma queda.

Andrew deixou um grito escapar de sua garganta enquanto ele se sentava no chão.

Porque ele estava acordado novamente?

*Porque não me deixou morrer?*

Seu olhar inundado em lágrimas se voltou ao seu irmão que o observava ainda perplexo.

—Você não devia es-tar aqui, Timo. Não devia...

Ele não conseguiu continuar. Suas mãos trêmulas passaram pelo seu cabelo curto em desespero.

Cinco anos.

Ele poderia morrer em cinco anos se aquele carro o tivesse atingido. Sua mãe estaria livre, seu pai estaria livre assim como seus irmãos.

Como ele poderia suportar aquilo? Viver daquela forma?

—Andrew...

A voz de Timo ecoou ao seu lado e Andrew pode ver a forma como ele o encarava. Havia tanta dor em seu olhar.

E a culpa era dele.

Andrew escondeu seu rosto em suas mãos e tentou gritar novamente, mas ele não conseguiu.

—Me-me...

*Me perdoa.*

O que ele havia feito?

—Tentou mesmo fazer isso?

—Timothe.

Seu rosto úmido pelas lágrimas se ergueu em direção ao mais novo e agora ele sentia desespero. Mas por outro motivo.

—Aldine tinha razão. —Falou entre as primeiras lágrimas. —Ela me disse que mamãe ficou daquela forma porque tentou se matar. Eu não acreditei nela, mas agora... —Andrew não conseguia encará-lo. Sentia tanta raiva que podia explodir. Raiva de ter feito aquilo na frente dele. Raiva de ter falhado novamente. De ter sido imprudente ao ponto de deixar aquilo nas mãos do irmão mais novo. —Porque?

Ele não conseguiu responder. Ainda mais quando a mão de Timo enxugou rapidamente a própria lágrima que descia em seu rosto enquanto se levantava. Andrew o seguiu, levantando logo depois, mas não com a mesma facilidade que o seu irmão. Seu pé chutou o chão com toda a força que podia, o fazendo perder o equilíbrio logo depois. Timo foi em direção ao irmão o segurando antes que ele levasse a terceira queda. E aquilo o fez ter uma ideia meio louca. Ele sabia que Andrew não o acompanharia então puxou o irmão pela mão o fazendo caminhar novamente.

—Timothe!

Sem ter nenhuma resposta ele apenas continuou o seguindo. O caminho pareceu mais longo ainda, pelo fato de nenhum dos dois falarem nada. Andrew não sabia para onde estava sendo levado, e Timo ainda tinha toda aquela cena na cabeça. Não fazia ideia de que o irmão se sentia daquela forma. A ponto de querer tirar a própria vida. Não podia deixar que ele continuasse com aquilo. O garoto parou obrigando o irmão o acompanhar.

Andrew ergueu seu olhar podendo ver a marca do que lhe parecia ser uma academia erguida no segundo andar do local.

O que Timo queria ali? Aliás ele já havia deixado o irmão para trás adentrando no local pela porta de vidro. Andrew o seguiu apressadamente sentindo o ar frio do ar condicionado do local. Havia vários sacos de

pancadas a sua esquerda, em um espaço repleto de espelhos, e a sua direita um ringue onde dois homens pareciam não se cansar de lutar diante de uma pequena plateia. Seu olhar vasculhou todo o espaço a procura de Timo, até que finalmente o encontrou. Seu irmão conversava com um homem alto e musculoso que estava recostado no que lhe parecia ser a recepção. O olhar de ambos achou Andrew ainda parado na entrada e ele franziu a testa estranhando tudo aquilo.

Uma mulher desceu por uma escada atrás do ringue e começou a se aquecer em frente aos espelhos.

Ele devia ir embora. Não tinha nenhuma razão para ficar ali. A ideia de gritar por Timo surgiu em sua cabeça, mas ele mal sabia como aquilo iria sair. Então desistiu. E além do mais, para o seu alívio, Timo vinha em sua direção novamente o fazendo agradecer internamente por finalmente ir embora.

—É melhor tirar o casaco. —O que? Timothe foi em direção a um armário a sua direita o deixando ainda mais confuso. Andrew o obedeceu ainda sem entender. Sua mochila foi posta no chão ao seu lado, e ele tirou o casaco ficando apenas com uma regata branca. Seu irmão tirou do armário duas luvas de boxe vermelhas e seguiu em direção a um dos sacos de pancada no canto. O que ele estava fazendo? Contra sua vontade Andrew seguiu o seu irmão e deixou sua mochila junto ao casaco recostados a parede de espelhos. Timo segurou as mãos do irmão o pegando de surpresa as vestindo com as duas luvas rápido o suficiente para que ele não fosse parado. Não, não, não. Ele realmente achava que aquilo iria acontecer? Timothe se pôs à sua frente erguendo os punhos em proteção e Andrew se afastou negando com a cabeça. Ele já tinha entendido o que ele queria. E aquilo lhe parecia ridículo. —Vamos lá, Jonah. Vai ser covarde novamente e não vai querer encarar as coisas? —Covarde? Um soco forte foi desferido em seu ombro, e Andrew respirou fundo tentando se controlar. Seria melhor se ele parasse ali e não desse continuidade naquilo. —Mamãe acha que você está sendo egoísta, e quer saber de uma coisa? É verdade. O que estava pensando? Acha mesmo que você é o único que foi prejudicado? Que perdeu alguma coisa? —Não. Aquilo não era verdade, o que ele estava falando? —Aldine está mais insuportável do que nunca, papai mal sabe se devia se preocupar com o

que ele tem que pagar ou com você. O que você queria? Que todo mundo parasse de viver só pra ficar chorando do lado da sua cama? Pare de ser egoísta e de se fazer de coitadinho e acorda. Olhe ao redor...

Ele não pode mais suportar. Um grito saiu de sua garanta e com toda a sua força ele socou o que estava a sua frente. Mas mesmo com os olhos fechados ele pode perceber que não era Timo. E se sentiu aliviado por aquilo. Quando tudo retomou a cor novamente, ele pode ver onde sua mão acabara de atingir. Timothe segurava um saco de pancada cinza e o olhava com um sorriso de canto. Provavelmente por ter conseguido atingir o seu objetivo. Andrew observou as luvas e logo depois ao redor. Sem pensar duas vezes, uma tempestade de socos foi desferida no objeto. E a cada golpe toda aquela sensação sufocante parecia deixar o seu peito. Toda aquela raiva parecia ir embora. Timo podia ver quando os socos saíam de seu eixo, e iam para outro lugar totalmente distinto de onde seu irmão mirava, o obrigando a se desviar algumas vezes, mesmo tendo o saco a sua frente. Falta de coordenação, era uma das consequências da doença. E inesperadamente ele viu um sorriso brotar do rosto de Andrew. Talvez tenha dado certo, talvez ele agora se sentisse melhor.

Punhos e antebraços reclamavam. O ar parecia ter fugido de seus pulmões, mas ele se sentia melhor do que nunca. Seus braços caíram ao redor de seu corpo e ele se deixou sentar no chão acolchoado. Timo se sentou à sua frente logo depois.

—Melhor?

—Obri-gado.

Respondeu meio ofegante.

—Mamãe não acha aquilo, ninguém acha, não fale pra ela ou ela vai me matar.

Se defendeu fazendo Andrew rir no mesmo instante.

—Não se preo-cupe. Mas como, co-mo conseguiu isso?

—É uma forma de ganhar dinheiro.

—Você trabalha a-qui?

—É. Recepção. Pelo visto é a única coisa que alguém que estuda biomedicina pode fazer em uma academia. Não é muita coisa, mas é uma ajuda. E eu meio que sou um promotor também.

Agora ele tinha a impressão de que não tinha ideia do que se passava em sua própria casa.

—Me desculpe, por fazer a-quilo.

—Não sei exatamente como está se sentindo, não posso te julgar. Mas o que eu sei é que não pode desistir dessa forma. Estamos aqui por você, ainda somos a sua família, e não está sozinho nisso. Por favor, quando algo te incomodar, se lembre que pode dividir isso com a gente.

Como eles sempre faziam. Como Alan havia o pedido, e ainda assim, ele estava ali daquela forma. E mesmo com a imensa vontade de chorar, Andrew sorriu.

—S-ou um idiota.

—Não é.

—Eu não, não con-segui falar. Não é a pri-meira vez que acontece. Não consegui falar e ri-ram de mim, como se fosse uma coisa que eu, eu... —Seus lábios foram mordidos fortemente e ele já podia sentir as lágrimas descenderem por seu rosto. —Eles não sabem o que é não ter o controle sobre o próprio corpo. E você está aqui. Não devia estar aqui, eu só estou atrapalhando vocês, e se isso começar a crescer ainda mais, eu posso morrer, e tudo o que vocês fizeram vai ser jogado fora.

—Não fala assim.

—É a verdade, Timo. Vo-cê sabe, a mamãe sabe, ela só n-ão quer falar isso, porque é doloroso de-mais pra ela.

—Mas ele não sabe. —Apontou o saco de pancadas atrás deles, fazendo Andrew sorrir. Talvez evitar, não tinha sido a melhor das suas escolhas. —E você não tá atrapalhando ninguém, Andrew. Só estamos fazendo o possível pra você ficar bem. Para de pensar dessa forma, eu sei que não deve ser fácil precisar de alguém pra fazer coisas que antes você poderia fazer sozinho, mas essa foi a forma que a mamãe, a gente, achou pra você não parar de viver. —Aquelas palavras o atingiram mais do que ele esperava. Sua família estava fazendo de tudo para que ele pudesse viver, enquanto ele havia tentado acabar com a própria vida. Timo se levantou do chão e abaixou a mão em direção a Andrew. —Quer tentar novamente?

### **Agosto de 2015 – 07h56min**

Seus passos se encontravam acelerados assim como sua respiração. Talvez fosse nervosismo pelo o que ele iria fazer. Mas não importava, ele não devia se atrever a ter medo. Aquilo não era brincadeira e ele sabia muito bem. Seus passos diminuíram até parar. Havia chegado no lugar marcado e seria ali que tudo começaria. Na verdade, onde continuaria. Uma quadra de esportes que lhe parecia abandonada. Aquilo parecia assustador, mas ele realmente não poderia ter medo. O silêncio foi quebrado por um ronco de uma moto e Timo seguiu o som podendo ver Natan que acabara de chegar, na hora certa. A moto foi parada a centímetros do garoto, mas ele não recuou. O último encontro com Nataniel o fez perceber que ele adorava intimidar as pessoas, talvez só para se sentir no controle, mas Timo não daria para ele aquela oportunidade. Seu capacete foi retirado e ele continuou sentado na moto enquanto encarava o garoto a sua frente.

—Você demorou.

Disse pendurando o capacete na moto.

—Não enche, eu só quero...

—Cadê o Andrew? Como você descobriu a vida dupla dele?

—Ele não tinha uma vida dupla.

—Não tinha? E aquilo era o que então?

—Eu sei o que o Andrew fazia, ele parava idiotas como você.

—Até ele descobrir o tumor, e resolver fazer toda aquela merda. Tudo o que eu consegui nos últimos meses foi graças ao o que seu irmão me ensinou.

—Ele não é igual a você.

Natan cerrou os dentes, sentindo ainda mais raiva ao ouvir aquilo.

—Eu realmente não sou um fracassado com câncer. —Timo cerrou os punhos com raiva. Apesar de tudo teria que se controlar. —Ele ainda está com a Juliet?

—Não vim aqui pra isso.

—Então desembucha.

—Eu posso te dar o que você quer, se você me der o que eu quero.

—Em quanto tempo?

—Eu não sei exatamente, e eu vou querer uma garantia.

—Não é assim que eu trabalho.

—O problema é seu.

Ele realmente não tinha noção do que estava acontecendo ali, tinha?

—Meu problema? Engraçado acho que acabei de te lembrar a minutos atrás que não sou eu que estou morrendo.

—Tem razão, talvez o seu irmão esteja morrendo também.

Timo apertou os punhos se preparando para o que viria a seguir.

—Você é tão burro.

—Não era o que você queria? Eu posso conseguir o que você levou todo



esse tempo tentando, em dois minutos. Por que você não tem uma coisa que eu tenho do Andrew: Confiança.

—Achei que não trairia a confiança do seu irmão por isso.

—É pro bem dele.

—E o que você ganharia com isso?

—Não preciso te dar satisfações.

—É a cirurgia, não é? Eu precisaria arranjar dinheiro.

—E não acha que os backups valem isso?

—É claro. Acho que o Andrew não vale isso. —Timo desviou o olhar tentando conter sua raiva. Ele não tinha muitas opções ali. —Já pensou o que pode fazer com esse dinheiro? O que você quiser.

—Eu vou fazer tudo o que eu quero.

Como ele havia dito anteriormente, burro.

—Sabe que ele pode morrer mesmo com a cirurgia?

—Não importa. Ao menos eu tentei.

—Realmente, é otário como o irmão.

—Eu acho que o único otário aqui é você.

Natan desceu da moto e foi em direção ao garoto em passos largos.

—Esqueceu com quem está falando?

—Como vai ser?

—É melhor ter cuidado.

—Como vai ser?

Timo insistiu na esperança de acabar aquilo. Sabia o quão errado aquilo estava sendo, mas ele estava desesperado.

—Preciso analisar o que eu vou fazer. Não posso simplesmente te passar tudo, pode chamar atenção. —Timo passou a ponta do casaco em sua própria têmpora incerto. Agora que estava feito, como ele teria a certeza de que realmente iria acontecer? —Calma Timothe, te dou a minha palavra.

—E por que eu acreditaria em você?

—Por que essa a sua única chance de salvar o seu irmão. —Sim. Ele tinha razão. —E a minha de salvar o meu.

—Sim.

—Consegue em quanto tempo?

—Não sei, exatamente.

—Não importa. Se não conseguir, não vai falar a ninguém entendeu?

—E pra quem eu contaria, idiota?

—Cuidado com o que diz, Timothe. Você precisa de mim.

—Você também, Natan.

—Entro em contato com você quando precisar. —Suas mãos seguraram o capacete pronto para colocá-lo em sua cabeça novamente, mas um sorriso surgiu em seu rosto ao criar aquela hipótese, então ele não pode deixar de perguntar. —Porque agora? O Andrew tá pior, não é? O tumor tá crescendo. —Timo engoliu em seco e desviou o olhar de Natan, que deixou um riso escapar ao ver aquela reação. Era verdade. Aquele desgraçado estava finalmente morrendo. Era por isso que ele estava ali. Desespero. —Acho que o Ajoker não é invencível. Ele não deve estar conseguindo nem vestir as calças sozinho.

—Cala a boca!

O olhar de Timo se virou para o mais velho repleto de raiva, e tudo só piorou quando ele viu o olhar de satisfação de Nataniel antes de ele poder se esconder no capacete. Por um impulso, Timo foi na direção dele pronto para empurrá-lo de cima daquela moto, mas a mesma roncou o fazendo se afastar assim que os pneus chiaram levando Natan para longe dele.

Sabia que aquilo era apenas o início. Mas o que não somos capazes de fazer ou suportar, por aqueles que amamos?

**Março de 2014 - 10h09min**

Para o seu alívio, Natan não estava ali. Apesar de ser estranho. Mesmo nunca tendo escutado aquilo do próprio Natan, Andrew sabia que ele morava naquele lugar. Ao menos os computadores estavam ali.

Andrew deixou a mochila escorregar de seu ombro e puxou a cadeira em frente ao computador se sentando na mesma. Assim que viu a luz do gabinete ligar ele deixou um suspiro de alívio escapar. Mesmo tendo certeza que aquilo não era necessário. Natan não iria se livrar dos computadores, ainda precisava deles. Ao menos agora ele iria poder voltar ao trabalho. Seu olhar foi a folha de papel com uma lista feita por Natan grudada em um dos monitores.

Hackear o policial

O presídio

O banco

O que precisa para a transferência acontecer?

Algo para usar contra o diretor

Rota dos carros

Guardas

Os três primeiros itens estavam rabiscados, o quarto e o quinto repleto de interrogações. Ele provavelmente estava com raiva por aquilo demorar tanto. Andrew respirou fundo sabendo que aquilo era culpa dele. Ele não estava enrolando ninguém. Só que quanto mais procurava, mais ele achava. O primeiro policial que eles haviam hackeado não era o único a fazer serviços extras dentro do presídio.

O estranho som do ronco de um motor o fez sair de seus pensamentos. A porta se abriu, e Andrew levantou da cadeira pensando o que faria se quem passasse por aquela porta não fosse Nataniel.

Para o seu alívio, Natan entrou no local o encarando com estranheza.

—Resolveu aparecer?

—E-eu, te avisei que...

—Estava ocupado. Vai libertar o Chris ou vai ficar estudando sobre cada sela que existe naquela merda?

Chris. Aquela era a primeira vez que Natan falava o nome de seu irmão em voz alta.

—Estamos perto, eu só preciso...

—De tempo? Está me enrolando a meses com isso. Sem falar nos que sumiu. Eu poderia ter aberto todas aquelas portas e ter acabado com isso enquanto você não estava aqui.

—E porque não fez isso?

Natan arfou se jogando em um dos bancos acolchoados no canto que ele mesmo havia limpado. Ele não sabia responder aquela pergunta. Ou talvez não queria admitir que ele tinha razão. Várias pessoas poderiam morrer lá dentro se ele fizesse aquilo. E ele não queria viver com aquilo. Já bastava o que havia acontecido.

—O que precisa fazer?

—Autorizar a transferência.

—Pode fazer isso?

—Sim. En-quanto você reclama-va eu descobri um tipo de esquema que eles têm lá dentro. Podemos usar isso.

—Eu não me importo. Eu só quero libertar o meu irmão. —Andrew sentou novamente tentando manter a calma. —O que estava fazendo?

—Acabei de chegar.

—Não agora, todo esse tempo que resolveu sumir. Achei que tinha desistido, achei que ia dar uma de AJoker *white hat*, e me denunciar como fez com diversos outros hackers.

—Quer realmente fa-lar sobre isso agora? Porque se qui-ser, eu posso sair da-qui e-e fazer o que está falando.

—Não teria coragem. Me entregar seria como se entregar.

Se entregar. Andrew deixou um rápido sorriso escapar e se recostou na cadeira, entendendo onde ele queria chegar.

—E-u tenho uma vi-da além de hackear presídios em um monte de poeira. E pe-lo o que eu vi, você aproveitou a minha ausência. Comprou uma moto? —O olhar de Natan se desviou de Andrew o fazendo concluir que ele estava certo. —Com o dinheiro que eu disse para não usar.

—Você me disse que me mostraria a pegar o dinheiro do lugar certo. Tudo o que eu fiz foi pagar um pirralho pra passar um maldito pendrive a uma mulher.

—Eu acabei de ter uma prova que estou certo.

—Porque você sempre está.

—Que merda, roubou o cartão de crédito de alguém? Comprou a droga de uma mo-to com um cartão roubado?

—Eu não sou burro, Andrew.

—Tem certeza?

—Eu usei o dinheiro. Paguei em dinheiro.

—Gastar o di-nheiro dessa forma po-de chamar atenção, Nataniel. Você precisa ser invisível.

—Eu sai da droga da cidade pra comprar.

—E isso mu-da alguma coisa? Eles têm câmeras...

—Você é paranoico demais.

—Foi essa paranoia que me manteve invisível por anos.

—E você nunca usou nada do que teve acesso pra você e toda esse discurso que eu já conheço. Disse que acabaria comigo, mas eu sei que isso vai te beneficiar também. —O que ele queria dizer com aquilo? Andrew o viu se levantar e se ir em sua direção. —Eu sei o que você tem.

—O que eu te-nho, Nataniel?

—É por isso que você é tão devagar. Não me deixa ficar perto de você quando está no computador, além de não querer me dar acesso aos seus códigos. —Andrew continuou o observando tentando se manter calmo. Mas era quase impossível. Natan engoliu em seco ao perceber como ele o encarava. Talvez não devesse fazer aquilo. E se Andrew se revoltasse e resolvesse não o ajudar mais? Mas ele poderia usar aquilo ao seu favor. —Você está com câncer. No cerebelo. Por isso você fala assim, se move como um estranho. Eu acho que tem um nome, mas eu não me lembro muito bem. E é por isso que está quase careca também, mas esconde com os gorros e bonés.

—Porque vo-cê acha isso?

—Eu procurei por dias algum rastro seu online. Tudo o que achei foi um perfil que não usa mais, mas aí eu te vi entrando no hospital, e sistemas de

hospitais são como uma porta escancarada, AJoker.

—Nataniel.

—Você pode pagar por essa cirurgia, e sabe disso. —O olhar de Andrew se desviou de Natan e ele sabia que havia entrado em um caminho instável. —Não precisa morrer por causa de um código idiota que diz que não pude usar o que você precisa para o seu próprio benefício.

—N-não é apenas um có-digo! Até porque eu já o quebrei algumas vezes.

Natan o encarou meio surpreso. Mas ele não deveria estar. *Black hats* não seguiam a ética hacker, mas Andrew sempre o dizia que ele tinha as suas próprias regras.

—Quando? Porque?

—Meus pais, pre-cisaram fa-zer um empréstimo para nos mudarmos, e eu diminuí a dívida.

—Você poderia ter anulado.

—Não, cha-maria atenção. O que acha que eles iriam pen-sar se eu aparecesse de um dia pro outro com dinheiro? Eu só fiz dois estágios na minha vida, e um deles não era remunerado. Eu não tenho como esconder isso.

—Dane-se, é a sua vida!

—E é a deles também!

—Você é o único burro aqui. Você vai morrer! É o que você quer? Acha que eles vão ficar felizes se...

—Cala a boca! —Natan foi pego de surpresa com o grito de Andrew que o fez se afastar do balcão ainda mais. Era tão idiota o fato de ele ainda ter medo dele. Andrew estava doente, e aquela havia sido a razão de ter sumido. Não apenas do restaurante, mas como o AJoker. Talvez daqui há alguns meses ele pioraria e mal conseguisse se levantar da própria cama. —A-cha

que é fácil pra mim? Acha que eu não pen-sei desde o início no que eu poderia fazer? Eu não vou fazer nada do que você pensa que é o certo. Estou tentando do meu jeito.

—Andrew...

—Eu não posso fazer isso, Nataniel. Eu já le-vei coisas de-mais pra eles.

—Se você acha isso. —Ele não podia argumentar com aquilo. O que eles faziam era perigoso, e a última coisa que ele imaginava que Andrew queria era envolver alguém próximo a ele. O próprio Andrew corria riscos. Era como estar na linha de frente em uma guerra. Ao menos naquela guerra eles podiam usar máscaras. Mas máscaras não podiam escondê-los o tempo todo dos ataques recebidos. —Mas ainda vai me ajudar, certo?

—Não se preocupe, e-u não morri ainda.

### **Julho de 2013 - 15h45min**

Sossego não era algo que ela tinha em sua rotina naqueles dias. Quantas vezes o espelho já havia refletido o seu semblante cansado após uma noite de sono, como se não houvesse dormido? E quantas vezes ele ainda iria refletir? Ela esperava que aquilo acabasse em breve, mas com o rumo que as coisas estavam tomando, aquilo estaria bem longe de se concretizar. E infelizmente, ou talvez até por sorte, a única coisa que ela podia fazer era tentar esquecer tudo aquilo por algum momento do dia.

Julliet segurou com força os livros em seus braços e encarou os outros que estavam na estante a sua frente. Ela deveria os colocar em que sessão? Seus dentes morderam rapidamente seus lábios carnudos enquanto ela se permitiu dar uma rápida olhada pela estante que se estendia até a janela de vidro no final da sala. Odiava quando recebia livros interdisciplinares. Eles nunca lhe davam nenhum tipo de orientação sobre qual o lugar certo para guardá-los. Um suspiro saiu de seus lábios e ela resolveu os colocar na terceira sessão a sua esquerda. Ela desejava intensamente que o maior problema da sua vida fosse como organizar os livros da biblioteca.

Seu dedo deslizou pela estante a procura do livro que haviam lhe pedido.



Estava ali ela tinha certeza. Ou ao menos deveria estar. Totalmente perdida entre os títulos, a garota foi pega de surpresa quando uma mão a agarrou pela sua cintura forçando seu corpo a se aproximar de seja lá quem fosse. Juliet segurou o braço instintivamente e usou suas unhas na intenção de se defender.

—Droga, Juliet, vai com calma.

Assim que ouviu aquela voz, a garota revirou os olhos enquanto ria e se virou para ele. Agora com um sorriso em seus lábios finos, puxou a sua namorada mais uma vez para perto dele. Hoje ele vestia um gorro preto por cima de seus cabelos castanho cacheado.

—O que tá fazendo aqui, Isaac? E como conseguiu entrar?

—Vim te ver. É só mostrar a identidade.

Sua mão foi até o rosto da garota tentando beijá-la, mas Juliet se desviou no mesmo instante. Seus cachos estavam presos em um rabo de cavalo realçando ainda mais o seu rosto fino. Botas e leggings pretas, junto a seu moletom cinza a deixavam com um ar meio desleixado. As olheiras lhe diziam que ela estava cansada o suficiente para não se importar como havia saído de casa.

—Estou trabalhando.

—Entediante.

—Não pra mim. Ainda preciso ganhar dinheiro.

—Eu já sei essa história completa.

Isaac não esperou por uma possível reação negativa de Juliet e lhe deu um beijo intenso, fazendo a garota ficar sem muitas opções a não ser aceitá-lo. Afinal, qualquer tipo de demonstração de afeto era bem-vinda para ela naqueles dias. Suas mãos subiram pela nuca do garoto, adentrando em seu gorro puxando de leve os fios de seu cabelo. Isaac não ficou para trás e segurou a perna direita de Juliet a enrolando na sua, enquanto a fazia caminhar até a estante atrás deles. Ela devia estar ficando louca. Estando

daquela forma em seu trabalho...

—Julliet, onde está... —Aquela voz a fez voltar a seu estado normal, e Julliet pareceu acordar se dando conta do que fazia. Sua mão empurrou Isaac o fazendo se afastar dela, ou quase. O garoto manteve suas mãos em sua cintura, a fazendo respirar fundo tentando manter a calma. —Eu não acredito nisso.

Seus olhos verdes foram a mulher baixinha no final do corredor de estantes, que os encarava incrédula. Não havia mais jeito, ela tinha certeza. Porque ela não havia feito Isaac parar e ir embora como deveria fazer?

Suas mãos empurraram com força a porta pesada da biblioteca a fazendo sair no pátio principal do campus. Algumas pessoas caminhavam e outras se mantinham sentadas no gramado enquanto conversavam. Tudo ali parecia tão normal, mas Julliet estava quase tendo um ataque de raiva.

—Julliet. —Sua mão puxou a alça de sua mochila fortemente enquanto caminhava em passos largos, para que Isaac não a alcançasse. —Por favor. Me desculpa. Eu posso te ajudar...

—A encontrar um trabalho? —Julliet se virou para o garoto chamando atenção de algumas pessoas que passaram. Mas ela não se importava. —O papai... —Zac. A garota suspirou olhando ao redor ao se lembrar de seu pai, e do que ela imaginou quando havia conseguido o emprego na biblioteca. Nada daquilo havia acontecido, mas ela ainda tinha esperanças de que algo poderia mudar. Mas quando ela não fazia ideia. Ainda podia ficar pior? Seu olhar se voltou a Isaac em sua frente a fazendo se lembrar de que ele ainda estava ali. —Eu preciso pagar as...

—Julliet! —Isaac a segurou pelos ombros a parando. —Eu conheço o cara que trabalha no restaurante aqui perto, do outro lado da rua pra ser exato, se eu falar com ele eu posso conseguir um lugar pra você.

A garota o olhou por alguns segundos, e deixou um sorriso de canto escapar, mas o desmanchou logo depois ao se dar conta do que ele provavelmente estava fazendo. Não foi a primeira vez que a bibliotecária havia pego eles dois se beijando daquela forma na biblioteca. E ela havia

alertado Juliet: “isso não pode acontecer, de forma alguma, nem na sua hora de serviço ou de estudo, isso é totalmente inapropriado.” Ela ainda podia se lembrar exatamente de suas palavras. Mas a garota estava tão cansada e talvez, carente, que não pode resistir. Ela não podia colocar a culpa em Isaac. Ela também tinha a sua parcela naquele erro.

—Sério?

—Se você se acalmar, e me compensar passando o dia comigo, eu posso ligar para ele hoje mesmo.

Juliet olhou ao redor rapidamente sentindo as mãos de Isaac descerem por sua cintura. Ela sabia que não era uma boa ideia, mas não era como se ela fosse deixar o seu pai sozinho por uma eternidade, e além do mais, sentia que precisava de um descanso. Por que não?

—Isso é quase prostituição.

Isaac deixou uma risada escapar e se aproximou da garota lhe dando um rápido beijo em seus lábios.

—Vamo sair daqui.

O garoto a puxou pela mão a obrigando a se mover para a frente, em passos rápidos. Seja lá o que Isaac queria não seria boa coisa, mas ele havia se transformado na sua única escapatória, no seu único momento do dia em que ela não estava pensando no que perdeu e no que poderia perder. Quando estava com ele, ela não se sentia sozinha. Era como se tudo fosse mais fácil. Ou quase tudo. Afinal na maioria das vezes o próprio Isaac complicava as coisas. Se sua mãe estivesse ali, ela provavelmente iria querer conversar com o garoto até que ele resolvesse fazer algo além de vender carros usados em uma loja de um amigo. E Verônica não faria aquilo por ele estar com Juliet. Talvez aquilo fosse uma de suas motivações, mas ela simplesmente o faria.

Isaac se perguntava o porquê de Juliet estar o encarando por tanto tempo. Apesar de gostar daquilo. Os olhos verdes daquela garota o faziam perder a noção de tudo ao seu redor. Talvez estivesse pensando no pai, afinal tudo o que ela fazia era isso, o tempo todo. Nem dormia por causa daquele inútil.

Ele ainda tentava entender porque ela insistia naquilo.

O sol já havia ido embora. O céu e algumas partes da cidade podiam ser perfeitamente vistas daquele lugar. Um velho estacionamento. 8 andares talvez, ele nunca havia parado para contar, mas sempre gostava de ir até ali quando queria paz. O resto do cigarro que ele fumava foi arremessado para longe e Juliet se recostou no vidro acima do capô do carro, se deitando no mesmo. Seus olhos se fecharam e a mão de Isaac pousou em sua cintura a fazendo o encarar com raiva e o afastando no mesmo segundo.

—Ainda sinto a droga do cheiro do cigarro.

—Vai passar.

—Mas não vai ser agora. —Isaac se abaixou até Juliet e segurou suas mãos antes mesmo que ela tentasse pará-lo. Seus lábios lhe deram um rápido beijo no canto de sua boca, e ele desceu a seu pescoço a sentindo estremecer embaixo dele.—Me disse que ia parar.

—Eu vou.

—Não é o que parece.

—Seu pai não te ligou, certo?

Perguntou mudando o assunto.

—Não.

—Onde está a sua câmera?

—Deixei em casa.

—Que merda, você deve estar na fossa. —Juliet revirou os olhos e respirou fundo tentando ignorar o seu comentário. Havia semanas talvez que ela não pegava naquela câmera. —Vamos pra minha casa.

—A casa não é sua.

—É de um amigo, e ele não está.

—Eu escuto essa conversa há meses. Nunca pensou em ir pra algum lugar que seja seu?

—Tipo? Eu não volto pra casa do meu pai de jeito nenhum, e nem seria um lugar meu.

—Só estou dizendo que...

—Julliet! Não, não, não por favor. Agora não.

—Isaac, você deveria agradecer. A minha...

—Eu sei, eu sei. —A interrompeu já sabendo onde aquilo iria parar. — Não queria que isso te deixasse dessa forma.

—Como não, Isaac? O meu pai chega em casa todos os dias cada vez pior, e eu tenho que tomar conta dele, como se ele fosse uma criança birrenta.

Julliet sentiu seu rosto ser segurado ainda mais firme por ele não lhe dando chance de desviar o olhar para qualquer outra direção.

—Então vem e me deixa te fazer esquecer tudo isso. Podemos sair daqui. Deixar essa cidade e tudo isso para trás. Ou você pode simplesmente ir ficar comigo.

—As coisas não são tão simples assim.

—Você pode facilitar se quiser.

—Não. Eu não posso deixar o meu pai.

—Ah, Julliet! Por favor. Podemos viver da forma que quisermos, sem precisar se preocupar com nada e nem ninguém.

—Se eu fizer isso ele vai piorar.

—E o que ele faz por você? —Julliet desviou o olhar do garoto, e ela

sentiu sua testa se recostar na dela o fazendo olhar. Pelo visto, Isaac estava determinado a fazê-la ouvir o que ele tinha para dizer. —Deixar que você limpe o vômito dele as três da manhã quando ele chega bêbado?

—Cala a boca.

Praticamente sussurrou tentando segurar as lágrimas. Não era daquela forma.

—É a verdade, Juliet. Você está se matando por causa dele.

—Estou quase desistindo de aceitar esse trabalho que tem pra mim.

Resmungou se soltando do garoto e se sentando novamente.

—Só estou querendo dizer que você não precisa se afundar junto com ele. E que você tem a mim. —Dizendo isso, Isaac desceu do capô do carro puxando Juliet pela cintura fazendo ela o acompanhar, mas sem deixar que seus pés tocassem no chão, a pegando no colo em vez disso. —Pra te lembrar que ainda temos tempo.

—Tempo?

—Sim. —Respondeu lhe dando um selinho rápido. —A casa do meu amigo fica bem perto daqui.

—Você é inacreditável, Isaac!

Um sorriso se formou em seu rosto e Isaac a deixou no chão novamente. Ele havia ganhado. Sua mão ergueu a chave de sua pick-up e Juliet pode ouvir o mesmo sendo destrancado. Ela mal conseguia definir se seria uma boa ideia fazer aquilo. Havia perdido a noção de qual havia sido a última vez que realmente tinha descansado, e não apenas ter tido mais uma noite mal dormida.

Isaac estava certo quando disse que a casa, ou apartamento não ficava muito longe. Talvez ele havia a levado no estacionamento de propósito. Sempre havia uma segunda intenção no que aquele garoto fazia.

Seus olhos já estavam fechados por um longo tempo. E ela não queria que aquilo mudasse. Ao menos por alguns minutos conseguia um tipo de anestesia da vida lá fora, e por mais que fosse daquela forma a garota queria continuar.

Um gemido saiu de seus lábios e Juliet sentiu as mãos de Isaac subirem de uma forma apressada por dentro de sua blusa cinza. Suas unhas arranharam de leve a nuca do garoto enquanto ele depositava beijos em seu pescoço.

Sua perna se enrolou na dele, e agora, Isaac tinha seus dedos em sua calça, tentando descê-la desesperadamente. Juliet estava ocupada demais, tentando se concentrar na língua que revessava entre seus lábios e seu pescoço para ajudá-lo.

Quando Isaac, finalmente conseguiu se livrar da legging que Juliet vestia, o solo de Clocks ecoou no pequeno quarto. Juliet abriu os olhos imediatamente se dando conta de que era seu celular. Seu olhar vasculhou todo o quarto até achar o visor brilhando insistentemente no chão.

—Não atenda.

Isaac murmurou entre os beijos e Juliet arfou sentindo uma mordida forte em seu pescoço. Ela sabia que ele não a permitiria atender, mas as três letras que estavam estampadas em seu celular a deixaram ainda mais inquieta.

Não suportando mais esperar, sua mão empurrou com força o garoto, o fazendo se afastar de seu corpo.

—Juliet!

Isaac reclamou a vendo se abaixar em direção ao celular o atendendo contra a sua vontade.

“Juliet?”

Dessa vez uma voz rouca e meio embargada a chamou do outro lado da linha fazendo o silêncio pesar em seus ombros.

—Oi, pai.

“Onde, onde você está?”

A garota se sentou na beira da cama de solteiro e sentiu mãos agarrarem sua cintura por trás. Obviamente Isaac ainda não havia desistido de fazê-la ignorar a ligação.

—Onde você está?

Perguntou sentindo um medo instantâneo da resposta. Os segundos de silêncio que vieram em seguida só a deixaram ainda mais tensa. Lábios em sua nuca a fizeram se afastar rapidamente do moreno que lhe parecia totalmente inquieto. Mesmo ouvindo ele reclamar, Juliet não se importou com o seu possível futuro mal humor.

“Em casa.”

Sua resposta ecoou do outro lado da linha repentinamente. *Em casa*. Juliet encarou as próprias pernas desnudas. Não era tão ruim quanto ela pensava.

—O que aconteceu dessa vez? Perdeu as chaves?

“Não. Roubaram minha carteira. Mi-minhas coisas...”

Tudo bem. Era ruim.

—Mas que droga. Eu já tô indo.

“Não demora.”

—Como assim estou indo? —Isaac protestou novamente ao perceber o que estava acontecendo. Juliet levantou da cama e puxou do chão sua calça a vestindo apressadamente. Aquele quarto era menor que o seu. As paredes azuis escuras deixavam o ambiente meio obscuro. —Juliet? Vai mesmo me deixar assim por causa daquele idiota bêbado?

—É o meu pai, Isaac!



—Mas que merda. —Xingou a observando se vestir novamente. Juliet puxou a mochila do chão e foi em direção a porta pronta para deixar o pequeno quarto. Mas por um impulso Isaac se levantou da cama e a segurou pelo pulso. —Eu te levo.

—Isaac...

—Eu te levo.

Insistiu vestindo sua camisa novamente. Juliet deixou o apartamento para trás junto a Isaac, pensando no que o seu pai havia se metido dessa vez, como estaria, e se havia levado outras coisas para casa além de dívidas do bar.

—Que merda. —Sussurrou assim que o carro parou em frente em sua casa. —Te ligo depois. Obrigada. —Juliet foi puxada gentilmente por Isaac, e ela recebeu um beijo logo depois, que a fez sorrir. Mas aquele sorriso sumiu assim que desceu do veículo. Um homem estava sentado recostado á porta de sua casa. Parecia dormir profundamente. Suas calças estavam sujas de algo que ela não conseguia identificar. Quase não conseguia acreditar que ele estava naquelas condições. Seus olhos ardiam, mas ela não deixou que as lágrimas caíssem. —Pai! —Chamou o cutucando com o pé. —Pai, acorda!

—Verônica? —Sua cabeça se ergueu em sua direção com um sorriso meio lerdo, e Juliet soube que ele não conseguiria se erguer sozinho. Suas mãos vasculharam os bolsos de sua mochila recolhendo as chaves de um deles. A porta foi aberta, e Zac se apoiou rapidamente antes que ele caísse no chão de casa. Juliet se abaixou até o pai o ajudando ou tentando ajudá-lo a se levantar. —Estou bem!

Reclamou se levantando logo após se livrar das mãos de Juliet em seu braço.

—Juliet? —O que ele ainda estava fazendo ali? A garota se virou em direção a voz e viu Isaac dentro do carro ainda parado em frente a casa. —Está tudo bem?

—Quem é esse?

Zac gritou já em pé pegando a filha de surpresa.

—É melhor ir pra casa, Isaac.

—Isaac? Quem é Isaac? Ele está com você?

—Pai...

—Vai embora! Eu não sei quem é você, eu não preciso da sua ajuda!

Julliet segurou os braços do pai tentando fazer com que ele entrasse em casa. Aquela cena era deplorável. E ela podia apostar que da janela da vizinha tudo parecia um grande espetáculo trágico, que viraria a nova fofoca da semana. Julliet não suportou mais as lágrimas e deixou elas umedecerem seu rosto. Até onde ele iria com aquilo? Ao menos havia conseguido vir para casa.

A porta foi fechada bruscamente por ela enquanto assistia seu pai ir até a cozinha em direção a geladeira. Um miado meio manhoso ecoou na sala e ela pode ver Frida correndo em sua direção, com o seu rabo curto esticado, como se agradecesse por finalmente não precisar ficar mais sozinha em casa. Um suspiro cansado escapou de seus lábios. A sala estava uma zona. Havia algumas garrafas de cerveja no chão, restos de comida na mesa de centro e até em cima do sofá. Sua mochila caiu de seus ombros indo até o chão e Julliet caminhou até a cozinha se preparando para arrumar aquilo tudo, enquanto era seguida por Frida. Zac havia pego uma garrafa de água na geladeira e a virou na boca sem nenhuma cerimônia.

Se sentia exausta, não apenas fisicamente. Suas mãos se apoiaram na pia abaixo do armário, enquanto ela simplesmente negava a se mover novamente. A oferta de Isaac lhe parecia tão tentadora. Mas para onde eles iriam? E aquilo era uma loucura. Se bem que a vida dela não estava sendo tão diferente de uma loucura.

Mas o que estava pensando? Não podia simplesmente ir embora. Verônica estaria decepcionada se a visse agora.

—Quem é esse Isaac?

Seu corpo virou na direção da voz imediatamente e Juliet pode ver seu pai andar em passos arrastados na cozinha. A garota olhou rapidamente para a gata que havia subido na mesa no canto querendo a sua atenção.

—Estava bêbado quando te roubaram?

—Eu estou bem, minha filha. Obrigado.

—Eu também estou, pai.

Respondeu dando ênfase a última palavra. Como ele tinha coragem de agir daquela forma? Ele devia saber o quanto a machucava ter que ver a única pessoa que restava da sua família se destruir daquela forma.

—Onde você estava? O que anda fazendo quando não está na faculdade? Está com esse tal de Isaac, não é?

Bem, talvez ela também não estivesse sendo um grande exemplo de como não se autodestruir.

—Além de trabalhando pra pagar as suas contas? Não importa.

—É claro que importa.

Sua mão se ergueu em direção a porta da geladeira, e ele parou em frente à mesma, como se procurasse algo ali. Os olhos verdes de Juliet se direcionaram a garrafa que estava na pia ao seu lado, e ela revirou os olhos indo em direção a geladeira desviando do pai e colocando a garrafa em seu devido lugar.

—Vai fazer diferença, pai? Talvez você esteja tão bêbado que amanhã se esqueça disso tudo. Por um acaso, você foi trabalhar hoje?

—Não importa.

—É claro que não foi.

—Devia estudar em vez de se meter na minha vida.

—E você deveria parar de ser tão fraco e beber feito um louco.

Seu olhar se voltou a Juliet e ele fechou fortemente a porta da geladeira se aproximando da sua filha de uma forma intimidadora. Mas Juliet mal se moveu. Fraco? O que ela queria dizer com aquilo?

—Aonde quer chegar com isso?

—Que você deveria perceber que quem está morta é a mamãe, e não você. Eu ainda estou aqui, sabia disso?

O olhar de Zac se desviou dela enquanto ele parecia absorver aquelas palavras.

—Mas ela não está.

—E se estivesse, provavelmente não iria querer nem olhar pra você, por decepção! Você tá manchando a memória da mamãe, e jogando fora quem ela era, e não tem o direito de...

Suas palavras foram interrompidas por um ardor repentino em sua bochecha esquerda. Seu rosto acabou virando pela força do impacto e seus pés deram alguns passos para trás, enquanto por alguns segundos talvez, suas forças se esgotaram. Seus olhos se fecharam e ela tentou impedir com que as lágrimas caíssem, mas era impossível.

Aquilo havia ido além de uma dor física. Era como se ela tivesse sido desmanchada e não houvesse mais uma forma de se encaixar novamente. O chão abaixo de seus pés parecia ter simplesmente sumido. Como ele pôde? Depois de tudo. Depois de tudo o que ela havia feito. De todas as vezes que ela correu até ele, tentando concertar os seus erros.

Quando finalmente Juliet o olhou, Zac a observava com remorso. O homem a sua frente possuía apenas alguns fios grisalhos em seu cabelo negro meio desgrenhado, mas agora, mesmo não aparentando ter a idade que tinha, de repente ele parecia estar muito mais velho.

Por alguns segundos ele se lembrou, de todas as vezes que a levava para

casa de seus pais, e o quanto eles o parabenizavam pela filha linda e gentil que havia criado. Mas era dela. Tudo era de Verônica. As únicas coisas que Juliet havia puxado de seu pai, era a teimosia, e a cor de sua pele. Todo o resto era de Verônica. Os olhos verdes, os cachos. A gentileza. E o que ele estava fazendo agora?

—Juliet...

—Me-me deixa.

Ela finalmente conseguiu se mover e desviou-se de seu pai, correndo em direção a sala, ignorando as súplicas que ouvia enquanto ele a seguia.

—Juliet, por favor, eu não quis fazer isso, eu, foi sem pensar minha filha, por favor.

—ME DEIXA!

Gritou entre as lágrimas puxando com força a mochila do chão e saindo de casa às pressas. As lágrimas dificultavam sua visão, mas mesmo assim ela continuou caminhando, ou correndo. Seus soluços pareciam nunca cessar. Assim como a sua dor. E ela foi para o único lugar que lhe restava, ou para a única pessoa.

Sua mão bateu fortemente na porta escura a sua frente. Juliet respirou fundo tentando se acalmar, mas aquilo parecia ser quase impossível agora. A porta a sua frente se abriu e Isaac segurou sua mão a puxando para dentro do apartamento.

—O que aconteceu?

—Nada.

—Foi o seu pai?

—N-não.

Soluçou, caindo no choro novamente. Isaac a puxou pela cintura fazendo seus pés se moverem forçadamente para mais perto dele. Sua testa se

recostou na dela, o permitindo observar ainda mais de perto seus olhos inundados em suas próprias lágrimas.

—Não fica assim. Não vale a pena.

—Ele vai acabar se matando. E a mim.

—Não, Juliet. Você vai ficar bem.

—Não vou.

Isaac ergueu sua mão, mas sem se afastar dela, fechando a porta fortemente. Suas mãos seguraram o rosto de Juliet recostando seus lábios nos dela, iniciando um beijo calmo o suficiente para deixá-la da mesma forma. A garota o abraçou fortemente, como se ele fosse a sua âncora. A única coisa que mantinha o seu equilíbrio. Sua mochila caiu de seu ombro e ela respirou fundo entre o beijo quando seu corpo foi impulsionado para cima. Suas pernas se entrelaçaram no quadril de Isaac e o mesmo caminhou em direção ao pequeno quarto.

Talvez seria bom esquecer e deixar tudo de lado. Ao menos por um momento. Mesmo que fosse da forma errada.

—So we rode down to the river, where Victorian ghosts pray, for their curses to be broken... —Juliet praticamente gritava ao seu lado junto ao rádio fazendo Isaac rir. Aquilo era uma coisa rara. Ela estava cantando e rindo, como se nada mais importasse do que aquilo agora. Pelo visto, ela havia se acalmado mais comparado a forma que havia chegado no apartamento na noite anterior. Ou ela só estava assim, para não acabar de alguma forma explodindo. —We go wandering ‘neath the arches..where the witches are and they say, there are the ocean, the ocean... —Suas mãos bateram na janela no ritmo da música. —Singing lalalalalalalala aye, and the night over London lay...

—A sua voz é horrível.

—Eu sei!

Gritou rindo ainda mais. Isaac segurou sua nuca firmemente a fazendo se aproximar ainda mais dele, iniciando um beijo longo e intenso. Mais do que devia. E se alguém passasse por eles? Estavam estacionados na frente de seu trabalho. As mãos de Isaac desceram até sua cintura a puxando, ou tentando puxá-la para ele. Mas Juliet se afastou no mesmo instante.

—Juliet!

—Estamos no meio da rua.

Praticamente sussurrou o afastando.

—Eu não me importo.

—Mas eu sim.

—Você tem um novo emprego agora!

Um sorriso se formou no rosto da garota e ela se recostou no banco, ao se lembrar. Ele tinha razão. Nem tudo estava perdido. Ela ainda tinha como pagar as contas. Uma pontada dolorosa atacou o seu peito ao se lembrar daquilo. Talvez se eles não houvessem se mudado de casa, Verônica não sairia a noite para pegar aquele maldito dinheiro, e ela não precisaria estar tão preocupada sobre trabalhar e ter o dinheiro o suficiente para pagar o que ainda deviam da casa, as novas dívidas de Zac, e de tudo o que eles precisavam para sobreviver. Seu olhar voltou ao garoto ao seu lado e ela suspirou. Ela não tinha tempo para pensar em como poderia ser.

—Obrigada, Isaac, de verdade.

—Então, vamos sair daqui e comemorar. —O garoto virou a chave do carro fazendo o motor do mesmo roncar. Juliet se recostou no banco e ouviu a risada de Isaac ao seu lado. —Olha lá.

—O que?

Perguntou acompanhando seu olhar e viu uma garota, caminhar pela calçada não muito longe deles.

—A garota do DiLorenzo.

DiLorenzo. Ela pode jurar que seu estômago se revirou ao ouvir aquele nome.

—Como assim?

—O que acha se dermos uma lição no Chris?

Com um sorriso maldoso, Isaac pisou no acelerador assustando Juliet que ainda tentava encaixar as coisas. Quando ela se deu conta do que estava acontecendo, o carro estava próximo demais e mesmo com a tentativa falha de desvio da garota, o veículo a atingiu a derrubando violentamente contra o asfalto.

—ISAAC! —A risada alta que ecoava ao seu lado a deixava ainda mais perplexa. —O que você fez?

—Só dei a ele o que ele merece!

—Ele? Você atropelou a garota!

—O Christopher precisa sentir o que ele...

—Ela não matou a minha mãe!

—Mas ele... —Juliet não esperou ouvir mais nenhuma palavra e saiu do carro correndo em direção a garota que estava caída, e gritando de dor, para o seu desespero. Isaac abriu a porta e saiu do carro não acreditando no que via. Juliet chorava convulsivamente enquanto tentava ligar para alguém em seu celular. —Juliet?

—Me deixa em paz! —Gritou tentando enxugar as lágrimas de seu rosto. —Não acredito que fez isso. Você é um monstro, Isaac!

Talvez ela não sabia o peso daquelas palavras. E como elas quase derrubaram Isaac. Aquilo ecoou na sua cabeça inúmeras vezes. Logo ela. Que ele sempre pensou que fosse a única que o entendesse, e que estivesse com ele. Seus pés se moveram lentamente, porém para trás, em direção ao seu



carro.

Julliet tremia e tentava esperar pacientemente até que alguém atendesse. Em meios às lágrimas ela viu Isaac correr para o carro novamente, e sair dali a deixando sozinha.

### **Fevereiro de 2014 – 14h47min**

Era meio engraçado como as coisas aconteciam. Quando ele estava mal, parecia que tudo trabalhava exclusivamente para deixá-lo pior. As pessoas, os contratemplos. Mas quando ele se sentia bem, até o ar parecia diferente. Andrew deixava de dar importância para algumas coisas que via, mas uma vez havia escutado algo como “o mundo é como nós o vemos, não como ele é”. Aquilo não lhe fez o menor sentido. Como o mundo poderia ser modificado através da forma que ele o via? Aparentemente, aquilo era mais evidente do que ele imaginava. Não de uma forma literal, mas de fato as situações poderiam mudar completamente a partir de um ponto de vista. Quantos mal-entendidos já aconteceram porque duas pessoas enxergavam algo de uma forma completamente diferente? Ou como cada detalhe ao seu redor poderia se tornar mais importante, apenas por uma simples mudança de pensamento.

Os últimos meses haviam sido mais tranquilos. Graças a Timo, Andrew conseguiu convencer Helena que grupos de apoio não iriam ajudá-lo muito, e que a única solução para ele era descarregar toda a sua raiva em sacos de pancadas. É claro que sua mãe não aprovou, para ela aquilo era um meio violento e até sugeriu que Andrew visitasse um psicólogo, mas ele não queria fazer aquilo. Certo de que existia algo mais na cabeça dele, mas não desse modo. Porém o fato de nenhuma tentativa de suicídio se repetir, não foi uma justificativa positiva para que ele continuasse a frequentar a faculdade. Os efeitos da radioterapia tornavam os seus dias imprevisíveis o impedindo de sair de casa por ele sofrer algum tipo de mal-estar que chegava sem aviso prévio. Então Alan achou melhor que o filho estudasse em casa. Ter aulas a distância não era uma opção para Andrew, mas havia se tornado a sua alternativa, e sem direito de escolha. Ao menos ele não havia parado de estudar. Mas mesmo assim, ele estava ali novamente. E dizia a si mesmo que as únicas razões de ir até aquele lugar eram para usar a internet e esperar que Isaac aparecesse, como nas primeiras vezes em que visitou o restaurante. Mas

ele sabia que a verdadeira razão daquilo não se tratava de nenhum acesso à internet sem custos, mas sim sobre um par de olhos verdes radiantes nos quais ele não conseguia ficar mais sem admirar.

—Oi, Jolie.

Com um sorriso de canto estampado em seu rosto, ele se recostou no balcão a podendo ver de costas, vestindo seu habitual avental vermelho. Julliet deixou um sorriso escapar ao ouvir aquela voz e abriu a pequena porta do micro-ondas colocando um croissant em um pequeno prato dentro do mesmo.

—Já disse que meu nome é Julliet.

Ela não sabia dizer se estava reclamando, ou implorando para que ele não parasse. Seus dedos apertaram rapidamente os números ao lado da porta, já fechada e se virou para Andrew logo depois.

—Gosto d-e Jolie.

Respondeu pondo a mochila que estava em suas costas no balcão. Julliet sorriu o observando. Nos últimos dias ele parecia fazer questão de exhibir os músculos. Hoje ele vestia uma regata preta meio folgada que lhe permitia ver uma pequena tatuagem em suas costelas.

—O que vai querer hoje? Café novamente?

—Eu n-ão gosto, de café. —Aquela resposta a pegou de surpresa. —Prefiro cappuccino.

—Então porque sempre pede café?

—Porque é o m-ais obvio.

—Você é muito estranho.

—Obrigado.

Respondeu a fazendo rir, e notando o quanto os lábios dele estavam

secos.

—Não te vi na faculdade esses dias.

—É, eu, mudei de pré-dio. —Mentiu desviando o olhar rapidamente dela. A mesa que ele sempre ficava estava ocupada por duas garotas que pareciam entretidas em uma conversa. —Você p-or um, acaso t-em algo que me ajude a ficar acordado?

—Cafeína?

Respondeu em meio a um riso. Todas as vezes que Andrew se encontrava com Juliet agradecia internamente pelo o fato de ela não se importar e nem nunca ter perguntado nada sobre o seu modo lento de falar.

—Você tem, cappu-ccino?

Aquilo o irritava constantemente. Como a ela não?

—Tem menos cafeína.

—Então essa é a di-ferença!

Falou como se uma grande descoberta para ele.

—Quando fez?

—O que?

—A tatuagem.

Andrew umedeceu os lábios rapidamente ao senti-los secos pela milésima vez naquele dia.

—Quando fiz 18.

—O que significa? Além de ser um círculo vazio.

—É u-ma constan-te. Não tem um iní-cio e nem um final. Co-mo nós

deveríamos ser.

Julliet o olhou meio intrigada.

—Tá querendo dizer que nós deveríamos simplesmente surgir e não morrer?

—Não literal-mente. Es-tamos sempre nos fazendo perguntas co-mo de onde viemos e pra onde v-amos, quando o que de-veríamos fazer era bus-car as questões cer-tas, como o-o que nós precisamos fazer para melhorar o agora.

—Achou tudo isso em um círculo?

Andrew deixou um riso escapar e mordeu o próprio lábio rapidamente, observando a expressão divertida no rosto da garota. O que ele estava pensando?

—E-le é utilizado em muitas religiões também. O mesmo sím-bolo, representando a mesma coisa, mas que es-tão em doutrinas dife-rentes e que mesmo assim vivem em conflito. É a discordância na sincronia. —Andrew desenhrou um círculo invisível e meio torto no balcão chamando a atenção de Julliet. —Tam-bém traz a ideia de estabilidade, e perfeição, e e-eu ain-da vejo a união. É como uma mensagem. “A união para a estabilidade da vida”. Equilíbrio e respeito.

—Nossa. Isso é meio...

—Obsessivo?

—Profundo. Eu definitivamente não vou ver um círculo mais da mesma forma. —Comentou em meio a um sorriso bobo. —Você tem outras?

—Tatua-gens? —Assentiu em resposta prontamente. —Tenho mais uma. Mas, é só um símbolo de um filme.

Julliet deixou uma risada escapar junto a ele. Não seria nada mal se ela pudesse ver o resto. A garota arregalou os olhos rapidamente ao se dar conta do rumo de seus pensamentos. Por sorte os bipes sequenciais do micro-

ondas a salvaram a fazendo dar as costas para Andrew. O garoto desviou o olhar para sua mochila o fazendo se lembrar da última vez que estava ali. Se perguntava se aquele imbecil ainda voltaria.

—Então vai ficar com cappuccino?

Julliet parou ao seu lado o pegando de surpresa.

—Eu não sei, parece qu-e roubaram a minha mesa.

—Parece que existem outras pessoas que não gostam de, outras pessoas.

—An-tissociais. —Julliet deixou uma risada escapar e voltou para trás do balcão. Ela parecia cansada, como todas as outras vezes em que ele havia entrado ali, mas era como se aquilo nunca a incomodasse, ou talvez ela só não deixasse o cansaço a impedir de fazer o que ela tinha que fazer. Ele queria perguntar a razão de ela se esforçar tanto, já que estudar e trabalhar aparentemente a deixava mais exausta do que o normal, mas talvez não seria educado perguntar. —Quando sai do trabalho?

—Sete.

—Você mora longe?

—Não muito. Porque?

—Na-da.

Seus olhos castanhos mel se desviaram dela a deixando entender de que havia muito mais naquele nada.

—Você morava longe? Antes de vir pra cá.

—Na verdade, não. São cerca de, duas ho-ras e meia.

—Deixou muitos amigos lá?

—Alguns. O-s outros me deixaram.

Como Lea. E os outros ele mesmo havia deixado. Como Mateus e todas os seus convites recusados para se encontrarem.

—Sinto muito.

—Tudo bem, eu aca-bei me conformando. Eu tenho u-m motivo plausível, mas você não.

—Pra que?

—Pra ter, pou-cos amigos.

O sorriso de Juliet se desmanchou aos poucos o fazendo notar que aquele havia sido o assunto errado.

—Eu acabei me afastando deles, depois que o meu pai... —Seus lábios foram rapidamente mordidos e ela o olhou se esforçando para continuar. — Teve alguns problemas.

—Onde está aquela sua amiga?

—Phoebe? Intercâmbio com a namorada.

Juliet deixou um sorriso escapar ao se lembrar do quanto ela havia ficado feliz ao conseguir aquilo. Sentia falta dela.

—E o seu pai? Ele es-tá bem?

—Vai melhorar.

—Descul-pe, por perguntar.

—Tudo bem.

Andrew respirou fundo e puxou a mochila do balcão a segurando com força em sua mão esquerda.

—Eu vou querer o cappuccino. —Falou com um sorriso em seu rosto. — E eu vou u-sar a sua internet novamente.

—É claro.

Julliet se virou para a máquina de café, enquanto Andrew se dirigiu para a terceira mesa a direita da recepção abrindo a mochila depois de muita dificuldade, e pegando de lá seu notebook. Sempre olhando para Julliet para ter certeza de que ela não o observava se mover como um boneco de posto descontrolado. O computador foi ligado e seu indicador lutou para digitar a senha, o fazendo bufar assim que finalmente conseguiu terminar a sua missão. Seu dedo deslizou pelo touchpad abrindo uma pasta de arquivos na área de trabalho. Seu olhar foi a Julliet rapidamente tendo certeza de que ela estava ocupada. Estava tudo ali. Tudo o que ele tinha achado sobre Isaac Wishall. Talvez fosse errado ir ao lugar em que Julliet trabalhava e investigar a fundo o seu ex-namorado. Mas ele havia atropelado Aldine, e saído impune. Aquilo não poderia continuar assim.

O som do sino da porta ecoou dentro do restaurante deixando Julliet ciente de que havia entrado um novo cliente. Ela agradecia por aquilo existir e evitar sustos por ter alguém se aproximando sem avisar, como já havia acontecido inúmeras vezes na biblioteca.

—Boa tarde.

Falou assim que ouviu os passos se silenciaram. Seu dedo pressionou o botão fazendo o café parar de cair. Com um sorriso em seu rosto ela se virou pronta para atendê-lo. Mas aquilo se desmanchou no mesmo segundo ao ver aqueles olhos castanhos a encarando. Foi como se tudo acontecesse novamente. E dessa vez, os sinos da porta não a pouparam do susto.

—Julliet.

—I-Isaac.

Jonah ergueu seu olhar no mesmo segundo em que ouviu aquele nome. Ele estava de costas e com o capuz do casaco em sua cabeça o impedindo de ver seu rosto. Mas pela expressão de Julliet, só podia ser ele.

—Eu preciso conversar com você.

Sussurrou tentando fazer com que ninguém ouvisse. Mas Andrew podia ouvir. Seus punhos se pressionaram contra a mesa enquanto ele encarava a tela de seu notebook. O que ele poderia fazer agora?

—Não tenho nada pra falar com você.

A voz de Julliet meio trémula ecoou novamente, o deixando ainda mais nervoso ao perceber como ela devia estar angustiada.

—Por favor, Julliet.

—Vai embora.

Julliet tentou se afastar, mas seu braço foi segurado com força por cima do balcão a impedindo de se mover.

—Preciso saber se você contou pra alguém o que aconteceu.

Andrew levantou no mesmo segundo ao ver o quão forte ele segurava o braço de Julliet e praticamente se jogou ao lado de Isaac chamando sua atenção, mesmo assim ele não soltou a garota.

—Algum problema, Jolie?

Isaac deixou um sorriso escapar e puxou o capuz de sua cabeça encarando o garoto ao seu lado.

—Estamos bem.

—Não perguntei, pra você. —Andrew se arrastou pelo balcão chegando ainda mais perto de Isaac. Ele estava diferente da foto que havia achado. O cabelo estava curto. Os olhos em alerta. —É melhor deixar ela em paz.

—Ou o que? Você vai me bater? —Perguntou com um sorriso em seus lábios. Andrew desviou o olhar para o braço de Julliet que ainda era firmemente apertado por Isaac. —É melhor sumir. Você não tem nada a ver com o nosso problema.

—É melhor você sumir, Wishall. —A voz rouca de Andrew pegou não



apenas Isaac, mas até Juliet de surpresa. Ela nunca havia lhe dito o nome do seu ex-namorado para Jonah. —A garota que vo-cê atropelou, é a minha irmã. E e-u soube que você fugiu sem dar nenhum tipo de socorro pra ela, ou ajuda a Juliet, que a levou pro hospital. Vo-cê é pior do que um verme.

—É melhor calar a boca.

Disse entre dentes se aproximando de Andrew, pronto para fazê-lo ficar quieto se ele não ficasse.

—Eu te-nho os vídeos de você atropelando a minha irmã, de dois ângulos, Isaac. E de co-mo você deixou a Juliet, chorando e sozinha.

—Eu não vou cair nessa, cara.

Juliet se perguntava como ele havia conseguido aquilo. Mas se fosse verdade seria muito útil agora.

—Eu posso entre-gar os vídeos para a polícia que por s-ua sorte foi preguiçosa demais pra poder procurar p-or eles, e melhor ainda, eu te-nho o seu endereço, e uma foto que também podem cair nas mãos deles bem rápido se você não soltar a Juliet agora e nunca mais voltar pra essa cidade na sua vi-da.

—É claro.

Com um sorriso em seu rosto, Isaac voltou a encarar Juliet que parecia em choque. Ele precisava resolver aquilo de vez.

—AUT-0976—Ao ouvir sua voz novamente Isaac congelou. Talvez ele estivesse com a mesma expressão de Juliet agora. —É a pla-ca do carro que você, usou pra atropelar a minha irmã, e que por um a-caso não está lá fora, porque você vendeu a um homem que não se importou mui-to com a origem dele quando viu o preço. Você pediu pra um amigo fa-zer a troca em uma oficina, porque achou que assim a polícia não ligaria o carro a você, mas adivinha? E-le está registrado no nome da sua mãe Martha Wishall, que es-tá desaparecida a dois anos. —Como aquilo era possível? Ele havia vendido o carro por um site de vendas, e conversado com o homem que havia comprado

por e-mail. E o seu amigo, por uma rede social. Como ele sabia daquilo? E da sua mãe? —Então se não qu-er que isso vá além de nós, é melhor dar meia volta ir embora, e nunca mais passar pe-la Julliet, ou eu vou achar a sua mãe só para poder confirmar que o carro era dela, mesmo que não seja necessário.

Os olhos de Isaac se desviaram para Julliet enquanto ele se perguntava quem diabos era aquele cara. E como ele havia conseguido aquilo tudo?

—Eu vou...

—Não, Isaac. —Andrew o interrompeu antes mesmo que ele pensasse em continuar. —Se você sequer olhar pra Julliet no-vamente eu vou te colocar na cadeia, e talvez consiga arranjar outra coisa além do que f-ez com a minha irmã pra te deixar lá.

O braço de Julliet foi solto para o seu alívio, e ele se afastou dos dois sem lhe dar as costas, e sem parar de observar Andrew. Ele não tinha escolha. Para o alívio de Julliet os sinos da porta tocaram novamente e Isaac deixou o restaurante a fazendo respirar fundo como se estivesse prendendo aquilo há muito tempo.

—Vo-cê está bem?

Andrew se virou para ela que assentiu positivamente enquanto saía de trás do balcão, e se aproximava dele. Para sua surpresa os braços da garota se ergueram em sua direção e ela lhe deu o abraço mais apertado que podia.

—Obrigada.

—Tudo bem.

Respondeu com um sorriso rápido a abraçando de volta. Mas para a sua tristeza aquilo logo acabou.

—Como conseguiu isso tudo?

Aquela pergunta viria mais cedo ou mais tarde, e ele não queria mentir.

—Hackei as câ-meras da rua. —Julliet o olhou sem acreditar naquela

resposta. —E eu meio que esta-va procurando tudo sobre ele, como podia.

—Como você fez isso?

—Com a sua inter-net.

Respondeu com um sorriso meio forçado em seu rosto. Talvez aquilo bastasse.

—Então é verdade, o que você achou?

—Sim. E está tudo aqui. —Caminhou em direção ao computador virando o mesmo na direção de Juliet que se sentou na cadeira em frente ao mesmo vendo uma pasta repleta de arquivos. Dois cliques em uma imagem a fez ficar surpresa ao ver uma multa de trânsito. —A-cho que eu não sou, a pessoa certa pra de-cidir o que fazer com isso.

O olhar de Juliet se desviou para Andrew enquanto ela procurava as palavras certas, ou talvez perguntas. Ou talvez ela não devesse perguntar. Ele havia a ajudado, ele podia ter simplesmente feito o que queria fazer, mas preferiu usar o que tinha para ajudá-la.

—Mas, como?

Perguntou ainda confusa. Ela poderia o lembrar que ele havia ido ao trabalho dela para dar uma de stalker do seu ex-namorado, e o quanto aquilo poderia soar obsessivo se eles não estivessem em outras circunstâncias.

—Bem... —Andrew se sentou na cadeira a frente dela, se preparando para falar. Ela merecia saber a verdade. —Eu con-segui a pla-ca nos vídeos da câmera de vigilância, e só precisei ir no site do sis-tema de transporte, para localizar o proprietário, e acabei descobrindo que o carro estava no no-me da mãe dele. A última coisa que eu achei dela foi uma foto de divulgação da polí-cia há dois anos atrás, pe-lo o seu desaparecimento. En-tão imaginei que depois do acidente ele poderia que-rer se li-vrar do carro, e como ele não f-oi muito esperto e não escondeu a placa, eu o a-chei facilmente em um site de vendas não espe-cífico. Vi que ele havia deixado um e-mail pra contato, então eu... —O garoto respirou fundo se preparando para continuar. Juliet já

parecia pasma o suficiente para ele. —Entrei no e-mail dele e pu-de ver todas as suas conversas, ele falou com o amigo pelo facebook, en-tão, não foi muito difícil.

—Então você é um tipo de hacker?

—Não. —Negou imediatamente. —É cla-ro que não.

—Você invadiu contas privadas do Isaac.

—Força bruta. Você também pode. E-xiste até tutorial pra isso. Descobrir senhas não é tão difícil, ainda mais a dele.

Completo-u com um sorriso divertido em seu rosto. Juliet o encarou pensando no que ele havia dito. Era verdade que existia de tudo na internet, pelo visto ele só foi inteligente o suficiente para usar o que tinha.

—Era a data de aniversário?

Perguntou deixando Andrew meio surpreso. Ao menos ele não havia a assustado. Aparentemente.

—O ano. E as i-nicias dele. Seu ex-namorado é b-em surpreendente.

Ironia. Aquilo era meio novo vindo dele.

—Preciso me lembrar de trocar todas as minhas senhas.

O sorriso no rosto de Andrew se desmanchou no mesmo segundo. Esqueça o que achava antes, definitivamente ele havia a assustado.

—Não pre-cisa se preocupar, e-u não vou entrar em nenhuma de suas...

—Não! —O interrompeu no mesmo instante ao perceber onde ele queria chegar. —Sei que não vai fazer isso. Além do mais eu também posso entrar em uma sua não, é?

Agora era a vez dela de sorrir, fazendo Andrew se sentir mais relaxado. Não, ela não podia.

—Sim.

Respondeu pousando as mãos na mesa. Ele já podia sentir seus lábios secos novamente.

—Mas, e as câmeras. Você invadiu um sistema de segurança. Quem faz isso?

—Fa-culdade. —Foi a primeira coisa que ele conseguiu pensar. —Eu aprendi na faculdade.

—Então é isso que ensinam a vocês nas aulas?

—Somos pro-gramados para sa-ber como nos defender.

—Defender e não atacar.

—Não existe uma de-fesa eficaz, se não hou-ver um conhecimento prévio do ataque.

Convincente. E ela não tinha mais argumentos. Ele parecia ter as respostas para tudo.

Julliet se levantou da cadeira e foi em direção ao balcão recolhendo o copo com o cappuccino que Andrew havia pedido anteriormente.

—É por conta da casa. Eu sei que não é o suficiente, em comparação ao que fez agora, mas...

—Eu n-ão fiz, nada demais, Jolie.

—Fez. Você podia ter denunciado ele, pelo o que ele fez com a sua irmã, mas preferiu usar o que tinha ao meu favor. Então obrigada.

Um sorriso surgiu no rosto de Andrew, o que era raro, e ele recolheu o copo aquecido da mão de Julliet a fazendo suspirar. Ela poderia perguntar o porquê de ele estar sempre de mal humor, ou de ele preferir ficar sozinho, ou porque ele parecia sempre se perder quando estava falando, ou até mesmo se movendo, mas se ele quisesse lhe falar, ele lhe falaria, e talvez um dia aquilo

poderia acontecer.

**Março de 2014 - 15h28min**

—Liberdade: Condição daquele que é livre; capacidade de agir por si próprio; autodeterminação; independência; autonomia.

Juliet leu aquelas palavras em seu celular enquanto era observada por Andrew. Um sorriso se formou em seu rosto e ele recostou na cadeira encarando a bandeja da pizza já vazia, e os papéis espalhados pela mesa a sua frente. Ela com certeza não conseguiria aprender nada daquela forma. Eles estavam em uma mesa do lado de fora no Bennyour, e Juliet havia encerrado o trabalho mais cedo, e praticamente implorou para que Andrew a ajudasse com uma prova de amanhã depois de descobrirem que coincidentemente eles haviam escolhido a mesma matéria opcional.

—É mu-ito mais que isso. —Olhos verdes se direcionaram para ele em confusão. —Você po-de matar alguém? Ou pegar algo de uma lo-ja só porque quer?

—Não.

Respondeu como se fosse óbvio.

—E-ntão nenhum de nós nes-se país, segundo o dicionário, é livre.

A garota deixou uma risada sair de seus lábios e encostou o aparelho sobre a mesa, quase sem acreditar naquilo.

—Só porque eu posso roubar ou matar não significa que sou livre.

—M-as existe um conjunto d-e le-is que te impedem de fazer o que você quer. E quere-ndo ou não isso implica em seu livre ar-bítrio. So-mos livres até um certo ponto. Liberda-de, segundo a filosofia s-ão os direitos de cada um, diante do país em que vi-ve, podendo fazer sua von-tade sem ultrapassar os limites da lei. Isso já elimina o “li-vre” e “capa-cidade de agir por si próprio”. Estamos sendo controlados o tempo todo. Não só pelas leis, m-as até por meios de comunicação. Capitalismo.

—Então a liberdade não existe pra você?

—É uma pergunta complicada, mas não necessariamente. Apesar de ainda estar dentro disso tudo, ainda temos es-colhas, como não vestir o que todo mundo está vestindo. Existem poucas pessoas que não se ren-dem, apesar de ser algo complicado. Não é só sobre leis, pode ser também um código que pode ter sido implantado em você, pode ser o próprio governo te limitando por algo que beneficie ele.

—Você é comunista Andrew Jonah? Ou anarquista.

O garoto revirou os olhos ao ouvir o seu nome. Ainda achava aquela combinação terrível e se pergunta o que havia levado os seus pais a fazerem aquela escolha.

—Não sou, mas eu acho que o comunismo e o anarquismo poderiam funcionar se as pessoas fossem diferentes. Estamos mudando quem so-mos, o que queremos e o que sonhamos pa-ra manter essa maldita roda giran-do. Quantas pessoas que você conhece deixaram de fazer algo que ama para fazer algo que lhes daria mais dinheiro?

—Várias.

—Nós che-gamos ao mundo livres, ou nem sempre. Quan-do nascemos os nossos próprios pais já querem determinar algo sobre o que vamos s-er. A própria so-ciedade e suas regras impostas tiram a nossa liber-dade. Pode s-er algo que parece bo-bo como, eu nasci ho-mem, então o meu quarto vai ter uma decoração de algum esporte que o meu pai goste. Obviamente e-u vou crescer vendo aquilo, e vou acabar me adaptando, achar que eu go-sto da-quilo, mas a verdade é que aquele gosto foi imposto a mim desde que eu havia nascido.

—“O homem nasceu livre e por toda a parte vive acorrentado.”

—Jean-Jacques Rousseau. —Completo com um sorriso em seu rosto por ela finalmente entender sua linha de raciocínio. —E ele dis-se isso há um bom tempo. I-magine se nos visse agora. O pior de tu-do é abrir mão da felicidade pela comodidade.

—Você fez isso? Ainda existem gostos impostos?

—Alguns. Mas ao me-nos o que eu faço, eu esco-lhi porque gosto de fazer, não porque pensei que ga-nharia mais com isso.

—Eu acho que existem algumas coisas piores, mas existem outras melhores também.

Andrew recolheu um pedaço de pizza que ainda restava em seu prato e levou a boca. Porém se arrependeu logo depois ao sentir um dor na garganta ao engolir aquilo. Ele nunca havia imaginado que comer pizza seria ruim. E Juliet se perguntava o motivo de sua careta.

—Que seriam?

Perguntou logo após engolir. A garota sacodiu a cabeça levemente afastando as recentes dúvidas em sua cabeça.

—O que as pessoas esperavam de uma mulher quando ela nascia? Crescer, casar e ter filhos. Hoje, o que esperam é que qualquer pessoa, cresça, faça faculdade, trabalhe e ganhe dinheiro. As mulheres também estão inclusas nisso. Eu sei que só o fato de traçaram o que nós devemos fazer com as nossas vidas é um absurdo, mas isso vem mudando.

—Eu sei. Ma-s, pra chegar até onde se-ria o ideal ainda vai demorar muito.

—E o que seria o ideal pra você?

—Não é pra mim. As pessoas pre-cisam perceber que so-mos diferentes, que cada um tem o direito e o livre arbítrio de decidir co-mo quer viver, que a vi-da é muito mais do que ser uma pe-quena peça em grandes corporações, ou do que exercer ta-refas que segundo nós mes-mos são ditadas pelo gênero que nascemos. Do que ser mais legal do que ou-tra pessoa, do que ter mais posses do que o outro. Eu acre-dito que isso tu-do não foi nos dado por razões tão supérfluas como essas. Viver não deveria ser sobre acumular matéria, mas sim so-bre o que você vai deixar, o que vo-cê vai fazer pe-los outros, o que vai sentir, e o que v-ai fazê-los sentir. To-do o resto não



importa. Isso é viver. Experiências. Tê-las e compartilha-las. E eu honestamente acredito que isso aconteça um dia. Mas as pessoas são, pessoas...—Julliet deixou um riso escapar ao ver sua expressão de repulsa. — As coisas estão mudando, mas é quase uma utopia.

—O que você tem contra a humanidade? Você está nela!

—Eu gosto da humanidade, o que eu não gosto são das pessoas.

Julliet deixou um sorriso rápido escapar e observou a mesa a sua frente. Ela nunca havia pensado sobre aquilo. Conscientemente. Seu olhar foi a sua mochila recostada a sua cadeira no chão e um sorriso se formou em seus lábios ao se lembrar de uma das coisas que havia ali dentro. Ainda se lembrava quando ganhou aquela câmera. Verônica lhe ensinou como manuseá-la e disse que Julliet poderia capturar tudo com ela. E que aquele objeto havia lhe mostrado o quão lindo o mundo pode ser, se você prestar atenção aos detalhes. Seu olhar voltou a Andrew e ela observou o livro na mesa o fechando.

—É meio raro, alguém pensar assim.

—Talvez. Mas, e você? Ainda tem algo imposto?

—Bem, o meu emprego. —Sorriu rapidamente. —Mas a fotografia é o que eu amo.

—A-acho que vai se dar bem amanhã.

—É engraçado.

Julliet comentou com um sorriso discreto em seu rosto fechando o livro na mesa próximo a Andrew.

—O que?

—Você acredita nas pessoas, mas não sabe como lidar com elas.

Andrew desviou o olhar rapidamente processando o que acabara de escutar. Como ela havia percebido aquilo tão rápido? Ele sabia que devido ao

modo como ele havia a tratado quando se conheceram, aquela era uma pergunta idiota, mas ainda assim. Não era como se ela o conhecesse o suficiente para dizer aquilo. Agora ele podia se lembrar de todas as vezes que os seus poucos amigos reclamavam de como ele sempre evitava festas. Mas não eram só as festas. O próprio Andrew sabia mais do que ninguém o quanto ele fazia de tudo para evitar pessoas. Ao menos as desconhecidas.

—Você provavelmente nunca viu V de vingança.

Brincou tentando escapar.

—Ele era gentil com a Natalie Portman.

—Você deveria ler a HQ.

Aquilo acabou arrancando uma risada de Juliet e dele também.

—Obrigada pela ajuda. Vou estudar se eu tiver tempo hoje.

—Achei que não ti-nha aula.

—E não tenho. Eu só... —Juliet suspirou ao se lembrar de toda a bagunça que deveria arrumar quando chegasse. Andrew se recostou na cadeira se perguntando se ele havia sido intrometido demais. —Preciso colocar a casa em ordem.

—Porque não deixa pra amanhã?

—Amanhã eu tenho, trabalho e aula. Não sei se consigo.

—Mas você tem uma pro-va. É importante.

—Eu sei. —Andrew ergueu sua mão em direção aos óculos tentando concertá-los já que eles haviam escorregado por seu nariz. Mas a forma como ele fez aquilo, foi meio estranho. Sua mão parecia tremer no meio do caminho, como se ele se perdesse, e empurrou os óculos com as costas de sua mão os colocando da maneira certa em seu rosto. Assim como na última vez. Aliás os poucos movimentos que ele fazia se resumia em ajeitar seus óculos, ou abrir o notebook. Ele sempre parava de digitar quando ela olhava para ele.

—Vai ficar chateado se eu te perguntar uma coisa?

Andrew engoliu em seco tentando não pensar se o que ela queria saber tinha a ver com sua doença. E se ela tivesse descoberto?

—Não.

Finalmente respondeu.

—Você tem algo que... —Julliet mordeu os lábios se perguntando se seria certo continuar. —É melhor, esquecer.

—Não, tu-do, bem. Você quer saber se eu sou ga-go. Por-que eu não sou.

Finalizou a fazendo rir.

—É, mas não isso. Quer dizer, o jeito como...

—Eu falo, e me movo.

Terminou ao notar que ela não conseguiria. Ele sabia que algum dia aquilo iria acontecer. Por alguns segundos ele cogitou em contar a verdade.

—Aconteceu alguma coisa com você?

Câncer.

Foi o que aconteceu com ele.

Mas ele se lembrou de Lea. E a forma como ela o deixou. Dizendo que aquilo era demais para ela.

—Eu tive uma le-são na cabeça. —Mentiu. —Há um tempo.

—Foi um acidente? —Julliet perguntou já séria. Andrew apenas assentiu positivamente em resposta, desviando o olhar dela. —A convulsão tem a ver com isso?

—Sim.

—Sinto muito.

—Tudo bem.

Droga. Agora ele havia mentido para ela.

—Eu ainda trabalho porque, o meu pai foi demitido, e ainda continua procurando emprego. —Confessou o pegando de surpresa. Andrew deixou um sorriso meio triste escapar. Era como se ela estivesse o recompensando por ter sido sincero. Ou ao menos ela achou que ele foi. —Porque ele é alcoólatra. —Julliet segurou firmemente a caneta entre seus dedos e olhou para o garoto a sua frente logo depois. Ele podia notar o quão desconfortável ela estava ao lhe contar aquilo. —Ele ficou assim desde que a mamãe morreu, e eu meio que tenho que cuidar das coisas por ele.

Andrew deixou que sua mão escorregasse por cima de todos os papéis na mesa, chegando a mão de Julliet a segurando gentilmente.

—Sinto muito. —Seus dedos se entrelaçaram e ela deixou um sorriso escapar de seus lábios. —Mas e-le ainda pode se curar. —Não é como se ele tivesse uma taxa de sobrevivência. Se bem que ele tinha consciência de que o uso abusivo do álcool poderia diminuir a expectativa de vida em 10 anos, mas ele provavelmente não precisava iniciar a sua própria contagem regressiva. —Já ten-tou levá-lo a algum lugar?

—Uma vez, mas não adiantou muito. Ele disse que aquelas reuniões não iriam ajudá-lo em nada.

Ele não poderia discutir sobre aquilo, mesmo se quisesse. Já havia fugido de uma daquelas reuniões e ele não seria um bom exemplo a respeito daquilo.

—Talvez de-vesse tentar. Seria melhor, ter alguém pra te a-judar. Não precisa segurar isso tudo sozinha. —Julliet lhe lançou um sorriso tentando segurar as lágrimas. Nunca havia pensado daquela forma. —E os pais dele, ou da sua mãe?

—Os pais da minha mãe, deixaram de falar com ela por anos porque ela se casou com um homem negro. Quando ela morreu, tudo ficou pior. Até o

vovô. Ele fez questão de deixar claro pro papai que era culpa dele a mamãe estar morta. —E talvez aquilo tenha o derrubado ainda mais. Juliet ergueu seu olhar para Andrew quando notou que eles ainda estavam de mãos dadas. Ele parecia não saber o que falar. —Me desculpe, eu não deveria estar jogando isso em você.

—Quando eu tinha 13 anos talvez, a mi-nha mãe me levou pro médico, por algo que eu não me lem-bro, e uma funcionária veio até a mim e me perguntou, on-de estava a minha mãe, e porque e-la havia me mandado com a empregada em vez de me acompanhar. Eu a-penas olhei pra ela e apontei pra mamãe que estava longe, dizendo que aquela era a minha mãe, e que ela não era empregada nenhuma. Eu nun-ca falei isso pra ela, ela já escutava muita coisa. —Juliet o observava se lembrando dela. Helena. A enfermeira que havia se apresentado nervosamente como a mãe de Jonah quando ela havia o acompanhado até o hospital. Ela era pequena e tinha o tom da pele mais escura que a sua. —Sinto muito pelos seus avôs.

—Obrigada. —Um sorriso se formou no rosto do garoto, e ele soltou lentamente a mão de Juliet a fazendo despertar. —Podemos ir?

—É claro. —Depois de recolherem as coisas eles deixaram o restaurante pra trás. Juliet devia estar cansada de ver aquele lugar por hoje. —Você por um acaso mora na Lilian? Sabe eu te vi pe-gar o meu ônibus um dia desses.

Perguntou enquanto eles caminhavam pela calçada.

—Dois quarteirões depois, Newton. Eu estava com pressa e não quis esperar.

—Então, mo-ramos quase perto um do outro.

—Porque apenas depois de meses que nos falamos você conseguiu descobrir isso. É uma evolução!

—N-ão começa.

A respondeu rindo. Suas mãos seguraram com força os livros enquanto caminhava.

—Gosto de azul, de dormir na chuva, não gosto de calor, prefiro chocolate quente ao café, gosto de Kodaline, Coldplay, e escuto muito Sweater Weather.

—Gosto de macarrão, e Cage The Elephant. —Depois de alguns segundos em silêncio os dois riram entre os passos ritmados. Exceto pelo os de Andrew. Aquela era a primeira vez que ela o via caminhar. E ele fazia aquilo como se estivesse pronto para cair a qualquer segundo. Ela teve que conter a vontade que lhe dava de segurá-lo o tempo todo. Talvez ele não gostasse. —Por-que essa música?

—Pela letra. A melodia me acalma também. Mas a música fala de uma coisa que eu sinto falta.

—Então sente falta de alguém que es-quece as suas mãos em um suéter?

Julliet deixou um riso escapar e o olhou ao seu lado.

—Não é apenas sobre a ação em si, e sim e o que ela significa. Atenção e afeto.

Andrew a olhou por alguns segundos percebendo o seu olhar distante. Aquilo não era certo. Então ela não tinha mais nada daquelas coisas da pequena lista? Era cruel. Ainda mais por ser ela.

—All I am, it's a man... —O garoto começou a cantarolar pegando Julliet de surpresa, que o olhou meio espantada. —I want this word, in my hands. I hate the beach. —Talvez ele estivesse ridículo, mas ao ver aquele sorriso, ele não se conteve em continuar. —But I stand, in California with my toes in the sand.

—Para.

Julliet pediu rindo ao notar o olhar de um senhor que passava entre eles.

—Use the sleeves of my sweater, lets have an adventure...—Andrew não pareceu se importar e continuou a cantar, mas dessa vez ainda mais alto. —Head in the clouds, but my gravity's centered.—Sua única mão desocupada a

puxou pra mais perto, a pegando de surpresa. —Touch my neck, and i'll touch yours. —Olhos caramelados acharam seus verdes intensos e ela pode notar o sorriso radiante nos lábios de Andrew. —A-cho que você já a escutou por hoje.

—Mas você não chegou no refrão. —Quando ela se deu conta eles estavam andando abraçados, e ele não parecia se incomodar com aquilo. Andrew havia mudado. Muito. Apesar de ela ainda não ter a mínima ideia do porque ele ser assim. Talvez tenha sido pelo acidente que sofreu. Mas ainda assim, se foi há muito tempo como ele disse, o que o faria guardar aquilo por tanto tempo? Ao olhar para o lado, ela parou sem avisar. Mal havia notado por onde estavam passando. —Se importa, se, entrarmos aí?

Andrew olhou rapidamente pra cima, lendo as letras na fachada do local.

—Não.

Verônica Sullivan Abels Meiners. 1965 – 2012

Andrew leu a lápide e observou Juliet parada diante dela. “Ele ficou assim depois que a mamãe morreu.” As palavras da garota ecoaram na sua cabeça novamente. Como ele pode ter esquecido?

—Sinto muito.

Foi tudo o que ele conseguiu dizer. Mesmo que ele já tivesse dito aquilo.

—Tudo bem, eu meio que já me conformei.

—Como aconteceu?

—Um assalto. —O garoto se aproximou dela e sem pensar muito, entrelaçou seus dedos na mão de Juliet a fazendo sorrir. —Mãe, esse é o Jonah, ele é um dos meus poucos amigos depois que a Phoebe viajou.

—E eu não sou mais o único antissocial da história.

Talvez falar daquela forma fosse o meio que ela tinha de ficar mais próxima da mãe.

—É claro que é, ainda sou a única amiga dele ali.

—Quem es-tá contando?

Um riso coletivo pairou no ar e logo depois os dois observaram a lápide a frente. Juliet já não sabia dizer se ela havia realmente se conformado. Ainda sentia falta da mãe, e não podia negar aquilo. E ela falava com uma lápide. Ela devia parar?

—É melhor irmos. —Se virou pra Andrew que estranhamente tinha o olhar totalmente perdido agora. Juliet deixou que seus dedos se soltassem dos dele, e ficou a sua frente. Mas os olhos dele ainda estavam vidrados no nada. Como se não houvesse mais ninguém ali. —Jonah? Isso não tem graça. —Ele parecia em transe. Ela nunca havia visto aquilo. Talvez não fosse uma brincadeira. Juliet olhou ao redor meio nervosa. Que ajuda ela acharia em um cemitério? Voltando a Andrew ela segurou gentilmente seu rosto na esperança de que assim que olhasse diretamente em seus olhos, ele despertasse. —Jonah?

Como se nada tivesse acontecido ele retomou a consciência tirando um sorriso de Juliet. Porque ela estava tão perto? E ela pareceu se dar conta daquilo também, já que seu sorriso se desmanchou enquanto se afastava meio sem jeito.

—Tu-do b-em?

—Como assim tudo bem? Você estava parado e foi como, estivesse sonâmbulo em pleno dia.

—So-nâmbulo?

—Você, não...

Suas palavras pairaram no ar. Como ele podia não lembrar ou sentir o que tinha acontecido?

—É melhor irmos, Jolie.

Andrew começou a caminhar e depois de alguns segundos, foi seguido



por Juliet. Ela ainda se perguntava o que tinha sido aquilo. Teria alguma ligação com a convulsão daquele dia?

—Boa tarde!

Um senhor vestido por uma jardineira meio suja acenou para os dois. Andrew acenou de volta sem entender e olhou Juliet que depois de alguns segundos acabou rindo.

—Esse é o senhor Strauss, está de bom humor hoje, alguém deve ter morrido.

—Que tipo de pessoa fica feliz quando alguém morre?

—Acabou de conhecer ele.

O cemitério foi deixado para trás aos poucos. E o único pensamento que Andrew tinha em sua cabeça agora, era que em um futuro não muito longe, ele teria o seu espaço naquele lugar.

Seus olhos se fecharam rapidamente e ele tentou afastar aquele pensamento de sua cabeça. O que era estranho, já que antes ele queria aquilo. E porque não mais? Seu olhar foi a Juliet ao seu lado enquanto eles caminhavam. Não. É claro que não. Ele não podia estar...

O som do ronco de uma moto interrompeu seus pensamentos o fazendo erguer seu olhar para a frente. A mão de Juliet segurou a sua no mesmo segundo ao perceber que seja lá quem estivesse por dentro daquele capacete havia acabado de estacionar a moto ao lado deles na calçada. Andrew a olhou sem saber se queria ou não que ela visse aquilo. O que ele estava fazendo ali?

Natan tirou o capacete de sua cabeça e olhou a garota ao lado de Andrew por alguns segundos. Ele se lembrava dela. Só podia ser brincadeira.

—Preciso falar com você.

*Mas que merda.* Andrew resmungou internamente e Juliet o olhou sem entender. Ele conhecia Natan?

—Poderia ter me en-viado uma mensa-gem. —Natan arfou e desviou o olhar para a pista a sua frente. Ele não iria começar com mais de um de seus discursos lentos novamente, iria? —Dro-ga.

O olhar do garoto se voltou a Juliet que parou de encará-lo no mesmo instante. Não conseguia olhar para ele sem se lembrar de tudo. Do maldito julgamento.

—Jonah.

Praticamente sussurrou afastando sua mão da dele. Andrew notou o quanto Juliet estava estranha.

—Você está b-em?

—Estou, eu só... —Olhou ao redor tentando achar as próximas palavras. Seus olhos acharam uma livraria há alguns metros deles. —Preciso ver uma coisa.

Antes mesmo que ele pudesse lhe falar algo, a garota se afastou dos dois, indo em direção a uma pequena loja entrando na mesma.

Juliet respirou fundo ao ouvir a porta se fechar em suas costas. Ela não deveria se sentir assim. Deveria? Não havia sido Nataniel que havia assassinado a sua mãe, mas ele a lembrava o irmão. E a forma como ele olhou para ela e Zac ao ser levado do tribunal. Como se tudo o que estava acontecendo fosse culpa deles. Ainda se lembrava quando a disseram que não havia sido encontrado nenhuma evidência de que Natan estava com o irmão no assalto. Mas ainda assim. Suas mãos apertaram os livros que segurava ainda mais forte contra seu peito e ela olhou ao redor. Já havia entrado naquela livraria antes. E se sentia aliviada por estar ali. Poderia ser estranho, mas todos aqueles livros, a faziam se sentir mais calma. Seu olhar percorreu as altas estantes repletas de livros pelas paredes compridas do local. Talvez fosse o efeito de ter trabalhado na biblioteca, e ter aquilo como a sua escapatória, além do que tinha com Isaac. Às vezes ela se perguntava se ele poderia voltar. Mas depois do que Andrew havia feito ela duvidava. Seus pés se moveram em direção a uma pilha de livros, e seus dedos passaram por um de capa dura. Era preto. Como a blusa que sua mãe vestia no dia em que

morreu. Seus dedos se afastaram do livro e ela tentou segurar as próprias lágrimas. Queria não fazer aquela pergunta, mas o que Andrew estava fazendo com Nataniel? Mas ele não devia saber. Ela devia contar? Pelo visto as únicas pessoas que Andrew conhecia na cidade era ela, e Nataniel.

—Ei. —A voz rouca de Andrew a assustou e seu olhar foi ao garoto ao seu lado, a fazendo perceber o sorriso que se desmanchava de seu rosto. —Vo-cê está bem?

Perguntou mais uma vez visivelmente preocupado.

—Estou.

—Tem cer-teza?

Julliet puxou um sorriso de seus lábios e o olhou pressionando ainda mais o livro contra ela.

—Tenho. Ele já foi?

—Sim. Conhe-ce ele?

Seus lábios foram mordidos rapidamente e ela não conseguiu segurar.

—Sabe, eu apoio o fato de você ter outros amigos, mas porque logo o Nataniel?

Andrew foi pego de surpresa ao ouvir aquela pergunta e encarou a pilha de livros a sua frente.

—O que ele tem de errado?

Além de ser um *carder*, que ele estava ajudando? O garoto balançou a cabeça rapidamente querendo esquecer aquilo. Nunca poderia contar a ela.

—Nada.

—Jolie. Vi o jeito que ficou quando ele chegou.

—Eu não... —A garota desviou o olhar de Andrew e ajeitou rapidamente os seus cachos. —Estudávamos juntos. —Foi a primeira coisa que ela conseguiu pensar. —Só isso.

—Mesmo? —Andrew recebeu um aceno positivo como resposta. Ex-namorado também? Ele queria perguntar, mas talvez não fosse uma boa ideia. Então ela fazia coleção de ex-namorados problemáticos? Um hacker e um covarde. O que ela teria se ele fosse o próximo? Um hacker com câncer? Porque ele estava pensando naquilo? —Acho o que queria?

—Na verdade não. É melhor irmos pra casa. Eu tenho muita coisa pra fazer.

—Tudo bem.

Nada estava bem, ele tinha certeza. Mas ele iria descobrir o que Natan tinha que havia deixado Juliet daquela forma.

### **Julho de 2014 – 13h46min**

O indicador de bateria da câmera piscava freneticamente em vermelho, a indicando que faltava pouco tempo até ela apagar completamente. Juliet a tirou do tripé e olhou Phoebe que parecia explicar algo ao casal sentado em frente a uma mesa comprida. Seu olhar rondou todo o estúdio podendo ver todas aquelas câmeras em frente ao fundo azul. Sabia que sua amiga a faria assistir toda a filmagem daquilo depois.

—Ei, já chega por hoje.

Juliet desviou o olhar para a dona da voz que acabara de parar a sua frente.

—Certo. Sabe quando vão poder continuar?

—Ainda preciso reservar o estúdio. De novo.

Completo revirando os olhos, fazendo Juliet rir.

—Ainda não me contou como foi a viagem.

—É muita coisa, acredite em mim. Eu preciso terminar esse projeto e mandar para...

—O editor chefe que conheceu, eu sei.

—Eu não acredito que eu consegui isso. Eu sinceramente não sei como vou conseguir trabalhar em dois lugares e estudar, mas dane-se.

—Você consegue.

—Eu estou tão feliz por você ter deixado o restaurante, honestamente.

—Eu não queria, eles pagam mais do que meu estágio. Mas eu precisava de um, então.

Julliet viu a câmera desligar sozinha e fechou o visor arfando. Sentia falta da sua câmera. Phoebe puxou a sua bolsa de uma das cadeiras e se despediu dos outros que estavam ali, deixando o estúdio logo depois junto a Julliet.

—E o seu pai?

Zac. A garota respirou fundo e fechou a mochila logo após de guardar a câmera na mesma. A faculdade estava vazia, mas aquilo já era de se esperar.

—Me desculpe por ele ter sido demitido. Eu sei que pediu um favor ao seu tio, mas eu ainda estou tentando fazer com que ele melhore.

—Eu espero que isso não demore.

Julliet parou assim que deixaram o portão da faculdade para trás, e olhou Phoebe ao seu lado. Havia sentido falta dela.

—Eu vou pra casa do Jonah agora.

—Você está mesmo namorando o estranho? Nossa, Julliet, gostar de homem não é uma escolha saudável, mas as vezes eu acho que você faz questão de escolher o pior deles. O que já é bem difícil.

Julliet deixou uma risada escapar e colocou as duas alças da mochila em

seus ombros. Ela definitivamente havia sentido falta daquilo.

—Ele não é estranho. —Seu sorriso sumiu e ela olhou ao redor rapidamente desejando que suas próximas palavras não fossem a realidade. Mas era. —Ele está doente.

—Doente?

—Ele tem câncer. —Phoebe a olhou surpresa sem ter o que dizer. —Ele basicamente não falava com ninguém porque não queria que soubessem. Ele não aceitou bem isso.

—Você está brincando, não é? —Julliet apenas negou, desejando que fosse realmente uma brincadeira. —Que merda.

—É.

—Ele não é como o Isaac, não é?

—Não.

—É um avanço. Vai me contar sobre isso.

—Se você me contar sobre a viagem.

—Eu vou. Agora vai para o seu namorado estranho com motivos.

Uma risada escapou de Julliet enquanto ela se afastava.

—Ele não está em casa, eu acho. A mãe dele quer conversar comigo.

—Problemas com a sogra?

—Eu acho que não. Espero que não.

—Boa sorte com isso. Eu ainda preciso perder mais um final de semana estudando.

—Boa sorte também.

Julliet deixou um suspiro escapar enquanto caminhava em passos meio indecisos em direção a casa. Se sentia um pouco nervosa por ter recebido a ligação de Helena. Mas aquilo era besteira, certo? Ela não devia se sentir assim.

Sua mão se ergueu em direção a porta de madeira depositando rápidas batidas na mesma. Ela tentava se distrair com qualquer coisa, até com a textura da porta a sua frente, para não pensar no que aquilo poderia ser. Helena sempre havia sido tão gentil com ela, porque estava se sentindo dessa forma?

Assim que a porta se abriu ela pode ver uma mulher baixinha e com um sorriso afetuoso em seus lábios, que a fez esquecer todo o seu nervosismo por alguns instantes. Não tinha motivo para se sentir nervosa.

—Obrigada por vir.

—Bem, o Jonah não tá aqui?

Perguntou entrando em casa, assim que Helena lhe deu espaço.

—Não. Está no hospital. Alan está com ele. —Julliet assentiu puxando a mochila de suas costas. —Eu não sabia que trabalhava aos sábados.

—Foi um trabalho que arranjei hoje. Mas, o Jonah está bem? —Helena assentiu fechando a porta logo depois. —O que queria falar?

—Talvez eu não devesse fazer isso, achei melhor te chamar sem o Jonah aqui. Eu não sei se eu deveria fazer isso, vocês já tem alguns meses juntos. —Do que ela estaria falando? Julliet revezou o seu peso entre os pés enquanto a observava tentando entender tudo aquilo. Helena parecia tão nervosa quanto ela agora. —Julliet, você sabe que o que o Andrew tem, pode piorar a qualquer momento, não é?

Então era sobre aquilo? A garota desviou o olhar para o chão tentando esconder o que sentia. É claro que ela sabia. O próprio Andrew havia deixado aquilo claro para ela.

—Sim.

—Ele... —Helena observou a garota segurar a mochila em suas costas que lhe parecia pesada. —Quer sentar? —Julliet a encarou novamente com um sorriso meio torto em seus lábios. O que ela tinha para falar era tão grave assim? A garota se dirigiu ao sofá em frente à TV, colocando a mochila no chão, se lembrando de quando havia feito a mesma coisa há algumas semanas atrás. A diferença era que ela recebeu os braços de Andrew em sua cintura logo depois. Porque ela tinha a sensação que aquilo não aconteceria novamente? —Eu só, sei que você não é uma criança, mas talvez isso tudo possa ser muita coisa pra você.

Continuou se sentando ao lado de Julliet enquanto a observava como se conversasse com uma criança sobre o quão errado era machucar animais. Ela parecia tentar achar as palavras certas.

—Está preocupada que eu possa fazer o mesmo que a última namorada dele?

—Eu não vou dizer a você que não. Mas o Jonah não é a minha única preocupação.

—Como assim?

—Como o seu pai está?

Então era aquilo. Helena estava preocupada sobre como os problemas da própria Julliet afetariam Andrew também? Ou talvez não, ela não lhe parecia ser assim. Mas era do filho dela que estava falando. Ela tinha o direito de querer saber. Julliet engoliu em seco ao perceber o que sentia. Era egoísta sentir inveja daquilo? De todo aquele cuidado...

—Ele, está tentando, novamente.

—Jonah me disse que você está estudando em casa.

—É menos cansativo. Ele mesmo me deu a ideia.

Helena deixou um sorriso escapar enquanto observava Julliet.



—Você precisa de ajuda com alguma coisa?

—Com o que?

—O seu pai. Eu sei que deve ser difícil, mas talvez seja mais fácil se tiver ajuda. Uma situação dessa não é algo fácil de se lidar sozinha, e você ainda é tão nova.

—Eu não sei. Mas o que isso tem a ver com o Jonah?

—Não é sobre o Jonah, Juliet. É você e o seu bem-estar.

Juliet desviou seu olhar de Helena e encarou as suas próprias mãos se lembrando do que Phoebe havia lhe dito. “Tente cuidar mais de você na próxima vez.”

—Obrigada.

Helena se surpreendeu ao ver os olhos meio encharcados da garota a sua frente. Ela não esperava aquilo.

—Por?

—Por se preocupar. Comigo. Jonah diz isso o tempo todo, inclusive sobre o quanto talvez ele possa estar me dando mais trabalho, mas eu não acho isso. —Desabafou tentando segurar as lágrimas. Helena assentiu segurando sutilmente as mãos de Juliet sabendo o que estava por vir. —Daqui a duas semanas é o aniversário de morte da mamãe, e eu sei que ele vai aparecer em casa como sempre aparece. E eu não sei como impedir isso.

Seu rosto se ergueu em direção a Helena enquanto as lágrimas desciam por seu rosto.

—Você já pensou em buscar alguma ajuda?

—Já. Não adiantou muito. Mas tem meus avôs, os pais dele. Os pais da mamãe foram embora depois do que aconteceu. Mas eu não quero que ele ache que eu estou desistindo.

—Porque ele acharia isso?

—Ele pode não gostar que eu estou pedindo ajuda dos pais.

—Mas Juliet, você precisa. Você não pode lhe dar com tudo isso sozinha. E acho que os pais dele podem ajudar muito. É para o bem dele, e para o seu também. —A garota assentiu enxugando as próprias lágrimas rapidamente. —Com tudo isso sobre a sua família, e o Jonah.

—Como assim?

—Eu sei que você vai dizer que não é um trabalho pra você, mas eu sei que existem algumas consequências. Não é a mesma coisa que estar com uma pessoa saudável. Não estou dizendo que eu quero que você se afaste dele, eu não, eu realmente ficaria triste se isso acontecesse. Mas eu queria te deixar ciente do que estar com o Jonah implica. E de que você precisa ter força, não apenas por todas as vezes que ele passar mal, ou cair, mas porque a qualquer hora, a situação dele poder se agravar.

Juliet desviou o olhar de Helena tentando esconder as próprias lágrimas. Não queria que ela percebesse o quanto aquilo a abalava, mas era impossível.

—Eu não quero que isso aconteça.

—Eu sei, eu também não, ele é o meu filho. Jonah já passou por tanta coisa quando era criança, e agradeço todos os dias por ele não ter tido nenhum tipo de problema, e ter conseguido lhe dar com tudo tão positivamente.

Juliet se lembrou da cicatriz nas costas do garoto e de tudo que ele havia lhe contado.

—Tem a ver com a cicatriz?

Perguntou quase sussurrando como se o próprio Jonah estivesse na sua frente. Apesar de ele não parecer se incomodar ao falar sobre aquilo. Helena assentiu rapidamente parecendo estar longe agora.

—Aquela não foi a primeira vez que a mãe biológica dele o machucou.

Ele tinha 7 anos.

—Ela o agredia?

Julliet recebeu um aceno positivo como resposta. Ela se lembrava que ele havia confessado ter algumas lembranças, e de que elas não eram positivas.

—Ele chegou no hospital porque a vizinha da mãe dele havia o levado, ela disse que ouviu a gritaria e o choro dele, e quando entrou em casa ficou assustada, mas conseguiu levá-lo para o hospital. Ela a denunciou, e a mãe perdeu a guarda do Jonah. O pai havia ido embora pouco tempo depois de ele nascer. Eu e o Alan decidimos ficar com ele. E nunca me arrependi disso.

Julliet deixou um sorriso escapar.

—E ele é muito grato por isso.

—Eu sei. —Afirmou com um sorriso em seu rosto. —Se precisar de ajuda, com qualquer coisa, você pode me falar. Até com o Jonah. Eu sei que você tem o seu pai, mas não é a mesma coisa sem uma figura materna. —Ela não podia negar. Talvez se sua mãe estivesse ali, ela não teria se envolvido com Isaac. Elas sempre costumavam conversar sobre tudo. Sentia falta daquilo. Julliet pressionou ainda mais os dedos de Helena entre os seus e lhe deu o abraço mais apertado que podia, sendo recebida no mesmo instante. As lágrimas desceram por seu rosto incontrolavelmente como se ela fosse uma criança novamente. —Tudo bem. Você tem a nós agora. Alan pode ser meio calado, mas isso faz dele um ótimo ouvinte. —Julliet deixou uma risada escapar enquanto se desvencilhava dos braços de Helena, que ergueu sua mão enxugando as lágrimas da garota gentilmente. —Pense sobre o seu pai, tudo bem?

—Vou pensar. O que eu mais quero é que ele fique bem.

—Sei que sim. E obrigada.

Julliet a olhou confusa. Quem deveria estar agradecendo era ela.

—Pelo o que?

—Pelo Jonah. Você mudou as coisas aqui.

—Mudei?

—É. Foi bem difícil do Jonah lhe dar com a doença. Ainda é, um pouco. Mas, da última vez que vocês dormiram na sua casa, você precisou trazê-lo cedo por causa dos remédios. E é esse tipo de trabalho que ele pode estar te dando também.

—Mas ele precisa.

—Eu sei, eu só acho que eu posso abrir uma exceção e facilitar as coisas pra vocês. Eu posso te passar alguns remédios e horários, e te ensinar a aplicar o anticonvulsivo. Se você quiser é claro.

—Eu quero.

Respondeu prontamente enxugando as últimas lágrimas. Helena deixou um sorriso escapar e se levantou do sofá pronta para começar.

—Eu imaginei isso. Vamos precisar de coxas de galinha.

Julliet fez uma careta e a viu ir em direção a cozinha. Um suspiro saiu de seus lábios enquanto ela sorria, se sentindo melhor. Decidida. Helena tinha razão. Era para o bem de Zac, e para o da própria Juliet.

### **Setembro de 2014 – 08h36min**

Depois de muito esforço, Andrew abriu os olhos observando onde estava. O peso em seu corpo o despertou totalmente. Seu olhar foi a Juliet deitada sobre ele notando que ela já estava acordada e o observava com um sorriso perfeito.

—Bom dia.

Sua voz suave o fez sorrir ainda mais.

—Bom d-ia, meu amor. —Ambos se sentaram na cama, e Andrew não pode se conter. Sua mão segurou gentilmente a nuca de sua namorada a

aproximando para um beijo. Sua outra mão o apoiou enquanto Juliet se sentava em seu colo. Braços entrelaçaram-se em seu pescoço, enquanto ele agradecia por poder sentir aquela pele macia e quente na sua. Juliet acabou deixando um leve gemido escapar entre o beijo, quando os dedos de Andrew desceram sorratoriamente pela lateral de um de seus seios. Sua testa se recostou a dele assim que finalizarem o beijo. —Minha.

Aquele comentário a fez sorrir ainda mais.

—Dormiu bem?

—Maravi-lhosa-mente bem.

Andrew deixou sua cabeça descansar no ombro de Juliet. Não queria sair dali e acabar com aquilo.

—Que horas são? Você precisa tomar o remédio.

—Quer mesmo sair daqui? Tá tão bom.

A perguntou enquanto distribuía beijos em seu pescoço, fazendo a garota estremecer em seu colo. Mas ela não podia ceder.

—Levanta e vai tomar um banho, nós precisamos sair.

—Tá legal. —Deixando que ela se levantasse, Andrew se sentou à beira da cama, enquanto Juliet ia em direção ao armário em frente a cama. O garoto não pode deixar de notar as curvas perfeitas de sua namorada. Ao menos para ele. Juliet pegou um sutiã preto de dentro de uma de suas gavetas e o vestiu, recolhendo logo depois algumas roupas de Andrew que ficavam ali. —Você é tão se-xy.

Juliet riu ao ouvir aquilo enquanto voltava até ele. Tão aleatório. Mas ela gostava daquela aleatoriedade. Logo depois de colocar as roupas na cama, ela foi pega de surpresa quando mãos a agarraram pela cintura.

—O que foi?

—Por favor.

Respondeu mordendo os lábios, e se aproximando ainda mais dela. Seus lábios rosados começaram a distribuir selinhos na garota. Deixando um caminho quente por onde passava, Andrew subiu da barriga, até o colo de Juliet. Mas depois de lutar contra si mesma ela o parou.

—Ei!—Se afastou rindo.—Vai logo. Eu não quero que passe da hora, sério.

—Tudo bem. —Vencido, ele se levantou recolhendo as roupas, e saiu do quarto indo ao banheiro. Depois de tomar um banho relaxante e tendo o apoio da parede constantemente, Andrew voltou ao quarto. Ele tinha certeza de que se sua mãe estivesse ali estaria reclamando por ele não ter tomado banho sentado. Ele odiava aquilo. E não era necessário, ele não iria morrer se fosse diferente. Seu olhar achou Juliet que parecia distraída enquanto mexia em seu celular. Seus cachos meio desgrehados estavam soltos, e ela vestia a camisa que o próprio Jonah vestia ontem à noite. Seus lábios foram mordidos rapidamente e ele se aproximou dela a pegando de surpresa, a puxando pela cintura. —Jolie!

—Você precisa se acalmar! —Respondeu rindo enquanto se afastava dele. —Vamos descer, eu fiz um café pra você.

—E-u não poderia ter uma na-morada melhor do que essa.

—Ainda bem que sabe disso. Te ajudo a descer as escadas.

—Tud-o bem, eu vou ras-tejando. —Juliet riu o olhando sem acreditar naquilo. Andrew encolheu os ombros lhe lançando um sorriso brincalhão. —Brinca-deira.

—Sei. Eu realmente deveria deixar que você fosse rastejando.

Comentou entrelaçando seus dedos nos dele, os fazendo caminhar pra fora do quarto.

—Mas você me ama.

Andrew ergueu sua mão em direção a parede se preparando para descer o

primeiro degrau.

—Convencido.

—Mas é a verdade.

Sua voz se afastou enquanto ela saía do quarto. Andrew desceu as escadas cuidadosamente e encontrou seu café na cozinha, que foi totalmente devorado enquanto ele assistia o episódio de uma série qualquer. Assim que notou que Juliet descia as escadas, ele a olhou sem levantar do sofá.

—Agora, é a sua vez de comer algo.

—Assim que eu te dar os remédios.

Disse sentando no chão a frente dele, pondo uma pequena bolsa ao seu lado. Frida que havia a seguido se deitou próxima a Juliet observando cada movimento da garota.

—Odeio isso.—Falou assim que viu Juliet pegar a seringa.—Se eu tivesse medo de agulhas seria bem melhor.

—Se você tivesse medo de agulhas... —Agora ela preenchia a seringa com o aquele maldito líquido incolor. —Seria bem pior. Agora vem.

O garoto arfou se sentando a frente dela, mas observando a gata ao seu lado.

—Frida, *i'm your father*.

Andrew sussurrou engrossando a voz, fazendo um rápido carinho em Frida que levantou indo em sua direção. Juliet deixou um riso escapar, mas sabia que ele queria distraí-la.

—Eu quero o seu braço, Jonah.

—Quem de-veria cortar um braço aqui sou eu, não você.

—Você é um idiota! Braço!

—Vo-cê pode fi-car com o corpo todo, se quiser.

—Ah não!—Falou entre o riso. —Inacreditável.—Julliet o olhou mais séria, demonstrando que ela não estava nem um pouco para brincadeira. Não tinha jeito. Andrew tirou a camisa meio atrapalhado e ergueu o braço correto para ela. As mãos delicadas de Julliet seguraram o seu braço direito. O algodão meio gelado com álcool passou em seu braço rapidamente e ele pode sentir a agulha em sua carne. Mas aquilo não era o pior. E em segundos começou. Sua cabeça se afundou no sofá ao seu lado, em uma tentativa falha de abafar a dor. —Calma, já tá acabando. —Julliet tentava se concentrar no que fazia, e retirou a agulha a descartando logo depois. Ela podia ouvir os gemidos abafados de dor. —Tudo bem, meu amor. —Ela não fazia ideia da dor que aquilo causava, mas não parecia ser nada confortável. Tentando acalmá-lo, suas mãos seguraram o rosto de Andrew o fazendo olhar para ela novamente, iniciando um beijo sem nenhuma calma. Andrew segurou forte a cintura da garota, que chegou a doer, mas ela não reclamou. Apenas continuou o beijando, e sentia que aquilo o deixava cada vez mais calmo. Ainda se lembrava de quando Helena a ensinou a aplicar as injeções, ela havia lhe alertado de que aquilo era doloroso para Andrew e que poderia dificultar as coisas. —Tudo bem?

Assentiu olhando a sacola. Sua mão se ergueu ajeitando os fios restantes de Andrew, se sentindo mais aliviada ao notar que ele havia se acalmado.

Por mais que todos eles deixassem claro que o que faziam não era uma perda de tempo, e de que ele não os atrapalhava, Andrew se sentia um empecilho. Mesmo sabendo que a razão por Julliet estar com ele não era por ela sentir pena, e sim, simplesmente por gostar dele, ainda achava que de alguma forma ele podia estar a atrasando.

—Quem está em casa?

Julliet perguntou assim que eles pararam em frente a casa de Andrew. Ela havia insistido em deixá-lo ali antes de ir trabalhar.

—Timo.

Falou o primeiro nome que veio em mente. Mas ele não tinha certeza se



aquilo era verdade. Só não queria que ela ficasse preocupada se ele precisasse ficar sozinho. Era só seguir as instruções de sua mãe: "Nada de coisas pontiagudas, ou que podem te machucar de qualquer forma, se sentir fome, ligue pra algum lugar e peça comida, nem pense em cozinhar." Basicamente a única coisa que ele podia fazer quando estava em casa sozinho, era sentar no sofá e assistir alguma coisa na TV.

—Certo.

Andrew se aproximou da garota lhe dando um beijo demorado no topo de sua cabeça a fazendo sorrir.

—Tenha um bom trabalho.

—Obrigada. Te ligo depois.

—A-inda pre-cisa da minha a-juda pra estudar, certo?

Julliet assentiu rindo, e lhe deu as costas seguindo o seu caminho. Andrew respirou fundo e seguiu até a porta de casa puxando a mochila de suas costas e conseguindo achar sua chave no bolso da frente. Demorou alguns minutos para conseguir encaixar a chave na fechadura, mas ele finalmente conseguiu destrancar a mesma. O silêncio era evidente, exceto, por uma voz que vinha do quarto.

"Eu não faço a mínima ideia, já te disse." Era Aldine. O que ela estava fazendo em casa? Deveria estar na aula. "E você quer que eu simplesmente comece a revirar as coisas do meu irmão? Devia parar de ser idiota e fazer o que eu digo."

O que ela queria dizer com isso? Cambaleando Andrew seguiu em direção ao corredor estreito encontrando a segunda porta aberta. Sua mão se ergueu em direção a parede e ele olhou sorrateiramente para dentro do quarto.

—Eu não posso fazer isso...—Sua voz se dissipou no mesmo instante ao achar Andrew parado na entrada do quarto. Ele não deveria estar em casa. Porque estava ali?—Te ligo depois.

Estranhamente ela encerrou a ligação e caminhou em direção a sua bolsa na cama de baixo do beliche.

—Com quem es-tava falando?

—Vai querer monitorar até as minhas ligações também?

Perguntou meio ríspida pegando o irmão de surpresa.

—Não é isso, Dine. Era eu o Timo?

—Que?

—O ir-mão que vo-cê tava falando.

Aldine desceu os dedos rapidamente pelo seu cabelo longo solto encarando rapidamente o irmão. O que ela poderia dizer dessa vez?

—Timo. Ele tirou a nota máxima em uma prova, e eu disse a um amigo que ia emprestar pra ele estudar, já que eles fazem o mesmo curso.

—Porque simplesmente não pede pra ele?

Um sorriso surgiu em seu rosto o pegando de surpresa. Mas não era um sorriso qualquer, havia ironia nele.

—Não, valeu. Eu preciso ir.

—Pra aula, certo?

—É, Andrew, aula.

Dizendo isso ela saiu do quarto deixando o irmão para trás. Ele pode escutar quando a porta da frente foi batida. Um suspiro saiu de seus lábios enquanto ele se direcionava para sua cama que ficava embaixo da de Timo. Aldine estava cada vez pior. E talvez fosse culpa dele.

**Março de 2014 – 10h47min**

O som da risada alta de Natan junto a música ecoou no local novamente fazendo Andrew fechar fortemente os olhos. Já irritado o garoto ergueu o olhar para além de trás do balcão onde estava e pode ver Nataniel sentado em uma das mesas enquanto fazia algo em um dos notebooks. Aquele era novo. Assim como o sofá-cama que estava a alguns metros dele. E a maldita moto estacionada no corredor do lado de fora. Mesmo depois que ele havia feito aquele imbecil jogar a impressora de cartões fora. Andrew se sentia mais culpado por tudo aquilo.

—Vo-cê pode fa-zer silêncio?

Sua voz saiu mais alta do que ele planejava, mas ao menos chamou atenção de quem ele queria. Natan o olhou sem entender e afastou as mãos do computador.

—Tudo bem aí?

—Não.

—O que tá fazendo? Me disse que já tinha conseguido a maldita assinatura. Pelo o que mais temos que esperar?

—Pre-cisamos de uma rota.

—Vai autorizar a transferência?

—Ainda não, não sem confir-mar o per-curso dos carros, e escolher onde eles precisam parar.

A música ainda tocava o fazendo suspirar. A luz do monitor não o ajudava. The Black Keys nunca havia o incomodado em sua vida, até agora.

—E do que vamos fazer depois.

—Não sabe pra onde vão ainda?

—Eu preciso falar com ele.

—Você é tão estúpido. Es-tá me apressando quando nem pen-sou na sua

parte ainda?

—Não foi minha culpa, ele não quis me ver semana passada. E eu não posso fazer isso sem ele.

—Então já contou sobre a fuga?

—Ainda não.

—Po-de fazer isso agora?

Natan se levantou da cadeira fechando o notebook.

—Agora?

—Quan-to mais rápido resolver isso, mais rápido eu termino.

—Não é o horário de visita, mas eu preciso comprar alguma coisa pra comer de qualquer forma. Não tem problema você ficar sozinho, não é? Por causa do...—O olhar cortante de Andrew o fez parar de falar no mesmo instante, entendendo a mensagem. —Tá legal. Volto em algumas horas, te ligo depois e...

—Vo-cê sabe o que fa-zer.

Chris. Natan só havia falado o nome de seu irmão em voz alta uma vez. A porta que antigamente deveria ser branca foi fechada com uma forte batida o fazendo se sentir aliviado. Silêncio. Andrew posou o olhar na tela de seu computador novamente. A foto do irmão de Natan o encarava, fazendo parte dos arquivos da penitenciária. Christopher Blanco DiLorenzo. Segundo seu irmão mais novo, ele havia sido preso por um assalto. Mas que tipo de assalto lhe dá uma perpétua?

Antes de continuar com aquilo, precisava saber se Natan falava a verdade. Seus olhos liam atentos a cada palavra que aparecia. Até que ele conseguiu achar o que talvez não queria encontrar.

*Homicídio.*

Suas mãos tremeram em cima da mesa e ele desejou mil vezes que aquilo fosse mentira. Mas agora tudo fazia sentido. A voz de Juliet ecoou em sua cabeça e ele desabou na cadeira.

*“Sabe, eu apoio o fato de você ter outros amigos, mas porque logo o Nataniel?”*

—Merda.

Andrew puxou a cadeira para ainda mais perto da mesa e leu mais uma vez, sem querer acreditar naquilo.

*“...assassinato de Verônica Sullivan Abels Meneirs, em 2012...”*

—Merda.

Ele não podia fazer aquilo.

Não podia mais deixar a raiva e a vontade de vingança o guiá-lo daquela forma.

Andrew olhou rapidamente ao redor, tendo certeza que estava sozinho. E sem pensar duas vezes ele começou a desfazer o seu próprio trabalho. Sua mão se abaixou em direção a sua mochila tirando de lá um HD externo que foi rapidamente conectado ao computador. Quando Natan chegasse iria ter uma surpresa desagradável. Tudo o que ele pode salvar e o que nunca poderia estar com Natan novamente seria transferido para aquela pequena caixa cinza.

3% cerca de 1 hora restante.

Isso tudo?

Andrew se levantou da cadeira e precisou se segurar na mesa a sua frente para não cair. Ele tinha que fazer aquilo. Precisava sumir com qualquer coisa que havia feito ali durante aqueles meses. Suas mãos puxaram o primeiro desktop do balcão o fazendo se desconectar a força de todos os cabos que estavam ali, e os outros computadores tremerem pela força. Sem ser avisado seu corpo acabou perdendo o equilíbrio quando os fios se soltaram e ele caiu

para trás, derrubando o gabinete no chão. Ele não sabia dizer se sentia irritado pela queda, ou feliz por ter visto o gabinete se abrir. Suas mãos o apoiaram no chão, o levantando, e ele foi em direção a caixa agora aberta, podendo ver todas as suas peças internas. Seu pé afundou com força no gabinete o fazendo se lamentar pela dor, mas precisava destruir tudo aquilo. Precisava se livrar de tudo aquilo antes que Natan voltasse. Mas seria difícil conseguir fazer aquilo sem sair machucado, e ele nem poderia carregar tudo aquilo sozinho.

—Timothe. — Foi a primeira pessoa que ele pensou que poderia ajudá-lo. Aquilo significaria ter que contar tudo ao seu irmão. Mas se ele não fizesse isso, iria acabar libertando a pessoa que matou a mãe de Juliet. Sua mão foi ao seu bolso tirando de lá seu celular. Seu dedo deslizou pela tela o desbloqueando no mesmo instante. A foto de seu papel de parede com uma foto sua e com seus amigos no dia em que comemoravam a aprovação na faculdade apareceu. Seus dedos discaram os números rapidamente iniciando a ligação logo depois.

"Andrew?"

—On-de você está?

"Faculdade. Você está bem?"

—Preciso que ve-nha a um lugar, eu vou te en-viar a localização.

"Aconteceu alguma coisa?"

—Quando vo-cê chegar, e-u te conto. Va-mos precisar de um, carro.

"Você caiu?"

—Não, Timo! Só venha, por favor, o mais rápido possível.

A ligação foi encerrada e ele pode enviar a mensagem logo depois. Andrew encarou o monitor do notebook podendo ver a porcentagem.

7%.

Lento demais. Mas não importava. Seu corpo se inclinou na direção da

mesa e ele começou a puxar todos os cabos ligados aos computadores, os fazendo desligar no mesmo instante. Agora ele só precisava esperar pelo irmão. Mas e se Natan chegasse? Provavelmente uma briga iria ser iniciada, mas Nataniel saberia sobre a sua vantagem, e Andrew seria derrotado. Uma ideia idiota surgiu em sua mente, mas era a única coisa que ele tinha.

Sua única mão desocupada afastou as plantas altas o permitindo atravessar o portão velho chegando a rua deserta logo depois. A perna da mesa de madeira que ele havia encontrado no chão era segurada firmemente em suas mãos enquanto ele ocupou sua posição de defesa em frente a única entrada do local. Se Natan chegasse, ele o bateria o mais forte possível para que ele o deixasse em paz.

Se Andrew conseguisse acertá-lo.

Um suspiro de decepção saiu de seus lábios e ele abaixou o olhar em direção a suas mãos. Nem força ele tinha para fazer aquilo. Era ridículo. O que ele estava pensando? Passou todos aqueles meses mentindo para sua mãe, lhe dizendo que iria estudar na biblioteca para estar ali ou no trabalho de Juliet porque ele mal podia sair sozinho sem ela ter um ataque, mal podia digitar ou usar uma caneta direito, e agora ele achava que podia se defender sozinho? Idiota. Se Nataniel chegasse, ele estaria acabado.

O som dos pneus o fez ficar ainda mais tenso. Mas ao ver um carro cinza se aproximar aquilo passou no mesmo instante. Assim que o carro parou, Timo desceu de lá, e logo depois de falar rapidamente com o motorista ele foi ao irmão sem entender nada do que acontecia.

—O que é isso?

Perguntou apontando para o que lhe parecia ser um pedaço velho de madeira. Andrew abaixou o mesmo e pensou como deveria começar aquilo.

—Pre-ci-so da sua ajuda.

Ele devia agir rápido. Depois explicaria tudo ao irmão, que ficou ainda mais confuso ao vê-lo lhe dar as costas e passar pelo portão velho o deixando para trás. Timo o seguiu com medo de que ele se machucasse no caminho,

mas Andrew parecia saber muito bem o que fazia. E droga, o motorista do carro havia visto aquele lugar, mas ele não tinha outra alternativa.

—O que é isso? —Seu olhar correu pelo local. Parecia ser um restaurante abandonado. Andrew estava atrás de um balcão e segurava um notebook aberto em suas mãos, encarando o irmão como se esperasse que ele continuasse. —Andrew?

—Pre-ciso que m-e ajude a lev-ar essas coisas pro carro.

—Os computadores?

—Isso.

—Andrew...

—Timo por fa-vor, depois eu explico tudo. —O que ele estava fazendo? E que lugar era aquele? Era ali que ele passava as suas tardes? Mas Helena sempre o deixava na biblioteca. —Confia em mim, eu só não te-nho tempo agora.

—Você me disse que tinha parado. —Timo se aproximou do irmão carregando um gabinete que estava no chão. Andrew suspirou de alívio e ao mesmo tempo nervoso, e com a ajuda de Timo, todos os computadores foram para o porta malas do carro. Menos um. —O que está em 38%?

Perguntou quando já estavam sentados no fundo do carro. Andrew parecia não prestar atenção em nada além do notebook em seu colo.

—Uns arquivos.

—Que arquivos?

—Timo, eu preciso que nunca, nunca con-te a ni-nguém o que aconteceu hoje.

—Como vou contar se mal sei o que aconteceu?

—Me promete. Nem so-bre a-quele lugar.



Timothe encarou o notebook no colo de Andrew rapidamente.

—Tá legal, Andrew. Eu prometo.

Seu olhar se desviou ao seu irmão que olhava atentamente o notebook em seu colo. O que ele estava fazendo? Roubando aquilo tudo? Depois de ter...

Não. Andrew não faria aquilo, e nem o envolveria daquela forma. Ele parecia nervoso e não parava de encarar o notebook em seu colo. Quando finalmente chegaram em casa, tudo o que eles haviam tido pego foi posto no quarto deles. Andrew pediu pra que o irmão pegasse as ferramentas de Alan, e tudo o que eles poderiam usar para destruir aqueles computadores.

—Acho que é hora de começar a falar.

Timothe parou em frente ao irmão assim que trancou a porta do quarto. Andrew olhou rapidamente para o notebook em cima de sua cama. 85%.

—Eu menti pra mamãe, e pra você. Não ia pra bi-blioteca, as ve-zes eu ia para o traba-lho de uma amiga. E outras vezes, eu ia para aquele lugar.

—E o que fazia lá? O que fazia com isso?

Apontou os computadores jogados no chão entre eles.

—Estava aju-dando uma pessoa a tirar o irmão da cadeia.

Como? Ele havia escutado direito?

—Você! Eu não acredito!

—Me des-culpe.

*Por favor...*

Agora ele se arrependia de ter contado ao irmão o que ele fazia.

—Você disse que havia parado depois de começar a ser procurado.

—E-eles nunca che-garam até a mim, e vo-cê sabe disso.

—Se a mamãe soubesse disso! Isso é crime, eu não me importo com os seus propósitos, eu te disse! —Timothe parou o observando como se procurasse as próximas palavras. —Eu não acredito! O que mais andou fazendo? Por um acaso aquele vídeo que supostamente foi vazado por um hacker daquele tal senador foi você? —Andrew pode ver que ele havia perguntado em um tom de deboche, mas ainda assim com raiva. O que ele falaria? Mas o seu silêncio foi o suficiente para o mais novo. —Está mexendo com eles de novo?

—Co-mo acha que os nossos pais con-seguiram comprar essa casa?

—Com ajuda dos nossos avôs.

—E mes-mo assim eles estão pa-gando pe-lo hospital, trabalhando pra ganhar nem 10% do que merecem, enquanto eles es-tão lá em cima, gastando dinhei-ro com...

—Eu não me importo! Como acha que a mamãe vai ficar se eles te pegarem? E o que estava pensando? Como ele chegou até você?

—Ele é um *carder*. De-pois que rou-baram os da-dos do papai e você me pe-diu ajuda eu passei a caçar alguns deles. Natan foi um, e ele des-cobriu que a polícia havia abafado como o assal-to aconteceu. Ele usou cartões falsos e conseguiu enganar o sistema dos caixas, não é a primeira vez que acon-tece, mas eles nunca divulgam. Então ele postou um vídeo com a minha assinatura. Como se eu houvesse feito aquilo.

—Co-mo se isso nunca tivesse acontecido.

Andrew deixou um suspiro escapar ao perceber que havia esquecido do quanto seu irmão sabia.

—É, mas foi diferente, os outros deixavam claro que eram outros hackers. Ele fez exatamente o que eu tinha em mente. Ele não ti-nha ideia d-e quem eu era e de on-de eu estava. Me disse que precisava da mi-nha ajuda com algo e que e-ra importante.

—Poderia ser uma armadilha, ou algo assim!

—Eu estou, eu posso morrer! Pode se lembrar de quando eu consegui manipular investigações e só por isso eles prenderem os culpados? E mesmo assim eles me caçavam como se eu fosse um bandido como eles.

—Você se ouviu? Você disse manipular. Acha mesmo que isso é o certo?

—É melhor do que não fazer nada.

—Isso é realmente uma loucura.

—E-u sei, Timothe, mas pre-ciso que me ajude a me livrar disso.

—Se ele está preso é porque fez algo de errado, Jonah!

Jonah. Porque as pessoas só o chamavam daquela forma quando estavam nervosas? Com exceção de Juliet.

—E-e é jus-tamente por isso, que eu te-nho que des-truir tudo. O irmão do Na-tan es-tá preso, porque ele matou a mãe da Juliet. A mes-ma garota que levou a Aldine pro ho-spital, a mesma ga-rota que me levou pro hospital quando e-u tive uma convulsão, e é a mes-ma garota que eu, gos-to.

Falar aquilo foi mais estranho do que ele imaginava. E doloroso. Ele nunca poderia ter nada além do que havia construído com Juliet.

—Resolveu ajudar ele porque achou que iria ser uma vingança sobre quem está atrás de você? Já parou pra pensar no quão egoísta você foi?

—Não foi exatamente uma vingança, mas e-u posso ver isso a-gora.. Eu não pen-sei nisso, não pensei que, po-deria machucar alguém. Eu estava com raiva, Timo. Com raiva por es-tar perto de morrer mesmo tendo, mesmo não ten-do feito o que eu poderia fazer de ruim com tu-do o que eu tenho. Foi idiota pensar assim, mas...

Seu olhar foi a tela do notebook novamente.

99%.

100%

Transferência concluída

Andrew caminhou em direção ao computador e desconectou o HD logo depois o pondo com dificuldade em seu bolso. Para a surpresa de Timothe, ele o ergueu acima de sua cabeça, o batendo fortemente contra a parede. E mais uma vez, seu irmão perdeu o equilíbrio após sentir o impacto derrubando o computador, agora com a tela totalmente estilhaçada. Timo foi em sua direção às pressas o segurando antes que ele caísse novamente.

—Porque fez isso?

—Pre-ciso me livrar de tudo.

—O que tem no HD?

—Algo que nunca vai sair daqui.

Timo observou seu irmão sentar no chão e puxar o notebook para si. Pelo visto ele estava disposto a destruir tudo.

—E se ele entregar você? Ele sabe quem você é, e se sabe que te procuram pode usar isso contra você.

—E-le não pode. —Respondeu observando Timo se sentar a sua frente. —Além de ter tudo o que es-távamos planejando pra tirar o irmão dele da cadeia, eu tenho provas de que o Natan também parti-cipou do assalto, e não apenas desse. E eu me certifiquei de quem ele era antes de ir até lá.

—Mas se você entregar isso...

—E-u também me entrego. Mas ao menos eu não vou ser o único a sair perdendo.

—Isso não é um jogo, Jonah!

—Eu sei! Mas te-nho que ter u-ma, garantia. Se ele me entregar várias coisas vão acabar se tornando públicas, e ele não vai que-rer arriscar a própria pele. Precisa me pro-meter que nunca vai contar nada disso pra ninguém, pra mamãe, pro papai, pra Aldine.

—Prometo. Precisa confiar em mim também. De novo.

—E-u confio.

—Mas com uma condição.

Andrew respirou fundo pronto para ouvir o que vinha em seguida.

—Qual?

—Vai parar de mentir pra mamãe sobre ir pra biblioteca estudar, e ir pra outros lugares. Eu sei que deve ser horrível pra você ter todo esse monitoramento, mas você sabe como ela é, e como ficaria se fosse te procurar e não te achasse.

—Ela colo-caria um GPS em mim. O fato de ela não ter colocado ainda me sur-preende.

—Sua sorte é que ela não sabe usar o telefone pra isso.

Andrew deixou uma risada escapar e olhou o notebook em seu colo.

—Não seria um pro-blema pra mim.

—Porque você provavelmente tem uma forma de impedir isso.

—Confundi-la na verdade. Mas, eu quero ir amanhã. Eu tenho radioterapia hoje, e não vou poder voltar lá.

—Qual vai ser a biblioteca dessa vez?

—Não, eu re-almente vou na biblioteca. Juliet estuda pela manhã.

—Ela sabe?

—So-bre?

—O tumor? —Andrew negou com um aceno encarando as próprias pernas esticadas no chão. —Nem do que estava fazendo?

—D-e nada. Nem que eu deixei as aulas pre-senciais, e não de-via mais frequentar o campus.

—Não quer que ela saiba?

—Va-i ser igualzinho a Lea.

—E se não for? Você é tão burro pra algumas coisas.

—Não quero pensar nisso agora.

—Então é melhor nos livrarmos disso tudo.

Dizendo isso, Timo se levantou indo em direção a uma furadeira que estava na caixa de ferramentas de Alan. Ambos sabiam que aquele seria um trabalho para Timo. Nenhum deles queria enfrentar a fúria de Helena ao saber que o mais velho havia mexido naquilo tudo.

### **Agosto de 2014 – 10h34min**

Juliet segurou a própria mão esquerda enquanto caminhava em círculos pelo corredor da escola. Havia ficado daquela forma desde que o seu pai havia lhe pedido para ir até lá com ela. Não que aquilo fosse uma coisa ruim, mas a decisão dele de ter ido a uma das reuniões havia sido repentina demais. Ontem ele havia chegado em casa bêbado e Andrew conseguiu acalmá-la, e hoje ele estava ali.

O que o fez mudar de ideia? E aquilo iria continuar? Ou ele só queria ir ali para mostrar o quão inútil, segundo ele, aquelas reuniões poderiam ser. Ela precisava saber. A garota não conseguiu mais suportar a espera e seguiu em frente até o final do corredor, abrindo a porta larga do que lhe parecia ser um auditório, cuidadosamente. Havia quase 20 pessoas talvez, sentadas em círculo em cadeiras brancas há alguns metros dela. Nenhuma delas pareceu notar que ela havia entrado, afinal aquela sala era tão grande e eles pareciam

concentrados no que uma mulher de cabelos negros falava. A garota caminhou silenciosamente em direção a uma grande pilha de cadeiras, se recostando na parede.

Ótimo. Ela podia escutar tudo dali. Aquilo era errado? Vigiar eles daquela forma? Seu olhar pairou em seu pai que tinha as mãos pousadas em seu colo e encarava as mesmas constantemente.

Esqueça a possibilidade daquilo ser errado. Ela precisava saber se ele estava bem. Assim que a mulher acabou de falar, um "Obrigado, Nance" coletivo ecoou no local, e um silêncio ensurdecedor se instalou ali. O que eles estavam fazendo?

—Meu nome... —Aquela voz a fez acordar novamente. —É Zac, e eu sou alcoólatra. —Ela podia jurar que a cada palavra pronunciada por seu pai seu coração batia mais forte. —Há dois anos, quando minha mulher morreu, eu achei que nada mais fazia sentido pra mim. Nem mesmo a Juliet, a minha própria filha. —Seus braços abraçaram a própria cintura tentando não chorar. Ela não podia sair dali agora. —Eu nunca havia sentido tanta dor na minha vida, foi horrível perdê-la, ainda é. Eu estava desesperado então voltei a beber e achei na bebida uma forma de esquecer tudo novamente. Mas eu acabei esquecendo até mesmo a única pessoa pelo qual eu deveria ter ao menos tentado lutar. —Zac respirou fundo tentando não chorar, mas foi em vão. —Eu fui despedido, e Juliet começou a trabalhar para pagar as contas, eu acabei deixando todas as responsabilidades pra minha filha. Ela estava fazendo faculdade, e foi obrigada a estudar em casa por minha causa. Porque ela estava cansada demais pra continuar. Um dia eu cheguei, e a encontrei dormindo no chão da cozinha. —Suas mãos trêmulas se ergueram em direção ao seu rosto. —E eu não pude carregá-la porque tinha bebido demais, novamente, e tinha muito álcool na minha cabeça para perceber o que eu estava fazendo com ela. —Seu olhar se ergueu em direção as pessoas a sua frente, e Juliet se encolheu ainda mais com medo de ser vista. —Eu fiquei alguns dias na casa dos meus pais, eles conversaram comigo e me falaram o quanto eu estava prejudicando ela, e eu sabia que estava, mas ouvir aquilo daquela forma foi como uma pancada na cabeça. Mas eu fui beber novamente, e quando eu cheguei em casa ela estava lá, com o namorado. Ela me ajudou a ir pro sofá e eu acabei dormindo ali mesmo. Quando eu

acordei... —Respirou fundo como se procurasse forças pra continuar. —Eu encontrei o Jonah, o namorado da minha filha. Ele tem câncer. E me disse que tentou se matar uma vez, que não aguentava mais tudo o que havia vindo junto com a doença. —Zac ergueu as mãos para o seu rosto novamente enxugando as próprias lágrimas, Juliet fez o mesmo e se recostou na parede tentando fazer o máximo de silêncio possível. —Ele disse que quando fez isso, foi como se tivesse matado um pouco daquelas pessoas que o amam, e que a nossa vida não é apenas nossa, mas é principalmente deles. Dessas pessoas que nos amam, e que o que nós fazemos os atinge, muitas vezes mais do que a nós mesmos. —Respirou fundo tentando se acalmar. —Eu não quero matar a minha filha dessa forma. Eu quero que ela seja feliz, que não precise se preocupar comigo, e deixe de viver por isso. Eu prometi a mim mesmo que eu vou lutar para melhorar, por ela, pra que ela possa viver em paz, e seja feliz como ela merece.

Juliet respirou fundo deixando outro soluço escapar e não conseguiu mais continuar ali. Em passos rápidos, mas ainda discretos, ela saiu pela porta larga, tentando enxergar o que havia a sua frente além das lágrimas que embaçavam os seus olhos. Suas mãos trêmulas puxaram a mochila de suas costas e ela se recostou na parede puxando seu celular do bolso da frente. O número de Andrew foi digitado rapidamente e ela levou o aparelho ao seu ouvido. Duas chamadas depois, ele atendeu.

—Jonah?

"Juliet?" A voz que lhe respondeu não era a que ela esperava. "Você está bem?"

—Lena, onde está o Jonah?

"Na radioterapia, você está bem? Está chorando?"

Perguntou preocupada. Juliet deixou um sorriso escapar entre as lágrimas.

—Estou bem. Não se preocupe.

"Alguma coisa aconteceu?"



—Sim. —Sua mão trémula se ergueu em direção ao seu rosto enxugando as lágrimas em meio ao seu sorriso. —Por favor, diga ao seu filho que eu o amo, e ele é a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

"Tudo bem." Talvez ela não estivesse entendendo nada. Mas Juliet precisava falar aquilo. "Eu vou dizer pra ele, assim que ele sair."

—Obrigada.

"Ou você poderia ir lá em casa, assim vocês podem conversar melhor. Não acha?"

—Tudo bem.

"Ótimo. Está bem mesmo?"

—Sim. Muito.

"Quer me falar o que aconteceu?"

—O papai, veio a uma reunião, Lena. Disse que quer, que vai se esforçar pra ficar bem, e foi graças a uma conversa que ele teve com o Jonah.

Ela não sabia se chorava ou se ria.

"Isso é ótimo, Juliet."

—Eu sei. —Falou rindo.—Eu preciso ir agora, ele pode sair a qualquer momento.

"Tudo bem, espero que passe lá em casa, eu vou levar o Jonah depois."

—Obrigada.

"Não precisa agradecer, Juliet."

—Te vejo mais tarde.

"Até lá, então."

Julliet desligou o celular e sorriu observando a grande porta do auditório, sentindo algo que ela não sentia há muito tempo: Esperança.

**Julho de 2015 – 15h12min**

Anos.

Ela queria acreditar que ainda tinham aquilo. Mas não conseguia mais. Sabia que estava o perdendo, e não podia fazer nada.

Julliet apertou forte a mochila em seu colo e se levantou a pondo nas costas assim que notou que já deveria descer do ônibus. Ela não precisou andar muito até poder entrar no hospital. Depois de se identificar ela foi em direção ao corredor indo ao grande quarto. Havia várias camas ali, separadas apenas por cortinas azuis. Ela pode ver Andrew deitado em uma delas meio emburrado, enquanto Alan lhe falava alguma coisa, sentado em uma cama ao seu lado. Um sorriso escapou de seus lábios e ela se aproximou dos dois.

—Oi.

—Julliet. Talvez ele melhore de humor agora.

—On-de estava?

Andrew perguntou se sentando na cama ignorando o comentário de seu pai.

—Eu, estava no trabalho.

—Tra-balho? Me disse que estava de folga.

—É, eu, bem, extra.

—Por favor, me diga que não é por minha causa.

A garota olhou Alan tentando achar alguma ajuda. Ele sabia que ela não estava falando toda a verdade.

—Não é, Jonah.

—Sei.

O garoto levou a mão à boca, como se tentasse impedir que algo saísse. Alan se abaixou rapidamente recolhendo o balde de lixo do chão onde Andrew se curvou imediatamente colocando seja lá o que tivesse comido pra fora.

—Quantos comprimidos ele já tomou?

—Intravenosos.

—Ah, imagino o quanto deve estar reclamando.

—Por isso o mau humor. Eu vou falar com a Helena.

—Tudo bem. Eu vou ficar com ele agora.

—Boa ideia, talvez você seja melhor do que eu.

Andrew apenas continuou encarando o balde de lixo em suas mãos, e seu pai saiu do quarto os deixando para trás.

—Não precisa ficar aqui.

—É claro que preciso, além do mais, eu quero.

Argumentou pondo sua mochila na cama de frente para Andrew.

—V-ai me ver vo-mitar o dia todo.

—E te ouvir reclamar também.

Julliet pegou o balde de lixo de suas mãos o pondo novamente no chão. Ela recolheu algumas folhas de papel toalha e se virou para Andrew que já se deitava novamente na cama. Ele estava careca. Totalmente para piorar o seu humor. Ao menos ainda tinha as sobrancelhas.

—O que...

O garoto foi interrompido pela sensação macia do papel em seus lábios. Juliet o limpava cuidadosamente lhe dando uma vontade súbita de abraçá-la. Mas nem forças para fazer aquilo ele tinha. Seu corpo parecia tremer.

—Quer água?

—Por favor.

Sussurrou tentando segurar as lágrimas.

—Sabe quando vai poder ir?

—Não.

Juliet foi em direção ao filtro no canto do quarto enchendo um copo descartável. Sabia que tudo o que ele não queria estava acontecendo. Os efeitos da quimioterapia iriam aparecer rapidamente. Apesar de seu cabelo já ter caído completamente.

—Aqui. —O entregou o copo pegando sua mochila na outra cama. —Não tem muita coisa pra fazer aqui, além de vomitar e ver o canal de documentários?

—Não.

A respondeu rindo dando espaço para que ela se sentasse ao seu lado.

—Trouxe o notebook, podemos ver alguns filmes se quiser.

Como eles sempre faziam.

—Perfeito.

Aquela resposta a fez sorrir imediatamente. Ela tirou o notebook de sua mochila se preparando para mais uma sessão de cinema no hospital. Ela só queria que ele soubesse que ela estaria ali, não importa o que acontecesse nada iria mudar entre eles, e ela não deixaria de amá-lo.

Um estranho frio repentino invadiu o quarto e Juliet se abraçou se encolhendo ainda mais na parede. Andrew dormia tranquilamente em sua cama.

—Juliet?

—Oi.

Helena entrou no quarto e sorriu ao ver o filho dormir.

—Vai dormir aqui?

—Não, eu vou voltar pra casa.

—Não acha melhor ficar? Já está tarde, e é perigoso voltar sozinha.

—Tudo bem, eu preciso ir. Muito obrigada.

Agradeceu recolhendo a mochila no chão. Quando ela estava prestes a sair, sentiu a mão de Helena segurar a sua.

—Alan pode te acompanhar.

—Tudo bem, ele deve estar cansado. Ficou o tempo todo com o Jonah.

—Juliet. Muito obrigada. Por tudo o que fez e faz pelo Andrew e por nós.

—Lena...

—Se não fosse por você, eu não sei o que teria acontecido.

Sem ter o que dizer, Juliet a abraçou forte sentindo as lágrimas descenderem por seu rosto.

—Eu só faço isso porque o amo. E vocês também. Sabe que são como uma família pra mim.

—Eu sei. Mesmo assim, muito obrigada.

—Eu estou com medo. —Deixou escapar enquanto observava Andrew por cima do ombro de Helena. —Estamos perdendo ele. Não consigo aceitar isso.

—Você só precisa ter fé, Juliet.

Como ela conseguia? Talvez só estivesse falando aquilo para acalmá-la.

—Tudo bem.

Afastou-se enxugando as lágrimas. Por mais que vivesse dizendo a ele que ainda tinha tempo, e que acreditava que as coisas iriam melhorar, ela tinha medo. E agora mais ainda. Desde a notícia de que o tumor estava crescendo ainda mais, havia perdido as esperanças. Se sentia horrível por ter deixado o medo tomar conta depois de tanto tempo. Mas se sentia totalmente perdida agora, e a única coisa que queria fazer era segurá-lo forte, e nunca mais deixá-lo ir.

—Juliet?

Assim que abriu a porta de casa, Zac recebeu o peso de sua filha em seus braços, e a abraçou forte ao ouvir os seus soluços.

—Ele vai, vai morrer, pai. —Falou encolhendo o rosto no pescoço de seu pai. —A qualquer momento, e eu não posso fazer nada. Nada pra impedir que aquela droga pare de crescer. Pra que ele fique aqui, comigo.

Zac abraçou ainda mais forte a sua filha. Ele sabia que aquilo iria acontecer, desde o momento que Juliet havia lhe contado. Só não sabia que seria tão rápido. Ou talvez ele não estava pronto para vê-la daquela forma.

—Eu sinto muito, Juliet.

—Eu só, não sei mais o que fazer. Vai ser como a mamãe? Eu vou ficar sozinha de novo?

—Não vai. Você tem a mim. Não vou a lugar nenhum. Eu sinto muito. — Zac abraçou o mais forte que podia a sua filha, tentando confortá-la. Mesmo depois de ele ter parado de beber, ele mal se lembrava da última vez que

havam se abraçado daquela forma. O luto havia os afastado, e agora, parecia fazê-los se unirem novamente. —Me desculpe.

Soluçou o abraçando forte, sentindo a mistura de alívio com angústia. Alívio por estar assim com o pai e angústia pelo o que podia acontecer.

**Março de 2014 – 11h47min**

Andrew respirou fundo e olhou ao redor mais uma vez. Onde ela poderia estar?

O corredor aberto estava repleto de alunos como sempre, mas nem sinal de Juliet. É claro que Helena não havia o deixado sair de casa depois de ter feito a radioterapia ontem, mas ele precisava vê-la. Precisava saber se Natan havia chegado até ela. Ele tinha certeza que a reação dele ao chegar ao restaurante não seria das melhores, e nem se ele saberia o motivo de Andrew ter abandonado tudo, mas precisava ter certeza.

Sua mão se ergueu em direção a sua cabeça enquanto deixava sua unha rastejar por dentro de seu gorro, acima de sua nuca. O que ele mais havia escutado ontem foi sobre como ele não deveria coçar, ou fazer algo que pudesse irritar o local da radioterapia, mas era impossível. Quase não haviam fios de cabelo ali. E talvez daqui há algum tempo não houvesse nenhum. A radioterapia não causava queda de cabelo, a não ser quando a cabeça era tratada. O que o deixou ainda pior ao escutar aquilo.

Sua língua tentou umedecer os seus lábios, mas era quase impossível. Sua boca estava completamente seca. Novamente. Ele estava implorando por água, ou para sentar. Sentia uma dor, e um mal-estar estranho. Quando aquilo começou? Cambaleando, Andrew deixou o chão de concreto do corredor, e foi até a grama a caminho da saída, ou da árvore próximo ao portão que ele sempre se sentava. Talvez ali ele se sentisse melhor. Todos caminhavam na direção oposta, provavelmente indo para suas salas de aula. Sua mão se ergueu em direção a árvore e ele respirou fundo novamente.

*Por favor, não vomite.*

—Jonah!

Aquela voz o fez sair de seus pensamentos e seu olhar se ergueu em direção a ela. Julliet corria em sua direção com um semblante meio preocupado.

—Oi, Jolie.

Um sorriso meio abatido se formou em seu rosto quando Julliet parou a sua frente. Não conseguia esquecer o que ele quase havia feito, e o que aquilo poderia ter causado. Mas porque ela o olhava daquela forma? Ele estava tão mal assim?

—Jonah, você devia ir ao médico.

Disparou fazendo o sorriso do garoto desaparecer. Como ela descobriu?

—Do que tá falando?

—Foi outra convulsão. Naquele dia no cemitério. O jeito que estava paralisado e talvez, sem consciência. Eu procurei e foi um tipo de crise de ausência. Não é tão grave quanto a primeira que você teve, mas isso não é normal.

Andrew escutava cada uma de suas palavras e ao mesmo tempo que queria sair correndo, queria fazer ela parar. Agora ele se sentia totalmente arrependido de ter começado aquilo. Ela estava perto. Ele havia a deixado perto demais. Se descobrisse, com certeza iria sair correndo como Lea fez e nunca mais olharia para ele.

—E-estou bem, Julliet.

Lesão. O que ele estava pensando quando falou aquilo?

—Não está! —Segurou sua mão forte, tentando perceber que ele estava errado. —Não é normal. Você pode estar doente.

—Já di-sse que estou bem, Julliet.

—Jonah! —O garoto tentou se afastar, mas ao notar que não seria uma boa ideia se manter longe de seu apoio ele resolveu ficar. Fazendo Julliet



perceber o que ele não queria. —Você não tá bem.

—Es-tou.

—Não, Jonah! —Mãos seguraram seus ombros o erguendo corretamente.  
—O que está sentindo?

—Vai embora, Juliet. Eu não pre-ciso da sua ajuda.

Ele pode notar a surpresa misturado a frustração em seu olhar. O que ele estava fazendo?

—Você...

—Vai em-bora.

—Seu idiota! Você está passando mal!

—Me deixa em paz, Juliet! —As mãos da garota se afastaram dele e Andrew se sentiu pior ainda ao ver a expressão de decepção e angústia no rosto de Juliet. Porque ele estava fazendo aquilo? Havia escolhido machucar ela em vez de se machucar? —Jolie...

—Eu vou chamar alguém pra te ajudar.

Disse saindo imediatamente de perto dele.

Não devia ter deixado aquilo acontecer. De forma alguma. Timo tinha razão. Ele era um egoísta e burro. Mas Andrew já podia ver tudo se repetir, e ele estar sozinho de novo. Não que Natan fosse a única pessoa que ele conhecia, mas agora, com toda certeza eles nunca seriam amigos. Andrew deixou que seu corpo pesasse contra a árvore, apoiando suas costas na mesma. O que faria agora? Não conseguia parar de pensar em Juliet e na forma como havia a deixado.

E que droga, ele estava preocupado com ela. Ele não devia ter começado aquilo, nunca. Talvez ele realmente gostasse de Juliet. Mas esse era mais um motivo para se manter longe dela. Ele só traria sofrimento.

Precisava sair dali o quanto antes. Se ao menos conseguisse chegar em casa. Talvez ele ligasse para Timo, mas não queria tirá-lo da aula novamente. Seu corpo se afastou da árvore e ele cambaleou em direção ao portão. Só mais alguns passos, e ele poderia chamar um táxi, se ele tivesse sorte. Seu olhar varreu a rua a sua frente. Alguns carros passavam na pista e por alguns segundos ele pensou em pedir uma carona. Mas talvez não fosse uma boa ideia.

—Andrew!

Ele só podia estar delirando. O som do motor junto aquela voz ecoou a sua frente, e ele viu quem menos ele esperava.

—Nataniel.

Nataniel desceu da moto e foi em direção ao garoto aparentemente fraco, sentindo uma raiva enorme. Aquele idiota. O que ele estava pensando? Ele iria acabar com ele agora mesmo. Antes que Andrew pudesse reagir Natan o empurrou forte o fazendo cair para trás.

—Que merda você fez? —Gritou assistindo Andrew bater as costas no chão. Seus olhos se fecharam e ele deixou um grito de dor sair de seus lábios. —Você vai me devolver tudo!

—Vo-cê mentiu pra mim, Nataniel.

Falou logo após consegui se sentar.

—Eu menti pra você?

—Verônica. O seu ir-mão ma-tou a Verônica.

O olhar de Natan o encontrou e ele começou a entender do que se tratava.

—Você investigou a vida do meu irmão.

—O seu ir-mão é um assassino.

—E daí que ele matou a mãe da sua namorada?

Andrew foi puxado pela camisa o fazendo ficar mais próximo de Natan.

—E daí? A-cha mesmo que eu iria con-cordar em tirar ele de lá?

—Não devia ter feito isso, Andrew! O que fez com os meus computadores?

—Estão derretidos, e tenha certeza que você nunca mais vai ter nada deles.

Natan tentou se conter, mas não pode. Seu punho se chocou contra o rosto de Andrew fazendo o corpo do garoto cair para trás mais uma vez. Aquele imbecil. Ele iria receber o que merecia.

—Você é um mentiroso, Andrew! —Outro soco, e mais outro. Andrew não conseguia reagir, e se o fizesse, seria em vão. Ele não tinha forças para fazer aquilo. A voz de Natan continuava gritando em seu ouvido, mas ele não podia entender. Estava tonto demais para conseguir discernir qualquer coisa. Quando ele finalmente parou, Andrew pode abrir os olhos. Seu rosto latejava, e ele podia sentir o gosto de seu próprio sangue. —Eu sei quem você é, e sei o que fez. —Aquele voz ecoou novamente, só que dessa vez ainda mais de perto. Andrew pode vê-lo o encarando de cima com ódio. —Posso te entregar pra eles, AJoker.

Seus lábios se afastaram o fazendo sentir uma sensação incômoda. Era como se eles houvessem sido pressionados contra seus dentes. E onde seus óculos haviam ido parar?

—Fa-ça isso, e eu entrego você, e o que ia fazer, e tudo o que fez.

Natan o observou por alguns instantes absorvendo suas palavras. Então aquilo queria dizer que nem tudo estava perdido.

—Você ainda os tem, não é? Fez um backup antes de destruir tudo, não foi? —Sua blusa foi novamente puxada por ele, como se Andrew tivesse a obrigação de estar perto enquanto ele falava. —Você ainda tem tudo. —Para a surpresa de Natan um sorriso surgiu nos lábios feridos de sua vítima. —Qual é a graça?

—Jonah! —Uma voz feminina ecoou o fazendo parar de sorrir. O que ela estava fazendo ali? —Nataniel!? O que você fez?

Natan deixou que Andrew caísse no chão novamente e se afastou dele enquanto Juliet se aproximava perplexa com o que via.

—Você acha que conhece ele?

—Jonah!

A garota se abaixou em direção a Andrew tentando levantá-lo.

—Você não sabe nada sobre ele, Juliet!

—Porque você fez isso?

Dessa vez gritou aos prantos olhando Natan novamente. *Seu monstro!* Suas mãos apoiaram o corpo incapaz de se sustentar sozinho em seu colo. Ele não estava bem, e agora isso.

—Porque ele é um viciado. —Aquela resposta a pegou de surpresa. —O que ele te disse? Que está doente? Se abrir a mochila dele, vai achar seringas, e talvez algo pior.

—Isso não é verdade!

—Pai bêbado e namorado drogado. Você não tem sorte com homens, Juliet.

—Nataniel!

Aquilo não podia ser verdade. Juliet o assistiu subir na moto e se afastar deles a deixando ainda mais desesperada. Aquilo estava mesmo acontecendo mais uma vez? Uma mão tocou o seu ombro e ela desviou o seu olhar para Andrew que lhe parecia tentar falar algo. Sua mão foi em direção a sua mochila caída próxima a ambos, e ela abriu a mesma rapidamente. Ele tinha que estar mentindo.

—Jo-Jolie.

—Fica quieto.

Resmungou entre as lágrimas. Aquelas últimas palavras ainda ecoavam em sua cabeça.

"Pai bêbado e namorado drogado."

Como ele foi capaz de falar aquilo? E como ele sabia disso?

Seu corpo estremeceu ao achar um saco plástico no bolso da frente. Seus dedos esticaram o mesmo lhe permitindo ver o que tinha dentro. Seringas. Não. Não. Não. Aquilo não podia estar acontecendo.

—Jolie. —Andrew sussurrou novamente e ela não sabia o que iria fazer, mas fez a única coisa que achou o certo. Ele tinha mesmo que ter passado na farmácia antes de ir na faculdade justamente naquele dia? Então, aquilo queria dizer que Natan estava o seguindo o tempo todo. —Julliet.

—Cala a boca, Jonah!

Gritou nervosa puxando a própria bolsa.

—Julliet, por favor.

Quando finalmente achou o celular ela não conseguiu continuar, seu olhar voltou ao de Andrew a permitindo ver as lágrimas descerem por seu rosto.

—Então é isso? Você se droga?

—Jolie...

—Eu achei, por isso você sumiu tanto tempo e depois apareceu daquela forma, por isso você...

Andrew sacudiu a cabeça tentando se concentrar e acabou deixando escapar o que ele menos queria.

—Julliet, olhe pra mim! —Sua mão segurou a dela a fazendo parar por alguns segundos. —Eu te-nho câncer!

E só naquele momento ela havia percebido. O gorro preto que ele vestia havia caído de sua cabeça, a permitindo ver os diversos locais em que faltavam cabelo.

Falar aquilo foi tão doloroso quanto ouvir. Era a primeira vez que ele dizia aquilo em voz alta. Que admitia a própria doença. Suas mãos se apoiaram no chão, e ele se ergueu desajeitadamente até conseguir sentar. E mesmo acabando de costas para Juliet ele podia sentir seu olhar sobre ele. Sua mão se ergueu em direção aos seus óculos que estava no chão, os pondo em seu rosto logo depois.

O que ela faria agora? Sairia correndo? Andrew se arrastou, ainda com a ajuda de suas mãos, se virando para a garota. E aquele olhar, foi pior do que ele tinha imaginado. Juliet deixou que suas mãos desabassem sobre seu colo enquanto não tirava seus olhos de Andrew.

—Câncer?

Ela não queria que aquilo fosse verdade também.

—Eu sumi, por-que eu faço radiote-rapia. A convulsão, é u-m sintoma. A que-da de cabelo é uma con-sequência. Eu nem estudo mais aqui, es-tou estudando em casa. A única razão para eu vir, é você.

—Onde fica? —Seu olhar se mantinha fixo nele, havia tanto terror em seus olhos. Sua mão se ergueu meio descoordenada e ele a levou em direção a cabeça, acima de sua nuca. Juliet arregalou os olhos e encarou o chão ao entender. —Você vai morrer?

—Provavelmente. —O corpo da garota estremeceu e ela não conseguiu segurar o choro. —Juliet. —Andrew se aproximou com esforço da garota encostando sua cabeça em seu ombro. Ela não tinha ido embora. Mas agora estava chorando por sua culpa. —A-inda não é agressivo. É um cân-cer de grau dois. Não cresce muito rápido.

Falou da mesma forma que havia escutado o médico lhe dizer.

—Mas você disse que vai morrer.

—Me deram cin-co anos, se eu não con-seguir fazer uma cirurgia pa-ra remover. —Agora ele estava chorando. —Sinto mui-to, Jolie.

Seus lábios depositaram um beijo afetuoso na testa dela, tentando acalmá-la, esquecendo até mesmo de que estava sujo por seu próprio sangue.

—Porque não me contou?

—N-ão queria te deixar dessa forma.

Andrew sentiu os braços de Juliet o apertarem ainda mais, e ela ergueu sua cabeça o observando. Seus dedos passaram gentilmente pelo rosto dele, enxugando suas lágrimas, e talvez o limpando.

—Não é justo.

O garoto deixou um sorriso escapar entre as lágrimas.

—Jolie. —Andrew recostou sua testa na dela e observou ainda mais de perto os seus olhos. Juliet se aproximou ainda mais dele segurando sua nuca. Seus olhos se fecharam e Andrew não conseguiu resistir. Deixou que seus lábios encontrassem os dela. E era estranhamente bom. Estranho pelas circunstâncias, e bom por ser ela, mesmo podendo sentir o gosto de seu sangue entre aquilo. O garoto deixou sua mão descer até a cintura dela, ou as costelas, a trazendo para ainda mais perto. Se dependesse dele, nunca pararia. Era melhor do que qualquer remédio contra a dor. Juliet se permitiu subir as mãos pela nuca de Andrew até chegar aos seus poucos fios em sua cabeça. E ele se perguntava porque havia demorado tanto para fazer aquilo. A garota parou seus dedos acima da nuca de seu, bem, ela não sabia mais o que eles eram agora, como se quisesse amenizar qualquer dor que ele podia sentir. Andrew sentiu as pontas daqueles dedos leves fazerem uma massagem carinhosa na altura de suas orelhas. —Jolie.

—O que?

—Não dá pra sen-tir.

Comentou rindo.

—Eu sei, idiota. —Sua cabeça se recostou em seu ombro e ela se perguntava como ele havia aceitado aquilo. Ou talvez não havia. O câncer era o motivo dele ser daquele jeito, de se isolar, talvez tivesse medo de perder as pessoas que tinha assim como as perdeu quando se mudou. —Precisa ir para o hospital.

—Hos-pital? Minha mãe trabalha lá. Não a-cho uma boa ideia.

Em meio as lágrimas ela deixou um riso escapar e ergueu o seu celular novamente.

—Porque ele fez isso?

—Quem?

—Nataniel.

Andrew respirou fundo e a observou selecionar um dos primeiros números da lista de emergência.

—Era me-lhor ligar pra mamãe.

—E deixar ela aflita? Mas não mude de assunto.

Um suspiro saiu de seus lábios ao notar que ele não teria escolha. O que ele iria falar?

—Natan não, e-u não sabia o que o irmão dele ha-via feito. —Julliet parou de se mover no mesmo instante ao ouvir aquilo. —Sin-to muito. Você devia ter me con-tado.

—Brigou com ele por causa disso?

—É.

Não necessariamente. Mas sim. Julliet havia chamado um dos garotos da sua sala para lhe ajudar, mas quando não viu Andrew onde estava, imaginou que ele tinha ido embora, e apenas agradeceu ao seu colega o permitindo ir embora.



—Você vai ficar bem.

Sussurrou erguendo sua mão em direção ao rosto de Andrew que estava machucado. Um sorriso se formou no rosto do garoto e ele precisou segurar a vontade de chorar mais uma vez. Ela ainda estava ali.

**Junho de 2015 – 15h03min**

Branco. De novo. Porque aquela casa ainda estava daquela cor? Ao menos as marcas de fita adesiva que anteriormente estavam coladas na parede segurando algum papel, quebravam aquela coisa monótona. Eram mais de 20. Ele as havia contado no intervalo em que seu pai havia saído de casa para comprar alguma coisa, e que, aliás, não havia voltado o deixando sozinho, até Juliette quebrar o silêncio do quarto e lhe fazer companhia.

O travesseiro foi ajeitado nas suas costas por ela, o fazendo suspirar.

—Es-tou bem.

Sussurrou sentindo seus lábios secos novamente.

—Eu sei.

Seus dedos apertaram a mochila azul em seu colo. Ela havia acabado de chegar do trabalho, e ele havia a feito almoçar antes de ir pra casa, já que havia decidido vê-lo antes disso.

—E-u pre-ciso de uma roupa preta.

Juliette uniu as sobrancelhas sem entender e se aproximou ainda mais dele.

—Pra que?

—Eu da-ria um Szasz perfeito.

Um sorriso se formou no rosto de Juliette e sua mão passou rapidamente pela cabeça careca do garoto o fazendo rir.

—Você é tão nerd.

—Obrigado.

—E o seu projeto?

—Eu ter-minei.

—Sério?

—Mateus vai ter-minar a pesquisa. E aí eu posso vender.

—Mas já sabe pra quem?

—Eu já enviei a proposta para alguns lugares e e-les se interessaram.

—Mesmo?

Sua mão segurou a dela ainda mais forte. Se aquilo realmente acontecesse, se ele conseguisse o dinheiro para a cirurgia... Juliet deixou um leve sorriso escapar tentando conter as lágrimas.

—Eu vou pre-cisar da sua ajuda.

—Com o que?

—É um aplicativo pa-ra mulheres, seria me-lhor se uma mulher o apresentasse.

—Quer que eu faça isso?

—Sim. Não a-cho que se-ria adequado um assassino em série fazer isso.

Aquilo arrancou mais uma risada de Juliet. Aquilo era novo, mas bom. Mesmo que ele sempre houvesse feito piadas sobre estar doente.

—Só precisa me falar o que eu preciso fazer.

—O que se lembra dele?

—Bem, é basicamente um aplicativo de encontro para mulheres saírem

de algum local em grupo, evitando os riscos que poderiam correr se estivessem sozinhas.

—E vo-cê acha que isso pode dar certo?

—É. O ideal seria que ele não fosse preciso, mas isso é um problema bem maior.

Andrew deixou um sorriso escapar e entrelaçou ainda mais seus dedos no de Juliet.

—É isso o que eu acho que seria bom. Se eles vissem o olhar de uma pessoa que real-mente precisa disso. E não esqueça de mencionar...

—A foto. Para ter certeza que é uma mulher que está fazendo o cadastro o aplicativo pede que a foto do perfil seja tirada na hora, e ela só pode trocar com outra foto tirada no mesmo momento.

—Você é perfeita.

Sussurrou recostando sua cabeça no ombro de Juliet. Mesmo estando sentando Andrew se sentia fraco, e cansado.

—Está se sentindo bem?

—Só fraco. Mateus pode ir com você. O papai poderia mas, ele não vai querer me deixar sozinho. Ou a Aldine.

—Pensamos nisso depois.

—Tudo bem. Como está o trabalho?

—Eu gosto de lá.

—Ei, vo-cê se forma mês que vem, certo?

—Sim.

—Eu es-pero estar vivo pra ir na sua for-matura.

—Jonah! —Ela não quis rir, mas foi inevitável. —É claro que vai estar. E você pode...

"Já disse pra parar com isso!"

A voz de Juliet foi interrompida por um grito vindo da sala. Os olhos de Andrew se arregalaram em surpresa ao reconhecer a voz de sua irmã.

"Você deveria parar com isso, Aldine!"

Dessa vez Timo falou, logo após a porta se bater. Jonah ergueu a cabeça do ombro de Juliet e pode perceber que ela já parecia aflita.

"Definitivamente essa foi a pior ideia da minha vida."

Eles não deviam saber que não estavam sozinhos. Provavelmente imaginaram que Andrew estava na casa de Juliet, ou estavam nervosos demais para se lembrar de que ele podia estar ali.

"Da sua vida? O que quer dizer com isso?"

"Nada."

"Foi ideia sua?"

"Não é da sua conta."

"Qual é o seu problema? "

"Me deixa em paz."

"Para com isso, Aldine. Se o Andrew..."

A voz de Timo parecia se aproximar cada vez mais enquanto os passos dos dois ecoavam pela casa. Juliet mantinha seu olhar em Andrew, com medo de como aquilo poderia acabar.

"Andrew! Aqui vamos nós de novo. Tudo é sobre o Andrew!"

"Não seja idiota."

"Quer que eu seja como você? Ande na linha, Dine. Não cause mais problemas pro papai ou pra mamãe, eles já tem demais com o Andrew!"

"Aldine!"

Timo gritou sem acreditar no que ela dizia. Juliet pode sentir Andrew estremecer e seu olhar se voltou para o dela ainda mais angustiado.

"Eu estou vivendo a minha vida. Ou você acha que eu vou deixar de fazer isso porque o Andrew está doente? Porque tudo nessa casa, é sobre o Andrew, e aquela maldita doença."

—Juliet.

Andrew sussurrou chorando ainda mais. Ele estava certo. Sempre esteve certo. Era sua culpa. Sempre havia sido.

"O que você tá falando?"

"Você não o conhece, mamãe não o conhece, papai não o conhece, e aposto que aquela coisa irritante que ele chama de namorada não o conhece. A única coisa que o Andrew sabe fazer é estragar tudo! A mamãe nunca deveria ter trazido ele para casa."

“Cala a boca.”

Andrew respirou fundo tentando conter as lágrimas, mas era impossível. Seu peito parecia ter recebido inúmeros socos deixando uma dor sufocante no local. Juliet se aproximou dele o abraçando, querendo desfazer tudo aquilo. Como ela foi capaz? Sua mente a dizia para se levantar e calar a boca daquela garota, mas ela não queria deixar Andrew sozinho.

"Nunca mais repita isso!"

A voz de Timo ficou ainda mais alta quando os passos voltaram a ecoar. Assim como a de Aldine.

—Porque você... —Sua voz desapareceu assim que ela chegou na porta do quarto. Seus olhos pairaram sobre aquela imagem junto ao que ouvia. Os soluços de seu irmão deixavam tudo ainda pior. O que ela havia feito? — Andrew...

—Sai daqui.

Julliet sussurrou sem olhá-la enquanto abraçava Andrew, que ainda chorava. Ela não sabia dizer se sentia raiva ou angústia. Talvez uma mistura dos dois.

—Andrew, eu não...

—Sai daqui, Aldine.

Repetiu praticamente gritando entre suas lágrimas. Julliet teve certeza do que sentia quando olhou para ela. Raiva. A garota ergueu suas mãos em direção ao seu próprio peito e sem ter outra escolha, ou sem conseguir pensar direito, ela seguiu pelo corredor indo em direção a última porta, se trancando no banheiro.

—Andrew...

Timo se aproximou de seu irmão e Andrew se afastou de Julliet a deixando ainda mais angustiada.

—Jonah. —Sua cabeça se afundou no travesseiro no canto da cama, abafando seus soluços. —Timothe, pode por favor ir buscar água pra ele?

—Eu não quero!

Gritou entre os soluços antes mesmo que seu irmão pudesse se mover. Timothe olhou para Julliet sem saber o que fazer, mas ela apenas assentiu para que ele fizesse o que ela havia pedido. Ao entender a mensagem, ele correu em direção ao corredor novamente.

—Jonah, por favor. —Julliet pediu novamente pousando sua mão nas costas dele. Era horrível vê-lo daquela forma. —Jonah!

Tentou erguer sua cabeça desesperada. Ela também já estava chorando. Nunca havia visto ele chorar daquela forma.

—Eu, eu...

Tentava falar entre os soluços.

—Não fica assim, por favor.

—É tu-do, cul-pa, minha, Juliet.

—Não...

—I-sso de-veria crescer lo-go e acabar comi-go de uma vez.

—Não se atreva a repetir isso!

—Mas é a ver-dade!

Ele finalmente se ergueu a olhando. Seus olhos estavam vermelhos. Os apertou e afundou o rosto no travesseiro imediatamente.

—Jonah!

Juliet puxou seu braço tentando levantá-lo novamente.

—Nã-o o-lha pra mim!

—Para com isso! Eu já vi você pelado, vomitando, tendo uma convulsão e não posso te ver chorando? Olha pra mim! Por favor. —Ela já podia sentir o gosto de suas lágrimas. E só então ele percebeu que ela também estava chorando. Não queria que chegasse aquele ponto. —Para de falar isso. Não é culpa sua, você não queria isso. Ninguém queria isso. Por favor.

—Juliet...

—Vai passar, eu prometo. —Depois de enxugar as próprias lágrimas ela começou a fazer carinho nele tentando acalmá-lo. Ela não precisava mostrar a ele que estava daquela forma, e para a sua agonia, ele não parava de chorar.

—Ela estava nervosa, meu amor. Falou aquelas coisas da boca pra fora. É o que fazemos quando estamos com raiva.

—Com rai-va de mim.

—Não, Jonah! —Passos ecoaram ao redor, e Juliet ergueu o olhar vendo Aldine passar praticamente correndo pelo corredor. Timo entrou no quarto logo depois. E por mais que não quisesse ela se levantou da cama, se afastando de Andrew e indo em direção a sala.—Ei!

A chamou ao notar que ela estava prestes a sair.

—O que você vai me dizer?

Falou segurando a maçaneta da porta fortemente.

—O que você acha que eu tenho que dizer?

Relutante ela se afastou da porta se virando para Juliet.

—Como o Andrew tá?

—O que você fez...

—Eu sei, eu não devia ter falado aquilo. Mas não sabia que ele iria ouvir.

Ambos conversavam baixo para aquilo ficasse entre elas.

—Então se ele não escutasse, tudo estaria bem? —A garota desviou o olhar procurando as próximas palavras. Não era assim... —Você não sabe, não faz ideia do que fez. —Ela podia notar a raiva na voz de Juliet, e a forma como se ela continha para não deixar aquilo tomar conta dela. —Ele está preocupado com você.

O olhar de Aldine se ergueu dessa vez, bem diferente de antes. Ela parecia surpresa, e ao mesmo tempo irritada.

—O que ele disse pra você?



—Ele conversou comigo, porque ele confia em mim.

—Sobre mim? Sobre a minha vida? —A garota se aproximou da mais velha e agora ela tentava se conter. —O Andrew acha que só porque tem aquela coisa, tem o direito de se meter na minha vida?

Ela realmente havia dito aquilo? Juliet afundou as mãos nos bolsos de sua calça de jeans impedindo que elas atacassem a garota a sua frente.

—Você acha que ele queria ter câncer? Acha que ele pediu pra ficar doente? Você não faz ideia do quanto o magoou. Acha que as duas tentativas de suicídio dele não foram o suficiente?

—Não vem com essa agora, Juliet.

—É a verdade! Olha, eu já tava achando que a Helena deveria te dar uma bela surra, mas eu juro que estou me controlando pra eu não te dar essa surra.

—Está me ameaçando agora? Quem você acha que é pra chegar e...

—Eu achei que não devia falar isso mas, o Jonah sente culpa.

—Culpa?

—Acha que ele não se sente mal? Ele acha que atrapalha a gente. Acha que se a sua mãe não tivesse tirado ele daquela casa onde ele era violentado a nossa vida seria melhor. Sabe o que ele me disse no aniversário dele? —Negou tentando segurar as lágrimas. —Ele me disse que se pudesse, arrancaria a própria cabeça pra nós deixar viver em paz.

—Ele não... —Ela não conseguiu completar.—Achei que era pela doença e por tudo que ele iria sofrer, por medo de, de sentir dor.

—Eu só te peço pra ter cuidado com o que fala. Com o que faz. Qualquer movimento errado pode ter um peso muito grande pro Jonah.

—Eu quero falar com ele.

—Agora não, ele tá muito nervoso.

Aldine mordeu os próprios lábios tentando se conter, mas era impossível.

—Você não entende.

—O que eu não entendo? Que você teve que se mudar e se afastar de alguns amigos por que o seu irmão ficou doente? Já parou pra pensar que ele teve sorte de ter conseguido isso? —Aldine revirou os olhos se afastando de Juliet. Não queria ouvir aquilo. —Sorte de ter conseguido vir pra cá e fazer o tratamento, sorte de ter uma chance de salvar a vida dele, porque muitas pessoas não tem nem isso, Aldine. E ele conseguiu isso graças ao esforço da sua família.

—Não é isso.

—Então o que? Pense em tudo que acha que você perdeu, e no que ele pode perder. —A mais nova ergueu sua mão novamente em direção a maçaneta. —Eu vou tentar acalmá-lo, e vocês conversam depois.

—Obrigada, Juliet.

Mesmo com Aldine estando de costas ela pode sentir a ironia em sua voz.

—É pelo Jonah, não por você.

—Fala pra ele que...

—Quando ele voltar vocês vão conversar com calma. —Juliet a deixou pra trás voltando ao quarto. Andrew já estava sentado e segurava o copo já vazio em suas mãos. —Oi, meu amor. —Sussurrou se sentando no chão ao lado de Timo que observava o irmão. —Mais calmo?

Andrew assentiu erguendo sua mão em direção a Juliet que a segurou no mesmo instante, entrelaçando seus dedos entre os dele.

—Ca-dê a Aldine?

—Saiu. Ela quis, e eu até achei melhor, você precisa de um tempo pra se acalmar. —Um sorriso meio amargo se formou no rosto dele e Juliet se levantou recolhendo o copo de suas mãos. Sentiu uma vontade imensa de

chorar, por ver toda aquela situação, mas não podia. Ele já estava daquela forma e não queria piorar as coisas. —Você vai ficar bem.—Sua testa se recostou na dele suavemente a permitindo ver seus olhos castanhos claro úmidos. —Vai passar. Eu prometo.

**Abril de 2015 – 16h05min**

A grande porta de vidro foi fechada por Timo, e ele acenou logo depois para o seu chefe que estava dentro da academia. Por sorte ele não precisaria ficar ali até tarde hoje. Suas mãos vasculharam o bolso de sua calça jeans achando seu celular e seus fones. Uma rápida olhada no mesmo o fez ver que havia algumas mensagens de Aldine. O que ela queria? Deveria saber que ele havia ido trabalhar. Seus dedos começaram a desembolar assiduamente os fios de seus fones. Aquilo parecia sempre fazer questão de se emaranhar o tempo todo. Quando finalmente ele conseguiu soltar os fios, um ruído de moto o chamou atenção. Mas ele estava na rua, aquilo era normal. O garoto continuou a caminhar pela calçada no mesmo ritmo, enquanto procurava a música que queria escutar. Inesperadamente ele viu uma moto vermelha frear bruscamente a alguns metros dele, o fazendo parar. Seja lá quem fosse, desceu da moto e se virou para Timo sem tirar o capacete. Ótimo. Arfou. Aquilo realmente iria acontecer? Talvez ele pudesse correr antes que uma arma fosse apontada para ele. As mãos do cara de jaqueta se ergueram em direção ao capacete puxando o mesmo enquanto ele se aproximava de Timo, o permitindo ver o seu rosto. E ele teve a certeza que não o conhecia.

—Timothe?

Mas pelo visto ele o conhecia.

—Quem é você?

—Perguntei primeiro.

Argumentou segurando o capacete em uma de suas mãos.

—Como sabe o meu nome?

—Então é você é o Timo. —Concluiu com um sorriso em seu rosto. — Irmão do Andrew.

Aquela última palavra saiu de sua boca como se fosse um xingamento.

—O que, quem é você, cara?

—Nataniel. —Timo apertou o celular em sua mão, e se arrependeu de não ter saído correndo. —Acho que já deve ter ouvido falar de mim.

O mais novo engoliu em seco. Como ele podia saber que Andrew havia lhe contado algo sobre o que eles planejavam? Talvez fosse melhor não confirmar.

—Não. Não faço a mínima ideia de quem você seja. Pode por favor me deixar passar?

Timothe avançou em sua direção pronto para desviá-lo e seguir o seu caminho, mas Nataniel o barrou apertando sua mão contra o ombro do garoto.

—Eu sei que o seu irmão te contou sobre tudo.—Mas como? Timo o encarou apertando seus punhos ao escutá-lo novamente. O que ele queria agora? Depois de tanto tempo? Sabia que ele ainda não havia desistido de tentar recuperar o que Andrew havia pego, mas uma aparição daquela não era comum. —E eu sei que você pode conseguir o que eu quero.

Aquilo só podia ser brincadeira.

—O que te leva a achar que eu vou te ajudar com isso?

Um sorriso se formou no rosto de Natan e Timo percebeu o que havia feito.

—Eu tenho uma proposta pra você, Timothe.

Natan havia sido um tipo de aprendiz de Andrew, e Timo já havia visto o que o irmão era capaz de fazer. Bastava um dia, talvez uma hora de dedicação e ele poderia descobrir inúmeras coisas sobre alguém.

—Que eu não quero ouvir.

Disse se afastando dele, se livrando de sua mão.

—Tenho certeza que é do seu interesse.

—Eu sei o que você quer, Nataniel. E eu nunca vou te entregar nada.

—E se nós fizermos uma troca?

Troca? O que ele queria?

—O que quer dizer?

—Você me dá algo que eu quero, e eu te dou algo que você precisa.

—Como se você soubesse do que eu preciso.

—Qualquer coisa que você precisar pro imbecil do seu irmão.

—Cala a boca, Nataniel. Como acha que pode conseguir isso?

—Eu posso dar um jeito.

—O que vai fazer? Hackear o hospital? Ou roubar novamente?

—Não importa, vou fazer o que for preciso assim como você. Consigo o que você quer, e você me entrega os backups.

—Nem pensar.—Mas a verdade era que ele estava pensando naquilo. Mas seria tão errado. Andrew havia deixado tudo aquilo para trás pelo o que aconteceu com Natan, e mesmo limitado ele vinha o impedindo de fazer o que queria. Talvez o próprio Andrew conseguiria pagar a cirurgia daquela forma, mas se ele não o fez, devia ter motivos concretos. —Eu não vou fazer isso, Nataniel.

Reforçou dessa vez tendo certeza do que falava.

—Você precisa de um tempo pra pensar, Timo. E aí vai ver a decisão que

realmente precisa tomar.

—Eu já escolhi! Não preciso pensar.

Natan assentiu erguendo o capacete novamente.

—Se quiser falar comigo, liga pro número que tá no seu celular.

Celular? Timo ergueu o aparelho a altura de seu peito, o desbloqueando as pressas. Uma mensagem havia chegado, e realmente havia um número de celular. O garoto suspirou de alívio observando Natan subir na moto novamente. Ele apenas havia enviado uma mensagem, aquilo não devia significar que ele poderia ter acesso a tudo em seu celular, poderia? Talvez fosse uma boa ideia trocar de chip. A moto passou por ele o deixando para trás em segundos. Não. Ele nunca iria trair o seu irmão.

### **Abril de 2014 – 13h35min**

Andrew não conseguia tirar os olhos de Juliet enquanto ela parecia distraída olhando algo no computador dela ao seu lado. O Bennyour estava mais cheio do que o habitual, e para a sorte de Juliet ela estava de folga naquele dia.

Ele sabia que tinha no mínimo sorte por tê-la. Quem em sã consciência ficaria com alguém em sua condição? Não que Juliet fosse louca ou algo do tipo, mas era quase inacreditável. O garoto pousou sua mão por cima da de Juliet que estava sobre o computador. Seus dedos passearam pelas costas da mão dela, fazendo seus olhos verdes o observarem com um sorriso de canto em seu rosto.

—Tudo bem? —Sua voz suave rompeu o silêncio entre eles, e Andrew suspirou assentindo positivamente em resposta. Juliet virou sua mão entrelaçando seus dedos aos dele. —Devíamos ir pra outro lugar, você nem estuda mais aqui.

—M-as você s-im. E eu não quero ficar vegetando em casa.

—O seu irmão vai vir te buscar também?

—Eu posso ir so-zinho, Jolie.

—Não acho uma boa ideia. Eu não vou trabalhar hoje, posso ficar com você, se quiser. —Um sorriso se formou no rosto de Andrew e ele recostou sua testa na de Juliet fazendo com que a ponta de seu nariz recostasse ao dela. Ele podia ver os olhos dela perfeitamente daquela forma, e eles eram ainda mais lindos de perto. O garoto deixou que seus lábios se recostassem nos dela, lhe dando um selinho longo e intenso. Se dependesse dele, ficaria o dia todo daquela forma. Mesmo sabendo o quão errado aquilo estava sendo. Ele não queria que Juliet tivesse outros problemas além dos de casa. Mas o pior era que o problema dele, eles não podiam resolver, o que talvez tornasse tudo mais doloroso ainda. Mas ele não conseguia se afastar. O beijo foi encerrado, mas suas testas ainda se mantinham próximas. Juliet baixou o olhar para os lábios de Andrew podendo confirmar o que sentiu. Estavam totalmente secos. Aquilo devia ser chato. —Não vai pedir café hoje?

Perguntou o fazendo rir.

—Não. Na verdade eu nem posso tomar café.

—Porque não?

Perguntou surpresa.

—Não é re-comendável.

—E você tomou naqueles dias que vinha aqui?

—Na maioria das vezes eu joguei fora. —Falou apontando rapidamente o banheiro no final do corredor. —E quando eu lembrava.

—Você definitivamente não pode ficar sozinho.

Andrew sorriu olhando para o prato na mesa a sua frente com um sanduíche pela metade, e alguns pedaços de bacon ao seu redor. Era o dele. O prato de Juliet já estava vazio e ele não havia voltado a comer desde que ela havia acabado. Nem a torta que ele havia pedido ele tinha conseguido comer. Ao menos havia bebido todo o suco de kiwi. O copo vazio e sujo o

fez perceber o quão seca estava sua boca novamente.

—O q-ue vo-cê vai faz-er amanhã?

—Estudar e revelar algumas fotos.

Respondeu abrindo uma apostila que havia acabado de baixar pela internet. Seus olhos se arregalaram ao ver a enorme quantidade de páginas que haviam ali.

—Po-de ir lá em casa? —Pedi com um sorriso encantador. —Mamãe iria ficar muito feliz.

—Você contou a ela?

Juliet se virou para Andrew com um sorriso em seu rosto. Helena ou ele?

—Ain-da não. —Ou ela estaria ali os fazendo ficar ainda mais juntos. — Quando vai chegar a mi-nha vez? Se você fosse uma garota normal, estaria imploran-do para eu ir falar com o seu pai.

—Então eu não sou normal?

Perguntou rindo enquanto olhava rapidamente um carro passar do lado de fora.

—Es-tá comigo. Quer dizer, quem ficaria com um nerd com câncer?

Perguntou a fazendo rir novamente.

—Quem não ficaria?

—E quem n-ão ficaria? A maioria, tirando vo-cê. Vamos encarar a realidade, Jolie. Já ouvi histórias de casais se separando por-que um d-os dois ficou do-ente e um não quis cuidar do outro. E cá es-tá você. E nem somos ca-sados.

—Não sei se tenho isso como um elogio, ou uma crítica.



—Eu te agradeço de verdade, não estou recla-mando e até, n-em sei como eu es-taria se não fosse por, você. —Andrew notou um sorriso acanhado na garota e ela se virou para ele esperando por suas próximas palavras. —Mas eu...

—Você não vai comer mais?

O perguntou encarando o prato a sua frente. Certo. Ela não queria falar sobre aquilo. Talvez fosse mais difícil do que ele imaginava. Ela estava fazendo aquilo por ele, ou por não querer que ele conhecesse o pai dela?

Andrew não havia contado a Helena ainda porque não queria acelerar as coisas. Ela estava ali, mesmo sabendo da sua doença, Juliet estava com ele. Mas e se ela desistisse? E se enxergasse que ficar com alguém com aquilo e enfrentar tudo o que a doença traz é mais difícil do que ela pensava? Talvez ele devesse namorar alguém com câncer. Tudo seria mais fácil.

Um sorriso meio amargo surgiu em seu rosto ao perceber onde seus pensamentos haviam ido parar. O que ele estava fazendo? Aquele era um dos motivos de estar com ela. Juliet não agia como se sua doença fosse algo que pudesse ficar entre eles, e sim como algo que os unificasse ainda mais. Em vez de se lamentar, ela se dedicava a cuidar dele como podia, mesmo tendo pouco tempo juntos.

—Certo. —Juliet respirou fundo e fechou o computador achando a coragem que tinha para finalmente lhe falar o que ela queria. Afinal, além de estarem juntos, Andrew havia se tornado seu amigo, ela gostava de conversar com ele, ainda mais agora. —Jonah, eu vou deixar a faculdade. Ou trancar pelo menos.

O olhar do garoto se desviou do seu prato até Juliet.

—Porque?

—Eu não estou conseguindo administrar tudo. E além do mais, preciso de mais do que um trabalho de meio período.

—Porque?

—Eu preciso... —Suspirou tentando continuar. —Ainda tenho que ajudar o papai com as dívidas da mudança.

—En-tão vai de-ixar de estudar por que pre-cisa cuidar de casa?

—Eu sei, Jonah, eu posso voltar depois.

—Quando, Jolie?

—Eu não sei, quando as coisas melhorarem lá em casa.

—E-u posso te ajudar.

—Jonah, eu sei o que está passando também e de tudo o que seus pais precisaram fazer e estão fazendo pra pagar o hospital e os seus remédios, não quero ser um problema.

Ela tinha razão. Se ao menos ele pudesse trabalhar. E se ela pudesse chamar alguém para fazer as coisas em casa? Mas também provavelmente envolveria dinheiro. Ele poderia ser menos inútil?

—Vo-cê pode mo-rar lá em casa.

—Não quero deixar o papai sozinho, e além do mais mal sabe se a sua família aceitaria isso.

—Por-que não? Vo-cê pode-ria dormir comigo. —Deixou escapar com um sorriso em seu rosto. —E-u posso conversar com a ma-mãe e colocar o câncer no meio, tenho certeza que ela iria deixar.

—Jonah!

Então agora ele usava aquilo como chantagem?

—Droga. Sinto muito.

O garoto recolheu o garfo pousado no prato de Juliet se perguntando o motivo deles terem colocado aquilo ali. Quem comia hambúrguer de garfo? E ele tinha certeza que uma colher seria bem melhor para comer aquela torta.

Os dentes do talher foram pressionados contra um dos pedaços de bacon em seu prato, e ele pegou a o ergueu em direção a sua boca. Ou ao menos foi o que ele pensou ter feito. Um grito saiu de sua garganta e ele soltou o garfo imediatamente levando a mão aos próprios lábios. Os dentes do garfo haviam sido pressionados contra seu lábio inferior e seus dentes o fazendo sentir uma dor irritante.

—Jonah?

Julliet se virou para ele meio assustada sem entender o que havia acontecido.

—Estou bem.

Resmungou tirando a mão de seus lábios. Ao menos não estava sangrando como da última vez. Aquele havia sido o motivo de sua mãe o proibir de utilizar talheres de qualquer material diferente do plástico. Como se ele fosse uma criança. Andrew estava de costas para a maioria das pessoas no restaurante mas pode sentir vários olhares queimando suas costas. Uma rápida olhada pra trás o fez confirmar que ele estava certo.

—Precisa ter mais cuidado.

—Des-culpe.

—Sabe que não precisa me pedir desculpas. Só precisa ter mais atenção. — Seu olhar encontrou Julliet novamente, por cima de seus óculos e ele lhe lançou um sorriso meio acanhado. Aquilo era um saco. E o pior era que ele realmente precisava se adaptar a tudo aquilo. Ele não queria dizer a ela que já havia se machucado com um garfo uma vez em casa, e agora de novo. Não queria parecer um idiota, mas do que já parecia. Andrew viu o dedo de Julliet se erguer em direção ao rosto dele, erguendo a armação de seus óculos os deixando a altura de seus olhos. —Melhor assim.

—Obrigado.

Julliet viu a testa de Andrew franzir e seu olhar se perder além deles, ele parecia confuso. Ao notar que ele observava o vidro da janela a sua direita a

garota desviou o olhar para a mesma direção que ele. Um garoto estava lá fora na calçada e acenava desesperadamente para Andrew, talvez.

—É o seu irmão?

Ela pode reconhecer pela foto que havia visto. Mas ele estava diferente.

—É. A-cho que é hora de ir.

—Tudo bem.

Ambos se levantaram da cadeira e Andrew fez sinal para que o seu irmão esperasse até que eles saíssem. Andrew suspirou se lamentando por aquilo chegar ao final. Juliet havia sido uma das causas que havia conseguido deixá-lo em paz. Não que a sua família não o ajudasse, mas com ela era diferente.

Timo deixou um sorriso escapar ao ver o seu irmão sair de mãos dadas com uma garota do restaurante.

—Você está atrasado.

Advertiu assim que o casal se aproximou.

—Des-culpe, eu esqueci completamente.

—Então você é a Jolie?

Perguntou antes mesmo que o irmão pudesse apresentá-la. Andrew o olhou sem acreditar naquilo mas Juliet não pareceu se importar já que sua risada ecoou rapidamente.

—Juliet, na verdade.

—Sou Timo.

—Timo?

—É Timothe, na verdade. Mas você não ouviu isso de mim.

—Meu irmão enxerido.

Resmungou revirando os olhos.

—Não sou enxerido! Só não aguentava mais ouvir falar dela sem conhecê-la.

—Então você fala de mim?

Perguntou surpresa.

—Como uma vitrola quebrada e repetitiva.

—Timothe!

O advertiu novamente sem acreditar no que ouvira.

—Eu gostei do seu irmão.

—Porque ela não vem com a gente?

—Pra lá?

Ele estava brincando, não é? Porque Juliet iria querer ir até a academia com eles?

—Lá onde?

Perguntou curiosa. Aqueles dois pareciam discutir o tempo todo apenas com olhares. Era como se tudo o que falassem tivesse algo a mais por trás de suas poucas palavras.

—Não importa, você vai ver. É a terapia dele, antes de você chegar, é claro.

Andrew arfou e observou o irmão seguir em frente. Juliet o puxou rindo. Aquilo poderia parecer uma brincadeira para ela, mas para ele era como uma tortura. Nunca achou que iria se arrepender por fazer piadinhas sobre o irmão mais novo e as garotas que ele ficava, e vê-lo revirar os olhos em reprovação.

Agora quem estava do outro lado era ele.

A academia estava como sempre: dois homens lutavam no ringue de boxe, alguns batiam em sacos de pancada, ou outros simplesmente se aqueciam. Mas pra Juliet era uma novidade.

—Timothe! —Um homem alto e musculoso veio em direção aos garotos e abraçou fortemente os dois de vez. —O cabelo cresceu!

Falou com um ar divertido bagunçando violentamente os dreads escuros de Timo. Aquilo não parecia ser muito agradável, já que o garoto havia se encolhido e fechado os olhos como se estivesse prestes a ser torturado.

—Me viu ontem, Marshall.

Reclamou tentando ajeitar o cabelo, confirmando a sua desaprovação, mas Marshall não parecia se importar. Pelo visto aquilo já era rotina.

—E você? —Sua mão aparentemente pesada pousou no ombro de Andrew, o fazendo parar de rir com a situação do irmão e pensar se ele era o próximo. Mas ele vestia o gorro, e seu cabelo mal existia, se o chefe de Timo fizesse o mesmo com ele, tudo o que Andrew iria sentir era sua cabeça esquentar como uma frigideira. —Melhor ir se aquecer, vamos recuperar esses dias perdidos. —Para o alívio de Andrew ele não havia feito nada, mas outra coisa o incomodou. O olhar de Marshall foi parar em Juliet e Andrew se preparou para o que estava por vir. —Quem seria a garota? Vai querer lutar também?

—Juliet. E não.

Timo respondeu antes mesmo que ela o fizesse com direito a um sorriso bobo no rosto.

—Jolie!

—Ele falou de mim aqui também?

Perguntou com um sorriso em seu rosto. Se sentia meio boba por saber daquilo.

—Tenha certeza.

Timo se adiantou e recebeu um soco forte no ombro de seu irmão mais velho. Andrew deu as costas a eles, e se dirigiu a um dos sacos de pancada. Marshall, como Timo o chamou, foi até ele com duas luvas de boxe, assim que ele guardou seus óculos. Juliet deixou um sorriso escapar quando Andrew tirou os óculos e a camisa e ergueu as mãos. As duas luvas foram colocadas nele que logo se virou para sua vítima. Seu olhar desceu sob as costas de Andrew podendo ver uma grande cicatriz abaixo de seu ombro. Nunca havia visto aquilo. Sua pele parecia ter sido deformada em diversos locais. Já havia visto aquele tipo de cicatriz. Mas como ele havia conseguido uma queimadura em suas costas?

Timothe parou ao seu lado e ela o observou finalmente percebendo a diferença da foto que Andrew havia lhe mostrado. Seus dreads haviam sido raspados nas laterais de sua cabeça.

—Você cortou o cabelo como o do Jonah.

O garoto deu de ombros cruzando os braços.

—Eu fui com ele cortar, e percebi que ele estava chateado. Achei que se fizesse isso ele se sentiria melhor. Não é só cabelo pra ele, entende?

—Mas porque essa era a terapia dele?

—Achei que era uma boa ideia se ele descarregasse a raiva que sentia por tudo no boxe em vez de tentar se matar de novo.

Ela havia escutado direito? O sorriso que estava em seu rosto sumiu no mesmo segundo. Não podia ser verdade.

—Tentar se matar?

A garota o olhou perplexa. Tinha noção de que Andrew não aceitou a doença, mas não sabia que ele tinha chegado aquele ponto.

—Ele não te contou?

Timo a olhou se dando conta de que havia falado demais.

—Não. Não me contou.

Seu olhar se voltou para Andrew que agora sorria enquanto o dono da academia parecia te mostrar alguns movimentos. Ele parecia bem distraído. Ao menos agora ele estava sorrindo, porque antes aquilo não deveria acontecer com frequência.

Depois de uma hora talvez, Andrew resolveu ir, apesar de Juliet insistir que ele não precisava parar por sua causa. Ela não conseguia tirar da cabeça o que Timo havia dito. Não conseguia imaginá-lo daquela forma. Seus olhos verdes observavam as mãos de ambos entrelaçadas, e ela não conseguia encará-lo ainda. Então apenas recostou a cabeça em seu ombro esperando que o ônibus os levasse logo. Mas por outro lado, tinha que saber mais daquilo.

—Não quero que brigue com o seu irmão.

Sua voz suave ecoou quebrando o silêncio entre os dois. Desde que havia subido no ônibus e sentido os dedos de Juliet entrelaçarem aos seus, Andrew não havia conseguido parar de pensar na situação dela, e de como ele não havia nada que pudesse ajudá-la. Ela não deveria carregar tudo aquilo sozinha. Como o pai dela poderia permitir e não enxergar que isso estava fazendo mal a sua própria família?

—O que? Porque brigaria?

Perguntou saindo de seus pensamentos.

—Ele deixou escapar que você, tentou suicídio.

A expressão do garoto se transformou em segundos. Ele não poderia ter feito isso. Não queria que Juliet soubesse daquilo.

—Porque ele te falou isso?

—Ele não fez por mal, Jonah. Achou que eu já sabia. Não é culpa dele.  
—O garoto olhou ao redor rapidamente se dando conta de que já haviam chegado, e se levantou da cadeira deixando Juliet para trás. Ela fez o mesmo



e arfou ao notar que estavam próximos a sua casa, e não na dele. Ele havia feito aquilo, de novo. Não queria que ele fosse para casa sozinho. Seus pés desceram os degraus do ônibus antes que o mesmo entrasse em movimento novamente. —Jonah! Eu só quero entender...

O chamou assim que o enxergou caminhando desajeitadamente pela calçada.

—Entender, o que?

*Droga.* Ela correu ainda mais rápido tentando alcançá-lo.

—Porque você fez isso, eu sei que tudo o que sentiu pode ter sido demais pra você, mas...

—Não, Juliet! —Uma virada brusca a fez parar rapidamente. Ela podia notar que ele se controlava para não chorar. Sua mão se ergueu o segurando firmemente pelo pulso ao notar que ele havia se virado de uma forma brusca demais, o fazendo perder o equilíbrio. Ele não resistiu, apesar de ela saber que era o que ele mais queria. —Sabe qual é o problema? Eu não acho que isso esteja certo.

—Isso o que?

—Você. —Seus olhos se arregalaram a pegando de surpresa com aquela resposta. —Não de-via estar comigo. Não é certo ter que passar por tudo isso. Te-nho que ver a minha mãe chorando com o meu pai todas as vezes que saio da dro-ga da-quele hospital. Sei que todas as vezes que eu caio eles acham que eu posso nu-nca mais levantar, porque al-go pior pode estar acontecendo, e eu since-ramente, sei que isso algum dia ta-lvez amanhã, aconteça. E e-u os deixo daquela forma. Foi por mim que e-les se mudaram pra cá, e eu sei que os m-eus irmãos não queriam isso. Assim co-mo eu, eles também se afastaram dos amigos, e d-a nossa casa. Eu não pos-so fazer isso com você também, não posso deixar que vo-cê se afunde por minha causa. —Não com tudo o que ela já tinha, e agora ele havia se tornado mais um de seus problemas. —Tu-do o que eu toco, tudo o que eu me aproximo se transforma em algo ruim. Por-que é isso, o que eu trago. E você não merece isso, Jolie. Você não.

E ele havia dito aquilo novamente. As lágrimas desciam do rosto de Juliet interminavelmente. Mais uma vez, ele era o culpado.

—Jonah...

—Quer saber por que ten-tei me matar? Achei que se fi-zesse, aca-baria com tudo isso.

—Quem não entende é você.

—M-as que droga, Juliet!

Um grito saiu de sua garganta e seus pés voltaram a caminhar novamente. Juliet correu em direção a Andrew e o puxou com toda a sua força pelo braço.

—Para de achar que se afastar é a solução pra tudo!

—Então qual é? Me diz, qual a so-lução pra mim, Juliet?

—Acorde! —Andrew recebeu um forte empurrão que o fez cambalear, mas ele foi segurado novamente por Juliet logo depois. Se ela não estivesse tão nervosa certamente se sentiria culpada por fazer aquilo. Mas tudo o que conseguia fazer era falar entre as lágrimas e sacudir o braço de Andrew como se aquilo fosse ajudar a aceitá-lo o que ela tentava lhe dizer. —Se eu não soubesse que teria que passar por isso não estaria com você. O que você acha que eu sou? O que acha que os seus pais pensam? Eles fazem isso porque eles te amam, e não querem te perder! O que acha que foi pior? Ver você passar mal por efeitos de um remédio, ou seja lá o que for? Ou ver que você tentou acabar com a própria vida? —Ele podia ouvir os seus soluços em meio as lágrimas que desciam por seu rosto fino. Idiota. Aquilo era culpa dele. Vê-la daquela forma era definitivamente a pior coisa do mundo. Ele queria abraçá-la e protegê-la de todo o mal que houvesse ao seu redor, de tudo que pudesse machuca-la. Mas ele não podia fazer aquilo, ou teria que protegê-la dele mesmo. —Ao menos eles estão lutando! —Andrew a encarava sem reação. Uma rápida olhada ao redor fez Juliet notar que estava em frente à sua casa. —E eu também. Eu não, não quero perder você também. —E aquelas malditas lágrimas estavam de volta. —Você não. Você foi a única coisa boa

que me aconteceu depois da mamãe... —Seus lábios foram rapidamente mordidos. Ela mal conseguia terminar. —Nunca consegui falar sobre ela a ninguém.

—Julliet.

—Eu preciso ir.

Enxugando as lágrimas ela lhe deu as costas e foi em direção a porta de sua casa. E para piorar, ela pode ver seu pai a observando na janela da sala.

—Jolie!

Andrew correu cambaleando em sua direção sentindo um desespero enorme. Não podia deixá-la ir. Precisava fazê-la voltar e lhe dizer que ele estava errado. Mas quando finalmente conseguiu alcançá-la a porta de sua casa se abriu e um homem alto a chamou.

—Julliet!

—Sinto muito.

Foi a única coisa que conseguiu dizer antes dela se afastar.

### **Outubro de 2014 – 09h12min**

O som dos dedos de Julliet digitando no notebook, o despertou novamente, e só naquele momento ele percebeu que os seus ainda se mantinham enrolados em seus cachos. Julliet estava sentada no chão recostada a cama, e Andrew acima dela, sentado no colchão, com ela entre suas pernas. Ele podia sentir uma das mãos dela segurando sua canela esquerda firmemente. E ele queria muito entender o porquê. Seu corpo se inclinou para frente tentando ver o que ela fazia no computador. Aula virtual.

—O que es-tá estu-dando?

—História da fotografia.

Resmungou clicando na pequena seta azul passando para a próxima

página.

—Nem é tão cha-to assim.

—Eu estou estudando pela segunda vez porque perdi na matéria, então se torna chato, e fica quieto, você devia se preocupar com números.

—E-u ti-ve desenho té-cnico, sa-bia?

—Eu não me importo.

Resmungou o fazendo rir.

—Quan-to tem-po isso v-ai demo-rar?

Perguntou enrolando seu dedo em um dos cachos de Juliet.

—Eu já estou acabando. E vai ser a sua vez.

—Não e-stou te apressando.

—Sei.

—Sério. —Seu olhar foi ao computador novamente. Juliet arfou o fazendo rir.—Eu poderia ser um da-daísta, sabia? É só começar a es-crever.

Completoou rindo descontroladamente. Ele realmente achava aquilo engraçado?

—Idiota.

—Te-nho cer-teza que vou criar verdadeiras obras da-daístas com a minha no-va cali-grafia.

—Talvez você devesse vender elas.

—É u-ma ótima ide-ia. O-u desenhar. Eu nunca ten-tei de-senhar depois que des-cobri o tu-mor, deve ser, completamente dadaísta.

Dessa vez Juliet deixou um riso escapar e clicou mais uma vez na seta tendo certeza que havia acabado.

—Tente abstracionismo.

Sua mão a apoiou no joelho de Andrew, enquanto a outra segurava o computador fortemente, para o mesmo não cair. O garoto a segurou pela cintura a ajudando a se erguer. Assim que se sentou ao seu lado, Juliet ergueu o dedo em direção ao seu rosto ajustando os óculos dele na altura de seus olhos como realmente deveriam estar.

—Vo-cê sabia que a prim-eira foto colorida foi tirada por um fí-sico escocês?

Juliet acabou rindo com aquela pergunta e olhou sem acreditar.

—Onde guarda essas coisas inúteis? Ao menos é pra você.

—E-u es-tudei his-tória da arte na escola. E o da fo-to, eu gosto de ler.

—Você é muito nerd.

—Obri-gado. Eu sei que é u-ma das coisas que você mais ama em mim.

—Odeio dizer que está certo. —Seu olhar voltou ao computador, e ela pode ver a tela com a primeira pergunta da avaliação da aula. —Eu tenho que fazer a revisão, só assim posso encerrar a aula.

—Tá legal. Eu vou tomar banho logo.

—Ok. Depois que acabar a sua, vamos pra sua casa, tudo bem?

—Depois de vo-cê comer alguma coisa.

—Não sou eu quem estava com anemia.

—Mas vai fi-car se con-tinuar assim. Sabe que ho-ras são?

—Eu tomei café!

Resmungou observando ele se levantar. Seu olhar foi rapidamente ao relógio no canto do monitor a assustando. Ela não havia comido. Como não podia estar com fome?

—Se vo-cê diz! —Andrew olhou ao redor tentando se lembrar do que precisava enquanto Juliet o analisava. Ele estava mais magro, mais pálido em comparação de quando eles haviam se conhecido. E quase careca agora. Mas ele parecia não se preocupar com aquilo. Provavelmente havia começado a comer menos pela dor de garganta que sentia, e a anemia não devia ter ajudado muito. Ambos haviam sido causados pelo tratamento. Seu olhar se voltou a Juliet e ele afundou as mãos no bolso com um sorriso meio sem jeito em seu rosto. —On-de es-tão minhas rou-pas?

—Segunda gaveta. —Respondeu rindo. —A toalha está no banheiro.

—Obrigado.

—Parece que você está colocando as coisas inúteis no lugar das úteis.

—Não começa.

Quase se arrastando, Andrew foi em direção ao armário e abriu a gaveta podendo ver algumas camisas e bermudas suas que estavam ali, recolhendo algumas peças logo depois.

—Não desça as escadas! —Juliet gritou assim que o viu sair pela porta. Ele provavelmente estaria resmungando sobre o fato de saber que o banheiro ficava no andar de cima, mas ele poderia tentar descer para beber água ou algo do tipo antes de ir ao banheiro. Seu olhar voltou ao seu computador vendo as inúmeras perguntas sobre momentos históricos da fotografia em sua tela. Ótimo. Aquela era definitivamente a sua matéria mais chata. Seu dedo deslizou pelo touchpad e ela abriu a biblioteca de músicas pondo uma para tocar. Talvez assim ficasse menos monótono.

"I say maybee." A voz de Andrew ecoou não muito de longe ao ele parecer reconhecer a música que começava a tocar. O problema era que a sua voz era totalmente desafinada e ela não conseguia parar de rir. Talvez não fosse sido uma boa ideia colocar música. E ela sabia que nunca mais

conseguiria escutar a Wonderwall sem lembrar da voz horrível de seu namorado. "I don't believe that anybody feels, the way I do, about you now."

E ele simplesmente parecia não se importar. Juliet respirou fundo parando de rir e tentou se concentrar nas perguntas que tinha que responder. A música acabou, mas não a energia de Andrew, já que ele continuava a cantar no banheiro. Ao menos ela estava acabando. Um som estranho a fez erguer os olhos do computador a porta de saída. Andrew havia estranhamente ficado calado de repente e um grito meio abafado veio do banheiro.

—Jonah? —Juliet deixou o computador ao seu lado na cama, e se levantou no mesmo instante indo ao corredor em passos rápidos. —Você está bem? —A porta do banheiro estava aberta e ela pôde entrar no mesmo indo em direção ao box fechado. O vidro estava embaçado, mas ela pode ver o vulto de Andrew sentado no chão. —Jonah?

O chamou novamente se aproximando do box, que começou a correr para o lado logo depois. Seus olhos se arregalaram assim que o viu. Sua mão esquerda segurava o próprio queixo e sangue descia por seu braço.

—De-sculpe.

—O que aconteceu?

Perguntou se abaixando em sua direção. Juliet tirou gentilmente a mão de seu queixo podendo ver a origem do sangue. Havia um corte comprido aparentemente fundo em seu queixo. O sangue se misturava com a água, mas ela pode notar que ele não parava de forma alguma. Havia mais sangue do que esperava na mão de Andrew.

—E-u perdi o equilíbrio e a-cabei caindo.

—Não devia ter te deixado sozinho.

Falou tentando não demonstrar seu nervosismo, fechando o chuveiro rapidamente.

—Não foi sua culpa. —Andrew mordeu os próprios lábios em meio a dor. Seu queixo latejava. *Idiota. Mil vezes idiota.* Juliet iria se sentir culpada. O garoto sabia que ela devia estar prestes a gritar agora, mas não iria falar aquilo a ele. Juliet voltou para ele com uma toalha em suas mãos, e o ajudou a se levantar cuidadosamente, já que o piso ainda estava completamente molhado, assim como o próprio Andrew. Sua mão o apoiou no vidro do box, e Juliet o enrolou na toalha mas sem tirar os olhos de seu queixo. — Es-tá tudo b-em, Jolie.

—Não está. Não quer parar de sangrar. É melhor, irmos pro hospital.

—Não pre-cisa!

—E se você precisar de pontos?

Andrew suspirou se sentindo vencido, e sentiu os dedos da garota se entrelaçarem aos seus o fazendo sair do chuveiro, podendo caminhar pelo chão seco.

—Pode-mos ligar pra mamãe s-e quiser. —Merda. A cada palavra que saía de sua boca, seu queixo doía cada vez mais. Ele podia sentir o sangue descer pelo seu pescoço. Juliet puxou a toalha de rosto do pendurador e pressionou levemente contra o queixo de Andrew o fazendo gemer de dor. Ele podia notar a angústia dela, por mais que tentasse disfarçar. Porque ele havia deixado se distrair tanto a ponto de perder o equilíbrio? Agora ela devia estar se sentindo culpada. —Jo-lie.

A chamou sentindo sua toalha se arrastar por sua pele. Juliet puxou mais uma vez de uma forma brusca e apressada as roupas de Andrew, o fazendo se recostar na parede.

—Levanta a perna.

—Eu posso fa-zer isso sozinho.

Reclamou a vendo se abaixar a sua frente segurando sua boxer preta.

—Não, você não pode!



Ele sabia que ela estava certa. Seu pé esquerdo foi erguido e ela passou rapidamente sua perna para dentro do tecido, enquanto ele se apoiava na parede. Logo depois de repetir a ação com a outra perna, Juliet o vestiu corretamente e fez a mesma coisa com a sua bermuda.

—Vamos pro hospital.

—A-cho que vai ser a mi-nha tercei-ra cicatriz.

Falou rindo rapidamente como se fosse uma grande descoberta.

—Não fala! Só vem. —Sua mão meio trémula o segurou pelo pulso o fazendo andar novamente. Seu queixo latejava. Seu maxilar parecia ter sido triturado várias vezes, e sido colado nele novamente. *Droga*. E o pior era que ele não podia rejeitar aquilo. Juliet o fez descer as escadas praticamente se arrastando pela parede, mas ele estava agradecendo por aquilo. Seu tornozelo esquerdo doía e ele se perguntava o porquê. —Fica aqui.

Falou o sentando no sofá, e saindo de casa pela porta da frente o deixando sozinho logo depois. O que ela iria fazer? Andrew afastou o tecido de seu queixo podendo vê-lo manchado por seu sangue. Ele deveria estar apavorado? Aquilo parecia não querer parar.

O que Helena iria falar? Provavelmente iria passar o resto da semana lhe dizendo "eu te avisei", e iria forçá-lo a tomar banho sentado novamente.

*Que ótimo*. Bufou levando o tecido ao seu queixo mais uma vez. Talvez se pressionasse mais, parasse de sangrar. A dor era horrível, mas ele podia suportar.

A porta se abriu e Juliet entrou em casa novamente, sem fechar a porta, subindo as escadas correndo. Ele poderia chamá-la, mas falar já era doloroso, imagine gritar. Ao menos ela não demorou muito. Havia voltado com uma pequena mochila preta sua, e o ajudou a se levantar do sofá.

—O que, quem é?

Perguntou logo depois de ver um carro estacionar na frente de casa. Uma

mulher dirigia e os olhava meio aflita.

—Nicole, minha vizinha.

—Jo-lie.

—Não fale.

Sussurrou fechando a porta de casa, e a trancando logo depois, mesmo com Andrew apoiado em seu ombro. Seria ótimo, se ele conseguisse ficar calado. Uma careta se formou em seu rosto ao sentir a dor em seu tornozelo se intensificar ainda mais a cada passo. Ao menos eles já estavam perto do carro.

—Muito obrigada, Nicole. —Julliet a agradeceu abrindo a porta do fundo. Andrew a olhou e só naquele momento se lembrou que estava sem camisa. Talvez Julliet tenha guardado uma em sua mochila. Seu corpo se curvou em direção ao carro, e ele se sentou no banco sendo seguido por Julliet. —Eu vou te pagar a gasolina depois.

—Tudo bem.

Assim que a porta foi fechada por Julliet ela deu partida andando mais rápido do que a garota esperava. O carro fez uma manobra brusca pegando o caminho oposto em que estava estacionado.

—Ei, vo-cê deve ser a vizinha.

Andrew falou logo depois de segurar em Julliet fortemente durante a curva.

—E você deve ser Jonah.

A garota morena que lhe parecia ser mais velha do que eles, lhe respondeu com um sorriso rápido concentrada no caminho a sua frente.

—Obrigado. V-ou tentar não deixar o m-eu DNA no seu carro.

—Por nada. Se não fosse pela cachoeira de sangue, eu diria que ele está

muito bem, Juliet.

Juliet suspirou puxando a mochila de suas costas pegando o seu celular logo depois.

—Acho que sou a única em pânico.

—Jolie. Eu vou fi-car bem.

Seus dedos se entrelaçaram aos dela e ele deixou um gemido baixo escapar pela dor no queixo.

—Eu espero.

Seus olhos verdes foram até o seu namorado, e ele pode ver que ela estava prestes a chorar. Talvez assustada por ele já ter perdido tanto sangue, ou por ainda se sentir culpada pelo o que aconteceu. Sua mão que segurava o celular se ergueu em direção ao seu rosto o fazendo se sentir ainda pior. Odiava quando aquilo acontecia, quando ela se sentia culpada por algo que acontecia com ele, como se ela pudesse evitar ou controlar o que podia acontecer o tempo todo.

—Helena? —Falou de repente o fazendo acordar de seus pensamentos. —Estou levando o Jonah pro hospital. —Juliet comprimiu os próprios lábios enquanto provavelmente escutava o que Helena falava do outro lado da linha. —Ele caiu, no banheiro e se machucou. —Ele já podia imaginar a expressão de sua mãe ao ouvir aquilo. —Sim, estamos chegando. Até daqui a pouco.

Juliet desligou a ligação e respirou fundo olhando Andrew ao seu lado.

—O q-ue ela disse?

Falou entre dentes tentando não mover o queixo.

—“Droga, Jonah o que acha que está fazendo?”

Repetiu as palavras de Helena no telefone o fazendo rir rapidamente.

—Se eu levar pon-tos ela vai fazer questão de m-e costurar.

—Está doendo?

Julliet o perguntou meio aflita. A tolha que ele segurava tinha uma mancha enorme de sangue.

—Muito. Mas vai passar, não se preocupe.

O carro parou para o alívio de ambos, e eles saíram do mesmo vendo Helena na enorme entrada do hospital com a sua habitual farda. Assim que os viu ela veio em direção ao filho arregalando os olhos ao ver tanto sangue.

—Andrew Jonah, eu vou te amarrar na cama da Aldine, e você vai parar de esquecer que tem câncer.

O garoto deixou uma risada escapar, mas isso logo se dissipou ao ver a expressão séria de sua mãe. Ela devia estar bem irritada. Uma rápida olhada para trás o fez ver que Julliet conversava com a sua vizinha de fora do carro, mas ela logo foi até eles.

—Lena, eu sinto muito, eu...

—Fique calma, Julliet. Eu vou levá-lo pra dentro, e venho conversar com você, tudo bem?

A garota assentiu engolindo em seco e apertou fortemente o tecido de sua mochila em suas mãos lembrando que ainda a carregava.

—Os documentos dele estão aqui, e uma camisa também.

Ergueu a pequena mochila preta em direção a Helena que a pegou de sua mão com um sorriso meio angustiado em seus lábios.

—Obrigada.

Dizendo isso ela caminhou com Andrew para dentro do hospital. Julliet os seguiu logo depois de ver Nicole se afastar com o carro. Ao menos ela havia conseguido chegar até ali. Um suspiro saiu de seus lábios enquanto se

sentava na cadeira da recepção do hospital. Não conseguia tirar a cena da mão de Andrew vermelha de sangue. E se algo pior tivesse acontecido? Mesmo com ele sendo capaz de rir e fazer brincadeiras aquilo a assustou. Muito. Seu olhar se desviou para o seu celular ainda em suas mãos o apertando forte. Ela já devia estar acostumada com aquilo, mas esperar não era o seu forte. Um sorriso se formou em seu rosto ao se lembrar de Andrew há alguns minutos atrás. Como ele conseguia fazer brincadeiras em uma situação daquelas? Idiota. Ou talvez ela havia ficado nervosa demais. Só naquele momento notou que havia deixado o computador ligado. Que ótimo. Ao menos ela não teria que iniciar a aula toda novamente, se o computador não descarregasse. Seu celular foi desbloqueado por ela rapidamente lhe permitindo ver a foto dela e de Andrew que usava como papel de parede. Eles estavam deitados em sua cama, e Andrew sorria enquanto a olhava. Ela havia tirado aquela foto, tentando fazê-lo parar de repetir a mesma cena de um filme pela terceira vez. Ele disse que queria entender o que havia acontecido, mas ela sabia que ele só estava fazendo aquilo porque gostava do que acontecia, ele já havia entendido muito bem. O cabelo dele, ou o que sobrou dele, estava ainda mais ralo, e ele estava sem gorro, o que era uma coisa rara acontecer.

—Imbecil.

Resmungou abrindo o menu de seu celular acessando a internet. Talvez ela conseguisse terminar a aula ali.

—Julliet.

Depois de um tempo, a voz de Helena ecoou e ela ergueu seu olhar em direção a sogra que se aproximou e se sentou ao seu lado meio cansada.

—Lena, me desculpa, eu não queria que...

—Eu sei. Andrew ficou falando o tempo todo "mãe, não é culpa da Jolie" enquanto a outra enfermeira costurava seu queixo, eu tive que colocar algodão na boca dele pra ele ficar calado.

Julliet deixou um riso escapar e desviou seu olhar para o celular em suas mãos.

—Eu estava no meu quarto, e ele estava tomando banho. Foi rápido. Eu deveria ter ajudado ele.

—E você ajudou. Talvez seja culpa minha.

—Sua?

Perguntou surpresa a encarando novamente.

—Eu não devia te dar a responsabilidade de ficar com o Jonah tantas vezes.

—Lena, eu quero ficar com ele. Eu não vejo como uma responsabilidade. Por mais que tenha me pedido pra ficar com ele enquanto você e o Alan estão no trabalho, e os meninos na faculdade, eu não vejo dessa forma.

—Eu sei que quer passar um tempo com ele porque estão namorando, e que gosta dele...

—Então é isso o que estou fazendo, e sei que isso também implica em todos os cuidados que eu tenho que ter.

—Que ele deveria ter. Eu não sei o que o Jonah está pensando. — Desabafou olhando rapidamente ao redor. Ela deveria estar lá dentro. — Às vezes ele age como se não houvessem limitações pra ele. Não ache que tudo o que acontece é sua culpa. — Continuou se virando para Juliet. — A última vez que ele foi pra academia, deu socos mais fortes do que devia em um saco de pancada que acabou batendo contra o nariz dele. Ele sangrou quase como hoje, e Timothe praticamente se ajoelhou me pedindo desculpas, como se fosse culpa dele. Eu queria saber onde estão as dores musculares que o doutor Albers me disse que ele teria. — Juliet mordeu os lábios tentando conter o riso mas foi inevitável. — Jonah sabe que está errado, e não gosta quando as pessoas se sintam culpadas por ele, não por saber que elas estão se sentindo assim, mas por ele saber também que o que ele faz tem grandes consequências não apenas pra ele, mas pra quem está com ele. Eu sei que é meio difícil não se preocupar e deixar que ele simplesmente saia andando sozinho tendo o risco de cair e se machucar, e se isso acontecer nós é que vamos nos sentir culpados, mas mesmo sendo a pessoa que mais sente

culpa, ela não é nossa, Juliet. É daquele maldito tumor. A única coisa que nós podemos fazer é ajudá-lo a não cair, ou talvez até deixar que ele caia pra ele aprender que precisa de ajuda. Mas não se sinta assim, você fez o possível pra ele ficar bem, é o que importa.

—Obrigada, Lena.

—Obrigada você. Quem foi aquela que trouxe vocês?

—A minha vizinha. Pedi uma carona, disse que ia pagar a gasolina, mas ela recusou.

—Agradeça a ela por mim.

—Certo. Como ele está?

—Tentando achar uma forma de falar sem sentir dor. Eu não sei a quem ele puxou. Alan é mais calado do que uma porta, e eu não falo tanto. Torceu o tornozelo também, para completar.

Juliet acabou rindo novamente e relaxou na cadeira se sentindo mais tranquila. Ele estava bem. Ou quase.

—Quando vai poder ir?

—Está conversando com o doutor Albers, e já vai sair.

—Espero que ele o convença a se aquietar.

—Estou tentando fazer isso a mais de um ano. Se esse homem conseguir isso, eu vou o agradecer eternamente.

O olhar de Juliet se desviou para a grande porta há alguns metros delas, e se sentiu mais aliviada ao vê-lo andando, ou tentando. Seu tornozelo esquerdo estava enfaixado o fazendo mancar.

—E-u tenho certeza que isso vai me ajudar com a coordenação defeituosa. —Brincou apontando para as faixas em seu tornozelo fazendo sua mãe o olhar ainda mais séria. —Esta-va me esperando?

Andrew perguntou se aproximando de Juliet junto ao doutor.

—É claro.

Respondeu segurando o seu braço enquanto ele se sentava cuidadosamente ao seu lado.

—Vo-cê quer sa-ber co-mo eu ga-nhei essas cicatrizes? —Perguntou com um sorriso travesso em seu rosto. Juliet não conseguiu segurar o riso, e observou o curativo no queixo de Andrew. —Gosta de cicatrizes, não é?

—Espero que não pense em ter mais se eu disser que sim.

—Então diga que detesta. —A voz firme do homem alto a frente deles ecoou atraindo a atenção delas para ele. —Sabe que vai precisar ter mais cuidado não é, Jonah?

O garoto assentiu entrelaçando seus dedos nos de Juliet.

—E-las vão me lem-brar disso 26 horas por dia.

—Espero que você se lembre também. —Helena se levantou observando o filho ao lado de Juliet que mantinha seus olhos verdes direcionados a Andrew. Ela estava quase implorando internamente para que suas palavras houvessem mudado os pensamentos de Juliet. Não queria que ela começasse a se afastar por achar que estava o prejudicando. —Podem ir pra casa, porque eu ainda preciso ir trabalhar.

—Eu tenho que ir pra casa?

Andrew perguntou quase como um pedido para sua mãe, que cruzou os braços o observando tentando não cair naquilo.

—Juliet?

—Não tem problema, eu o levo amanhã pela manhã antes de ir trabalhar.

—Certo. —Cedeu logo depois de um longo suspiro, fazendo o filho virar a cabeça em direção a Juliet de uma forma meio repentina e desajeitada. —



Não dê muito trabalho a Juliet, e se precisarem de algo...

—E-u te ligo.

—Ótimo.

—Bom trabalho, Lena.

—Obrigada, Juliet.

Um sorriso afetuoso se formou em seu rosto, enquanto ela observava Juliet ajudar seu filho a se levantar e ir em direção a saída.

### **Junho de 2014 – 16h23min**

Andrew olhou mais uma vez a hora em seu celular. Sabia que não deveria estar tão preocupado, mas não conseguia evitar. E se ela desistisse? Ou se algo houvesse acontecido com Zac e ela precisou ir pra casa às pressas? O pior era que ele não podia ajudá-la. Helena provavelmente não iria demorar para chegar, assim como os seus irmãos. Se bem que Timo devia estar no trabalho. E Aldine, bem, ele realmente desejava saber onde a irmã estava. Na melhor das hipóteses ela poderia estar com alguns amigos da faculdade. Ela estava ficando tão estranha. Seu olhar se desviou para a TV onde um episódio de uma série estava prestes a acabar. E ele havia se perdido tanto em seus pensamentos que acabou sem entender o que estava acontecendo. *Ótimo*. Talvez ele pudesse brigar com Aldine mais tarde por isso.

Duas batidas leves na porta o despertaram e um sorriso se formou em seu rosto enquanto ele se apoiava no próprio sofá para se levantar do mesmo. *Que seja você*.

Sua mão se ergueu em direção a maçaneta e seus dedos a seguraram firmemente lhe permitindo abrir a porta. Até aquilo parecia ser uma coisa difícil. Mas foi rapidamente esquecido e substituído por um sorriso em seu rosto ao ver quem ele esperava do lado de fora. Andrew largou a maçaneta e ergueu sua mão em direção a Juliet segurando o seu pulso, mesmo ele querendo segurar a sua mão, a puxando delicadamente para dentro de casa. Ela usava uma blusa de mangas curtas, e uma calça jeans escura

meio rasgada junto as botas, o cabelo estava preso em um rabo de cavalo alto, o permitindo ver perfeitamente o seu rosto.

—Com-o foi o seu dia?

Perguntou fazendo um sorriso surgir no rosto da garota, que esticou seus braços ao redor de Andrew, o trazendo ainda mais para perto.

—Longo. Estava cheio hoje.

E ela agradecia todos os dias por não ter escolhido o turno da noite. Já que vários estudantes pareciam fazer do Bennyour uma biblioteca alternativa naquele horário.

—Mas agora não pre-cisa se pre-ocupar com isso.

Andrew fechou a porta desajeitadamente sem se afastar de Julliet e lhe deu um beijo rápido em sua testa, mas que mesmo assim a fez sorrir.

—Desligue isso, eu não vi os últimos episódios.

Reclamou logo depois de notar a TV ligada.

—Tudo bem posso es-colher outra coisa. —Sua mão segurou a dela a guiando para o sofá, onde Julliet finalmente pode tirar a sua mochila de suas costas a deixando no chão recostada no sofá. —É me-lhor eu fazer uma maratona de algu-ma série do que pre-cisar mudar de filme e aca-bar errando os botões. —Julliet deixou um riso escapar e Andrew lhe entregou o controle da TV. —E o seu pai?

—Provavelmente no novo trabalho.

—Isso não é bom?

—É, mas já perdi as contas de quantas vezes ele é despedido. As pessoas não confiam um emprego a um alcoólatra.

—As coisas não estão indo bem então?

—Eu não sei.

Respondeu meio cabisbaixa. Andrew notou aquilo e a segurou pela cintura, ou acima dela a aproximando para mais perto dele. Era chato a forma como ele mal conseguia definir um destino para suas mãos, mas ao menos ele havia conseguido atingir o seu objetivo. Juliet deixou que seu peso caísse sobre o tronco de Andrew enquanto ele a abraçava de lado.

—E-le vai ficar bem.

—Talvez. Espero que sim.

—E-u também. —E então ela ficaria melhor. E ele amaria vê-la melhor. Os olhos verdes de Juliet estavam meio perdidos e ela devia estar longe agora. Andrew segurou gentilmente seu rosto a acordando e fazendo ela olhar para ele. Um rápido sorriso se formou em seu rosto e ela recostou sua testa na dele tentando ficar mais tranquila. —Porque n-ão li-ga pra ele mais tarde?

—Vou fazer isso.

Seus dedos se arrastaram pela nuca do garoto e ela permitiu que seus lábios se encontrassem com o dele, iniciando um beijo calmo e que ela acabara de perceber que havia sentido falta daquilo. Andrew desceu suas mãos a cintura de Juliet a trazendo ainda mais para perto. Dedos desceram por seu peito, e ele podia jurar que até a sua respiração havia se tornado mais intensa. Pernas pousaram nas suas, e em segundos o que havia sido iniciado de uma forma calma, havia ganhado uma urgência de ambos os lados. Mãos desceram pela cintura da garota, enquanto ela era deitada no sofá. Aquela altura eles mal se importavam com a TV ligada que esperava para que o próximo filme fosse iniciado. Assim que Juliet já estava deitada, Andrew se apoiou, ou tentou se apoiar no sofá, mas algo totalmente inesperado aconteceu. Sua mão direita não achou o apoio que deveria ter, então tudo o que ele teve foi o seu peso o empurrando para o chão. Juliet tentou segurá-lo no segundo em que entendeu o que acontecia, mas já era tarde demais. O garoto já havia caído no chão e resmungava palavras indecifráveis enquanto segurava o próprio pulso direito.

—Jonah? —O chamou aflita deixando o sofá e se ajoelhando no chão

logo depois. Seus lábios foram fortemente mordidos ao vê-lo deitado enquanto a encarava. —Você está bem?

Ele não conseguiu se conter. Uma risada escapou de sua garganta e Juliet suspirou de alívio. Ele estava bem.

—Des-culpe.

—Não precisa se desculpar. Ao menos não se machucou.

—Vo-cê pode m-e ajudar, se quiser.

Falou erguendo a mão para que ela segurasse. Juliet deixou que seus dedos entrelaçassem aos de Andrew esperando lhe dar o apoio que precisava para levantar. Mas o que aconteceu foi totalmente ao contrário. Ele a puxou em sua direção a fazendo cair por cima de seu corpo enquanto ria.

—Jonah!

Reclamou se erguendo com o apoio de sua mão no chão. Ele poderia ter se machucado, de novo. Mas o sorriso em seu rosto lhe dizia que ele não se importava com aquilo. Eles estavam ainda mais perto agora, e ela podia ver o seu rosto perfeitamente, os olhos castanhos de Andrew a observavam atentamente como se não quisesse perder um segundo dela, ao contrário de quase sempre, seus lábios estavam úmidos e mais rosados. Talvez ela pudesse ajudar a manter aquilo por mais tempo. Seu rosto se aproximou do de Andrew lhe dando um beijo ainda mais intenso do que o anterior. Ela pode sentir as mãos dele voltarem a sua cintura, então se permitiu sentar em suas coxas, mantendo os joelhos no chão. Talvez aquilo houvesse o pegado de surpresa, já que ele apertou ainda mais a cintura da garota quando ela fez aquilo. Dedos quentes adentraram em sua blusa cinza queimando sua pele por onde passava. Seu corpo estremeceu assim que os dedos de Andrew acariciaram sua barriga carinhosamente. A única coisa que importava agora era aquilo, eles. E aquele era um dos motivos para se esforçar tanto que aquilo continuasse. Ele lhe fazia aquilo, fazia ela esquecer de tudo e conseguir ficar bem apenas por tê-lo ao seu lado. Andrew ergueu sua mão em direção ao rosto de Juliet e contra sua vontade acabou pousando a mão por cima de sua orelha, o que o fez rir entre o beijo. Talvez aquilo não seria uma

boa ideia. Se ele não conseguia controlar os seus movimentos perfeitamente imagine enquanto estava com ela. Daquela forma. Ele podia sentir seu coração martelar contra o peito, e seu corpo estava tão inquieto quanto sua respiração acelerada. Ele só não queria parar. Suas mãos caminharam em direção a cintura de Juliet, e adentraram sua camisa subindo lentamente por suas costas. A garota pareceu não conseguir mais suportar o próprio peso e se deitou sobre o corpo de Andrew sendo abraçada ainda mais forte do que anteriormente. Seus lábios e línguas ainda trabalhavam arduamente uma contra a outra. Incansáveis. Mas ela tinha certeza que nunca se cansaria daquilo.

Três batidas firmes na porta assustaram ambos, e Juliet se ergueu no mesmo segundo interrompendo o beijo.

Andrew mordeu forte os próprios lábios e desceu suas mãos de dentro da blusa de Juliet lamentando internamente por aquilo.

—De-ve ser o Timo ou a Al-dine.

—Tudo bem, eu abro.

Antes de se levantar ela lhe deu um rápido selinho que tirou um enorme sorriso de seu namorado. *Ótima hora para chegar, Timo.* Resmungou internamente ouvindo os passos de Juliet se afastarem. Talvez ele devesse levantar, talvez se Timo e Aldine fossem irmãos legais eles aceitariam ficar trancados no quarto. Um riso saiu de sua garganta ao notar o que ele estava pensando.

—Juliet!

Aquela voz o fez arregalar os olhos. O que ela estava fazendo em casa uma hora daquela? E sem chaves? Ela tinha suas próprias chaves! Andrew ergueu sua mão em direção ao sofá, e desajeitadamente ele conseguiu se sentar no chão.

—Oi, Helena.

—Como você está?

—Bem, e a senhora?

—Muito bem, obrigada. Onde está o Andrew?

Julliet mordeu rapidamente o lábio inferior e olhou para o sofá logo depois. Ela parecia nervosa.

—O-i, m-ãe.

Andrew surgiu de trás do sofá, com um sorriso meio nervoso em seu rosto. Helena olhou para Julliet novamente e deixou um rápido sorriso escapar.

—Você já pegou os remédios?

Remédios? Do que ela estava... ah! Andrew deixou um sorriso escapar e olhou Julliet rapidamente ao lado de sua mãe.

—Ai-nd-a não. Vou precisar ir pro hos-pital pra tomar o anticonvulssivo?

—Volte cedo e eu mesmo aplico. Não se esqueça o inalador.

—Eu posso ajudar a arrumar as coisas, se quiser.

Julliet se voluntariou assistindo Helena deixar a bolsa no balcão da cozinha.

—Ótimo. Você deve ter mais memória do que ele. —Andrew revirou os olhos e se jogou no sofá novamente. Ela provavelmente ainda se lembrava de quando ele tomou cafeína, ou havia pegado uma faca ontem. Aquilo realmente era um saco. —O que estão vendo? Ele não te obrigou a ver aquele morcego de novo, não é?

Julliet deixou uma risada escapar e foi em direção ao sofá sentando no mesmo assim que Andrew lhe deu espaço.

—Ainda não. Mas eu gosto dos filmes.

—Ai não! Mais uma!

Resmungou da cozinha.

—Ela é a mi-nha namorada, esque-ceu?

Andrew gritou meio orgulhoso com um sorriso no rosto.

Aquela era a segunda vez que Juliet estava ali naquela semana. Helena gostava da companhia dela, e mais ainda de ver como seu filho se comportava quando estava com a garota. Ele parecia mais motivado. Fazia piadas e ria como não fazia a muito tempo. Juliet era melhor do que um grupo de apoio, e com certeza do que o boxe.

Juliet abriu a porta de sua casa e por alguns segundos ela agradeceu por seu pai não estar ali, ou ele provavelmente iria aparecer como sempre aparecia. Bêbado ou de mal humor. Seus dedos se apertaram ainda mais aos de Andrew e sua mão desocupada tateou a parede a sua direita a procura do interruptor. Assim que o achou a garota apertou no mesmo segundo iluminando a sala. Ela havia arrumado tudo ontem à tarde, e estava da mesma forma que havia deixado. Aquela definitivamente era uma coisa rara.

Andrew ergueu seu olhar em direção as escadas e suspirou.

—Vo-cê tem escadas.

*Ótimo.* Ele provavelmente iria ter que depender de Juliet para subir e descer dali. As únicas escadas que ele havia se atrevido a caminhar sozinho eram a da faculdade. E mesmo assim os degraus eram largos e ele tinha espaço o suficiente para os seus pés descontrolados não pisarem da forma errada. Mas aqueles eram tão curtos.

—Eu te ajudo a subir, não tem problema. —A garota segurou ainda mais firme a mão de seu namorado que lhe lançou um sorriso encantador. Ambos se dirigiram em direção ao primeiro degrau e Andrew levantou o pé até o mesmo. Por sorte não havia sido tão desastroso. Mas ainda faltavam mais de 20 degraus, talvez, para ele testar a teoria de que ele conseguia subir aquelas escadas sem descer rolando. Sua outra mão o apoiou na parede ao notar que

não seria uma boa ideia depositar todo o seu peso em Juliet. Não queria acabar a puxando junto com ele caso caísse. —Eu tenho que ligar pro papai, você pode colocar as coisas no meu quarto, é a terceira porta, e está aberta, eu perdi minhas chaves. E Frida gosta de ficar nele.

Finalizou o fazendo rir.

—Ma-mãe definitivamente es-tava errada so-bre a sua memória.

—Eu não... —Juliet arfou ao perceber que ela não tinha o que falar. Afinal ela realmente não fazia ideia de onde havia a deixado. Assim que terminaram de subir as escadas, ela tirou a mochila das costas e a pendurou no ombro de Andrew o fazendo rir. —É sua agora.

Dizendo isso ela desceu novamente todos os degraus rapidamente o deixando para trás. Andrew seguiu em frente, não antes de ajeitar os óculos que escorregaram pelo seu nariz. Terceira porta. A única que estava aberta. Um sorriso se formou em seu rosto e ele a empurrou podendo ver o cômodo meio escuro. As mochilas foram postas no chão próxima a porta, e ele olhou ao redor analisando o local. O quarto era espaçoso, e organizado. Havia um armário repleto de gavetas, que tomava toda a parede contrária a cama de casal, e que servia de balcão também, com diversos livros, junto a alguns bichos de pelúcia pequenos e caixas de diversos tamanhos. Andrew se virou, podendo ver o que devia ser o lugar onde Juliet estudava. Um tipo de mesa comprida, onde estavam um notebook e a câmera que ele havia a visto carregar inúmeras vezes na faculdade. Tinha o perfume de Juliet por toda a parte. O garoto fechou os olhos sentindo aquele aroma perfeito. Era como estar em casa. Em passos lentos ele se aproximou da parede em frente a cama repleta de fotos. Um sorriso se formou em seu rosto ao ver uma foto que ele mesmo havia tirado dela. Juliet estava sentada na grama, na árvore próxima a saída da faculdade onde eles se sentavam, enquanto lia um livro totalmente concentrada no que fazia. Ela havia ficado em seu pé por uma semana para apagar aquela foto, mesmo a foto estando meio turva. Mas ela estava ali. Haviam algumas com seu pai, e outras com uma mulher, em algumas eles estavam os três juntos. Ela tinha os cabelos tão cacheados quanto os de Juliet, e os olhos verdes. Verônica. Ela parecia tão feliz assim como Juliet naquela foto. Andrew nunca seria capaz de dar liberdade a pessoa que havia acabado com aquilo. Passos leves o fizeram olhar para atrás. E Juliet o



observava com um sorriso lindo no rosto.

—Desculpe, eu não re-sisti.

—Tudo bem.

—Seu pai. Está bem?

—Não me falou muita coisa.

Andrew suspirou sabendo o que aquilo significava.

—Fa-zendo você ima-ginar muita coisa também. —Julliet suspirou e desviou o olhar de Andrew, até quando ele se aproximou dela, e pousou suas mãos em sua cintura a deixando mais perto dele. Ela só não conseguia ficar tranquila. —Ainda acho que não de-via lhe dar com tudo isso sozinha.

—Não quero que ele fique chateado comigo e só piore as coisas.

—Por aju-dar ele?

—Por envolver mais alguém nisso. Ele pode estar pensando que eu quero me livrar dele, ou porque acho que ele está sendo infantil ao ponto de só conseguir melhorar se for com sermões.

—Jolie. Com cer-teza o que vão fazer é conversar com ele, sobre o que o seu pai está passando, e se ele achar isso de vo-cê, eu tenho certeza que não vão dei-xar que ele continue pensando dessa for-ma. Eles sabem que está fazendo isso pra ajudar ele, sa-bem que você ama o seu pai, e não o vê como algo que precisa se livrar o mais cedo possível.

Julliet ergueu sua mão em direção ao rosto de Andrew, passando suavemente a ponta de seus dedos pela bochecha dele. Como ele era capaz de fazer aquilo? De acalmar o seu coração apenas com palavras?

—Jonah?

—Sim?

—Obrigada.

—Por?

Um sorriso se formou no rosto do garoto ao ouvir aquilo. Quem deveria agradecer era ele. Seus dedos se arrastaram do ombro de Juliet até finalmente achar o seu rosto, lhe fazendo um carinho em sua bochecha. Sua testa se recostou na dela, enquanto ele a admirava.

Idiota. Como ele havia sido capaz de tentar afastá-la? Definitivamente se ele houvesse conseguido, seria o maior arrependimento de sua vida.

Olhos verdes encontraram os castanhos mel, e ela encostou os lábios nos dele, o beijando suavemente, fazendo os dois aproveitarem cada segundo daquele momento. Andrew pareceu não se controlar e a segurou pela cintura grudando seus corpos de vez. Sua língua teve a permissão que ele queria, dando início a um beijo intenso. A inquietação pareceu tomar conta de ambos, e eles apenas queriam mais. Andrew sentiu dedos tocarem suas costas e acabou mordendo de leve os lábios dela. Quando seus olhos se abriram e ele a observou com medo de que houvesse a machucado, os lábios de Juliet estavam comprimidos e os olhos fechados como se esperasse por mais. Mãos a puxaram pela cintura novamente, e ele os guiou em direção a cama, mas ela chegou mais cedo do que Andrew esperava o fazendo bater as pernas na mesma e perder o equilíbrio. Seu corpo cedeu e ele acabou caindo sentado no colchão macio. Juliet sorriu rapidamente e levou suas mãos a camisa de Andrew, puxando a mesma, o auxiliando a se livrar daquilo, o fazendo perceber o que realmente estava acontecendo.

Ele não podia fazer isso consigo, e nem com ela. Mas Juliet o fazia esquecer de todos os riscos. Ele só queria estar com ela.

Um gemido escapou dele quando as unhas de Juliet arranharam seu peitoral levemente, enquanto seus lábios estavam um no outro novamente. Seu corpo estava em alerta. Cada novo movimento o deixava ainda mais perdido. Juliet se ajoelhou a sua frente na beira da cama, e sentou-se em seu colo sem deixar que seus lábios se afastassem. Andrew segurou, ou ao menos tentou segurar a cintura da garota, mas tudo o que encontrou foi o vazio, e sua mão foi parar nas costas de Juliet o fazendo arfar. E se aquilo ficasse

pior? E se ele não conseguisse... Os lábios de Juliet em seu pescoço o dificultavam de pensar agora, mas ele conseguiu se concentrar. O que ele estava fazendo? Poderia arruinar tudo.

—Juliet!

A chamou repentinamente.

—O que foi?

A garota ergueu seu rosto meio confusa.

—Não, não é uma boa ideia. —Olhos verdes o encararam sem entender.  
—Desculpe.

As mãos de Juliet deslizaram por suas costas e seu lábio inferior foi rapidamente mordido. Rápido demais? Porque ele havia feito aquilo? Talvez ela não devesse...

Um suspiro escapou de seus lábios e ela deixou que seus dedos se perdessem por dentro do gorro escuro do garoto que lhe parecia frustrado agora.

—Não precisa pedir desculpa. —Apesar de ela mal saber o motivo. E agora ele estava totalmente arrependido de ter iniciado aquilo. Um silêncio desconfortável se instalou no meio dos dois e Andrew se ofendeu dos piores modos internamente. Os dedos da garota desceram por seu tronco passando por cima de sua tatuagem, o fazendo se arrepiar. Ela queria continuar. Apesar de sentir medo. Ela não devia sentir. Andrew era diferente de Isaac. Porque ela estava pensando nele? —Mas... —A voz suave de Juliet quebrou o silêncio para o seu alívio. —Porque não, você não, não quer?

Andrew negou no mesmo segundo arrastando sua mão até a nuca da garota.

—O problema não é você, nunca vai ser. Sou eu.

—Você?

Seria errado se sentir aliviada? Porque ela estava agora.

—Tenho medo de te decepcionar.

—Como?

Perguntou segurando as mãos dele firmemente. Como ele poderia fazer aquilo?

—Jolie, eu, eu não, de-pois do tumor... Sabe que o que eu tenho implica em meus...

Hesitou a fazendo finalmente entender o motivo daquilo tudo.

—Movimentos.

Os ombros de Andrew cederam em rendição.

—E se, eu na-não quero te desapontar.

—Não vai. Sei que não. Eu confio em você.

Andrew recostou sua testa na de Julliet e deixou um sorriso escapar de seus lábios, enquanto a observava. Sua mão se ergueu em direção ao braço da garota, contra a sua vontade, então seus dedos desceram por sua pele, até alcançar a ponta de sua blusa azul adentrando-se sorrateiramente por dentro do tecido, o permitindo sentir a pele aquecida de Julliet. E ela pareceu entender o que ele queria, já que sua blusa foi rapidamente retirada por ela, permitindo o ver o sutiã preto que a vestia. Andrew umedeceu seus lábios meio secos, e não conseguiu mais esperar. Suas mãos deslizaram pela cintura de Julliet a trazendo pra mais perto dele, fazendo com que seus lábios se encontrassem novamente. Era ótimo saber que ela confiava nele. Mas ele poderia confiar em suas mãos e pernas descontroladas? Dedos suaves desceram por seu peitoral, e os dele, caminharam pelas costas de Julliet soltando o seu sutiã logo após uma pequena luta com o mesmo. Quando uma de suas poucas peças de roupas foi jogada pra longe, ele pode sentir o corpo de Julliet se encaixar perfeitamente no dele, e ele não conseguiu pensar em mais nada além daquilo...

Julliet deitou sua cabeça suavemente sobre o peito de Andrew, sentindo os dedos do garoto descenderem por suas costas. O quarto estava totalmente silencioso, exceto pela respiração intensa de ambos. Mas aquilo não era estranho, pelo contrário. Era bom ficar daquela forma com ele. Ela mal queria pensar que aquilo poderia ter um fim. Seu corpo ainda se mantinha aquecido, assim como o dele. Um sorriso se formou em seu rosto e ela se aninhou ainda mais contra Andrew, podendo ouvir as batidas aceleradas de seu coração. Era como música para ela. Saber que ele estava ali, vivo, não totalmente bem, mas vivo, com ela. Seus olhos se fecharam, e a ponta de seus dedos subiram pela barriga de Andrew até chegar ao seu peito, onde ela pode sentir ainda mais seus batimentos.

Andrew pareceu perceber o que ela fazia, e a abraçou ainda mais forte depositando um beijo longo no topo de sua cabeça.

—O que está fazendo?

Sua voz rouca rompeu o silêncio e Julliet ergueu sua cabeça o observando.

—Estou ouvindo você.

—Eu?

—As batidas do seu coração.

Um sorriso se formou no rosto do garoto e ele desceu suas mãos até a cintura de Julliet.

—Vem aqui.

Julliet se arrastou até ter o seu rosto na altura do de Andrew. Mãos pousaram em suas bochechas a aproximando ainda mais dele a fazendo sorrir.

—O que foi?

Perguntou sem entender. Andrew sorriu junto com ela observando seus olhos verdes ainda mais de perto. Mesmo o quarto estando mal iluminado ele

podia ver o brilho em seus olhos.

—Não feche os olhos, apenas olhe pra mim.

—Porque?

—Você vai ver.—Andrew arrastou seus dedos pela nuca de Juliet sem tirar os olhos dela. Mesmo que ele quisesse, ele não conseguiria desviar o olhar. *Tão perfeita*. Ele mal conseguia pensar, e nem se importava com o fato de seus olhos já começarem a arder pela ausência dos óculos. Talvez houvesse perdido a sua conta mental. Juliet respirou fundo e mordeu os lábios rapidamente. —Você é tão linda, sabia?

—Eu gosto dos meus olhos.

Andrew deixou um riso escapar, e colocou uma mecha de cabelo de Juliet atrás de sua orelha.

—Agora, estamos sincronizados.

—Que?

Perguntou meio confusa com aquilo. Mãos desceram por suas costas desnudas a fazendo estremecer involuntariamente.

—Quando duas pessoas que estão apaixonadas, se olham nos olhos por alguns minutos, as batidas de seus corações sincronizam.

Talvez chorar não fosse a reação certa. Mas ela mal sabia como reagir. Apenas continuou o olhando, até que um sorriso surgisse em seu rosto. Juliet recostou sua testa na de Andrew fechando os olhos por alguns segundos sentindo o seu corpo junto ao dele, não querendo perder nenhum momento daquilo. Ouvir a sua respiração junto a dela, assim como os batimentos de seu coração.

—Pra sempre?

—Se vo-cê quiser olhar pra mim pra sem-pre, eu não vou me importar.

A garota acabou rindo ao ouvir aquilo, e lhe deu um rápido selinho logo depois.

—Jonah.

Suas mãos desceram pelas costelas do garoto o abraçando forte. Como ele foi capaz de achar que ela conseguiria se afastar dele? Ela nunca teria coragem de fazer aquilo. Apenas o fato de saber que ele já havia tentando tirar a própria vida a machucava.

—Eu odeio f-azer is-so, mas e-u preciso ir no banheiro.

—Tudo bem.

Disse em meio a um riso enquanto se afastava do garoto. Andrew se sentou na ponta da cama e recolheu a sua boxer do chão iniciando as suas tentativas falhas de se vestir. Ele odiava aquilo. Ao menos dessa vez ele conseguiu fazer os seus pés passarem pelo lugar certo na segunda tentativa.

Julliet se ergueu recostando suas costas na parede puxando os lençóis para si cobrindo o próprio corpo. Assim que seu olhar se ergueu ela pode ver o que talvez já houvesse esquecido. A cicatriz nas costas de Andrew que ia de seu braço a suas costelas. Porém antes mesmo que ela pudesse analisar melhor, Andrew se afastou deixando o quarto, assim que havia conseguido se vestir.

Será que perguntar seria demais? Julliet manteve seu olhar fixo na porta aberta do quarto, esperando que ele passasse pela mesma. Sua cabeça se recostou na parede e um sorriso rápido se formou em seu rosto ao se lembrar de como eles estavam há alguns minutos atrás. Era bobagem se sentir daquela forma? Ou talvez ela não se sentia daquela forma há tanto tempo, que era estranho finalmente estar bem.

Um miado fraco ecoou no quarto e ela deixou um riso escapar ao ver Frida empurrar a porta com a cabeça a permitindo entrar no cômodo.

—Ei. —Sua mão se ergueu em direção a gata que após subir na cama miava por sua atenção. —Estava caçando? Eu espero que não tenha matado

nenhum pássaro dessa vez.

Seus olhos se ergueram em direção a porta assim que Andrew finalmente passou pela mesma, a fechando logo depois. Um sorriso se formou em seu rosto e ele se sentou na cama ao lado de Juliet novamente, a fazendo desviar o olhar para onde ela observava antes. Seus dedos se ergueram em direção a ele, tocando de leve o local da cicatriz, a desenhando com a ponta do indicador.

—Essa é a Frida? —Perguntou erguendo a mão em direção a gata, mas para a sua surpresa, ela pulou para fora da cama com um miado alto, como se não aprovasse a presença dele ali. —A-cho que ela não gos-tou de mim. Espero que não seja pessoal.

—É sempre assim quando ela não conhece alguém.

—Que bom.

Juliet espirou fundo e tomou a coragem que precisava para continuar.

—Jonah?

O chamou com a voz meio trémula.

—Sim.

O garoto se virou a observando.

—Como ganhou essa cicatriz?

—Eu não lembro, mas foi a minha mãe.

—Helena?

—Biológi-ca. Eu sou adota-do. Surpresa.

Disse erguendo as duas mãos, a fazendo rir rapidamente. Ele nunca havia falado sobre aquilo. E ela nunca havia perguntado, talvez porque aquilo não fizesse muita diferença.



—Porque acha que foi ela?

—A mamãe só me disse que foi isso que a fez perder a minha guarda. Eu não m-e lembro disso exatamente, mas eu tenho outras lembranças, e elas não são boas.

Juliet deixou que seus dedos subissem até os ombros de Andrew acariciando gentilmente a sua pele.

—Você já a procurou?

—E-u já a vi várias ve-zes. Moráva-mos em uma cidade pe-quena, era quase impossível não a v-er.

—E como sabia que era ela?

—A ma-mãe m-e contou. E-la me disse que não queria es-conder nada de mim.

—E vocês se falavam?

—Sim. E-la tra-balhava em um su-permercado, a-s vezes ela me atendia.

—Mas nunca conversaram?

—Acho que a con-versa mais lon-ga que tive com ela, f-oi qua-ndo ela perguntou o que eu fazia. Eu di-sse, faculdade, engenharia da computação, e de-pois perguntei o preço de um chocolate que o Timo é viciado. Ela passou as minhas compras, e eu fui em-bora.

Aquilo parecia ser estranho. Era a mãe dele. Juliet não conseguia se imaginar daquela forma.

—Como você se sente sobre isso?

—Eu nunca parei pra pensar, mas eu não sinto na-da. Sei que parece horrível, mas eu não preciso dela. E ela não parece se sentir mal por não estar co-migo. A mamãe, a minha família sempre foi o suficiente pra m-im.

—Isso é bom. Eu acho. —Um sorriso se formou no rosto do garoto e ele se aproximou ainda mais de Juliett lhe dando diversos selinhos em seus lábios. Agora ela podia vê-lo ainda mais perto. —Muitas pessoas já te perguntaram se você é adotado?

—Várias. Já peguei inúmeras vezes as pessoas me analisando, tentando achar algo semelhante, ou outras simplesmente olhavam e perguntavam, e eu tinha certeza que era pelo o fato de eu ser branco, e eles não.

—Isso é besteira.

—E-u sei. Sa-be uma das coisas que eu aprendi com eles? —Juliett negou sem conseguir tirar os olhos dele. —Respeito. E qu-e a falta dele é o maior problema do mundo. Falta de respeito a todas as formas de vida. Eu nunca me importei como os outros nos viam diferentes. Para mim nunca houve uma diferença. Se todo mundo se enxergasse como o que nós realmente somos, como ser humanos, várias coisas deixariam de acontecer. Porque foi dessa forma que a mamãe me viu quando me levou pra casa, como um ser humano, e ela me criou como um.

Juliett deixou um sorriso escapar ao escutar aquilo.

—Nunca deixe de pensar forma.

Andrew deixou um sorriso escapar e ergueu sua mão em direção ao rosto de Juliett, mas ele apenas conseguiu chegar a seu ombro.

—Não vou.

—Você já viu? A cicatriz?

—Poucas vezes. Mas não porque eu tentei. E nem quero. Já passou. —Seu corpo se inclinou em direção a garota e ele se deitou cuidadosamente em seu tronco recebendo um abraço apertado. —E-u tive sorte deles terem me levado pra casa. Muita sorte. E agora essa droga de doença parece querer me fazer pagar as minhas dívidas.

—Você não tem dívidas, e você vai ficar bem.

Andrew a abraçou ainda mais forte, desejando que aquele momento durasse para sempre.

**Abril de 2014 – 14hr7min**

Julliet respirou fundo quando o viu entrar. As coisas não haviam terminado bem na última vez que haviam se visto. Mal sabia o que podia estar acontecendo entre eles. Mas mesmo assim ela queria que ele estivesse bem. E contra a sua vontade ou não, ela precisava fazer o seu trabalho, mesmo sabendo que ele não estava ali por um copo de cappuccino, ou um pedaço de torta de chocolate que passou a ser o seu pedido rotineiro após a cafeína se tornar algo proibido para ele. Andrew estava sentado na mesa de sempre enquanto via alguma coisa em seu celular. Julliet se dirigiu até o garoto e assim que parou a sua frente pode notar o seu olhar sobre ela, mas tentou se manter indiferente. Por mais que não quisesse.

—Boa tarde, bem-vindo ao Bennyour. O que vai querer?

Perguntou meio desanimada. Andrew expirou como se estivesse segurando sua respiração a muito tempo e ergueu sua mão em direção a ela lhe mostrando o seu celular.

—Não precisa abandonar os estudos, po-de estudar em casa, assim como eu.

Seu olhar se desviou de Andrew ao celular e ela pode ver o que lhe parecia uma lista de aulas e atividades no navegador da internet. Talvez aquilo não fosse uma má ideia. Um sorriso disfarçado se formou em seu rosto e Andrew pareceu ter deixado cair 10 quilos de tensão quando a garota puxou a cadeira a sua frente e se sentou pegando o celular de sua mão.

—Eu posso tentar.

—Ainda é a única pessoa que eu conheço a-qui.

—Tente o Nataniel.

Andrew se recostou na cadeira percebendo que ele não havia progredido

muito.

—Sabe porque me afastei dele.

Ou não. Mas bem, de uma certa forma, ela sabia.

—Talvez ele não seja um problema pra você.

—Jolie. —*Jolie*. Droga. Ele tinha mesmo que fazer aquilo? Chamá-la daquela forma era golpe baixo. —Me desculpa.

Seu olhar se desviou do celular até ele. Aqueles olhos verdes nunca o encararam de uma forma tão dura.

—Você, demorou.

Quase uma semana para ser exata. Não que ela houvesse contado.

—Perdão. Eu não que-ro ficar mais sem você, se-ja minha amiga ao menos.

—Porque eu faria isso?

—Por-que eu eu gosto de você mais do que, poderia, imaginar. —Um pouco mais de esforço e ela poderia conter o sorriso. Seu olhar se desviou de Andrew rapidamente. Ao menos agora ela sabia que aquilo não era algo exclusivo dela. —Eu só, não sa-be como isso pode ser difícil, Juliet. —Ele não pode se segurar. As lágrimas desceram por seu rosto, e aquilo pareceu ser contagioso, ou talvez ela apenas não suportasse o ver daquela forma. —Eu so-u tão dependente quanto uma criança. Mamãe não me deixa mais usar talheres normais, mas apenas de plástico, eu não con-sigo respirar a noite as vezes, eu não posso escrever, e pra digitar algo certo em uma mensagem eu tenho que fazer várias tentativas, e mesmo assim eu posso não conseguir. Eu não posso sair so-zinho, ou eu posso cair e a mamãe vai se lamentar pelo resto da vida, não posso descer es-cadas, tomar banho em pé sem al-guém do outro lado da porta, ou me ajudando, ou até mesmo co-mer sem me sujar feito um bebê. —Disparou em meio as lágrimas. —Não quero que precise passar por tudo isso...

—E quem disse que eu não sei sobre nada disso? —O interrompeu enxugando as próprias lágrimas. —Fui no hospital com você, quando o Nataniel te bateu, Jonah. Estava lá quando sua mãe conversou com o médico, e eu acabei perguntando algumas coisas pra ele. Sei o que o tumor pode causar. Vi a aflição da sua mãe, mais de uma vez. Sei que você pode morrer. —Falou relutante. —Mas eu posso morrer também, amanhã ou hoje. Eu não sei o que pode acontecer, ninguém sabe. Então por favor, não tente me afastar da única pessoa que eu tenho agora, por ter medo das consequências. —Andrew fechou os olhos fortemente tentando fazer as lágrimas cessarem. —Você é única pessoa que me fez sentir algo além daquela dor sufocante que estava aqui há meses. E você não sabe como eu desejei sentir outra coisa. Não faz isso comigo. — Sua mão encontrou a de Andrew gentilmente o fazendo entrelaçar os seus dedos. E como ele tinha sentido falta daquilo. — Se você precisar da minha ajuda, se eu tiver que cuidar de você, eu vou fazer isso.

—Mas o seu pai...

—O meu pai é um dos motivos de eu estar dessa forma. Mas eu não vou desistir. Ele não merece isso, e nem eu.

—Eu não estou desistindo de você.

—Mas está desistindo de si mesmo. E deixando a ideia de que precisa se privar de sentir algo pelo o que você tem.

—Eu estou lutando pra sobreviver, Jolie. E eu quero que você viva.

—Mas eu estou, com você.

—Tendo qu-e me ajudar a comer?

—E a digitar uma mensagem do jeito certo.

Aquele comentário fez ambos rirem. Mesmo tendo a sensação que não deviam rir diante daquilo. Andrew observou as mãos dele juntas e percebeu que apenas aquilo o mantinha aquecido de uma forma inexplicável.

—Você é, a pess-oa mais incrível, e linda que eu já conheci n-a minha vida. —Julliet mordeu os lábios quase não acreditando no que ouvia. —E eu não fa-lo apenas de aparência, ma-s de quem você é. E acredite, você conseguiu mudar as coisas de uma forma que, eu tenho certeza que apenas você consegue mudar. Eu não quero machucar você, Ju-lliet.

—Mas você não vai, eu confio em você.

—Mas não pode con-fiar no que eu tenho, sabe disso não é?

A garota assentiu relutante.

—Eu não quero te perder, Jonah. Não quero perder o que eu tenho de bom com você pelas coisas ruins que podem acontecer.

Um sorriso surgiu no rosto de Andrew e o som dos sinos da porta ecoaram no local. Ambos se olharam sabendo o que aquilo significava. Antes mesmo que ela pudesse se mover, Andrew carregou suas mãos para próximo de seu rosto, depositando um beijo carinhoso na mão de Julliet a fazendo sorrir.

—Eu sei que você consegue ajudar o seu pai a fi-car bem, você é forte o suficiente pra isso.

Suas mãos se separaram e Andrew tirou seus óculos deixando que ela se levantasse. Seu aparelho foi posto na mesa a sua frente e ele puxou o gorro de sua cabeça o usando para enxugar as próprias lágrimas, agradecendo por o restaurante não estar cheio. Ele devia estar horrível. Seu olhar se desviou pra Julliet que acabara de voltar para trás do galpão e pareceu pedir algo para alguém na cozinha. Ele não podia deixar aquilo pra depois. Sua mão o apoiou na mesa e ele se levantou indo em direção a ela, que se surpreendeu ao vê-lo parado na frente do balcão segurando firmemente o gorro que vestia em suas mãos. Os lábios estavam secos, ao contrário dos olhos que ainda brilhavam pelas lágrimas. Seus dedos se ergueram em direção a sua cabeça vestindo a mesma com o gorro, como se não usá-lo fosse a coisa mais errada do mundo.

—Jolie, se eu, conseguir ficar de pé e não cair, você me deixa ficar ao seu lado, e ser o seu namorado?

Disparou, ou tentou disparar a pegando de surpresa. Um sorriso surgiu em seu rosto logo depois de ela se dar conta que havia o encarado por mais tempo do que devia. Ele devia estar quase gritando.

—Não se preocupe. —Sua mão se ergueu em direção a ele, e ela pode segurar a dele. —Eu vou segurar você antes que possa cair. —Uma risada escapou de sua garganta e ele se recostou no balcão tendo a certeza que nunca havia se sentido tão feliz daquela forma. Talvez aquele havia sido o pedido de namoro mais estranho que ele havia feito. —É melhor beber alguma coisa.

Juliet afirmou se voltando a porta da cozinha novamente.

### **Junho de 2015 – 08h12min**

Se alguém conseguisse perceber o que ele estava pensando, provavelmente ririam ou o jogariam de algum lugar extremamente alto. É claro que ele estava se sentindo mal pelo o que estava prestes a fazer, porém por mais errado que fosse, era algo necessário. Ele devia ao menos tentar se convencer disso. Se tudo desse certo, Andrew iria ficar bem. Todos iriam ficar bem.

Timothe respirou fundo podendo ver a entrada da quadra a alguns metros dele e tentou se preparar psicologicamente para o que estava por vir. Sabia que Nataniel não iria gostar nada daquilo, mas ele precisava de algo para sua garantia. Não iria se deixar levar pelo temperamento difícil daquele imbecil.

Assim que passou pelo portão meio enferrujado ele pode ver Natan sentado nos grandes degraus de concreto. Mas ele não estava sozinho. Seus pés pararam no mesmo instante ao perceber que era uma garota e teve certeza que para aquilo ele não estava preparado.

Timothe viu a sua irmã se levantar do seu lugar ao lado de Natan o deixando ainda mais sem reação. O que ela estava fazendo ali? Com ele?

—Aldine? —Sua voz ecoou mais alto do que ele esperava, e Natan se levantou resmungando algo que o garoto não conseguiu entender. Sua mente estava trabalhando demais em uma explicação plausível para aquilo, para ele poder se concentrar nos possíveis xingamentos de Nataniel. —Aldine? O que

você tá fazendo aqui? —A garota foi em direção ao irmão como se estivesse pronta para expulsá-lo dali. —O que tá fazendo com ele?

—Timo, eu... —Como ela ia falar aquilo? —Veio trazer os backups?

Aquela pergunta o fez ficar ainda mais surpreso.

—Como sabe...—Mas era óbvio. Se ela estava ali estava ajudando Nataniel a conseguir fazer o que o seu irmão não queria que ele fizesse todo esse tempo? —Você é uma mentirosa!

Aldine revirou os olhos já sem paciência e deu um passo à frente em direção ao irmão. Aquilo não deveria ter acontecido.

—Timothe, eu sei o que deve estar sentindo, e pensando. Mas eu...

—Que merda você tá fazendo, Aldine? —Gritou a assustando.—Sabe o que ele quer? Sabe o que irmão dele fez?

Ele não sabia de nada. E que aquilo ainda poderia ficar pior.

—Eu sei, Timothe. Eu conheço o Chris.

—Chris?

—E eu sou mentirosa? O que você está fazendo não me parece ser algo tão diferente.

Cada palavra que ela soltava o deixava ainda mais perplexo.

—Aldine...

—Ok. Chega de reunião familiar. —Natan foi ao lado de Aldine tentando parar aquilo.—Você trouxe ou não trouxe?

—Só quando me explicar essa história, Aldine.

—Não vai, não!



—Cala a boca, Natan! —A garota o empurrou fortemente o fazendo cambalear. —Onde estão os malditos backups, Timothe?

Insistiu o fazendo se afastar.

—Eu não acredito nisso. —Repulsa. Ódio, talvez. Como ela foi capaz? — O Andrew tá morrendo e é isso o que você tá fazendo?

—Que merda, Timothe! Me dá logo essa droga!

—Você é uma egoísta, Aldine! Porque tá fazendo isso? Ele é o nosso irmão! Sua família!

—Julliet não é a minha família. Sabe que o Andrew só fez isso por causa dela!

—Não foi apenas pela Julliet. Isso era o que o Andrew sempre fazia. Parava caras como o Nataniel e o irmão assassino dele!

—Você... —Aldine avançou contra o irmão pronta para empurrá-lo ou de alguma forma descarregar toda a sua raiva nele. —Não sabe de nada.

—Você não sabe!

—Já chega! —Natan praticamente gritou atraindo a atenção dos dois. Timothe respirou fundo tentando se acalmar. Ele podia jurar que estava tremendo. —Me dá logo isso, Timothe!

O garoto respirou fundo e encarou o chão sujo sentindo seu coração acelerado. Sabia que de uma certa forma, sua irmã estava certa. Ele também havia traído Andrew, e mentido para ele enquanto ele havia confiado nele. Mas depois de entregar o que devia a Natan ele podia tentar pará-lo. Podia entregar todos os planos de Nataniel a polícia, e eles impediriam a fuga de Christopher, antes mesmo que acontecesse. Ele só precisava ser rápido.

—Eu não trouxe os backups.

—Mas que merda?

Natan gritou fazendo Timothe o olhar novamente.

—Você acha mesmo que eu te entregaria antes de alguma garantia?

—Eu te falei que...

—Eu não posso confiar em você, Nataniel. É a vida do meu irmão que tá em jogo.

—Então me parece que estamos na mesma situação.

—O seu irmão, está onde merece estar. E se ele teve o sangue frio pra matar alguém, ele deve suportar ficar na cadeia um pouco mais.

—Eu odeio esse moleque.

Resmungou entre dentes, fazendo Aldine revirar os olhos.

—Sabe o que eu quero.

Timo falou novamente tendo a atenção de sua irmã, que parecia ter lembrado de algo importante.

—Você não pode nem me julgar, Timothe. Olha o que tá fazendo. Mentindo pro Andrew, usando o dinheiro do Natan pra pagar a cirurgia. Acha mesmo que ele iria querer isso?

—Não. Mas eu estou fazendo porque é o único jeito que achei pra...

—Salvar o Andrew.—Completo cansada de ouvir aquilo.—Já sei disso. Você sabe mesmo onde tá os arquivos ou tá só enrolando?

Timothe encarou sua irmã tentando procurar algo que pudesse explicar aquilo. Que tornasse aquilo, menos grave. Mas ele mal conseguia pensar além da raiva misturado a decepção, que sentia dela naquele momento.

—Eu sei onde tá. Como disse, só preciso de uma garantia.

—Que merda você quer, Timothe?

Dessa vez Natan o perguntou.

—O que vai fazer? Como vai conseguir o dinheiro?

—Vai ser como uma doação anônima para o seu querido irmão. —O que elealaria a Andrew? E aos seus pais? Talvez ele podia usar a desculpa de que estava fazendo um tipo de arrecadação no trabalho, e aquilo poderia talvez ter se expandido de alguma forma? Junte o dinheiro que ele estava ganhando trabalhando o que seus pais estavam guardando para a cirurgia, e mais uma "ajuda extra". Talvez pudesse dar certo. —O próprio Andrew conseguiu ter acesso a conta de uma empreiteira. Acredite em mim, eles têm dinheiro suficiente até pra ressuscitar a droga do seu irmão, e colocar outro tumor se você quiser!

Timothe resolveu ignorar aquele comentário e olhou Aldine que parecia esperar pela sua resposta.

—Eu preciso achar um jeito de fazer uma cópia sem o Andrew saber. E você vai ter o quer.

### **Setembro de 2012 – 13h50min**

Aldine apertou os próprios punhos observando a grade estreita se abrir há alguns metros a sua frente. Seu corpo se projetou para cima quase se erguendo do banco em que estava sentada, mas ela logo se conteve ao perceber que não era quem ela esperava. Um homem alto e algemado seguiu a sua esquerda junto a um policial no qual ela não fez questão de saber pra onde iriam. Onde ele estava? Ele estava bem? Deveria estar. Se ele não estivesse bem o suficiente para receber uma visita ela iria ser avisada e não a deixaria ali esperando por nada.

—Por favor. —Sussurrou ao notar a porta se abrir novamente. Dessa vez Christopher passou pela mesma assim como o homem anterior, usando algemas. Um sorriso se formou em seu rosto ao ver a garota meio angustiada sentada em uma mesa que lhe parecia ser feita de concreto. Ela estava ali. Ainda estava ali. —Chris.

—Ei, Alde. —A cumprimentou se sentando a sua frente. Aldine encarou

o policial que os deixou pra trás e olhou as algemas nos pulsos de Chris como se elas fossem feridas horríveis. —Eu sei, mas eles não me deixam sem elas aqui.

—Porque?

Seus olhos se ergueram em direção ao rosto dele. Seus lábios finos foram rapidamente mordidos a encarando se perguntando se deveria continuar. Não queria que ela estivesse ali o vendo daquela forma, mesmo estando feliz por ela ter ido visitá-lo.

—Pelo o que eu fiz.

—Você não fez nada.

—Aldine...

—Chris, você não deveria estar aqui. —A garota apoiou seus braços na mesa ficando mais próximo de seu namorado e sussurrou o mais baixo que podia. —O seu irmão...

—Alde, o Natan é a minha família. Eu não posso deixar que ele passe por tudo isso.

—É, mas, você não...

—Já conversamos sobre isso. Ele estava nervoso, eu fui errado, não deveria ter feito o Natan ir com a gente, ele sempre agia por trás do computador, eu coloquei ele em risco.

—Mas...

—Não, Alde, eu quero que entenda que eu estou aqui porque eu quero. Fui uma escolha minha.

—E onde ele está agora?

—Eu não sei.

Aldine o encarou por alguns segundos percebendo os olhos castanhos de Chris vacilarem por um instante. Ele estava mentindo.

—Ele veio te visitar?

Christopher desviou o olhar de Aldine respirando fundo. Sabia que ela iria perguntar aquilo, e a resposta não a acalmaria. O que ele poderia lhe dar como um ‘calmante’? Ele estava no julgamento.

—Não. Mas eu pedi pra ele não vir. —Completo ao vê-la bufar em protesto. —Não quero que...

—Não importa, eu entendo que fez isso por ele, mas não significa que você precisa mofar aqui. Eu não vou deixar.

—E como você vai fazer isso, Aldine? —Sussurrou se aproximando da garota. Ela só podia estar louca. —Não pode fazer nada.

—O seu irmão pode. Ele é um hacker, não é?

—Ele sempre dizia que ainda precisava aprender muita coisa.

—Não importa, ele pode aprender enquanto te tira daqui.

—O que acha que ele pode fazer, Aldine? Eu não tenho ideia de onde ele possa estar, se está na cidade ou se usou o que a gente tinha pra ir embora, eu não o vejo desde o julgamento.

—Eu vou procurar ele. Não me importo.

—Alde...

—Não, Chris. Eu não vou ficar em paz em saber que está aqui, sem fazer nada.

—Você não vai fazer nada, você vai estar me esperando, eu sei disso.

Aldine negou freneticamente segurando as mãos de Chris, sem se importar com a aviso de “sem contato corporal” que haviam te dado.

—É muito tempo.

—Aldine.

—Você não merece isso. Não vou conseguir ficar longe de você, Chris, por favor...

—DiLorenzo! —Uma voz grossa os fez encarar um ao outro assustados. —Sem contato corporal.

Aldine suspirou de alívio por eles não terem sido ouvidos e afastou seus dedos do de Chris lentamente.

—Eu sei o que ele conseguiu. —Chris continuou olhando rapidamente ao redor. —Mas continuam falhas, Alde. E foi uma coisa pequena, o que acha que ele vai precisar para escapar disso?

—Acha que ele não pode aprender? Você quer ficar aqui, Christopher? —Aldine o viu desviar seus olhos dela, e ela já sabia a resposta. —Confie em mim, confie em seu irmão. Eu vou correr atrás de tudo o que eu puder, e vou fazer tudo o que eu posso, pra te ajudar, não importa quanto tempo demore. —Chris a olhou novamente, sentindo uma centelha de esperança lhe tomar. Ela estava certa. O conhecia para saber que mesmo fazendo aquilo pelo irmão, ele não queria e se sentia mal por estar ali. E a sua situação não estava boa, talvez eles só estivessem esperando pra que ele abrisse a boca sobre a outra pessoa que estava com ele para tudo piorar. Não acreditava nas palavras daqueles homens engravatados lhe dizendo que sua pena poderia diminuir se ele colaborasse. Tecnicamente eles já haviam pego o assassino da história, o que eles iriam ganhar com o parceiro dele? —Eu vou achar ele, e vamos te tirar daqui.

—Eu não sei, Alde, isso é perigoso. Pra vocês dois.

—Eu sei. Mas eu não me importo, com tanto que te tire daqui.

Um sorriso se formou no rosto de Chris e ele sentiu uma vontade insana de beijá-la ali mesmo. Mas ele não podia.

—Giorginni, Álamo. Vai achar o que está procurando.

Sussurrou a deixando confusa. Um som estridente ecoou no local, e Aldine viu Chris se levantar assim como outros presidiários nas outras mesas. O policial que o havia deixado ali veio na direção de Chris segurando firmemente seu braço.

—O que?

Aldine se levantou ainda sem entender o que aquilo poderia significar.

—Estou te esperando, Alde, mas não venha novamente.

Praticamente gritou enquanto era arrastado pra longe dela. Aldine abraçou a própria cintura tentando entender suas palavras. Não venha novamente? O que diabos era Giorginni, Álamo? Seu corpo rotacionou em direção a saída e ela segurou as lágrimas. Não importa. Ela já estava decidida.

### **Maio de 2015 – 08hr45min**

Um grito de desespero saiu da garganta de Andrew quando seu dedo escorregou mais uma vez no botão do controle. Aquilo era insuportável. Mais insuportável ainda por ele estar perdendo para o seu irmão.

—Eu te disse, eu sou o melhor.

—Cla-ro, jo-gando contra um portador de câncer. Vo-cê não tem coração. Devia me deixar ganhar, ah merda!

Game over. Ao menos para Andrew.

—Eu te disse...

—Não quero saber. —Andrew olhou rapidamente por trás do sofá tendo certeza que estavam sozinhos. —Se eu pudesse hackear essa mer-da, vo-cê veria quem é o melhor.

—Assim não vale!

—Timo ganhou de novo?

Julliet se aproximou dos garotos se jogando no sofá ao lado de Andrew que parecia chateado.

—É claro, que ganhei.

Andrew pousou a cabeça no ombro de Julliet se contentando em apenas aceitar aquele fato trágico.

—Vai embora, Timothe.

—Andrew, aceitar é bem melhor.

—Vai embora, Timo!

Insistiu fazendo Julliet rir. Seus dedos subiram pela nuca do garoto o confortando.

—Ele nunca soube aceitar uma derrota.

—Vamo logo!

Aldine passou por eles em passos largos indo em direção a porta, que foi aberta a permitindo sair da casa.

—Tchau pra você tam-bém, Aldine!

Andrew gritou observando a irmã se afastar o ignorando. Até quando aquilo iria continuar?

—Parece que é a minha vez. —Timo se levantou do sofá pegando a mochila do chão. —Eu finalmente não vou ser mais um castiçal.

—Você não é um castiçal!

Julliet protestou vendo o garoto ir em direção a porta aberta.

—O Andrew não acha isso!



Gritou fechando a porta os deixando sozinhos.

—Eu não a entendo.

Julliet suspirou sabendo do que aquilo se tratava.

—Talvez seja uma fase. Eu já passei por isso também.

—Fa-se? Por mais que se-ja, ela não tem mo-tivos pra ser assim. A Aldine tem tudo, Jolie. Vo-cê ao menos era compreensível. Sua mãe morreu e seu pai, bem, es-tava daquela forma. —Os dedos de Julliet se entrelaçaram aos dele tentando acalmá-lo. Sabia como ele devia estar nervoso. Mesmo depois daquela briga horrível e da conversa que eles haviam tido Aldine ainda agia daquela forma. —Vo-cê sabe, a Aldine é saudável, ela vê tudo o que a mamãe e o papai estão fazendo pra conseguir manter as coisas, e mesmo assim, talvez seja por que as vezes eles se preocupam demais comigo e não dão a atenção que ela merece.

—Não é nada disso. A Aldine tem toda a atenção da Lena e principalmente do Alan, você sabe muito bem. —Disse firme. —E eu ainda acho que é uma fase.

—Eu achei que era pe-la mudança, mas a gente já tá aqui há tanto tempo, e ela não ficou tão chateada quan-do nos mudados, ou ao menos quis parecer não estar.

—Pare de pensar que é sua culpa.

—E se for? Vo-cê viu o que ela disse, que tudo era sobre mim, e sobre a minha doença.

—O que a torna ainda mais egoísta. Eu sei que ela é a sua irmã e eu sinto muito por dizer isso, mas é o que ela é. Como ela pode pensar que algo material pode ser uma prioridade maior do que a sua saúde? Isso não faz sentido pra mim, Jonah.

Os olhos castanhos de seu namorado se desviaram para ela o fazendo o ver o quão irritada Julliet estava. E era assim todas as vezes que o assunto era

aquele. Andrew se aproximou dela, lhe dando um selinho longo, a fazendo suspirar.

—Obrigado.

Pelo o que? Aldine ainda estava ali sendo uma estúpida e sem coração fazendo Andrew se sentir como se sentia quando tentou se matar duas vezes.

—Não precisa me agradecer.

Seus dedos subiram pela nuca do garoto adentrando em seu gorro tentando tirá-lo. Mas assim que Andrew percebeu o que ela fazia a parou no mesmo instante.

—Não!

—Porque não?

—Está horrível.

—Eu não me importo.

—Mas eu sim.

—Então deveria tirar tudo.

—Quem te pe-diu pra falar isso? A mamãe?

—Você é tão estúpido as vezes.

O garoto engoliu em seco percebendo o que havia feito. Mas ele simplesmente não conseguia.

—Eu, me desculpe.

—Tudo bem. Eu não devia ter insistido. Mas você sabe que...

—Eventualmente ele vai cair totalmente. Eu já não tenho quase nada, mesmo.

*Merda.* Juliet segurou o rosto de Andrew não querendo pensar no que estava por vir. Seus lábios se recostaram no dele, dando início a um beijo intenso, enquanto as mãos dele desciam por suas pernas. Juliet sentou no colo do garoto, encaixando seu quadril em suas pernas, sem deixar de beijá-lo. Mãos chegaram a sua cintura, a abraçando ainda mais forte.

Andrew arfou recostando a cabeça no sofá a observando. Ele queria perguntar se ela estava imaginando quando ele iria morrer novamente. Mas não queria brigar com ela.

Os dedos de Juliet desceram suavemente pelo o seu peitoral vestido por sua camisa preta. E era impossível não reparar aquele olhar.

—Eu ainda não consigo esquecer como ele me olhou.

—Quem?

—Mateus. Foi como a Lea me olhou, como o papai me olhou, como a mamãe... —Arfou sem conseguir continuar. —Como você me olha agora.

—Me desculpe.

—Não é culpa sua.

Juliet recostou sua testa na dele podendo o observar mais de perto, mesmo com seus óculos entre os dois. Ela não queria agir dessa forma, mas era inevitável.

—É melhor procurar algo pra comer.

—Eu não estou com fome.

—Mas não muda o fato de que precisa comer.

O garoto estremeceu involuntariamente se sentindo fraco. Talvez ela tivesse razão.

—Eu posso pegar alguma coisa.

Julliet o observou por alguns segundos meio relutante. Mas ela sabia que não o permitir fazer aquilo o deixaria chateado.

—Tudo bem.

Cedeu deixando o seu colo, e sentando ao seu lado. Andrew se ergueu com a ajuda do próprio sofá, e foi até a cozinha tendo o olhar de Julliet como companhia. Ela devia parar com isso. Não era falta de confiança nele, mas sim, na doença. Nos últimos dias ele parecia estar pior. Falando mais devagar, andando ainda mais desajeitado, e deixando tudo cair constantemente. Sem falar das quedas. Mesmo que ele não deixasse a raiva transparecer ela sabia como ele se sentia. Era como se o tratamento não estivesse fazendo nenhum efeito além de derrubar o seu cabelo. Mas aquilo não era verdade. Julliet suspirou e pegou o controle da TV no canto do sofá. Precisava se distrair e parar de pensar naquilo. Tudo iria ficar bem.

Um som de vidro se quebrando a assustou, a fazendo dar as costas a TV no mesmo instante encarando a cozinha.

—Jonah? —O chamou indo a cozinha em passos largos. Ela não podia vê-lo além do balcão a deixando ainda mais aflita. Seu olhar foi em direção ao chão podendo vê-lo. Havia caído, e o vidro que deveria ser um copo, estava estilhaçado próxima a parede. —Jonah. Tudo bem?

Perguntou o ajudando a se sentar. Havia um pequeno corte em sua mão, mas ao menos não havia sido como da última vez. A cicatriz ainda estava em seu queixo.

O garoto apenas respondeu com um aceno negativo parecendo tentar entender o que acontecia.

—Porque pegou vidro?

—Não me sinto b-em.

—O que está sentindo?

—E-u não sei.

Confessou a pegando de surpresa quando as lágrimas surgiram instantaneamente em seu rosto.

—Vem, levanta. Eu vou ligar pra Lena.

—Não. Que droga.

—Jonah!

—Olha pra mim, atra-palhando a gente de novo.

—Para com isso, e vem. —Seus olhos se fecharam a deixando ainda mais nervosa. —Jonah? —Um resmungo indecifrável saiu de seus lábios e ele recostou a cabeça em seu ombro. —Está sentindo dor? —E novamente ele a negou, mas dessa vez entre as lágrimas. Ele estava sentindo dor, ou estava forte demais? Ela precisa fazer alguma coisa. Seu olhar foi a sua mão onde o sangramento ainda insistia em estar presente, então o levantou praticamente o arrastando ao sofá. Celular. Ela precisava do celular.

—Julliet!

Ela pode ver lágrimas descenderem por seus olhos castanhos que agora espelhavam agonia.

—Tá tudo bem.

—E-u não con-sigo.

—Não consegue o que?

Sua mão se ergueu e ele parecia tentar ir em direção a ela, mas era como houvesse uma corda o puxando para a direção a oposta, em cada tentativa. Não que aquilo nunca tivesse acontecido, e que nas últimas semanas parecia piorar a cada dia, mas ele havia parecido se dar conta daquilo agora.

—Nã-o con-sigo contro-lar.

—Como assim?

—Meus braços.

Dessa vez as lágrimas desceram dos olhos dela. Mas se lembrou do que deveria fazer. Precisava. Celular. Ela precisava ligar para o hospital. Seu olhar correu a sala até achar o celular de Andrew em frente a TV. Ele a assistia falar ao telefone se sentindo pior do que nunca. Juliet se aproximou novamente e ergueu sua mão em direção ao seu rosto o acariciando tentando acalmá-lo.

—Precisa me ajudar. Tudo bem? —Assentiu ainda nervoso. —Eles vão chegar a qualquer momento, não deve demorar, o hospital fica a três quadras de nós. —Afirmou se perguntando se com aquilo ela queria acalmar ele ou ela. Helena deveria estar tentando manter a calma agora. —Nunca me explicou a do limbo.

Talvez se conversassem, ele poderia se distrair.

—N-ão quero te contar o filme, vai, perder a graça.

—Sei que odeia spoilers.

Juliet acariciou o rosto do garoto, tentando acamá-lo, e talvez a si mesma. A cada minuto que olhava a hora no celular em suas mãos, ela tinha a impressão que o tempo insistia em não passar. Porque estavam demorando tanto?

—Me deixa ver sua mão. —Pedi virando a mão direita do garoto a observando, parecia ter parado de sangrar. Ela poderia pegar a caixa com alguns curativos no banheiro, mas não queria deixá-lo sozinho. —Não parece fundo. Está doendo?

—N-ão. Jolie.

A chamou entre as lágrimas a deixando ainda mais nervosa. Mas ela não podia demonstrar aquilo.

—Estou aqui.

—Eu te a-mo.

O som da ambulância do lado de fora não a deixou reagir. Mas ainda assim, as lágrimas desceram por seu rosto tentando não pensar na verdadeira razão pela qual ele havia lhe dito isso. Seu rosto se ergueu em direção ao dele lhe dando um selinho longo e intenso entre as lágrimas dos dois.

—Eu também te amo.

Com uma dor massacrante em seu peito ela correu em direção a porta abrindo a mesma podendo ver a ambulância parada em frente a casa.

Julliet ficou no mesmo lugar o tempo todo. Sentada no corredor, encarando o chão e desviando o olhar apenas quando algum enfermeiro vinha em sua direção, na esperança de que te dessem alguma notícia, mesmo depois de Helena a encontrar e insistir que ela devia se sentar em uma das cadeiras na recepção.

Ele estava piorando? Ou aquela havia sido a reação da radioterapia? Ele havia feito ontem. Poderia ser aquilo. Ela não precisava sentir medo.

—Julliet.

A voz de Helena a fez acordar de seus pensamentos, e seu olhar se ergueu em sua direção a espera de uma notícia boa. Mas os olhos avermelhados de Helena foram como um soco em seu peito.

Respirando fundo ela se levantou e seguiu Helena em direção a um dos quartos.

O que estava acontecendo? Ela não teria que vê-lo ir embora também, teria? Cada passo dado por ela parecia uma eternidade. Ela não queria chegar ali. Não queria entrar naquele quarto e ouvir o que tanto temia.

A porta a sua frente se abriu, e ela pode vê-lo. Andrew estava deitado na cama enquanto encarava o teto, mas seu olhar se desviou a sua mãe e a sua namorada as observando entrar no quarto.

—Jonah? —Julliet não se importou com o fato de ele parecer não querer ninguém ali. Ela se aproximou dele segurando sua mão, mas para sua

decepção ele não reagiu. —Está tudo bem agora.

—Não. Não está na-da bem, Juliet.

Falou secamente enquanto afastava seus dedos dos dela.

—Jonah, por favor...

—Fala pra ela, mãe. —Praticamente gritou deixando que as primeiras lágrimas surgissem. —Fala logo e acaba com isso.

Juliet arregalou os olhos sentindo seu coração gelar. O que aquilo significava?

—Jonah. —Helena respirou fundo e foi até Juliet parando ao seu lado. A garota apenas a observou sentindo seus olhos queimarem a espera de suas próximas palavras. —Juliet, eu preciso... —Sua mão apertou forte o colchão onde Andrew estava deitado como se ela precisasse de algo para continuar. —Está piorando.

Juliet estremeceu e não conseguiu suportar o seu próprio peso, por sorte a cama lhe deu suporte.

—O tratamento.—Sussurrou se sentindo fraca. —A radioterapia, ele estava fazendo a radioterapia. Porque não funcionou?

—Juliet...

—Se-rá que v-ocês, não enten-dem? —Andrew falou com uma voz tão rude que acabou as pegando de surpresa. —Eu vou morrer.

—Jonah...

Juliet fechou os olhos desejando não ter escutado aquilo.

—É isso o que vai acontecer, Juliet. Todo mundo morre um dia. Por que eu não morreria?

—Para com isso.



Dessa vez ela se virou para ele já chorando. Aquilo não podia estar acontecendo.

—Jonah, ainda temos tempo.—Helena respirou fundo tentando se acalmar.—Você vai fazer a qui...

—Eu não vou fazer nenhuma quimioterapia.

—Você vai!—Falou firmemente.—Não é você que decide isso.

—O que adianta? É pra ficar ainda mais fraco e inútil? Pra me sentir cada vez pior enquanto a morte chega? Eu não vou.

Morte. Isso não iria acontecer com ele. Juliet queria gritar. Fazer qualquer coisa para aquilo acabar. Para aquilo sair dele. Não podia ser verdade. Por mais que ela soubesse que aquilo poderia acontecer um dia, não podia ser daquela forma. Não podia ser tão rápido. Ele estava tão bem. Quando aquilo aconteceu?

Há um ano atrás eles estavam da mesma forma, no mesmo quarto. Só que dessa vez, não estavam unidos por algum tipo de comemoração. As luzes do quarto estavam apagadas deixando tudo ainda mais escuro. Mas ainda assim, um podia ver perfeitamente o outro. Estavam muito próximos por estarem em uma cama de solteiro. Na de Aldine, para ser exato. Juliet ergueu a mão cuidadosamente em direção a nuca de Andrew o fazendo fechar os olhos por alguns instantes, apenas a sentindo.

—O que você faria se fosse seu último dia de vida?

Sua pergunta quebrou o silencio entre os dois.

—Para com isso.

—Sério.

—Não é o seu último dia de vida, Jonah.

—Mas e-u não tenho nem mais cinco anos, talvez seja um, ou apenas meses.

—Você não vai morrer.

—Co-mo sabe?

—Eu acredito. Você ainda tem chance.

—Qual?

—A cirurgia. Se você fizer...

—E como eu vou conse-guir isso, Jolie? —Dessa vez ele se permitiu erguer seus dedos em direção a ela. Acariciando seu rosto tentando confortá-la. Mas ele precisou trilhar um caminho por seu ombro para chegar até onde ele queria. —Não tem outra saída.

—Não! Jonah se você, você... —Ela mal conseguia falar aquilo. —Eu não sei o que eu faço.

Tentou segurar o choro mas era mais forte que podia aguentar.

—Eu te amo, te amo muito. E isso não é jus-to com você.

—Como assim?

—Eu odeio te ver dessa for-ma. E ainda por minha causa. Você mere-ce alguém que te ajude, e que faça você pen-sar no teu futuro. Que te ajude a ter uma vida melhor. Pre-cisa de alguém, que cuide de você, e não que você precise cuidar.

—Do que você tá falando?

—Eu só quero o melhor pra você, Jolie.

—Tá terminando comigo, Jonah?

Falou entre as lágrimas querendo não acreditar naquilo.

—Eu que-ro que você seja feliz.

E não que tivesse que vê-lo cada vez mais fraco e incapaz.

—Mas, mas eu sou...

—Não.

—Jonah?!

—Por favor, entenda.

—Eu entendi. Mas você não entende que se eu não tiver você, eu não sei o que eu faço. Eu te amo, Jonah. Você, a Helena, o Alan e os meninos são, são a minha família também. Você é a única pessoa que me faz feliz de verdade. Eu não vou conseguir, não existe outra pessoa além de você que cuide de mim, que me ame e que faça eu me sentir, como você faz. Eu não vou permitir que faça isso. Você não quer isso.

—Julliet...

—Por favor. —Suplicou o abraçando forte.—Não faz isso comigo. Eu sei que você não quer isso, assim como eu.

Não havia outra forma, havia? Ele só queria que tudo aquilo acabasse. Mas ao menos quando ele fosse embora, ela teria os seus pais com ela.

—Tudo, tudo bem, meu amor. —Andrew a abraçou ainda mais forte e beijou sua testa. —Não chora.

Disse enxugando aquelas lágrimas que nunca deveriam estar ali. Julliet deixou um sorriso escapar e se encolheu novamente no peito de Andrew. Assim como ele, ela sabia que aquilo talvez não acontecesse. Sabia que ele não deveria querer que ela o visse sendo obrigado a se entregar as reações do tratamento. Mas se aquilo lhes dava mais uma chance, ela não iria desistir e se agarraria com toda a sua força naquilo.

**Julho de 2015 – 16h23min**

Andrew respirou fundo olhando a televisão a sua frente. Ele não conseguia se concentrar em nada do que estava ali. Só conseguia tentar responder a pergunta que estava na sua cabeça a dias.

O sofá se moveu por alguns instantes, e seu olhar foi a Timothe que acabara de sentar ao seu lado. Não era culpa do seu irmão. Ele só estava desesperado. Talvez aquela havia sido a única saída que ele enxergou. Se sentia fraco e cansado, mas mesmo assim encontrou forças para iniciar aquilo.

—E-u con-segui.

Timothe desviou o olhar da TV e olhou seu irmão ao seu lado.

—O que?

—O di-nheiro pra cirurgia. Julliet e Ma-teus, conseguiram.

Seu irmão parecia não ter o que dizer. Seu corpo se virou em direção a Andrew e ele suspirou como se estivesse prendendo a respiração por muito tempo.

—Vai mesmo acontecer? —Andrew assentiu lentamente percebendo que Timothe parecia segurar as lágrimas. —Precisamos contar pra mamãe.

Antes mesmo que ele pegasse o celular em seu bolso, Andrew segurou a sua mão o impedindo. Porque ele não estava feliz? Devia estar, a cirurgia finalmente iria acontecer, e Andrew o olhava como se algo estivesse o machucando.

—Quando Julliet me con-tou como aconteceu o acidente da Aldi-ne, ela me disse que Isaac a atropelou porque ele achava que ela era namorada do Christopher. —O sorriso de Timothe sumiu aos poucos de seu rosto enquanto ele percebia o que aquilo significava. —Eu ten-tei achar algo sobre o Christopher. Não existe na-da, ele é um fantasma, é pior do que eu. Ele não tem nada, nem e-mails. Viver sem re-des sociais, tudo bem, mas e-mail? Você precisa comprar coisas, fa-zer cadastros. E eu tenho cer-teza que o Nataniel apagou tudo relacionado a ele, porque sabia que eu procura-ria por

ele. Mas ainda faltava a Aldine. Eu não queria fazer isso. Não queria hackear a minha irmã. Mas eu achei uma foto deles dois juntos.

—Andrew...

—Eu achei que ela estava cha-teada porque tínhamos nos mudado por nossa causa, e não percebi que ela ficou ainda mais estranha justamente depois que eu desisti de ajudar o Natan. Estava o tempo todo na minha frente, eu só não quis enxergar. —Timothe também teve a mesma sensação ao descobrir aquilo. Mas porque ele achou que Andrew não iria descobrir? —Eu sei o que está fazendo, Timo.

—Andrew.

—Sei que pegou o HD com os arquivos. Só existe um, e ele sumiu.

—Eu só fiz isso porque...

—Eu sei. Não queria me ver morrer e Natan te ofereceu uma saída mais fácil. Eu não tenho o direito de dizer que o que fez foi errado, mas como acha que a mamãe e o papai iriam ficar ao saber como conseguiu o dinheiro?

—Eu não quis pensar nisso.

—De-via ter pensado. Você iria cometer o mesmo erro que eu, Timo.

—Eu sinto muito, mas não vou me desculpar por isso.

—Eu esperava que não, porque eu vou precisar que você finalize meu erro.

**Fevereiro de 2013 – 13h57min.**

*“Não venha novamente.”* Mesmo depois de tanto tempo aquelas palavras não saiam de sua cabeça, como um eco infinito. Ela entendia a razão de ele ter pedido aquilo. Evitar mostrar a ligação que eles tinham era um sacrifício que ela deveria fazer para tentar salvá-lo. Mas ainda assim... Aldine apertou o tecido de sua mochila em suas mãos tentando não pensar em como Chris poderia estar naquele lugar horrível. Ela havia atendido o seu pedido e não

voltou a vê-lo depois daquele dia. Ele tinha medo de algo dar errado, e ela se envolver demais. Ou talvez apenas não gostasse que ela o visse naquele lugar.

Seus olhos correram ao redor do ônibus meio vazio em que estava e ela abriu o pedaço de papel meio amassado em suas mãos, lendo mais uma vez o endereço com a sua própria caligrafia. A garota se levantou de seu banco e caminhou em direção a porta de saída, se segurando para não cair no carro em movimento. Assim que o ônibus parou, ela pode descer do mesmo. Uma rua larga, e repleta de casas. Tentou se manter calma. Não havia motivos para estar com medo.

*Tudo vai dar certo, ele vai concordar comigo.* Em passos largos ela seguiu em frente, vendo algumas janelas se abrirem ao seu redor. *Vire à direita no primeiro quarteirão.* Repetiu a si mesma parando na calçada, observando a rua meio estreita a sua direita. As casas continuavam a se estender a sua frente. Mas aquele não era o seu caminho. Aldine dobrou a rua memorizando o seu trajeto. O asfalto havia sido deixado para trás enquanto um caminho de terra dava lugar ao mesmo. Que lugar era aquele? Não havia mesmo um outro caminho? A rua estreita chegou ao fim, como se quisesse lhe dar uma resposta para sua pergunta. Seus olhos correram pelo local, e ela pode ver uma rua tão larga quanto a anterior. Mas essa lhe parecia abandonada. Havia um rio há alguns metros dela. A água escura junto há alguns restos de lixo se estendiam pela beira que não parecia ter fim junto a rua.

—Tudo bem, Aldine. —Sussurrou para si mesma voltando a caminhar. Porque ela estava nervosa? Já havia visto o irmão de Chris. Apenas uma vez, ela não havia falado com ele, mas ele não lhe parecia perigoso. Não que ela estivesse com medo. Talvez ansiosa pelo o que poderia acontecer. Seus pés pararam em frente ao que lhe parecia ser um antigo comércio abandonado. As grossas tiras de madeira protegiam o que deveria ser a entrada principal. As paredes que deveriam ser claras antes, estavam imundas, mas mesmo assim ela pode ver as letras igualmente sujas e desgastadas que surpreendentemente ainda estavam de pé acima da porta principal. —Giorginni. —Aldine leu com um sorriso em seu rosto e olhou novamente o papel em suas mãos. —Rua Álamo. —Mas como ela entraria ali? Seus olhos correram pelo local que lhe

parecia impenetrável, até achar um portão meio enferrujado. Estava aberto. A garota ergueu sua mão segurando o mesmo, e o empurrou sendo surpreendida pela força que precisou fazer para arrastá-lo o suficiente para que ela pudesse entrar. A passagem era estreita e ia em direção a uma porta de madeira velha como todo o resto. Suas mãos afastaram algumas plantas altas que quase tomavam o local, e ela parou em frente a porta a empurrando fazendo um ruído irritante quando a mesma se arrastava pelo chão. —Droga. —Com toda certeza se ele estivesse ali, já sabia que alguém havia chegado. O local era como ela esperava: velho e assustador. Quanto tempo aquilo havia fechado? A garota encarou o que antigamente deveria ser a recepção: um balcão empoeirado, com dois desktops novos, talvez a única coisa que não estivesse suja ali. Mas não era aquilo que a interessava. —Nataniel? —Aldine o chamou olhando ao redor. Havia algumas mesas no local. Algumas caídas, outras inteiras, e ao menos aquelas estavam limpas. Assim como os bancos acolchoados que se estendiam pelos cantos do local. —Natan, eu sou a Aldine. —Falou o mais alto que podia, torcendo para que ele estivesse ali. —Eu não sei se lembra de mim.

O som dos passos de Natan ecoou a assustando. Ela não sabia de onde vinha. Seus olhos correram pelo local, até ela o ver recostado na parede que lhe parecia ser uma divisória de outro setor do restaurante além da recepção. O local estava mal iluminado, mas ela podia vê-lo perfeitamente, e ele não lhe parecia muito bem. Seus olhos escuros a analisaram, e o garoto se aproximou em passos lentos meio incerto.

—Aldine. —Repetiu cruzando os braços. —Como eu poderia esquecer? Você era uma das bagagens do Chris.

A garota revirou os olhos prevendo que aquilo não seria fácil.

—Como se você não fosse.

—O que você quer?

—Quero que me ajude a tirar o Chris da cadeia.

Natan a encarou por alguns instantes, e levou a mão a sua própria nuca absorvendo o que acabara de ouvir. *Tirar o Chris da cadeia.* Ele já havia

pensado naquilo. Mas ela achava mesmo que era assim tão simples?

—O que ele te falou?

—Que você pode me ajudar.

—Como ele acha que eu posso fazer isso? —Aldine suspirou tentando manter a calma. *Que idiota.* —Então é isso o que ele faz? Me manda ficar longe, mas a princesinha dele pode...

—Ah, cala a boca! —O interrompeu ao entender tudo aquilo. Ciúmes? Patético. Ela não tinha tempo para aquilo. —Se o Chris disse pra você ficar longe ele tem uma razão pra isso. —Ela estava certa, ele sabia muito bem daquilo. E sabia mais ainda que o seu irmão estava fazendo aquilo por ele. —Se quer saber, ele também me disse pra não ir mais visitar ele. E eu sei o que você fez no assalto, e em todas as outras vezes. Eu sei o que pode fazer.

—Não é assim tão simples.

—Você não é um hacker?

—Como eu disse...

—Você não pode aprender?

Natan arfou tentando não perder a paciência com tudo aquilo. Ela achava que aquilo era brincadeira?

—Isso não é fácil.

—Você pode aprender?

Repetiu cruzando os braços assim como ele. Ela não estava brincando. Nataniel desviou o olhar para os computadores em sua mesa.

—Chris concordou com isso?

—Como acha que cheguei aqui? —Certo. Seu olhar se voltou a garota e ele suspirou. Era óbvio que ele queria fazer aquilo, mas não era tão fácil



como ela pensava que fosse. Ainda precisava de muita coisa. Nem sabia se conseguia sozinho. Seu olhar foi em direção a caixa de papelão no pé da mesa ao lado da garota. Ele se lembrava de como o irmão o olhava quando ele conseguia os cartões de créditos pela internet que os faziam poder comprar todas aquelas coisas. Mas aquilo era totalmente diferente. Só se... Aldine o viu arregalar os olhos como se houvesse algo assustador nela. *O que? Você é louco?* —O que foi?

—Podemos pedir ajuda.

—De quem? Conhece alguém?

—Não exatamente. Não acho que seja uma boa ideia.

—Por que não?

—Por que seja lá quem for, vai ser muito difícil convencê-lo a fazer isso.

—Porque?

Natan correu em direção ao computador movendo o mouse rapidamente fazendo a tela se acender. Aldine foi até ele passando pelo balcão, podendo ver uma pequena janela preta se abrir e Natan digitar alguns nomes rapidamente.

—Ele pode nos ajudar. Com certeza ele pode fazer isso.

—Quem?

Perguntou ao ver inúmeras letras verdes descenderem pela tela até uma outra janela com um fundo branco com o que lhe parecia ser o resultado de uma pesquisa aparecer na tela. Porque ele não podia simplesmente usar o google? Um “x” vermelho apareceu na tela, e logo depois o que lhe parecia ser um blog carregou no navegador. AJoker. Aldine leu encarando Natan como se ele estivesse louco.

Hackers como aquele não se aproveitavam de falhas de segurança para o seu benefício próprio. A não ser quando não se importavam com essa vulnerabilidade. Como ele havia feito meses atrás. Uma empresa de vestuário

continha uma dessas falhas. Dados de clientes, como informações pessoais e cartões de créditos, eram tão vulneráveis que qualquer um com wi-fi poderia ter acesso a essas informações. AJoker provavelmente os avisou, mas eles não se importaram.

—Eu nem sei se esse site é dele, e pelo jeito que esse cara trabalha não deve ser mesmo. Ele é extremamente discreto. Não existe nada relacionado a ele na internet além do que as pessoas conseguem pegar.

—Quem é ele?

—Eu não sei. Ninguém sabe.

—Então como acha que vai achá-lo?

Natan encarou o visor de seu computador pensando naquela pergunta, e viu o vídeo não iniciado em sua tela.

—Fazendo algo que chame a atenção dele.

### **Julho de 2015 – 14h17min**

Julliet se sentou no sofá ao lado de Andrew cuidadosamente segurando um prato fundo de sopa fazendo o garoto lhe mostrar uma careta. Seus lábios estavam completamente secos, e haviam algumas feridas no mesmo. Hoje ele não havia vestido o gorro, então ela podia ver sua cabeça completamente careca. Ele estava tão pálido.

—Nem adianta fazer cara feia.

—Eu não gos-to de sopa de ver-duras.

—Parece uma criança. —Reclamou em meio a um riso. —Então quer comer algo que faça a sua garganta doer ainda mais?

Andrew negou meio trêmulo e encarou o chão, se sentindo fraco. Ele devia estar horrível. Porque Julliet tinha que tomar conta dele? Ela precisava mesmo vê-lo definhar daquela forma?

—Devia estar no trabalho.

—Não tem expediente hoje, e Alan saiu, então só somos nós dois.— Argumentou afundando a colher na sopa enchendo a mesma, e a levou em direção a Andrew, que mesmo contra a sua vontade afastou os lábios podendo sentir o gosto da sopa em sua boca. Estava morna. Mesmo sendo liquido ele pode sentir um incômodo enquanto descia por sua garganta. Mas ao menos a sopa não estava ruim. Sua língua umedeceu seus lábios enquanto ele observava o prato nas mãos de Juliet. —Eu sabia, não está ruim.

Falou rindo ao perceber o que ele havia feito.

—O papai tam-bém deveria estar tra-balhando. Mas não es-tá porque deixou o em-prego por mi-nha causa.

—Jonah...

—Quem fez?

Perguntou a interrompendo antes mesmo que começasse um discurso.

—Eu, é claro. —Andrew deixou um riso escapar e se ajeitou na cama ficando de frente para Juliet. Sua mão pousou no joelho esquerdo da garota assim que ela se virou em sua direção, e ele abriu a boca novamente a fazendo rir. —Pra quem não queria comer.

—Ainda não gosto.

Resmungou a observando enchendo outra colher de sopa. Juliet a levou até ele, e Andrew pode sentir novamente o liquido morno em sua boca.

—Vai pro hospital amanhã? —Assentiu terminando de engolir. —Posso ficar com você se quiser.

—Tu-do bem se não pu-der, o papai vai es-tar lá e sabe que a ma-mãe vai me olhar, sempre que pode.

—Andrew, você viu o meu carregador?

Timothe o perguntou entrando no quarto os vendo na cama que costumava ser da Aldine.

—Não.

Respondeu desviando o olhar para o irmão.

—Oi, Juliet. Ele está manso hoje, não é? —Andrew ergueu sua mão direita que correu inesperadamente em direção ao seu ombro enquanto ele a erguia, e mostrou o dedo do meio para o mais novo o fazendo rir. —Eu acho que eu estou errado.

—De-ve, estar na gaveta.

—Certo. —Respondeu seguindo em direção a mesa do computador, abrindo a pequena gaveta que havia na parte de baixo. E lá estava seu carregador embolado em meio a seus fones. Mal sabia porque estava procurando aquilo. Talvez fosse apenas uma desculpa para entrar no quarto e perguntar a razão daquilo tudo. —Obrigado, Andrew. —Agradeceu puxando o que queria da gaveta a fechando logo depois. Um sorriso se formou no rosto de seu irmão e ele foi na direção dele pousando sua mão em seu ombro. Ele parecia tão fraco, tão diferente do Andrew que ele costumava ser. Timo ainda se lembrava de quando ele costumava andar para lá e para cá em seu quarto quando ele precisava resolver alguma coisa, muitas vezes fazia aquilo enquanto escrevia algo em seu caderno, ou pendurava várias folhas na parede com coisas que ele não conseguia entender, parecia matemática: "É lógica." Era o que Andrew sempre dizia. E agora as únicas coisas que ele tinha eram dois post-its verdes, colados na parede um pouco acima da cama, com uma caligrafia que lhe parecia ser de uma criança pequena escrito "Anticonvulsivos são uma merda". Ele devia ter escrito aquilo para não esquecer de tomar o seu. Ou apenas estava com raiva. —É melhor comer tudo, ou a Juliet vai contar tudo pra mamãe, ela não vai aliviar só porque é a sua namorada.

—Eu sei. —Seus olhos castanhos mel se direcionaram a Juliet enquanto ambos sorriam. —E-la nunca, faci-litou de qualquer forma.

—Eu vou sair, te vejo mais tarde.

—Tá bem.

—Toma conta dele por mim, Juliet.

Pediu dando um rápido abraço no irmão.

—Eu vou.

Timo respirou fundo após deixar o quarto, e se dirigiu a sala, recolhendo sua mochila que estava no sofá. Suas mãos abriram o bolso maior rapidamente antes que alguém aparecesse. Ele sabia que estava ali, mas precisava checar. O HD externo era a única coisa que tinha em sua mochila.

A porta foi aberta rapidamente por ele, deixando sua casa para trás em passos largos, tentando não pensar muito no que estava prestes a acontecer. E assim ele fez todo o percurso no ônibus, até descer do mesmo e perceber que aquilo não tinha volta. Assim que ele virou a rua pode ver o rio o fazendo perceber que havia chegado. Mais alguns passos, e ele estava passando pelo portão enferrujado e cheio de plantas altas, assim como Aldine havia descrito. Natan achou melhor que fosse ali. Ninguém iria os interromper.

—Timothe. —Natan se levantou da cadeira e deixou um sorriso de satisfação brotar em seu rosto. O olhar do garoto foi a sua irmã que estava sentada ao lado de Natan e ele tentou não reagir aquilo. Ainda achava difícil de digerir. —Já era hora.

—De você fazer o que deve.

—Eu te dei a minha palavra, lembra?

—E eu não confio nela.

—Não é meu problema!

Tudo bem. Ele não tinha outra escolha. Ele precisava fazer aquilo. Sua mão agarrou a mochila de suas costas abrindo a mesma rapidamente, tirando o HD de lá. Natan se levantou no mesmo instante indo em direção a Timothe

puxando a pequena caixa preta de suas mãos. Estava finalmente acontecendo. E estava tudo ali. Ele nunca conseguiria aquilo online. Porque ele foi burro ao ponto de pensar que Andrew, AJoker, guardaria aquilo em um computador onde poderia ser facilmente acessado?

Timothe o viu voltar ao computador tão rápido quanto levantou. Em segundos ele conectou o HD a um USB totalmente vidrado na tela de seu computador.

—E aí?

Aldine se aproximou impaciente. Timo deu alguns passos pra trás ao perceber o olhar cortante de Natan em sua direção. O que havia de errado?

—Você acha que eu sou idiota?

O que ele queria dizer com aquilo? Estava ali.

—Eu não fiz nada. —O notebook foi virado violentamente em direção a Timothe o permitindo ver uma pasta repleta de miniaturas de fotos que ele não pode identificar quais eram. —Eu te juro, Nataniel, eu tinha certeza que estava aí, o Andrew me disse que estava aí.

—E você acha que ele seria burro de te falar isso?

—Ele me falou, ele...

Timothe não conseguiu terminar. Foi tão rápido que ele só entendeu o que acontecia quando sentiu a parede contra as suas costas e a mão de Natan segurando a sua camisa mais forte do que deveria. Mas o pior não era aquilo. O grito de Aldine ecoou pelo local ao ver a arma apontada para o seu irmão. Quando ele havia arranjado aquilo?

—Nataniel!

—Eu não estou brincando, Timothe.

Ele podia perceber o quanto Natan tremia, e talvez ele tinha tanto medo do que usava como o próprio Timothe que havia virado um alvo. O garoto

ergueu as mãos no mesmo segundo tentando não olhar.

—Eu, eu sei. Eu te juro, ele...

—Natan, para com isso!

—Cale a boca, Aldine. Não era isso o que você queria? Foi ideia sua eu ir atrás dele.

Mesmo tendo a arma em sua direção Timothe olhou para irmã sem acreditar naquilo.

—Você o que?

—Me desculpe! —Quase gritou sentindo o desespero tomar conta de si. Aquilo não iria acontecer iria? Natan não seria capaz de ir tão longe. —Eu ouvi você e o Andrew conversando sobre o tal projeto dele, e aí você perguntou sobre o Natan.

—E você pensou em me usar pra conseguir o que queria?

—Eu não, Timo! Nataniel, só guarde isso por favor! Pense, Timothe, pense. Onde o Andrew realmente guardaria isso?

Como ele poderia pensar daquela forma? Seu olhar voltou a Natan que o encarava nervoso junto a arma. Aquilo estava mesmo acontecendo? Andrew sabia o que iria acontecer ali? Porque ele havia lhe pedido para fazer aquilo?

—Ele me disse que, estava naquele maldito HD, eu não abri, eu só copiei os arquivos. —Arquivos. Fotos. O garoto respirou fundo tentando se acalmar. Mas era impossível. Timothe fechou o olho ao sentir algo gelado em sua cabeça, e ele não queria acreditar que aquilo era real. Ou não. —Fotos! —Gritou quase suplicando para Natan. —Ele me disse, criptografia. Ele criptografou, ou compilou, eu não sei, nas fotos, está tudo escondido nas fotos.

Aquilo fazia sentido. Andrew era cuidadoso demais pra deixar que a primeira pessoa que abrisse aquela pasta percebesse o que estava vendo. Natan soltou a camisa de Timothe e se afastou abaixando a arma. O garoto

engoliu em seco e levou a mão ao próprio pescoço e respirou fundo como houvesse algo o impedindo de respirar antes.

—Mas que merda, Nataniel!

Aldine o olhou ainda tentando processar aquilo. O que ele tinha na cabeça? Mas para o seu desespero, ela o viu apontar a arma mais uma vez para o seu irmão.

—Vai embora.

—O que?

—A sua parte do acordo vai ser sair daqui vivo.

—Nataniel, você disse...

—Aldine ainda é a irmã dele, não é? Quando eu realmente conseguir o que eu quero, se esses arquivos estiverem realmente nessas fotos, eu cumprio com a minha palavra. Mas se se eu não achar nada, Timothe... —Em passos largos ele se aproximou do garoto novamente o deixando ainda mais nervoso. —Eu te juro, que eu vou atrás de vocês e acabo com a agonia do seu irmão de uma vez por todas.

Timothe olhou para Aldine tentando entender até o que sentia. Raiva. Medo. Frustração. De que, ou quem ele não sabia naquele momento, mal conseguia pensar.

—Vai embora, Timothe! —Aldine gritou ao perceber que ele não se moveria. E para o seu alívio, foi o que ele fez. Saiu praticamente correndo com a mira da arma de Natan em sua direção. Assim que a porta se fechou, Nataniel recebeu um forte empurrão que o fez se virar na direção de Aldine sem entender. Mas um soco em seu peito o fez cambalear para trás, e ele tentou de todas as formas se manter calmo. —Seu louco. Porque você fez isso? Ele iria entregar sem isso.

—Acha mesmo? —Natan se desviou de Aldine e foi em direção ao balcão erguendo a arma, a jogando em algum lugar que ela não pode ver



rapidamente. Como se fosse um brinquedo inofensivo. Ele revirou seus bolsos e para a surpresa de Aldine, sua mão se ergueu em sua direção repleto de balas, que deveria ser toda a munição daquela maldita arma.

Ele só podia estar brincando.

—Eu não acredito que você fez isso.

—O que? Seu irmão me ensinou. Toda segurança pode ser quebrada se você tiver as ferramentas certas.

—Você é insano!

—Insano? Você deveria comemorar, Aldine! Nós finalmente vamos poder tirar o seu namorado da cadeia.

### **Agosto de 2015 – 09h12min**

Mais um estouro fraco foi escutado do lado de fora enquanto Natan assistia a fumaça, junto ao fogo dominar o local e tudo o que havia nele cada vez mais. Toda a vegetação que havia crescido nos últimos anos havia virado cinzas. As tiras de madeira que antes tapavam toda a entrada do restaurante haviam cedido ao fogo, e agora lhe permitia ver o lado de dentro do restaurante. Queimando.

Como a sua mãe iria reagir aquilo? Provavelmente iria ficar pior do que já estava. Por alguns segundos ele pode se lembrar de quando o local funcionava. Repleto de pessoas. Aquela foi a melhor época da sua vida. Seu pai estava bem, e mesmo brigando por não aceitar Chris, sua mãe era mais tolerável. Mas aquilo era passado. Assim como o restaurante.

Natan se afastou ao perceber que o fogo estava cada vez pior. Ele mal podia enxergar o interior do local. Sua mão tirou um celular de seu bolso, e discou os números sendo atendido rapidamente.

—Alô? Minha casa, quer dizer, atrás da minha casa, está pegando fogo.  
—Aldine parou ao seu lado observando o restaurante ruir cada vez mais. Natan parecia desesperado ao telefone, mas ela sabia que era apenas uma

atuação. —Eu não sei de onde vem, mas a fumaça parece estar perto. —Seu olhar foi a garota ao seu lado. —Rua Henrie, número 52. Mas por favor, venham rápido.

Natan desligou a ligação e para a surpresa de Aldine, ele abriu o aparelho tirando de lá o chip e o jogando em meio ao fogo que tomava o restaurante.

—Obrigada.

Um sorriso forçado surgiu no rosto do garoto e eles começaram a caminhar deixando o local para trás. Aldine o havia pedido para fazer a ligação em vez de deixar o lugar queimando até levar outras coisas com ele junto. Mesmo sendo distante, e deserto, o restaurante ficava atrás de uma rua repleta de casas. Ela não queria nem imaginar o que poderia acontecer se aquilo se espalhasse.

—Ainda acho um exagero.

—Continue achando.

—O que disse a eles? O Andrew não está no hospital?

—Estou na casa de uma amiga, fazendo um trabalho. Eu dormi lá.

Falou assim que viraram a rua. Natan pode ver o carro que havia comprado alguns dias atrás estacionado em frente a uma das casas da rua. O garoto puxou a mochila das costas, sem parar de andar, abrindo a mesma. Assim que alcançaram o carro, ele deu uma rápida olhada ao redor se certificando que ninguém prestava atenção neles. Aldine ocupou o volante e ele sentou ao seu lado logo depois, tirando o notebook da mochila.

—Eles vão sair às 10 horas. —O carro foi ligado e eles deixaram o local rapidamente. Ele tentava se manter calmo. Não podia repetir o erro que havia cometido no assalto. —Não devem demorar muito pra chegar até nós.

—Não acredito que está realmente acontecendo.

Natan a olhou rapidamente ao seu lado enquanto dirigia. Devia estar eufórica, no mínimo. Ele devia estar assim também. Mas não queria que nada

o atrapalhasse. Tudo estava acontecendo como ele havia planejado. E melhor ainda, ele não precisou usar o dinheiro que Andrew havia lhe dado acesso para pagar a Timothe. Quando Aldine o contou que o próprio Andrew havia conseguido a cirurgia ele não ficou surpreso. Talvez pelo modo como ele havia conseguido. Talvez Andrew seguia o mesmo pensamento do seu irmão: Não ser como eles. Só assim ele conseguiria sobreviver. Natan achou que ele aceitaria o dinheiro quando o tumor começou a crescer, e esqueceria o fato de ele ser roubado. Mas não. O que aquele imbecil fez foi conseguir o dinheiro com o próprio trabalho. Legalmente. Ele sempre tinha um jeito de se livrar das coisas? Até da morte?

Natan desviou o olhar do computador assim que percebeu que eles haviam parado. Aldine estacionou em frente a um grande supermercado como havia sido planejado. Natan fechou o notebook e ambos saíram do carro jogando a chave fora, logo depois. E naquele momento ele pode sentir o seu coração acelerar. Estava acontecendo. Estava realmente acontecendo. Ambos caminharam silenciosamente pela calçada, até viraram em uma rua extensa e estreita, deixando a pista principal para trás. Não haviam nada além de condomínios fechados e vegetação ao redor. Mesmo caminhando, Natan abriu o notebook e deixou um sorriso escapar.

—Estão se movendo.

—Ele já está vindo?

Natan assentiu e os dois correram o mais rápido possível até chegar ao final da rua, curvando a direita, podendo ver um carro cinza estacionado quase acima da calçada. Aldine correu ainda mais rápido abrindo a porta do mesmo, jogando a sua mochila no banco de trás. Podia sentir sua boca seca. Talvez estivesse tremendo, ou era apenas o seu nervosismo fazendo ela imaginar coisas. Seu olhar foi a Natan que estava parado a alguns metros dela, observando o notebook em suas mãos.

Só mais alguns minutos. Poucos. E ele estaria ali. Natan caminhou ainda mais rápido na direção dela, mas nem lhe deu atenção e apenas entrou no carro se sentando no banco da frente. O que ele estava fazendo? Aldine ergueu os braços assim que ele o olhou. Talvez só estivesse inquieto. Tão inquieto quanto ela.

—Natan?

O chamou tentando segurar o que sentia. Mas era impossível. E se não desse certo? E se os guardas desistissem e os denunciassem? E se... A garota balançou a cabeça violentamente como se afastasse algo irritante de sua cabeça. Mas aqueles pensamentos não deviam incomodá-la. Tudo iria dar certo.

Natan observava o pequeno indicador do carro no mapa chegar cada vez mais perto. Seus olhos se fecharam rapidamente e ele respirou fundo. Assim que seu irmão descesse daquele carro, eles iriam embora, e nunca mais voltaria naquele lugar. Ele podia sentir as batidas do seu coração cada vez mais fortes, mas se sentia mais calmo agora. Seus olhos se abriram e ele voltou sua atenção ao notebook. Mas, algo estava diferente. O carro ainda se movimentava, mas parecia estar na pista errada.

—Mais que merda? —Ele se lembrava perfeitamente do roteiro que havia feito. E aquilo definitivamente não estava certo. O que eles estavam fazendo? Natan saiu do carro quase tropeçando em seus próprios pés, e correu na mesma direção em que havia chegado, sem se importar com os gritos de Aldine o perseguindo. Seu coração parecia martelar os seus ossos. Suas mãos seguravam o notebook o mais forte possível, e ele correu como se chegar ao fim da rua fosse a sua salvação. Mas talvez fosse. Seu olhar foi ao notebook rapidamente enquanto ele diminuía os seus passos. —Não! —Um gritou saiu de sua garganta em desespero. Aquilo não estava acontecendo. Não. seu olhar se ergueu a pista a sua frente e ele pode vê-los. Uma viatura vinha na frente, e o carro preto e enorme logo atrás. Mas eles estavam longe. Natan viu a viatura seguir pela esquerda e sumir assim que pegou o viaduto. Aquilo tinha que ser mentira. —Não, não! —Ele estava ali. O seu irmão estava ali naquele maldito carro, e ele não podia fazer nada. Suas mãos apertaram o notebook quando viu o segundo carro sumir.

—Natan!

Aldine o gritou, mas tudo o que ele conseguiu fazer foi olhar para cima. Para a grande estrutura de concreto que erguia o viaduto acima dele, fazendo o caminho errado.

—Não!

Seu olhar totalmente embaçado pelas lágrimas encarou o notebook em suas mãos. Ele ainda podia pará-los. Não tinha apenas o controle da rota dos carros, mas dos próprios carros. Mas como? Ele mal conseguia pensar direito.

—Natan! O que aconteceu? O que você fez?

O que ele fez? Seu olhar se desviou para Aldine sem conseguir extrair algum som de sua garganta. O que aconteceu?

Assim que voltou a olhar o notebook ele viu algo que o deixou ainda mais confuso. Ele não estava fazendo nada, mas ainda assim todas as suas janelas se minimizaram. Sozinhas. Menos uma. A janela do maldito bloco de notas, com uma única mensagem escrita.

“Deveria ter cuidado com o que usa.”

E finalmente ele conseguiu algum som. Um grito estridente saiu de sua garganta assustando Aldine. Suas mãos arremessaram o notebook no chão com toda a força que ele podia.

Ódio. Agora ele podia definir perfeitamente o que sentia. Tanto ódio.

—Nataniel! O que você fez? Porque eles não pararam?

Aldine o viu se virar para ela e por alguns segundos ela teve medo de sua resposta.

—Pode perguntar ao seu irmão.

### **Agosto de 2015 – 09h12min**

Andrew respirou fundo tentando se manter calmo. O quarto do hospital era a mesma monotonia de sempre. Paredes brancas. Um pequeno armário atrás da poltrona confortável ao lado de sua cama. Ao menos naquele ele tinha janela.

Seu olhar foi a sua mochila que estava acima do armário, mas antes mesmo que ele pensasse em se levantar, a porta do quarto se abriu e Juliet entrou no mesmo, indo em sua direção logo após fechar a porta.

Um sorriso acanhado se formou no rosto da garota o fazendo perceber que algo havia acontecido. Ou estava prestes a acontecer. Ou talvez ele estava sendo paranoico, e ela só queria deixá-lo confortável.

—Como está se sentindo?

—Bem.

Respondeu rapidamente se encolhendo na cama. Era aquilo que ele queria evitar o tempo todo. Mesmo sabendo que estava prestes a fazer a cirurgia. Não devia ser bom para ela, o ver daquela forma. Careca e quase morrendo.

—Jonah, a sua mãe está aqui.

É lógico que ela estava ali. Além de trabalhar no hospital, Helena nunca iria deixar de ficar com ele antes da cirurgia.

—E-eu sei.

Juliet se aproximou dele e passou os dedos rapidamente por sua bochecha.

—Não é a Helena, Jonah. É a sua mãe biológica.

Juliet o viu desviar o olhar dela enquanto ele parecia assimilar as suas palavras.

—O que ela está fa-zendo aqui?

—Ela veio te ver. Helena a contou sobre a cirurgia.

—E eu aposto que a mamãe a contou quando eu fiquei doente também. E ela só apareceu agora.

Juliet suspirou procurando por suas próximas palavras. Sabia que ele

estava certo.

—Ela só quer falar com você.

—Tanto faz. —Seu olhar foi a Juliet e ele umedeceu os próprios lábios rapidamente. Ele realmente não sabia dizer se queria vê-la ou não. Não iria fazer diferença. Ao menos para ele. Juliet se aproximou depositando um longo beijo em sua testa o fazendo sorrir. —Po-de pegar a mochila pra mim, por favor?

—É claro.

Logo depois de entregar o que ele havia pedido, Juliet saiu do quarto o deixando sozinho novamente. Andrew segurou forte a mochila em seu colo tentando se controlar. A cirurgia iria acontecer amanhã. Faltavam algumas horas para ele se ver livre daquela doença maldita. Para os seus pais poderem viver mais tranquilos. Para Juliet não se preocupar com ele. Para as coisas voltarem a ser o que eram antes. Era o que ele mais queria. Mas antes, ele precisava finalizar outra coisa.

Lentamente ele abriu a mochila tirando de lá seu notebook que havia ganhado de aniversário o ligando logo depois. Com todo o cuidado que ele poderia ter, Andrew digitou a sua longa senha podendo acessar a sua conta.

A porta se abriu novamente. Mas não foi Juliet que entrou dessa vez. Uma mulher alta e mais magra do que ele se lembrava estava parada em frente a porta já fechada. Seus olhos, pareciam os do próprio Andrew. Assim como o formato do seu rosto. Sua mãe. Estranhamente ela o encarava como se ele fosse, algo desconhecido. Distante. Mas aquilo era o que eles eram. O garoto ajeitou os óculos em seu rosto desajeitadamente podendo vê-la melhor. Dois, três, quatro passos foram dados, e ela parou. Sem saber se deveria se aproximar ou não. Por alguns segundos Andrew se lembrou de quando a encontrava no caixa do supermercado.

—Então... —Sua voz finalmente ecoou quebrando o silêncio pesado. —Vai fazer a cirurgia amanhã?

—É.

—Helena... —Engoliu em seco se aproximando ainda mais. —Sua mãe, me disse que ainda existem riscos.

—É uma cirurgia. No meu cérebro.

—É claro.

—Ela sempre falou de mim pra vo-cê, não é? —Aquela pergunta a pegou de surpresa. —Mesmo depois de tudo.

A mulher a sua frente parecia sem rumo, mas ainda assim continuou.

—Foi melhor pra você. Ela. Eles.

—Ainda acha que é minha culpa?

—O que?

—O meu pai ter ido embora.

E mais uma vez ele a pegou de surpresa. Como ele havia chegado naquilo?

—Do que se lembra?

—De você batendo em mim. —Ela pareceu não conseguir mais olhar para ele. —E de resolver me queimar com um ferro de passar roupa.

—Andrew...

—Eu te perdoou. —Despejou junto a um suspiro pesado, ganhando a atenção dela novamente. —Se eu morrer amanhã, você não precisa se sentir culpada.

—Andrew, eu não vim aqui por isso.

—Mesmo assim. Eu cresci com as melhores pessoas que eu poderia ter. Não quero jogar tudo isso fora sentindo raiva de você, e do meu pai. Seja lá quem ele for.



Andrew a viu respirar fundo tentando segurar as lágrimas. Mas ela não conseguiu se conter. Meio incerta, Joana se aproximou do garoto que lhe aparentava ser frágil, depositando um longo beijo em sua testa em meio a suas lágrimas. Ele não a impediu. Apenas fechou os olhos deixando que as lágrimas rolassem por seus olhos. E ficou daquela forma até ouvir o som da porta se fechando.

Suas mãos foram em direção ao seu rosto enxugando as próprias lágrimas. Assim como ele imaginou não demorou muito para a porta se abrir novamente e uma Helena aflita entrar no quarto em sua direção. Assim que percebeu que ele chorava, Helena o abraçou firmemente, o fazendo ter certeza que nunca havia se sentido tão seguro em toda a sua vida.

—Você está bem?

—Estou, mãe.

—Está chateado?

—Não. —Respondeu em meio a um riso fraco. —Eu sei que fez o que achou o certo.

—Como foi?

—O certo.

Helena deixou um sorriso escapar e o abraçou mais uma vez, agradecendo por aquilo estar acontecendo.

—Eu te amo.

—Eu tam-bém te amo, mãe.

—Você vai ficar bem.

—Mãe, eu já estou bem.

O garoto recebeu um longo beijo em sua bochecha o fazendo sorrir.

—O seu pai já vai chegar, Juliet não conseguiu folga, então precisa ir daqui a pouco, mas vai poder voltar depois. Você não vai ficar sozinho.

—Sei que não.

—Eu preciso ir trabalhar.

Aquilo o fez rir novamente.

—Tudo bem. Vou estar aqui.

—E guarde esse computador. Você está em um hospital.

Por alguns instantes ele achou que ela não havia notado o notebook em seu colo, mas não seria ela se não falasse aquilo. Andrew a viu deixar o quarto e ele enxugou as próprias lágrimas novamente. Se lembrando do que deveria fazer.

Seus lábios estavam secos e ele não sabia identificar se era nervoso ou efeito do tratamento.

Só mais alguns minutos. Seu olhar se desviou do notebook, quando ele viu a porta do quarto do hospital se abrir. Juliet o observou sem entender o que ele fazia, mas mesmo assim fechou a porta e se aproximou de sua cama o desejando que ela não olhasse para o que acontecia na tela.

—Jonah, você me disse que tinha parado.

O garoto engoliu em seco e respirou fundo tentando achar forças para lhe explicar. Mas como ele contaria aquilo para ela? E o pior é que ele devia. Não tinha o direito de esconder aquilo dela. Dela não.

—Eu pa-rei.

Juliet o observou por alguns segundos querendo acreditar naquilo. O que ele ainda estava tentando fazer?

—Então porque trouxe o computador pro hospital? Já chega, Jonah.

—Jolie. Você confia em mim?

A garota segurou a sua mão entrelaçando seus dedos nos dedos frios de Andrew tentando não chorar.

—Completamente.

—Eu preciso te contar uma coisa. Algo que eu fiz. O que eu fiz o Timothe fazer.

—Do que tá falando? Se isso é sobre o Nataniel...

—Jolie...—Sua mão segurou ainda mais firme a de Juliet a fazendo olhar em seus olhos. —Eu preciso que você confie em mim.

—Eu confio.

—Esse... —Começou apontando o que lhe parecia ser um mapa na tela do notebook. —É o carro em que estão trans-ferindo o Christopher. —Christopher? Juliet o olhou aterrorizada. —Ti-mothe havia feito uma troca com o Natan, os arquivos para a fu-ga, pelo dinheiro pra cirurgia. Eu dei-xei que ele entregasse os arquivos, e como eu disse estava criptografado em fotos.

—Jonah.

—Me escute. Por favor. Quando o Natan conseguiu descriptografar ele me deu acesso ao com-putador dele sem saber. Eu deixei que ele fi-zesse tudo, subornasse todas as pessoas que preci-sava, inclusive os oficiais que iriam no carro e os ajudariam a fugir. Mas eu os troquei. Troquei os nomes de quem estava envolvido na transferência, troquei o destino, sem ele saber, e o Christopher foi trans-ferido para um presidio fora da cidade. Do estado, na ver-dade. —Seu olhar se desviou para a tela do computador e ele pode perceber que aquilo já havia acontecido na prática. Os carros haviam pego um caminho diferente do que Natan esperava. Juliet o viu minimizar as inúmeras janelas deixando apenas uma aberta.

“Deveria ter cuidado com o que usa.”

—O que isso significa?

Perguntou entre as lágrimas.

—Que ele não pode mais fazer na-da. Que estamos presos um ao outro. E que eu não vou deixar isso acontecer, nem que eu esteja em estado ter-minal.

Julliet o olhou chorando ainda mais ao reconhecer aquelas palavras. Ele poderia ter contado. Ele poderia não ter envolvido Timothe naquilo, mas ela não queria lhe dar sermões agora. Seus braços o puxaram gentilmente para mais perto o abraçando forte.

Aldine resolveu não pegar o elevador, então subiu a escada apressadamente quase tropeçando em seus próprios pés pelas lágrimas. A porta de emergência foi empurrada e ela atravessou o corredor sem se importar com as pessoas que tentavam fazê-la parar, até que ela finalmente empurrou a segunda porta. Ela não bateu, não a interessava se precisava de permissão para fazer aquilo ou não. Assim que a viu entrar no quarto, Andrew respirou fundo e olhou para Julliet que enxugava as próprias lágrimas sentada na cama ao seu lado. Aquilo havia chegado mais cedo do que ele imaginou.

### **Agosto de 2012 – 22h47min**

O mais novo respirou fundo apertando as mãos no notebook. Aquilo era no mínimo insano. A rua a sua frente estava vazia e pouco iluminada. Apenas um ou dois carros ainda passavam pelo deles. Uma pick up preta meio velha, o qual as placas haviam sido retiradas pelo amigo do mais velho.

—Então?

Christopher, e a única pessoa da sua família que lhe restava o olhou do banco do motorista com expectativa. As janelas estavam fechadas, mas mesmo assim o mais novo sentia frio. Talvez fosse o nervoso. Seus olhos castanhos se desviaram a tela do computador em seu colo, e Natan pode sentir a mão de Martin, o amigo de Chris segurar o banco do carona, tentando ver o que acontecia.

—Chris, não acha que deveríamos fazer isso mais tarde?

Gaguejou fazendo um sorriso surgir no rosto do irmão. Uma mão pesada, mas ainda assim gentil pousou no ombro de Natan tentando deixá-lo mais calmo.

—Confie em mim. Estudei esse lugar por semanas. E da última vez deu certo, não foi?

Natan observou o seu irmão por alguns instantes. Depois que eles haviam ido embora de casa, ou até antes mesmo disso, Chris sempre havia sido a única pessoa no qual ele sabia que podia confiar. Porque ele não iria fazer aquilo agora? O garoto assentiu firmemente deixando o irmão mais tranquilo e desviou o olhar para a tela à sua frente.

—Faça o que tem que fazer.

Chris abriu o porta-luvas enquanto Martin saía do carro apressadamente. Uma arma foi recolhida por Chris, e ele deixou o carro logo depois de olhar Natan por alguns segundos. Aquela era a última vez. Era só o que eles precisavam para ir embora de vez, e começar de novo. Com passos acelerados ele acompanhou Martin até a sua passagem para uma nova vida.

Ainda dentro do carro, Natan revessava seu olhar entre o computador e os dois vultos que quase corriam pela calçada. Ele se perguntava se era realmente necessário carregar aquelas armas. Chris havia deixado uma com ele, no banco do motorista, mas ele nunca havia usado uma daquelas. Não sabia se aquilo teria serventia. Seu olhar viu o irmão e Martin, finalmente chegarem ao seu destino. Suas mãos suavam como nunca. Ele havia realmente conseguido. Chris a essa hora, deveria estar recolhendo tudo o que podia, junto ao amigo. Com as câmeras desligadas, eles tinham tempo. Ele poderia correr até eles e ajudá-los, mas, o próprio Chris havia pedido pra que ele ficasse no carro, e monitorasse tudo, e Natan sabia que era o melhor a se fazer. Uma risada escapou da garganta de Natan e ele recostou no banco do carro olhando rapidamente a sua frente. Talvez eles poderiam comprar outro restaurante bem longe daquela cidade, e levar o pai deles até lá. Talvez ele ficasse melhor. Talvez a sua vida ficasse melhor.

Uma segunda janela se abriu fazendo Natan acordar. Seu sorriso acabou se desmanchando ao perceber o que aquilo significava. Seus dedos teclaram o computador desesperado, e ele ergueu o olhar vendo Chris sair do local, e erguer os braços em sua direção. Natan o chamou desesperadamente, mas ele não lhe deu ouvidos. Apenas continuou parado como se esperasse por uma solução. Eles tinham que sair dali. Agora.

Natan abriu a janela do carro e colocou a cabeça pra fora do mesmo, podendo gritar:

—Temos que ir embora!

Chris chutou o chão e levou as mãos à cabeça, aparentemente com raiva, e entrou novamente saindo do campo de vista de Natan. *Merda. Droga.* Ele havia falhado. Havia falhado e decepcionado o irmão. Seus dedos voltaram a digitar tudo o que ele tinha em mente que poderia ajudar a retomar o controle. Porque aquele maldito cartão havia sido rejeitado? Mas o que poderia ajudá-lo agora? Um suspiro saiu de seus lábios e ele socou o porta luvas a sua frente, tentando se acalmar, mas era impossível. *Droga, Chris, saia de dentro dessa merda.*

Andando apressadamente, Verônica seguiu em direção aos inúmeros caixas eletrônicos 24 horas, sentindo o seu celular vibrar em sua bolsa. Provavelmente Zac, ou Juliet querendo fazer ela mudar de ideia e deixar o pagamento para amanhã. Mas ela precisava fazer isso hoje. Sua mão se ergueu em direção a porta de vidro, mas parou no mesmo instante ao ver dois garotos de boné que pareciam nervosos em frente a um dos caixas.

—Esse funciona!

Um deles gritou quase desesperado, e estranhamente deixou a máquina para trás, indo em direção a outra. Ela pode ver quando uma pilha de dinheiro ficou presa na máquina esperando para ser retirada. Eles pareciam distraídos demais pra perceber que ela estava ali. Sua mão fechou a porta de vidro calmamente se perguntando o que eles estavam fazendo. Em passos lentos, como se eles pudessem ouvi-la, ela se recostou na parede os observando. Um dos garotos ergueu a mão repleta de cartões brancos, entregando alguns para o outro.

—Droga.

Sussurrou respirando fundo. Talvez Zac e Juliet estivessem certos. Ela devia ter deixado para depois. Mas sabia o que estava acontecendo ali. Pra sua sorte, ou não, havia visto uma viatura não muito longe do ônibus. Talvez eles não demorassem a chegar.

Nataniel tentava se acalmar de todas as formas. Ele não tinha motivos pra estar tão nervoso, nem todos os cartões haviam sido rejeitados. Seu olhar se ergueu em direção a onde o irmão estava, mas o que ele viu foi algo totalmente inesperado. Uma mulher que estava recostada a parede, parecia falar ao celular. Para quem ela estava ligando? Natan empurrou o computador de seu colo, e puxou a arma do banco ao seu lado deixando o carro rapidamente. O que ele iria fazer? Mal conseguia pensar. Ele a viu afastar o celular das mãos, e seja lá o que ela queria já havia sido feito. Sua mão direita se ergueu em direção a mulher e ele a viu se encolher cada vez mais a medida que ele se aproximava.

—Pra quem você ligou? —Seus olhos o encararam perplexos. A mulher apertou ainda mais o celular em suas mãos e olhou rapidamente para o lado. O único estabelecimento da rua no qual as luzes estavam acessas. *Merda*. Natan apertou ainda mais a arma em suas mãos entendendo o que aquilo queria dizer. Ela havia os visto. Havia visto seu irmão recolher o dinheiro dos caixas dentro do maldito banco. —PRA ONDE LIGOU?

—Eu, eu... —Respirando fundo, a mulher fez uma pausa erguendo suas mãos lentamente. —Tudo bem, não precisa fazer isso, você ainda é jovem, e...

—Eu não quero saber! —Rosnou se aproximando ainda mais dela. E droga, ela havia o visto. Visto o seu rosto. Poderia contar a qualquer um, a qualquer hora. Natan sentiu seu celular vibrar em seu bolso, e sua mão esquerda foi ao mesmo sem tirar os olhos da mulher a sua frente. Assim que o recolheu ele pode ver o cronometro zerado. —Merda!

O seu grito assustou ainda mais a mulher recolhida contra a parede.

—Está tudo bem. —A voz da mulher ecoou novamente o deixando ainda

mais nervoso. Que merda. Tudo havia dado errado. —Nós podemos resolver isso sem...

Um grito saiu da garganta de Natan e ele viu Chris sair correndo para fora do banco. Seu olhar encarou o irmão, e ele sentiu o dedo apertar a arma mais do que devia. O estalo ecoou junto as sirenes que se aproximavam. Chris puxou o boné de sua cabeça olhando a mulher cair perplexa há alguns metros dele. Martin saiu logo depois, gritando. Chris parecia não o ouvir. Ele não conseguia olhar para mais nada além da mulher sangrando na calçada, e no seu irmão. Os passos pesados de Martin o acordaram e ele o viu correr em direção ao carro.

—Chris...

Natan deixou a arma cair de suas mãos e olhou as mesmas. Ainda em choque. O som dos pneus ecoaram e nenhum dos dois conseguiu olhar adiante para ver Martin ir embora com o único veículo que poderia ajuda-los a escapar. As sirenes ficavam ainda mais altas, e Chris ergueu seu olhar em direção ao irmão, finalmente retomando a consciência. Seu corpo se abaixou em direção a arma, e ele pegou a mesma nos pés de seu irmão.

—Corre, Natan. Não olha pra trás, some!

O que ele estava dizendo?

—Mas...

—ANDA! —Com um grito Chris ergueu a arma em direção ao irmão o assustando ainda mais. Natan deu alguns passos pra trás, e tentou raciocinar. Chris também pareceu pensar por alguns segundos. Seu olhar voltou a arma em suas mãos e ele a apontou mais uma vez na direção de Natan. —Leva isso com você. E jogue onde ninguém nunca ache. —O que ele queria? A segunda arma foi puxada da cintura do seu irmão e agora ele tinha duas em sua direção. —Nataniel!

O garoto puxou rapidamente a arma que ele segurava anteriormente. Ainda não conseguia pensar em uma coisa só. Seus pés se moveram rápido, ao ouvir o segundo disparo, e ele correu. Correu sem olhar pra trás, ou sem



observar o caminho no qual percorria.

### **Agosto de 2006 – 19h24min**

A maioria das luzes da casa estavam desligadas fazendo a sala, mesmo iluminada ficar parcialmente sombria. Juliet suspirou recostando a cabeça no sofá macio, encarando o teto branco. Já estava cansada de esperar. Já bastava Zac não poder ir. Onde estava sua mãe? Ela geralmente não demorava tanto pra sair de casa e aquela era uma das coisas que ela definitivamente amava sobre Verônica. O som de chaves ecoou do lado de fora e ela viu a porta se abrir. Seu pai a observou por alguns segundos antes de entrar em casa. Juliet vestia um vestido que mais lhe parecia uma camisa masculina, e tênis. Verônica já havia visto aquilo? Com toda certeza ela a faria trocar de roupa se tivesse visto.

—Pensei que já tinham saído.

Comentou finalmente entrando em casa.

—Então isso quer dizer que vai com a gente?

Perguntou esperançosa se erguendo do sofá.

—Juliet? Estamos atrasadas, vamos rápido. —Ambos olharam em direção ao corredor vendo Verônica aparecer com um terninho azul e os grandes cachos soltos caindo pelos ombros. Ela estava linda, e nervosa. Seus olhos verdes se arregalaram ao encontrar sua filha. —Jesus, Juliet você não vestiu isso.

Um suspiro pesado escapou dos lábios da garota e ela cruzou os braços irritada. Já esperava por aquela reação, mesmo assim era insuportável.

—Só vamos em um restaurante bobo.

—Juliet...

—Eu acho... —Zac interrompeu antes que elas continuassem. —Que ela não está tão ruim assim. Ela até penteou o cabelo.

A garota o olhou incrédula não acreditando naquele comentário.

—Eu sempre faço isso.

Verônica deixou um riso escapar e observou sua filha por alguns instantes. O cabelo tinha uma trança embutida na lateral meio desgrenhada. Aquilo definitivamente não iria causar uma reação positiva, ainda mais pelo o lugar que eles escolherem. Juliet tinha razão, era um restaurante bobo e caro na qual eles não podiam pagar. Mas aquela era ela, e Verônica não queria mudar aquilo.

—Você está linda. Mas da próxima vez, se lembre pra onde vai antes de escolher uma roupa.

—Quer que eu ponha um terninho? —Juliet recebeu um olhar nada acolhedor de sua mãe, e deixou um sorriso escapar. —O papai devia ir.

—Eu não posso, pequena.

—Mas você está aqui.

—Juliet, não insista, por favor.

Vencida ela foi em direção a porta deixando a casa, não antes de receber um beijo em sua testa do pai. Agora sozinhos, Zac olhou Verônica meio incerto enquanto ela se aproximava dele.

—Você está linda. —Um sorriso ainda mais lindo se formou no rosto de sua mulher e ele pousou suas mãos em sua cintura a deixando ainda mais perto. —Sinto muito.

—Zac, não agora.

—Está nervosa?

—Não. Quer dizer, um pouco. Já fazem anos.

—Não queria te deixar sozinha, mas tenho a impressão que se eu for, tudo vai ser pior.

—Da próxima vez. Eles vão ficar um tempo na cidade. Não se preocupe, eu vou ficar bem.

—Eu posso buscar vocês.

—Por favor. Somos mulheres bem grandinhas.

Em meio a um riso ele lhe deu selinho demorado como despedida.

—Eu te amo.

—Eu também te amo.

Julliet ergueu os braços se observando por alguns segundos. Ela não estava tão mal assim. Talvez aquele realmente não seria o melhor modo de conhecer os seus avôs, mas, de que outra forma ela iria?

—Vamos.

Sua mãe parou ao seu lado na calçada a fazendo caminhar. Seus olhos graúdos estavam meio, perdidos. Ela estava nervosa, podia sentir. Mas porquê? O que tinha de tão assustador nos pais dela? A garota sabia que eles não se viam a anos, apesar de Verônica nunca ter explicado a verdadeira razão, mas ainda assim.

O restaurante estava cheio. Talvez aquilo seria pior do que Verônica imaginava. Porque eles haviam feito aquilo? Escolhido aquele lugar patético e tão público. Talvez para mostrar para ela o que poderia ter se estivesse com eles. Verônica os avistou sentados em uma mesa próximo a janela. Sua mão segurou a de Julliet e as duas seguiram em frente parando na mesa de dois idosos que as observavam meio surpresos.

—Pai, mãe.

—Verônica. —O homem de cabelos grisalhos se levantou sendo seguido pela mulher. Com um sorriso em seu rosto ele se aproximou da filha lhe dando um rápido abraço que a pegou de surpresa. Mas não deveria. Sabia que o seu pai era muito mais sentimental do que a mãe. —Você parece bem.

—Obrigada, pai. —Seu olhar foi até a mulher ao seu lado. Não havia mudado muito. O cabelo tingido de preto ainda estava ali. Porque ela tinha tanto asco a velhice? —Mãe, achei que haviam decidido me deixar morta.

—Acredite em mim, eu quase...

—Por favor... —O homem, seu avô, Juliet se lembrou, as interrompeu no mesmo instante como se soubesse que elas brigariam ali mesmo se ninguém se movesse. —Agora não. Não nos vemos há anos, e o que querem fazer é brigar? —Um silêncio inquietante se instalou entre eles e Juliet observou sua mãe respirando fundo como tentasse se controlar. —E quem seria a garota?

—Juliet. Sua neta.

Verônica deixou um sorriso escapar e puxou uma cadeira a sua frente. Os olhares de ambos os seus pais foram a ela por alguns instantes.

—Juliet esses são Peter e Genevieve, seu avô e sua avó.

—Eu achei que...

—Por favor não faça isso, mãe. —A interrompeu se sentando a mesa, levando todas a segui-la. O que ela achava? Juliet queria saber. —Eu estava grávida da Juliet quando vocês me expulsaram.

—Nós não, Verônica eu sinto muito... —Peter praticamente lhe suplicou erguendo as mãos em direção a filha. —Não estamos aqui para falar do passado. —Um sorriso rápido se formou no rosto de Verônica e ela se esforçou para ficar calada. Não queria brigar com eles, ainda mais com Juliet ali. Queria que eles se conhecessem apesar de tudo. —Ainda é assistente social?

—Sim. Eu deixei o hospital, mas estou trabalhando com adolescentes agora. O senhor ainda tem, os cafés?

—Sim. Abrimos mais três, desde que você partiu.

Ela realmente havia escutado aquilo?

—Eu parti? Tem certeza?

—Oh por favor, Verônica, não seja tão dramática.

Seu olhar foi a sua mãe no mesmo instante. Ela estava se controlando por Juliet mas tinha quase certeza que aquilo não duraria por muito tempo.

—Juliet, certo? —Peter a chamou e recebeu um rápido aceno como resposta. Ela tinha os olhos de Verônica. E pelo o jeito a personalidade. — Quantos anos você tem?

—14. Na verdade faço 15 semana que vem.

—Isso é ótimo. Está na escola, não é?

—Sim. 1º Ano.

Verônica observava sua filha ao seu lado com um sorriso em seu rosto. Ela estava se saindo bem melhor do que ela.

—Do que mais gosta na escola?

Peter a perguntou parecendo estar totalmente interessado.

—História, eu acho interessante. Eu gosto de artes também, e filosofia.

—Que bom. —Seu olhar se abaixou em direção a seus pés e ele recolheu do chão uma bolsa de couro com uma única alça tirando de lá uma câmera que lhe parecia pesada e antiga que pegou Verônica de surpresa. —Isso pertencia a sua mãe, sei que parece meio antiquado pra você. Eu trouxe para devolver a Verônica. Ela tinha tanto carinho por essa câmera.

—Achei que não existia mais. Papai me deu no meu aniversário e disse...

—Você pode capturar tudo com ela. E eternizar qualquer momento que você quiser.

Suas vozes ecoaram juntas fazendo Juliet sorrir.

—Você tirava fotos?

—É. Muitas.

—As vezes, eu tinha que fazê-la parar de revelar ou tirar fotos, para poder comer.

Julliet deixou uma risada escapar tentando imaginar a sua mãe daquela forma.

—É claro que as minhas fotos não eram boas, mas eu era insistente.

—Você tirou várias ótimas fotos.

—Algumas.

—Se você quiser, e se a sua mãe não se importar, gostaria que ficasse com ela.

Julliet viu a câmera ser posta na mesa a sua frente e olhou a sua mãe com um sorriso enorme quase nem acreditar.

—Sério? De verdade?

—É claro. Ela estava parada todo esse tempo.

Suas mãos recolheram a câmera e Verônica pode ver a forma como ela parecia impressionada. Talvez nunca tivesse visto uma câmera analógica na vida.

—Mãe?

—Não vejo porque não.

—Eu preciso comprar filmes, certo?

—Sim.

Peter respondeu em meio a um riso.

—Muito obrigada.

—Por nada, Juliet.

—Mãe, você ainda tem uma foto sua?

Juliet a perguntou, mas Verônica não conseguiu responder, estava distraída demais se lembrando de todas as vezes que se pegou imaginando como sua filha se daria bem com o seu pai, e de como isso havia deixado de acontecer por um motivo tão estúpido.

—Senti a sua falta, pai.

Aquilo o pegou totalmente de surpresa. Suas mãos tremeram ligeiramente sob a mesa e um sorriso surgiu em seu rosto com o seu olhar meio umedecido pelas primeiras lágrimas.

—Eu também, minha filha.

Ela queria levantar, abraçá-lo, dizer que o perdoava e que esqueceria tudo o que eles haviam feito. Que poderiam ser uma família novamente, que ele poderia participar da vida de Juliet e vê-la crescer. Que ainda tinham tempo.

—Quando vão deixar a cidade?

—Não sabemos ainda.

Dessa vez, sua mãe respondeu, a lembrando de que ela ainda estava ali.

—Posso perguntar uma coisa? —Peter acenou positivamente ainda mais esperançoso. —Porque agora? Depois de tanto tempo.

—Seu pai não quer morrer arrependido.

Morrer? Verônica o olhou assustada.

—Você está doente?

—Não. Eu estou bem, só velho.

—Pai.

—Ainda está com ele?

A voz áspera de sua mão ecoou novamente fazendo seu sorriso sumir de seu rosto. Porque ela havia perguntado daquela forma? Verônica desviou o olhar de seu pai se contendo para não chorar. Nada havia mudado.

—Talvez a pergunta certa seja se eu ainda estou casada com o Zac, mamãe. —Julliet olhou sua mãe ao seu lado que se continha de todas as formas. Então era aquilo? Seu pai era um problema? Porque? Como? —E sim, ainda estamos juntos, e muito bem.

—Que decepção, Verônica.

—Genevieve.

Peter tentou contê-la, mas era tarde demais.

—Decepção?

—Onde ele está agora? Porque não veio? A vergonha não deixou?

—Ele está trabalhando, mãe.

Julliet pode ver o quanto a sua mãe estava nervosa. Porque o seu pai teria vergonha?

—Trabalhando? Ele está trabalhando agora? Pelo visto parou de beber, ao menos isso ele pode mudar.

—Eu não acredito nisso.

—Ela parece com ele, aliás. Nem nisso...

—Já chega. Julliet... —Quase chorando Verônica se levantou da mesa quase derrubando a cadeira atrás dela.—Vamos pra casa.

—Verônica. —Peter se levantou junto a neta totalmente angustiado, e viu



a sua filha lhe dar as costas. —O que você fez? —Perguntou a sua mulher recolhendo a câmera da mesa, deixando o restaurante para trás. Não iria deixar que aquilo acontecesse novamente. Não iria perder a sua filha dessa vez. —Verônica.

Ela sabia que aquilo não daria certo. Porque tinha esperança de que algo havia mudado?

—Mãe!

Julliet a puxou pela mão a fazendo parar assim que deixaram o restaurante para trás. Peter as seguia praticamente correndo, e deixou um rápido sorriso escapar ao ver que haviam parado.

—Verônica, por favor...

—Não, eu não vim aqui pra ouvir ela falar o que bem entender.

—Eu sinto muito, não queria que fosse assim, mas você...

—Eu o que, pai? Quer que eu largue quem eu amo porque ele não é o que vocês imaginavam? Porque ele não está a altura da sua família, segundo vocês?

—Verônica...

—Isso é repugnante! Eu tenho vergonha de vocês.

O olhar de Peter se desviou de sua filha meio aflito, meio magoado. Mas ele sabia que ela estava certa. De que tudo o que havia acontecido, todos os anos que haviam vivido longe da filha tinha sido culpa deles, e de mais ninguém.

—Me perdoe. Eu sinto muito. Vendo o que você construiu, eu tenho consciência disso. —Seu olhar foi em direção a Julliet que o observava. —Você é linda, e muito gentil, Julliet, eu amaria te conhecer de verdade. Me lembra a sua mãe quando tinha a sua idade. Eu espero que saiba a pessoa incrível que tem como mãe, e que nunca se esqueça disso.

—Eu sei, eu não vou esquecer. Eu espero que vocês não tenham esquecido também.

—Por favor, fique com a câmera. —Pedi erguendo a mesma em direção a garota. —Eu gostaria de participar da sua vida, de alguma forma.

Julliet olhou Verônica ao seu lado que apenas assentiu rapidamente para a filha.

—Tudo bem.

—Me desculpe, eu vou conversar com a sua mãe e...

—Pai, por favor, não adianta. Ela nunca vai mudar. —Um suspiro cansado escapou de seu pai, e Verônica enxugou as lágrimas que desciam por seu rosto. —Eu preciso ir. Você tem o meu número.

Dizendo isso Peter as viu se afastarem pela calçada o deixando sozinho novamente.

Julliet não conseguiu dizer nada a sua mãe por todo o trajeto até em casa. Tentava encaixar o que havia acontecido naquela noite. Uma parte dela não queria acreditar. Mas a outra sabia muito bem o que havia acontecido.

Zac viu Verônica entrar no quarto com os olhos meio inchados, e antes mesmo que ele pudesse se levantar da cama ela se aproximou pousando sua mão leve em sua nuca o fazendo entender.

—Me desculpe.

—Zac...

—É minha culpa. Eu destruí a sua vida.

—Não. Nunca. Eles nunca aprovaram nada que eu fiz na minha vida. —Verônica segurou o seu rosto o fazendo olhar para ela. Seus olhos verdes o observavam de cima intensamente. —Nada disso é sua culpa. Você me deu a coisa mais linda que eu já tive na minha vida. Eu te amo, Zac. E não me arrependo de nada. Nós não estamos errados, eles estão. Eu não quero que

pense dessa forma.

—O que eles disseram?

—Não precisa se corroer com isso.

—Falaram alguma coisa pra Juliet?

—Eu não deixei. No mesmo momento em que a mamãe insinuou falar dela, eu levantei e sai de lá.

—Eu sinto muito. Sei que queria que isso desse certo. Talvez se eu conversar com eles, mostrar que estou bem.

—Você sabe que essa não é a questão pra eles. Mais pra mamãe, o papai pareceu arrependido. O fato é que não importa, Zac. Você está bem, está curado, e não devemos satisfações a eles. Se eu queria que tivéssemos uma relação saudável? Sim. Mas se eles não conseguem aceitar o fato de estarmos juntos, depois de tantos anos, eu não quero que eles se aproximem mais. Principalmente da Juliet. Não quero que o que temos acabe por causa deles.

—Não vai acontecer.

Um sorriso se formou no rosto de Verônica e ela se abaixou rapidamente lhe dando um selinho demorado. Assim que ergueu o olhar, ela pode ver Juliet na porta encarando o chão. Ao notar o silêncio estranho, a mais nova ergueu o olhar em direção aos seus pais e foi ao seu quarto.

—Eu vou conversar com a Juliet.

Zac assentiu a vendo se afastar o deixando sozinho novamente, tentando não esquecer das palavras de sua mulher. Ela tinha razão. A culpa não era deles.

—Juliet?

A voz da sua mãe ecoou do outro lado da porta, e ela respirou fundo se sentando em sua cama.

—Pode entrar. —A porta se abriu e uma Verônica bem melhor do que antes entrou no cômodo observando a sua filha. —Ela disse, ao menos isso ele pode mudar.

Um suspiro pesado saiu de Verônica e ela se recostou na porta já fechada.

—Eu nunca te contei isso, mas, eu conheci o seu pai em um hospital. Ele havia caído do segundo andar do prédio em que morava, porque estava bêbado. —Julliet viu a sua mãe se sentar ao seu lado em sua cama. —Zac era alcoólatra, antes de nos conhecermos. Ele começou a ir em algumas reuniões depois do que aconteceu. Meus pais, nunca gostaram do fato de eu ter decidido ser assistente social, diziam que era um trabalho não digno, que não iria ter nenhum significado financeiro, e que só me traria coisas ruins. Quando eu apresentei Zac pra eles foi uma catástrofe. —Um sorriso surgiu em seu rosto como se ela se lembrasse exatamente o que aconteceu. —Mamãe achou todos os defeitos possíveis nele, e só depois eu me dei conta de que o verdadeiro motivo que a incomodava era uma diferença de tonalidade de cor. Eu nunca senti tanta vergonha na minha vida, quando percebi que os meus pais carregavam uma ideia tão absurda, pequena e desumana. A única coisa que eu consegui pensar foi como aquilo não me definia. Quando eu engravidei de você, mamãe disse que se eu havia escolhido ficar com alguém como o Zac, eu não precisava mais voltar pra casa. Porque ela não queria ele na família, e o que ele poderia trazer.

—Eu.

—Julliet, não deixe que pensamentos como esse te abale, ou faça você se sentir inferior a alguém porque você não é. Me entendeu? Eu nunca te contei isso, porque eu não queria que soubesse...

—Que meus avôs são racistas, que isso mudaria a forma como eu vejo você? —Verônica entrelaçou os dedos nos da sua filha se sentindo aflita, mas ainda assim aliviada. —Mãe, eu nunca, você disse que isso não te define, e eu tenho certeza disso.

—Eu não queria que se sentisse mal. Ouviu o que seu pai disse. Eu não queria que ele se sentisse dessa forma.

—Sabe que não é sua culpa, não é?

—Eu sei. —Sua mão se ergueu em direção ao rosto fino de sua filha ajeitando a sua trança. —Você e o seu pai, o que nós temos, é o que eu sempre quis. Eu quero que saiba que com vocês eu sou feliz, e tenho orgulho disso. De que não me arrependo de nada, e que se precisasse, se eu soubesse que estava sacrificando o que eu tinha, pelo o que eu tenho hoje, eu faria novamente.

Julliet observou a câmera em cima de seu pequeno armário ao lado da porta, deixando que as lágrimas descessem por seu rosto.

—Eu também te amo, mãe. Obrigada por não desistir do papai.

Um sorriso se formou no rosto de Verônica e ela enxugou as lágrimas do rosto de Julliet.

—Está com fome? —Julliet assentiu sorrindo. —A quanto tempo não come uma pizza?

Um sorriso ainda maior surgiu no rosto de sua filha, e ela a puxou para o abraço mais apertado que podia lhe dar, tendo a certeza mais uma vez de que nunca se arrependeria de nada.

## Glossário

**Darknet** – Ambiente digital acessado através do software Tor com páginas, e-lojas e fóruns escondidos e inacessíveis para motores de busca.

**Exploit** – Sequência de comandos que tomam vantagem de um defeito, falha ou vulnerabilidade, podendo dar acesso ao controle de um sistema de computador.

**Gray Hat** – Hacker que age respeitando as leis, mas em determinadas situações se dispõem a burlá-las, se justificando através de ideias pessoais.

**Black Hat** – Hacker que não segue a lei ou ética hacker, tirando proveito de vulnerabilidades, cometendo crimes cibernéticos para benefício próprio ou de alguma ideia.

**White Hat** – Hacker especialista em segurança da informação, que realiza invasões, mas dentro da lei e da ética hacker.

**Phishing** – Ataque utilizado para obtenção de dados pessoais da vítima através de e-mails falsos, ou redirecionamento para um site malicioso.

**Carder** – Pessoa que faz uso de informações bancárias, como cartões de crédito, cartão de poupança ou conta corrente, realizando fraudes online para o seu benefício próprio.

**Jackpotting** – Ataque feito em caixas eletrônicos onde a mesma pode liberar cerca de 40 notas em 23 segundos.

**WPA2** – Abreviatura de Wi-Fi® Protected Access. Protocolo de certificação com sistema de encriptação para tornar seguro o acesso à rede.

**Evil Twin (Gêmeo do mal)** – Ataque em que uma rede Wi-Fi idêntica, porém falsa, a do usuário é desenvolvida, com o intuito de roubar dados pessoais de quem a utiliza.

**Deep web** – Parte da internet que demanda métodos específicos para ser

acessada, sendo capaz de proporcionar anonimato aos usuários até um certo nível.

**Malware** – Software malicioso que se infiltra em um computador de forma ilícita, utilizado para causar danos, roubo ou alteração de informação.

**Backup** – Cópia de segurança de arquivos para evitar perda e danos.

**Script kiddie** – Crackers\* inexperientes que fazem uso de códigos fontes, de outros hackers sem ter conhecimento sobre o funcionamento dos mesmos, os usando para causar danos a redes/sistemas.

\*Indivíduo que pratica a quebra de sistemas de segurança de forma ilegal, visando lucro pessoal.